3 1761 04128 1403

ARLOS R. ALVARÉS
Estab. tipográfico e de livros
Rua Nova, 382 — LISBOA

MARIA RATTAZZI

PORTUGAL DE RELANCE

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA DO LIVRO

LE PORTUGAL Á VOL D'OISEAU

Auctorisada pela auctora e ampliada com um novo prefacio em resposta á critica

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE
HENRIQUE ZEFERINO
87 — Rua dos Fanqueiros — 87
1882

MARIA RATTAZZI

PORTUGAL DE RELANCE

MARIA RATTAZZI

PORTUGAL DE RELANCE

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA

(AUCTORISADA PELA AUCTORA)

VOLUME I

LISBOA
LIVRARIA ZEFERINO—EDITORA
87—Rua dos Fanqueiros—87

1881

DP
532
.7
R3395

DEDICATORIA

Que nome posso eu escrever no frontispicio d'este livro tão discutido?

A quem heide dedical-o?

A Portugal? Não ouso fazel-o.

Notas de viagem, escriptas consoante a fantasia de uma penna indisciplinada, não merecem de certo um tal padrinho.

Offerecel-o, como homenagem affectuosa, a qualquer dos meus amigos, seria falta de generosidade, por isso que equivaleria a condemnar um innocente aos trances affrontosos de uma *vendetta* implacavel.

O meu livro não póde solicitar o beneplacito do paiz que admiro, nem o d'aquelles que louvei, nem o dos que amo.

Resolvo-me, por conseguinte, a pedir aos meus inimigos que se dignem acceitar a humilde dedicatoria que lhes endereça

a sua obediente e innocente serva

Março — 1880

Maria Letizia Rattazzi

NOVO PREFACIO

DA

EDIÇÃO PORTUGUEZA

Collocada na contingencia de ajuntar segundo prefacio ao *Portugal de relance*,—notas de viagem escriptas ao correr da penna, consoante as impressões recebidas—não causará estranheza que eu declare que me sinto singularmente admirada por ter de saldar essa divida. Fora, talvez, melhor dizer que me sinto profundamente contristada ao desempenhar-me de um compromisso a que as circumstancias me prenderam... Por tal modo desfiguraram e mutilaram as minhas intenções, que não sei como apresental-as de novo ao leitor, coloridas de uma outra fórma, visto que as primeiras se apagaram ao contacto de mãos colericas, —embora comprehenda que esse trabalho importa uma necessidade e resume um dever. A's vezes, o quadro é feito de traços tão ligeiros, de linhas tão finamente onduladas, que melhor seria deixal-o na serenidade da meia tinta, na placidez do

claro-escuro, esbatido pela palheta que lhe deu o segredo da tonalidade, do que alterar a subtil delicadeza, a transparencia vaporosa d'esses traços, tornando-os mais firmes e vigorosos. Inscrevi na minha carteira de viagem a observação suggerida pelo que vi, a impressão espontanea do momento, sempre com simplicidade e afastando-me das circumlocuções; e se fosse mister descer até ao amago de cada uma das phrases que tão vivamente foram censuradas e deprimidas, teria farta materia para quinze prefacios e para outro tanto numero de volumes. Se me deixasse deslisar por esse pendor, sahiria fóra da esphera das leis que determinaram o perfil tomado de relance no *Portugal*, e entraria nos dominios de um estudo correcto, de largueza de vistas, enriquecido de raciocinios, de analyses sobre as cousas e pessoas, usos e costumes. Mas não foi essa a intenção que presidiu ao tracejar d'aquellas paginas, indicando assumptos colhidos ao acaso, no seu perpassar mais ou menos repentino, nas suas cambiantes mais ou menos luminosas, sem commentarios e segundo o meu ponto de vista subjectivo.

É que eu, n'esse tempo, vivia perfeitamente tranquilla na fé dos tractados. Bom numero de escriptores, dos mais authorisados e competentes, acaso não me asseguraram que, sob uma fórma ligeira e pittoresca, o meu livro seria lido com interesse e exerceria tal ou qual in-

fluencia nas reformas reputadas urgentes e necessarias? Que seria consultado com proveito por todos os que desejassem conhecer Portugal tal qual é?

Para os resultados indicados, não levei em linha de conta os bons officios da fada Garabosse, porque não tive a coragem de encarecer-lhe as deformidades e os olhos envesgados. E afinal, meia duzia de mediocridades, — nem mesmo sei se a quantidade é maior ou menor para a determinar mathematicamente, — mais ou menos illustres no seu genero, levantaram-se como um só homem protestando e ateiando a fogueira das polemicas, — que ainda ardem, creio — espancando-me com o *stock*, ou antes levantando — sabe Deus a poder de que cyclopicos esforços! — os suppostos martellos da sua prosa, cotada pelo valor identico ao das acções de uma companhia insoluvel submergida no mar do descredito...

Tudo isto pelo fabuloso e nunca presenciado crime de ter exposto a minha opinião nos assumptos em que entendi expendel-a, ou de ter pensado que não valia a pena enuncial-a acerca das obras d'essa mingoada senão microscopica confraria de individuos que se amam e adoram no mysterio da propria sombra!...

Deus é grande! Mahomet nem sempre é o seu propheta, e elles poderiam ter appellado do meu julgamento, se acaso tinham a convicção de que era injusto, se bem que, sem incorrer em

pena capital, a ninguem se possa impor a obrigação de professar acerca dos outros uma opinião exactamente conforme á que elles teem de si mesmos. E estariam por venturana plena posse do direito, que se arrogaram, de pleitear com injurias vis, com ultrajes ignobeis?

Longe de mim acreditar na possibilidade de existir similhante jurisprudencia, e muito mais ainda de suppor que n'um paiz civilisado, pertencente á Europa, na extremidade meridional da Europa, um facto d'esta ordem podesse produzir-se á luz do dia e da dignidade sem provocar um energico *tolle*.

A culpa é talvez unicamente minha, que não contei com o falso *chauvinismo* de uns e a inercia e indifferença dos outros!...

Os primeiros leram o meu livro de esconso, ás vessas, e igualmente o commentaram do mesmo modo que o leram, aggravando o estrabismo da leitura.

Os segundos não se deram sequer ao trabalho de o ler e muito menos de verificar a exactidão das denuncias assoalhadas pelo sobredito estrabismo. Notemos, de passagem, que esta é a historia da totalidade dos criticos e que os carneiros de Panurgio são uma prova frisante de que nos tempos d'outr'ora as cousas passaram-se exactamente como hoje. Parece-me, ás vezes, quando aperto a cadeia dos acontecimentos para que nenhum dos seus elos se desprenda da solidariedade que os enlaça, que me acho

sob a influencia de um pesadelo monstruoso, tanto é certo que tudo que ha dois mezes a esta parte está succedendo se me afigura inconcebivel, inverosimil, anormal, fóra de todas as leis da civilisação!

Inverteram a defeza convertendo-a em ataque, de nenhuma forma previsto pelas leis do mais elementar cavalheirismo e do menos atilado pundonor. Basta um unico exemplo para comprovar a minha asserção.

Que amanhã uma prima-donna, de reputação justamente ganha ou illegitimamente adquirida, *debute* no vosso theatro de S. Carlos.

Eil-a no palco, no fóco implacavel dos vossos binoculos, entre as irradiações cruas do gaz, interpretando a *particella* das operas do vosso reportorio de uma maneira muito diversa d'aquella a que estaes habituados. A *diva* canta segundo o seu methodo, com as bellezas e defeitos da sua escola, conforme a sua intuição artistica e a comprehensão da parte que executa. Acontece que a *diva* não vos agrada. E comtudo, o vosso descontentamento não exorbitará alem das formulas usadas por uma plateia *fashion*. Apenas lhe testemunhareis friesa, essa friesa que é a asphixia moral do artista.

Estaes na acção legal do vosso direito cavando entre ella e o empresario um abysmo, abatendo o castello de cartas da futura escriptura.

E' possivel ainda que no arrebatamento do primeiro instante e em desaggravo do amor da

arte pateeis esta mulher,—embora na minha opinião seja uma indignidade patear uma mulher. Mas depois de ter, por todos os meios licitos ao vosso alcance, traduzido fielmente á artista *manquée* que não soube elevar-se ao nivel da vossa intelligencia, que os diademas dos applausos não foram feitos para coroar as frontes onde não refulge a luz do genio, não posso comprehender que lhe vibreis um ataque á sua vida privada, á sua familia, a esse *at home* moral da mulher, da esposa e da mãe. Não! não comprehendo, e perante esse abuso iniquo e protervo insurjo-me e commigo todos os espiritos honestos.

Quem póde jactar-se de agradar a todos no mundo?

Dizei-lhe que a sua voz não tem o perfume do encanto, as vibrações que fazem palpitar o enthusiasmo, que não tem agilidade melodica nos gorgeios, que desafina a ponto de fazer mal aos nervos menos sensiveis; criticai o seu jogo de scena, a *pose*, as attitudes dramaticas, o gesto; accusai-a mesmo de ignorancia nos processos da toilette; n'uma palavra, sede severos para tudo quanto se exhibir á luz da rampa, na evidencia de uma representação theatral, n'esse periodo decisivo comprehendido entre as oito horas e a meia noute.

Porém, desde o momento em que o panno de bôca se desenrola e cáe, desde o momento em que entre vós desceu aquelle pesado e denso

véu, não vos abandoneis á tentação de o levantar!...

Seria rematada loucura emprehender uma peregrinação a todas as capitaes, a todas as provincias onde ella cantou, a partir do dia da sua estreia, para interrogar, investigar, inquirir e colleccionar, não só o perfido *diz-se*, murmurado pela lingua dos bastidores ou pela malicia de uma equivoca lealdade de camaradagem, mas até as transgressões do codigo artistico, commettidas sem conhecimento de causa, alheia ás prescripções estabelecidas.

Essa em buscada ás reputações, essa inconfidencia da vida, essa espionagem indiscreta, seja qual fôr a senda por onde se transite, são sempre condemnaveis e ineptas!

Não vos torneis, pois, cumplices d'essas perfidias empregando a vossa lingua, simultaneamente poetica e energica, em reproduzir o que se poderia perfeitamente chamar palinodia dos despeitados.»

Não é impunemente que se levam contados quinze ou dezoito annos de existencia jornalistica. Occupei largo tempo o *rez-de-chaussée* de duas ou tres folhas reputadas entre as mais authorisadas e melhor remuneradas de Paris. Na minha adolescencia batalhadora achei-me milhares de vezes envolvida no turbilhão das polemicas e das controversias violentas.

Fallar dos odios que essas pugnas me suscitaram, que se levantaram no meu caminho, con-

tundentes como punhaes buidos, seria absolutamente superfluo; e se houvesse de traçar a historia d'esses dias de combate, não teria de me inquietar, nem o meu espirito ficaria perturbado olhando para o passado.

Por vezes, temi os amigos, sobresaltei-me com as suas dedicações extemporaneas, mas nunca tive medo d'um inimigo. Esta coragem nativa é em mim um principio convertido em dogma, de que jamais me arrependerei. Este paradoxo, como lhe chamei em um dos meus livros, tive em tempo ensejo de o exemplificar largamente e desassombradamente.

Só o demonio, esse cabalistico personagem que constituimos depositario de todos os segredos e responsabilidades, conhece hoje o numero d'aquelles que me quizeram bem ou mal durante essa longa cruzada.

Pois bem! com uma coragem, paciencia e machiavelismo dignos de melhor causa, deliberaram alguns escriptores portuguezes investigar o archivo empoeirado e velho d'esses quinze annos e arrancaram-lhe todas as denuncias, todos os depoimentos, todas as vindictas d'aquelles que eu tivesse podido flagelar nas escaramuças da penna. Ao contacto, pouco lisongeiro, das mãos febris que remexiam o cesto dos papeis esquecidos, juntou-se o prurido, imbecilmente curioso, dos cerebros ocos, deliciados perante a espectativa jubilosa de me sacudirem os nervos a ponto de me fazerem *gritar*.

Temperaram uma *olla podrida* com todos os adubos encontrados nas velhas escavações de acontecimentos rebuscados na fama litteraria: depois, vieram as glosas de uns, as insinuações de outros, o acume sarcastico d'aquelles, as aggressões d'estes, a alta e originalissima culinaria de todos, etc., etc.

Quem ignora o que póde produzir, a tanto por linha, essa furibunda quantidade de pequeninos amores proprios, nados e creados nos jornaes indigenas, saturados na vaidade adquirida, esgrimindo desapercebidas valentias de guerreiro encanecido em 18 annos de pelejas para todo o sempre ignoradas?...

Depois, com um cuidado maternal, unctuoso, cheio de ternuras mysticas, rebruniram os trophéos encontrados, revestiram-nos de novos entalhamentos, encrustados de relevos imaginarios, aformoseados, ao sabor da phantasia, de novas e estranhas peças, e ornamentaram estas com opulencias que desbancavam as mais originaes e extravagantes invenções.

E para que não faltasse cousa alguma ao arrojo d'esses mergulhadores revestidos do scaphandro do mal, houve um que ousou desembestar-me o couce do asno, tão real e perfeitamente como aquelle a que La Fontaine allúde n'uma das suas inimitaveis fabulas. O resultado foi talvez uma decepção para os meus detractores e a submersão das suas esperanças.

As diatribes e couces de que estou paciente-

mente fallando, femininos e masculinos, originaram um movimento de altivez que ainda hoje conservo ao pensar no estranho caso.

Como! Pediu-se em desordenada gritaria que se me arrancasse a vida; os menos sanguinarios aconselharam, em virtude da moderação evangelica, o manteamento, caso eu tivesse a estupenda idéa de querer tornar a ver Portugal.

Levantaram-se milhares de enxadas para escavarem e revolverem o terreno da minha vida privada; procedeu-se a um inquerito em forma, como se todos os habitantes do paiz me tivessem pedido em casamento: os tabelliães foram consultados sobre a minha fortuna; os medicos acerca da minha saude; os rendeiros sobre o valor exacto das minhas propriedades; as mais elementares conveniencias foram postas de parte como uma cousa inutil,—e ao cabo de todas essas longas e aturadas investigações, quaes os resultados do insano trabalho?

Abundante colheita de informações banaes, de insinuações idiotas, de factos erroneos, truncados uns, imaginarios outros, a inexactidão imbecilmente tomada a serio, e não sei quantas insignificantes perversidades extrahidas do fermento das podridões!!

Realmente, creio que ninguem quererá contestar-me o direito de me dar por satisfeita e de declarar plenamente que o estou!

Valentes trabalhadores, o merito da vossa faina operosa não será esquecido, ficai certos...

Unicamente me parece que uma d'essas pallidas e maceradas santas inscriptas no martyrologio diario dos almanachs, para uso e direcção das cousas attinentes á vida devota, talvez não lograsse sair vencedora de similhante exame.

O bom senso publico fará justiça a todas essas inepcias da bitola porque se medem os selvagens. Mais tarde ou mais cedo... que importa? resta-me essa convicção...

O mundo, esse complexo *diz-se*, esse personagem de mil cabeças que representa todos e não representa ninguem, affirma, com a inflexão convicta que sobresae acima de todos os rumores, que se eu tivesse queimado incenso, muito incenso, entornado o frasco de essencias raras e subtis sobre o cavallete do nariz de Jupiter, ou o thuribulo encomiastico dos aromas hyperbolicos envolvesse em diaphana nuvem o vulto proeminente do glorioso sr. de tal, e do célebre sr. ***, oh! então sim, teria sido elevada nas azas do applauso até ao zenith da adoração e glorificada, deificada, divinisada n'uma apotheose de adjectivos multicores... Essa mesma sonora trombeta da Fama teria entoado os sons estrepitosos do louvor superlativo, que acordariam echos demorados em todo o orbe; ao passo que hoje todos procuram ageital-a á embocadura para arrancar-lhe o rugido do chacal contra um nome que anavalham com os dentes grosseiros, afiados pelo rancor insano.

Em Roma havia a lucta dos gladiadores: em Portugal ha a febre da descompostura.

Na palestra de sala, nas filigranas caprichosas de um bom *tête-a-tête*, o caso é inteiramente outro, a mascara diversa...

Empraso todos os portuguezes, mesmo os mais rancorosos e menos reservados, a confessarem *in petto* se eu disse das pessoas que passaram em frente de mim a millesima parte do que elles dizem uns dos outros nas suas apreciações e julgamentos, a meia voz ou em voz alta?

O juizo que o sr. Tito de Carvalho emittiu sobre o *Portugal a vol d'oiseau* é de uma grande verdade e imparcialidade critica.

E de facto, que registrei eu nas paginas do meu esfarrapado livro, n'essa serie de cartas infelizmente mal comprehendidas e avaliadas, que os jornaes, livros e brochuras, sahidos dos prelos portuguezes, não tenham repetido até á saciedade n'estes ultimos trinta annos? (*).

Por mais sedoso e fino que seja o cabello que ondula entre mil, esse cabello projecta uma sombra. Uma qualidade boa é quasi sempre equilibrada por um defeito e n'esse defeito nasce muitas vezes uma qualidade.

Os portuguezes, que são irrasciveis, colericos

(*) O distincto publicista, Luciano Cordeiro, n'um artigo talvez um pouco severo, mas que não transgride as «regras do «savoir-vivre» d'um escriptor digno e bem educado, confirma o facto que me serve de argumento.

e arrebatados, são ao mesmo tempo justos e dotados d'um espirito extremamente recto. A reflexão convence-os do erro e desde o momento em que o reconhecem confessam-o, e tratam lealmente de o reparar.

Verberei alguns prejuizos, polvilhei com o sal attico da ironia alguns ridiculos, combati ou antes indiquei alguns abusos: mas Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, o proprio Miguel de Bulhões, o fleugmatico das *Recordações e Vagares* e *Historia e Historias* e outros que me poupo ao trabalho de citar, foram muito mais severos, ironicos e mordazes de que eu. Apedrejaram-nos por ventura ou jarretaram-nos como fizeram á authora do *Portugal?* Creio bem que não, a julgar pela quantidade de pedras que sobre a infeliz arrojou uma legião de inimigos... Na grande familia litteraria cada um devia pagar a parte que lhe diz respeito; e uma vez que os ataques se fazem em nome do povo, corre ao mesmo povo a obrigação de distribuir equitativamente entre o ultimo dos recem-chegados e os primeiros que denunciaram e exposeram ás cruezas da luz publica, os vicios que devoram o organismo politico, militar ou religioso.

Por tanto, saiba-se e registre-se, eu não me reputo nem me julgo tão abatida e esmagada como os meus adversarios desejariam, nem tão desesperada e colerica como os meus amigos suppõem.

Logo depois da concessão de terrenos feita ao capitão Paiva de Andrada, quem é que não se recorda d'essa tempestade de *meetings*, d'esse temporal desfeito de furibundos artigos, de ameaças, de interpellações nas camaras, de juramentos tendentes a annullar as concessões *zambezianas*? Os ministros foram arrastados pelas ruas da amargura, apertados nos potros das accusações ignominiosas, o paiz abrasado no sopro ardente da revolução; os dyscolos agitaram as cabeças audaciosas e desvairadas; a camara dos pares foi asphixiada na gargalheira das imprecações...

Confesso sinceramente que a minha credulidade foi victima d'esse turbulento explosir de paixões e que acceitei como cousas serias e dignas de ponderação a causa e o effeito.

Decorreram, porém, alguns mezes, e a montanha convulsionada expelliu.... um ratinho!

As concessões existem a despeito dos preopinantes; a sua legalidade está reconhecida e acatada.

O capitão Paiva de Andrada percorre tranquillamente os vastos terrenos da *Zambezia*, empregando o melhor capital da sua eloquencia e o esforço das suas activas diligencias e labutações em converter em realidades praticas as vantagens d'essas doações, anteriormente fulminadas. N'este intuito trata de organisar uma companhia que corresponda ás necessida-

des da empreza e promova em larga escala a exploração das riquezas africanas.

Paiva d'Andrada veiu depois a Lisboa expressamente com o fim de organisar e regularisar a empreza de que é iniciador.

O meu livro está precisamente no quadrante d'essa questão ruidosa que tornou memoravel um dos periodos politicos do formoso paiz banhado pelo Tejo.

Portugal de relance não tinha outra pretensão alem da de um estudo ligeiro, a que desde logo appliquei as aguas lustraes do baptismo humoristico.

Ora qual é a primeira condição que se exige n'um estudo humoristico? A vivacidade, a subtilesa maliciosa, a ligeiresa na frechada, o fino sorriso epigrammatico, a graça fugitiva. N'esta ordem de trabalhos, mais do que em qualquer outra, deve-se desculpar ao author a divagação alegre atravez de todos os campos onde lhe seja permittido colher o *bouquet* de anedoctas picantes, a flor graciosa da observação, embora por vezes se entrelacem nas grinaldas dos factos e no matiz das verduras o espinho das rosas silvestres desabrochadas a monte por entre as madres-silvas dos vallados.

N'esta ordem de composição, o mais significa o menos. Dependem os effeitos do horisonte por onde se passeia a vista do crystal do oculo, inseparavel *cicerone* do *touriste*, e muito especialmente da verdadeira interpretação das palavras.

Occorre-me, a proposito, um exemplo concludente: o hespanhol offerece-nos a sua casa; consente que admiremos uma joia de familia que constitue todo o seu desvanecimento e em que elle se revê orgulhoso de a possuir; se nos lembrarmos de acariciar o lebreu favorito ou o galgo estimado, irá desprendel-o da trela e offerecer-nos-ha bizarramente o bello animal das suas excursões venatorias.

Segue-se por isso que devamos acceitar o offerecimento a olhos fechados? Estou longe de acreditar possivel esse acto, que da nossa parte seria a negação das mais elementares conveniencias. Corresponderiamos com um brinquedo de máo gosto a uma formula cordial, delicada, agradavel ao ouvido.

Consulte-se o meu primeiro prefacio: as suas breves paginas traduzem desassombradamente as minhas intenções.

Pode dizer-se, sem affrontar a verdade, que calumniei Portugal, só porque discuti as lucubrações de um romancista sinceramente convicto do seu merito transcendente e omnipotente? Porque notei, de passagem, alguns abusos, estas e aquellas singularidades das quaes me adveio a impressão desagradavel proveniente de viciarem e adulterarem a pureza de muitas instituições, admiravelmente organisadas?

E' precisamente o instincto dos portuguezes, tão vivo e intelligente, tão apto para descobrir

o bom e o mau lado das cousas, o primeiro a denunciar ao critico e ao observador a nota falsa, o tom discordante que ferem o ouvido no concerto harmonioso das manifestações de um povo culto.

Para que hei de fallar do confuso e negro enxame de detractores que pretenderam constituir o cortejo do sr. Camillo Castello Branco, no caminho escabroso por onde se embrenhou?

Essas peregrinações *bras dessous* não interessam senão ao autor das *Noites d'Insomnia,* porque, pela força invencivel das cousas, impõem-lhe uma solidariedade incommoda e fortuita que de certo estará longe de o exaltar aos olhos do mundo e de o penetrar de jubilo...

Tal é a cegueira deploravel dos homens!... Hoje, é mais do que provavel que essa facção de discipulos levianos ou de cortezãos desastrados desagrade singularmente ao grande, ao unico, ao incomparavel Camillo...

O irascivel de Seide quiz despregar aos quatro ventos da terra a falsa bandeira do *chauvinismo*, a cuja sombra se acolhe sem comtudo poder occultar a preoccupação e rancor exclusivamente pessoaes...

Mas as pessoas sensatas não se deixaram illudir: essas apostrophes e allocuções á mãe-patria offendida ao amor proprio nacional molestado, que em França não figuram senão na rhetorica decrepita do Ambigu, reduzem-se simplesmente a um *chauvinismo* mal applicado,

peor comprehendido, procurando, fóra de proposito, instigar a indignação de um povo em proveito de um amor proprio inconsideradamente magoado.

N'uma palavra, o pseudo-*chauvinismo* a que me refiro, o do sr. Camillo não é a causa de *todos* assumida á responsabilidade de um para desforço de brios suppostamente aggravados; é pelo contrario o rancor liliputianno de um imposto a todos, por obra e graça de erros convencionais.

A logica demonstra a insanidade de similhante situação edificada em areia e construida no vacuo.

As minhas offensas contra Portugal parecem-se pouco mais ou menos com as do cordeiro da fabula interpellado pelo lobo carnivoro: estando o lobo de antemão resolvido a lacerar-me com aleives adrede forjados, com exclusão de qualquer forma de processo e sem a desculpa tradicional: «se não foste tu, foi teu irmão!»

Bem sei eu quem ficará deveras estupefacto e indignado quando a traducção do meu livro sair a publico, quando a boa linguagem portugueza trouxer á luz do dia as suas paginas calumniadas e vilipendiadas. O grande publico, que reconherá então e só então que abusaram da sua boa fé, informando-o falsamente, impellindo-o para os declives escorregadios do erro; debalde procurará elle n'essas notas de

viagem o motivo plausivel da fusilaria de doéstos que por pouco o não ensurdeceu.

Se o sr. Camillo Castello Branco tivesse no seu lar uma mãe, esposa ou filha que lhe ensinassem o respeito que se deve á mulher, esse *alter-ego* do respeito que o homem deve a si proprio, — segundo a phrase do Castellar n'uma pagina eloquente que honra o homem e o escriptor—teria córado ao subscrever as injurias que a sua penna, mais naturalista do que palaciana e distincta, me despediu nos impetos das convulsões odientas.

Confesso francamente que o reputava incapaz de deslustrar a penna no lodo infecto de um *pamphleto* aviltante... para quem o escreveu.

Citei o grande nome de Castellar a proposito do illustre tribuno descrever em linguagem eloquentissima e delicada o *respeito devido á mulher*. Que radiosa pagina poderia elle cinzelar acêrca do *respeito que a mulher deve a si propria!*... E que exemplo teria eu para lhe fornecer, — exemplo da degradação e vilipendio a que póde chegar uma creatura em quem a inveja doentia, o odio rabido e o protervo despeito suggerido pelo instincto maldoso, dominam tudo e tudo destroem, como linguas de fogo passando á flor de um canteiro de violetas!

Pois um d'esses seres corroidos pela lepra da inveja e da malignidade, maltratados pelo

acaso e pela natureza, intrigantes e audaciosos, que não alimentam acêrca das grandes virtudes generosas e dignas senão uma indefinivel nostalgia atormentada e inutil, e que se vingam nos outros dos seus dissabores, decepções amargas ou humilhações inferidas e tragadas: uma pobre mulher que eu não conheço, de quem nunca ouvi fallar, e, por consequencia, a quem não offendi nunca nem por obras nem por pensamentos, investiu furiosa e colerica contra o meu livro, vibrou-lhe um olhar ferino e desembestou-lhe o couce do asno a que já tive ensejo de me referir.

Essa mulher pretendeu assim attrair para a sua individualidade a attenção do publico e ruminou largo tempo, talvez, o feito estrepitoso e lastimoso.

Primeiramente assumiu a attitude de simples espectadora, unica admissivel a uma creatura desterrada no esquecimento e quebrantada pela doença chronica do espirito; depois, introduziu-se, deslisou para o meio das hostes claudicantes e truculentas, cravou a garrocha do doesto e nas podridões das calumnias amontoadas atascou as mãos, erguendo-as cheias de residuos lamacentos e pretendendo arrojar-m'os ás faces, — como se houvesse alguma paridade entre ella e eu!...

Aconselharam-me: «Esmague essa vibora!»

Não! ficará tal qual é...

Ella é a vergonha do seu paiz e da sociedade

que insulta em folhetins hostis e esbandalhados, a torto e a direito, com o cynismo audacioso de quem julga que tudo lhe é permittido porque tem parentes directores de jornaes e marido, poeta de talento e cavalheiro honesto, que por isso mesmo se reputou incurso na obrigação de a acceitar por esposa.

É assim que a atrabiliosa creatura lhe dá provas do seu reconhecimento, enredando-o constantemente em labyrinthos de aventuras deploraveis e equivocas.

Confesso que estive por instantes a ceder á tentação. Está perfeitamente no seu direito a pessoa que esmaga o reptil importuno que vem rastejar-lhe no caminho a viscosa baba corrosiva.

Entretanto, é já de si terrivel o castigo infligido a essa desventurada mulher.

Foi junto do berço de seus filhos e á cabeceira da mãe moribunda, — n'essa crise angustiosa e dilacerante que purifica os corações e os aproxima de Deus — que a infeliz urdiu a trama da sua prosa escalavrada.

Não será digna de lastima aquella que, pungida pela afflicção, golpeada no mais intimo d'alma, não pensa senão em injuriar, calumniar e aggredir a forasteira, que, em presença dos infortunios que a ameaçam, experimenta ainda mais piedade do que despreso, — se é possivel?!...

De resto, pondo de parte este parenthesis repulsivo, espero a pé firme a reacção que não

poderá deixar de produzir-se e que é consequencia inevitavel de todas as leis que regem a natureza. Depois do preamar o baixa-mar: a maré subiu trazendo á flor das espumas os limos da calumnia; a maré baixará e com ella as exuberancias do esgoto.

Onde iriamos nós, Deus do ceu, se um justo equilibrio não reinasse no nosso planeta?

Quantas e quantas vezes do mal tem nascido o bem?

A matança dos innocentes, por exemplo, foi uma fatalidade historica indispensavel ao predominio definitivo da realeza do Messias.

O inverno aspero e rude, com as suas gelidas nortadas, prepara o estio risonho, as fartas messes amadurecidas pelo sol que envolve os campos na sua clara luz fecunda.

Nunca receei angariar inimigos, embora a affirmativa possa tomar-se á conta de vaidade; e das aggressões de que tenho sido alvo, não raro resultaram consequencias simultaneamente inesperadas e felizes.

Em um dos meus romances, que teve um successo ruidoso e seguramente immerecido, precisamente no romance que presumiram ser a minha auto-biographia, — qual é o romance firmado pelo nome de uma mulher que não assume fatalmente, por todos os modos e feitios, a pesada responsabilidade auto-biographica? — escrevi uma phrase adequada á presente

conjunctura: «os meus amigos raras vezes deixam de prejudicar-me, os meus inimigos auxiliam-me sempre.» (*)

O assumpto e a phrase que se anteposeram n'este momento á minha memoria evocam uma recordação completamente pessoal e intima, que reforça a asserção expendida. Tenho-a contado por varias vezes, mas não me lembro de a ter nunca entregado á publicidade. Registral-a-hei agora.

Sou um tanto fatalista, como os orientaes, e tudo me leva a crer que a deploravel aventura de que estou sendo protogonista em Portugal, originará para mim um grande bem e converterá a coroa de espinhos, fabricada pelos meus ineptos detractores, em diadema luminoso...

Quem sabe mesmo se terei de agradecer a Deus uma felicidade que até hoje me fôra defesa?...

Mas deixemos que o passado se encarregue de contar a minha historia.

Foi em Florença. Estava casada havia cerca de um anno. Meu marido acabava de entregar nobremente nas mãos do rei o precioso deposito do poder, exonerando-se, como sempre, com o cavalheirismo e lealdade politica de que era exemplo vivo perante a Europa.

---

(1) Louise Kelner —Si j'etais reine—Pag. 279 a 284.

A côrte deu um baile no palacio Pitti, para o qual tinhamos recebido convite.

Entrei nas salas pelo braço de meu marido, que, segundo o meu costume, não larguei maís. Durante os dez annos da nossa união não me lembro de ter dado o braço nos bailes, recepções ou solemnidades officiaes a outro homem. Elle era o meu orgulho e a minha felicidade, assim como eu era a sua. Deus é testemunha da santa altivez que me inspirava a posse de um companheiro de tão singular valia.

Obedecendo a um acôrdo tacito isolamo-nos no meio da multidão, escolhendo de preferencia as salas menos povoadas. Estavamos no baile havia uma hora; tinhamos saudado os nossos amigos e examinado de relance o aspecto das salas. O calor era asphixiante: pedi a meu marido que me fosse buscar um gelado, e, distraida, sentei-me n'um dos logares que habitualmente occupava nos bailes da côrte por qualquer dos titulos que me pertenciam, ou de condessa de Solms, e n'essa qualidade assisti ao casamento da rainha de Portugal, ou de esposa de Rattazzi, quando elle era presidente de conselho de ministros.

Meu marido partiu em busca do gelado, assegurando-me que a sua ausencia seria breve.

Cinco minutos depois percebi que se fallava a meu respeito n'um grupo composto de tres ou quatro senhoras e de um peralvilho fardado,

frisado, de espada á cinta, que me volvia olhares petulantes. Não liguei a mais leve importancia ao facto, mas cahi das nuvens quando vi o *badaud* (o marquez de X...) approximar-se, curvar a espinha com o requebro especioso de mestre de ceremonias e balbuciar com respeito emphatico:

— Minha senhora, v. ex.ª não póde ficar n'esse logar.

Fitei-o com a natural surpreza de quem não percebe o que ouve.

— São logares reservados e v. ex.ª não póde permanecer ahi, continuou com certa hesitação e fitando de soslaio as suas alliadas que o instigavam de longe, dardejando-lhe olhares significativos e avidos de escandalo.

— Porque?

— S. ex.ª não é já senão um simples deputado e as esposas dos deputados não teem logar fixado na côrte. Penalisa-me extremamente esta occorrencia, mas...

— Preciso então retirar-me?

— Minha senhora, eu... não digo tanto... Os meus deveres officiaes é que me obrigaram a prevenir v. ex.ª...

N'este momento apparecia o sr. Rattazzi, trazendo o gelado habilmente escondido no chapéo.

O homemzinho fez-se vermelho como uma lagosta e tentou bater em retirada.

Não o deixei realisar o intento e perguntei-lhe:

— A quem pertencem aquelles logares?

— Ao pessoal da côrte.

— E estes?

— Ao corpo diplomatico.

A falsa posição do meu interlocutor tornava-se visivel á medida que meu marido se approximava.

— E as cadeiras ao lado do rei? Que eu saiba, não estão em Florença nem no baile principes ou princezas estrangeiras?

— As cadeiras pertencem ás damas da *Annunciada*, que, como primas do rei, teem primazia sobre o corpo diplomatico, as esposas dos ministros e... etc., etc.

Urbano Rattazzi estava já ao meu lado...

O enfatuado peralvilho desejaria n'esse momento sumir-se pelo chão abaixo.

Levantei-me lentamente e disse a meu marido:

— E' melhor retirarmo-nos; parece que não me assiste direito de occupar este logar.

Rattazzi encarou-me com olhar interrogador e estupefacto.

Illudi a sua espectativa dando uma interpretação diversa ao facto, mas jurei a mim propria, n'aquelle mesmo logar, que não voltaria á côrte senão quando me fosse permittido assentar-me, não nas cadeiras das esposas dos ministros ou nas do corpo diplomatico, mas á direita do rei, entre as damas da *Annunciada*.

Este pequeno colloquio subjectivo poderá

parecer inverosimil, louco ou caprichoso, mas nem por isso o compromisso deixou de ficar implicitamente sellado no silencio do meu pensamento...

Procurei então mil pretextos para me eximir a comparecer na côrte.

Um anno depois, posteriormente ao noivado do duque de Aosta e á publicação do meu romance: *Le piége aux maris: Bicheville* — isto é, precisamento no momento em que a minha popularidade diminuira, cerceada pelos despeitos de uma *coterie* susceptibilisada, o rei Victor Manoel, que havia dez annos instava Urbano Rattazzi para que acceitasse o titulo honorifico de conde ou duque, reiterou as suas instancias e quasi que impoz ao seu leal ministro e amigo a obrigação de ceder dizendo-lhe:

— E' absolutamente preciso que eu lhe dê uma manifestação publica e condigna dos seus merecimentos...

— Consinta-me Vossa Magestade a graça de mais uma vez appellar para a minha abnegação e desinteresse, respondeu meu marido; o rei sabe que nunca tive outras ambições que não fossem as da prosperidade da patria; mas como minha esposa é alvo de muitos odios e invejas, sem que se lhe possa attribuir a menor responsabilidade d'esses pequeninos rancores peculiares aos espiritos myopes, desejava assegurar-lhe uma posição inamovivel no meio das oscillações da politica. Beijo pois as mãos de Vossa

Magestade e acceito hoje a *Annunciada* que tantas vezes tenho recusado.

—Ora até que afinal, meu caro Catão, respondeu Victor Manuel sorrindo; hoje mesmo receberá a *Annunciada* para a senhora Rattazzi.

Dois dias depois era eu dama da *Annunciada*. O duque de Aosta realisava por essa occasião o seu enlace. Foi na qualidade de dama da *Annunciada* que tive a honra de assignar o contracto nupcial d'aquelle que viria a ser rei de Hespanha, e mais tarde o do principe herdeiro, actualmente rei, em conselho chamado de *familia*, do qual é excluido o proprio corpo diplomatico, visto que não podem figurar n'esse acto, alem das senhoras de familia e das damas da *Annunciada*, senão as damas de honor e a esposa do ministro da nacionalidade a que pertence o noivo ou noiva.

A conclusão deduz-se facilmente.

Se duas ou tres mulheres de cabeça oca, minadas pelo verme da inveja, não tivessem delegado n'um petulante mal educado a missão desairosa de desaggravar uma supposta affronta, eu não teria ambicionado a *Annunciada* e meu marido não acceitaria nunca nem essa nem outra mercê.

Se não fosse essa occorrencia não possuiria eu um logar fixo na côrte, um logar invejado, que pela alta e rara distincção que traz annexa desmandou em raiva impotente o despeito das que pretenderam vilipendiar-me.

Aqui está uma seria imputação de crueldade vingativa que os meus *conscienciosos* esmerilhadores não se lembraram de pôr em boa letra redonda, apopletica de rhetorica, e apimentada de reticencias malevolas...

E' identico a este o conflicto suscitado a proposito do *Portugal de relance*, o qual espero que não deixará de ter um epilogo igualmente satisfactorio.

A guerra encarniçada de que fui alvo é de certo um facto notavel da minha vida, obrigando-me a fixar a attenção e a aquilatar-lhe as consequencias.

Portugal inspirou-me apenas, valha a verdade, um livro passageiro, um livro de viagem, a que não liguei grande importancia.

Bacoreja-me que lhe deverei ainda um bom livro, serenamente escripto.

Ora um bom livro, assim como uma acção, boa recompensam amplamente as perfidas insnuações dirigidas contra o nosso amor proprio.

Os portuguezes, desnorteados hoje pelo falso criterio odiento e pelas apreciações levianas, não deixarão de reformar a sua opinião, elevando-me á altura de um conceito justo.

Sim, o meu livro ha de ser lido e comprehendido pagina a pagina, e, antecipadamente o digo com legitimo orgulho, hão de agradecer-me ainda o havel-o escripto.

Pesada na balança da consciencia a minha

franqueza, terão de concordar necessariamente commigo que um lausperenne banal de lisonjas desluziria os elogios espontaneos que eu faço ás cousas, que, segundo o meu ponto de vista, o merecem.

N'uma palavra, — não me resignei a representar o papel de *enfant de l'histoire*, nem tão pouco escrevi no remanso do meu gabinete uma narrativa que podesse capitular-se de pura invenção ou phantasia. Pondo de parte todas as preoccupações atrophiantes e instigada pela força inherente aos animos resolutos, de lapis e carteira fui tomando notas, dia a dia, do que ia vendo e ouvindo, de perto ou de longe, mas sempre ao alcance da vista: agora um perfil, um traço caracteristico, logo uma perspectiva, uma figura avultada em plena luz; procurando, de preferencia a tudo, conservar o aspecto fiel, o tom flagrante da verdade, a côr local,—que é a primeira qualidade e a imprescindivel exigencia de um *jornal de viagem*, especie de aquarella em que predomina a tinta humoristica.

Poder-se-ha dizer que defraudei ou abusei da confiança do leitor a quem me dirigia? Não! Logo nas primeiras linhas tratei de me estremar por uma tal ou qual prevenção contra a minha penna, contra o rapido e breve traço dos meus *croquis*, isto é, contra algumas inexactidões fatalmente inseparaveis em obras do genero d'aquella de que estou tratando. (1)

(1) Vide, 1.º prefacio do «Portugal de relance.»

Não me sobrou tempo: escrevi, sem curar de rever ou corrigir o que ia passando do espirito para o papel; para acudir a qualquer deficiencia confesso que contava com um segundo volume que me indultasse da responsabilidade do primeiro.

E tanto assim é, que a pag. 263, no capitulo consagrado a assumptos litterarios, indiquei a proposito do Porto que daria maior desenvolvimento á primeira parte do meu livro, completando-o com outro volume.

Limitando-me á necessidade de ampliar o quadro descriptivo e para satisfazer a exigencia, aliás natural, de contar de preferencia a outros episodios o que particularmente me impressionara ou se impozera ao meu orgão visual, não me foi possivel esboçar todas as figuras notaveis que pelo seu grande numero requeriam uma galeria especial, sem comtudo me passarem desapercebidas; não perdendo por esse facto a individualidade, talento ou aptidão de cada uma d'ellas um atomo do seu valor intrinseco.

Só esta circumstancia explica que eu deixasse na penumbra do silencio, no meu primeiro volume, physionomias tão attractivas como as de D. Antonio da Costa, fervoroso apostolo da instrucção publica, Guilherme d'Azevedo, poeta eximio e escriptor de fino espirito, Fernando Caldeira, auctor da *Varina* e da *Mantilha de renda*, Alberto Pimentel, Sil-

va Tullio, Eduardo Vidal, Fernando Leal, Magalhães Lima, jornalista e advogado que se impõe pelas boas qualidades de espirito acendradas na força juvenil, Gomes d'Amorim, o discipulo amado do immortal Garrett, auctor dos *Cantos matutinos* e do *Ghigi*, cujas memorias ineditas sobre o illustre restaurador do theatro portuguez desejaria vivamente ler, e acêrca das quaes me fallou com reiterados louvores um dos nossos communs amigos, tendo recebido anteriormente de Gomes de Amorim o brinde valioso de um dos seus melhores livros. Pelo mesmo motivo incorri apparentemente na inopia de esquecer o visconde Julio de Castilho, excellente poeta lyrico e infatigavel trabalhador, que teve a bondade de me offerecer um livro de seu illustre pae, abrilhantado com o retrato d'esse venerando vulto das lettras portuguezas, alem da sua harmoniosa *Ignez de Castro;* não votei, pelas mesmas razões, a homenagem da admiração a Guilherme Braga, o grande, arrojado e mallogrado poeta da revolução litteraria portuguesa, e *tutti quanti,* porque farto de talentos é o bom torrão lusitano.

Não citarei, por agora, outros nomes illustres que assignalam a nova geração intellectual, porque seguindo na esteira do meu amigo Romero Ortiz tencionava delinear o quadro da litteratura popular e mencionar aquelles dos seus representantes predilectos, sem esquecer

tambem o grupo das senhoras, distinctas pela penna, e que justamente podem usar do titulo, tantas vezes falsificado, de escriptoras de merito, algumas das quaes, como a marqueza de Alorna, honram a sua epocha e o paiz que lhes foi berço, legando vinculado ás suas obras um monumento perduravel, cujas irradiações geniaes lhes cinge o nome de gloriosa aureola.

Em relação á actualidade, Guiomar Torrezão é uma escriptora notavel que merecia ser melhor apreciada do que é pelos seus compatriotas, e ainda outras que transmittem as delicadas e encantadoras fragrancias do seu espirito a grande communidade litteraria portugueza.

Sou tambem censurada por ter em pouco apreço a opinião publica, deduzindo-se o delicto da declaração feita no prefacio de conformidade com a qual me obrigava a referir o que vi sem me preoccupar como que podesse dizer-se ou pensar-se.

Eu préso infinitamente a liberdade e independencia do espirito, rebelde a qualquer imposição que pretenda abafar-lhe os impulsos espontaneos. Acaso commetti crime emittindo uma opinião que tem sido a pedra fundamental de toda a minha vida? Deve similhante consideração reputar-se como a luva do desafio atirada ás faces da opinião publica?

Eis uma interpretação singularmente inconcebivel!

Pois o dever fundamental de todo o escri-

ptor que se présa não consiste em dizer o que real e conscientemente pensa, sem curar de saber se agrada ou não?

Declaro peremptoriamente que nunca escrevi seduzida pela miragem de attrahir o reconhecimente ou captar a adulação de pessoas cuja opinião me é completamente indifferente, ou porque não as inclua na minha estima ou porque me sejam de todo o ponto desconhecidas. O incenso da lisonja suffoca-me.

Desejando escrever acêrca de um paiz que se me afigurou pouco conhecido do estrangeiro e abrigando o natural desejo de ser lida, adoptei sem hesitação a fórma humoristica, como sendo aquella que melhor explanava o terreno accidentado das divagações, distrahindo-me o espirito e subtrahindo-o á influencia de assumptos indigestos. Em todo o caso, o systema excluia qualquer pretensão que infundadamente fosse attribuida á conta da minha responsabilidade. Succederia, talvez, que na distribuição das côres umas sahissem mais vivas, outras brandas e indecisas, algumas demasiado carregadas.

Poder-se-ha dizer tambem que vi as cousas e as pessoas sob um duplo aspecto; os brazileiros, por exemplo. Mas que importa? se eu não me propuz escrever um panegyrico ou uma apologia? Fiz justiça inteira e plena a tudo quanto se me afigurou verdadeiramente bello, grande e digno de apreço. Curvei-me

respeitosa perante o glorioso passado da nação heroica, patria de arrojados navegadores.

Assignalei com accentuada sympathia os progressivos desenvolvimentos que o paiz vae realisando dia a dia. Insisti na affirmação gratissima e consoladora, nos tempos que vão correndo, sobre a bondade, lealdade, espirito de familia e bom senso moral do povo portuguez. Estudei a sua legislação; comprovei pelos factos o estado florescente das lettras; protestei contra a exagerada modestia dos escriptores portuguezes e manifestei francamente a minha opinião endereçando-lhes estas palavras que não se podem dizer hostis ou dictadas por qualquer sentimento menos benevolente: «Para que haveis de traduzir sempre, alimentando uma estranha parcialidade pelas peças e romances francezes de segunda ordem, vós que escreveis e podeis escrever dramas commoventes e romances originaes? Para que ides buscar fóra *clichés* a maior parte das vezes inferiores aos vossos modelos?» (Carta 18.ª do *Portugal de relance*).

Prestei igualmente justiça á familia real, em todas as circumstancias coherentes com o meu ponto de vista. Permitta-se-me até o orgulho de dizer que nunca a familia real foi apreciada com tanta imparcialidade por um escriptor estrangeiro independente.

E tudo isso fiz livremente, alheia a influencias ou a suggestões que me enleiassem o espi-

rito, sem solicitar a menor recompensa, sem que outro interesse de ordem diversa determinasse as minhas idéas e apreciações, a não ser a sympathia que me inspirava esse paiz que o sol e as brisas primaveraes enfloram de ridentes attractivos: repito, em que offendi a opinião publica? Não será mais consciencioso dizer-se que lhe dei uma prova do meu respeito e consideração fallando imparcialmente?

Essa imparcialidade não foi mais honrosa e lisongeira para mim e para aquelles que louvei do que todas as exagerações officiaes e officiosas dos *Dangeau?*

Não valerá mais a minha opinião franca do que as hyperbolicas adulações pagas de antemão aos falsificadores de letra redonda pelos governos interessados?

Deduzi a affirmativa de que poucos auctores têem escripto acêrca de Portugal. Ardua e complicada é a missão de historiador, immensos são os horisontes pelos quais se dilata a vista. Durante o periodo da elaboração da sua obra converte-se elle n'uma especie de marquez de Carabas litterario, ao qual pertencem todos os campos: Artes, sciencia, cultura, origens, etc. Ao cabo de um momento de reflexão, muitos recuam, muitissimos seguem o meu exemplo e manifestam sob a fórma humoristica o sentimento do que directamente os impressionou, sem os demover a louca pretensão de traçar um estudo profundo e com-

pleto acêrca do paiz a que applicaram a sua curiosidade investigadora. Com respeito a Portugal persuado-me que o meu exemplo aproveitará de futuro aos imprudentes e aos incautos; — quasi posso dizer como Camões: «que exemplo a futuros escriptores!»

Afinal, o que aconteceu com o livro e a auctora deriva-se fatalmente dos usos e costumes idoneos ao paiz, como tive occasião de verificar.

Diz-se, escreve-se e falla-se a proposito de uns e outros taes enormidades, vibram-se golpes tão certeiros, critica-se tão acerbamente, jogam-se injurias tão crueis e mutuam-se doéstos tão desabridos, que fariam empallidecer o fleugmatico yankee e recuar a penna intrepida que constitue a terrivel arma d'essas luctas gigantescas, empenhadas na vasta arena da sua imprensa assombrosa.

Parecerá talvez ao leitor que esse veneno exuberado de parte a parte se distilla depois na bilis de um rancor que só esfria com a morte, ou pelo menos que só a lenta successão dos annos conseguirá expungil-o? Puro engano! Quarenta e oito horas, oito dias, um mez, quando muito, dura essa erupção de lava vulcanica, findos os quaes tudo adormece na bonança que não vislumbra um tenue reflexo da lucta porfiada. Ninguem pensa na tempestade que se extinguiu e os inimigos da vespera, dulcificados de subito, cambiam finezas enternecidas e sorrisos insinuan-

tes capazes de provocarem a inveja de Castor e Pollux. Erguem até os respectivos narizes o thuribulo em que despejaram a naveta dos perfumes e incensam-se reciprocamente, tantas vezes quantas foram as pedradas que atiraram á cabeça uns dos outros, — se é que não multiplicam para maior luzimento e solemne fraternidade na festa da adoração mutua. . .

Quantos e quantos exemplos poderia referir, se não estivesse firmemente resolvida a pôr de parte toda e qualquer questão pessoal, para unicamente me deixar ir ao sabor da observação generica!

A febre das injurias exerce-se na maioria dos casos contra nomes mais conhecidos, por vezes contra escriptores que o seculo e a posteridade hão de mencionar com justo orgulho nos seus annaes.

Querem uma prova frisante, vejam o que succedeu com Thomaz Ribeiro, um grande poeta, um homem verdadeiramente distincto e corajoso, contra o qual assestaram baterias por occasião da publicação do *D. Jayme?* Verdade é que o melancholico author da *Judia* deixou estrondear a fuzilaria sem se illaquear na meiada das palavras aggressivas, sem se embrenhar no labyrintho das invectivas contundentes que sibilavam em torno da sua obra. Respondeu, como eu hoje respondo, no prefacio da segunda edição do seu bello livro, elegendo com o maior sangue frio, (e pondo de

parte as suggestões do seu amor proprio offendido) o dia e hora da sua justificação.

Fiz igualmenta uma outra observação tocante aos litigios portuguezes e á incomprehensivel leviandade com que essas causas se pleiteiam.

N'outros paizes critica-se um livro, discute-se a obra, julga-se boa ou má, prova-se o plagiato, — se ha plagiato — mostra-se até á saciedade a pobresa do estylo, a exiguidade da invenção e os defeitos da contextura. N'uma palavra, quer o volume se alongue em seiscentas paginas compactas, quer se condense em meia duzia de paginas,—se o auctor é romantico, o bisturi dos classicos entrega-se á dissecção analytica em nome da Arte séria, da grande Arte; se é classico, os romanticos brandem o camartello iconoclasta em nome das novas idéas evolutivas; mas não se transgride nunca as balizas da pugna leal e o auctor combatido não tem, em geral, a temer pelo que respeita á sua vida privada, ao seu *at home*.

O escriptor é posto a torturas, espancado, escorchado, amarrado ao pelourinho dos sarcasmos publicos: mas o homem respeita-se e a entidade fica perfeitamente inviolavel.

Em Portugal... ah! em Portugal, segue-se o extremo opposto.

— Tiveste a audacia de protestar contra o repugnante abuso? Immediatamente de dez, de vinte pontos diversos elevam-se clamores

indignados, não para defenderem a legitimidade do abuso, que os portuguezes são os primeiros a deplorar, mas unicamente para que todo o mundo saiba que na vossa vida tendes uma pustula, — verdadeira ou falsa — que no vosso espirito ha negruras, — suppostas ou reaes, — que vosso avô acabou n'uma forca, que as vossas dividas estão em aberto. . .

Censuraes uma estatua, porque o gosto que presidiu á sua construcção não está d'acôrdo com as prescripções do bello, ou um monumento publico, porque as linhas architectonicas não correspondem ás exigencias da Arte? Tiveste a coragem de indicar uma reforma aconselhada pelo machinismo da moderna vida social? Em tal caso o furor publico attinge o cumulo! Reputar-vos-hão contemporaneo de Mathusalem, e se pretenderdes que se preste alguma attenção ás vossas apreciações litterarias, sede coevo das idades rudimentares do mundo e sobre tudo não attenteis contra o sagrado direito dos fosseis. . . Para resumir, se não fordes considerado á conta de falsario, ladrão, assassino, é que o vosso livro não chegou á craveira por onde se aferem as obras primas. Mas trabalhai, retocai as tintas, accentuai as linhas, avivai os contornos, illuminai os horisontes, esfumai os longes em successivas edições mais ou menós correctas e aperfeiçoadas e podeis ter a convicção intima, a fé inabalavel que a partir d'esse momento nenhum termo faltará no vo-

cabulario das accusações: sereis tratado como *irmão* pelos portuguezes, e Deus sabe o que quer dizer essa palavra e o que contém essa *fraternidade*!...

Quebrai a penna! inutilisai o que escrevestе! Isso não serve de nada, absolutamente de nada. *E' costume!*

Entretanto, se d'ahi a algum tempo voltardes de novo a esse paiz, não vos embelequeis na admiração de ver os inimigos de hontem que berravam descompassadamente, jurando pelo pau, pela pedra e pela morte, saudar-vos risonhos e curvos e inquirirem noticias do que vos diz respeito com um interesse verdadeiramente sensibilisador.

Mas cautela, não vos fieis no remanso d'essas aguas perfidas, quem sabe se não ireis naufragar dentro do porto, com ceu bonançoso? Permitti que vos aconselhe que não deixeis a ternura amollentar-vos o animo, porque se amanhã houverdes de entregar á publicidade outro livro que desperte a mais insignificante susceptibilidade, *soit-disant* patriotica, vereis que se repete a mesma comedia, a mesmissima farça, — uma *reprise* com uma ou outra scena nova — mas em todo o caso as mesmas classificações lisongeiras de forçado, galeriano, canalha, trapalhão hão de soar aos vossos ouvidos e salpicar de lama a vossa *toilette* aceiada!

O peor é que nem tudo se circumscreve só a Portugal. A nodoa de azeite alastra até ao

Brazil, transmittida pela analogia dos idiomas. Se não se póde absolutamente negar bom senso e espirito ao escriptor brazileiro sem offender gravemente as leis da verdade; se elle não se embriaga com as exagerações indispensaveis aquelles que as produzem para lograrem certos planos; todavia o poeta, o jornalista, o escriptor que nos seus trabalhos não levar a chancella do beneplacito portuguez, que não fôr recommendado pelas louvaminhas *di cá* e o diploma da *pedantocracia* firmado nas occidentaes praias lusitanas, ficará implacavelmente deshonrado para todo o resto dos seus dias, e, ainda mal, será tratado de facinora, de escoria social, de maltrapilho dos tribunaes correccionaes e o seu credito moral, dignidade e brios soffrerão violento abalo.

Tudo isto no Brazil, no generoso e hospitaleiro Brazil!

Fazendo-me de volta para Portugal notarei mais que os atilados criticos, os acerbos executores litterarios, nem sempre são equitativos na distribuição das suas injurias.

Uma das accusações que mais pesou na balança deriva-se do facto de ter eu contado uma historieta, maliciosa sim, mas de nenhuma forma perfida ou hostil, a proposito do marechal Saldanha.

Em França essa historieta, essa annedocta picaresca, — chamem-lhe o que quizerem — andou de bocca em bocca: foi Alberto Millaud

quem a bordou com a sua inimitavel *verve* e a mandou correr mundo; e comtudo, Alberto Millaud não foi injuriado, pelo menos que eu saiba!

Por ultimo, archivamos a peça do processo registrando a satyra. Que os juizes competentes decidam em sua alta sapiencia qual de nós foi mais longe, elle ou eu?

FANTAISIES SATYRIQUES

La conspiration de Lisbonne

(Do *Figaro* de 23 de maio de 1870)

Non, là vraiment, elle est bien bonne!..
Ce petit complot de Lisbonne,
C'est neuf, piquant, original,
On vole, on tue, on crie, on pille,
Tout cela se passe en famille
Ah! l'on s'amuse en Portugal!

Pas la moindre guerre civile,
Un simple essai de vaudeville
Plus épatant que *l'oeil-crevé!*
Un scénario dont on pouffe,
Un plan complet d'opéra bouffe,
Poème et musique d'Hervé.

Beaucoup de chic, ce capitaine
Composé de croquemitaine
De Malbrough, ou général Boum;
Ce nonagénaire sans suite,
Le nez mouillé par la pituite
Et dans son col toussaut: Boum! boum!

Il n'aime pas le ministère?
Crac! il conspire sans mystère,
— Nul ne songe à s'en étonner!
Et dans la ville bienheureuse,
Le soir, en guise de Chartreuse,
On se fusille après diner.

Le vieux général souffrant, asthmé,
En dépit de son cataplasme,
Va chez le roi dans son foyer.
Titubant, mais terrible, il entre
Il tape sur le royal ventre
Et se met à le tutoyer.

«Çà, ton ministère m'embête,
«Je viens donc te laver la tête,
«Lui dit-il.—Voyons, Saldanha,
«Dit le roi. Tu n'es plus mon homme?—
«Si toujours, mais je te degomme!
«Non—Si—Non—Si, tu vas voir ça!

Puis il appelle ses gendarmes.
Le roi reprend avec des larmes:
«Saldanha, je t'ouvre mon sein!—
«Supprime alors ton ministère!—
«Je te nommerai mon beau frère!—
«Non! Je suis déja ton cousin!—

Vraiment, la pièce serait drôle!
Vavasseur remplirait le rôle
Du roi: —C'est un garçon d'éclat
Qui dirait avec son organe:
«Le vieux maréchal est tres crâne
«Mais il met les pieds dans le plat!»

Et Milher avec l'uniforme,
Le bicorne en tous points conforme
Au costume du maréchal:
Disant de sa voix la plus jolie:
«*Messieurrs*, que personne n'oublie
«Que nous *sons* dans le Portugal.»

O *Portugal de relance* não é pois, nem o thuribulo em que se queima o incenso das louvaminhas banaes nem tão pouco o *pamphleto* que exhala cheiros acres e doentios.

Um livro em que a sympathia se manifesta como n'aquelle que tive a honra de firmar, não póde, só porque moteja levemente e enfeixa algumas anedoctas picantes e maliciosas, colhidas ao acaso por entre o rumorejar da opinião publica, ser alcunhado de pasquim e como tal exposto á flagellacão dos insultos grosseiros e o seu auctor atirado ás fauces hiantes da aleivosia perfida.

Não calumniei ninguem; escutei apenas essas meias revelações que andam na bôca de todos; tomei nota do *diz-se*, apparentemente inoffensivo, d'aquelle que percorre impunemente as melhores salas portuguezas; e dezenas de vezes repellio que se revestira de aspectos tentadores para aguçar-me a curiosidade de viajante...

Na carteira em que desenhei os traços, mais ou menos leves, que contornam os perfis das sociedades. o esboço dos povos, o quadro das capitaes, não ha um unico que fosse delineado com a palheta embebida nas tintas do odio. São simples, francos, talvez deslavados, mas em compensação nenhum tem o proposito maligno da premeditação aggressiva. Tambem não curei de recortar arabescos ou de cinzelar e colorir os periodos no intuito de aformo-

sear a despretenciosa narrativa do que vi, ouvi, observei e analysei. Muitas vezes, ao lêr no dia seguinte o que escrevera na vespera, modifiquei a impressão recebida, esbati a tinta, apaguei um traço e rasguei a pagina.

Francamente, senhores criticos, deverá instaurar-se processo criminal a Patroclo por ter fallado de Achilles, descrevendo-o tal qual o viu e consoante a impressão recebida?

Cada vez mais me persuado de que certos defeitos e vicios de um povo pertencem á sua historia; é indispensavel, porém, registral-os e expol-os á luz crua da analyse para chegar ao perfeito conhecimento do seu organismo, das suas manifestações cultas e do que se póde esperar d'esse povo na evolução da humanidade.

Portugal permanece acantoado na extremidade do mundo europeu, n'um isolamento lastimoso; e quanto menos discutido for menos conhecido será, — a deducção é logica.

O viajante que visita Portugal, atravessando as cidades, povoações e campos, observando os seus usos e costumes, as affirmações da sua vida artistica, litteraria, politica e commercial; contemplando as formosas e pitorescas paizagens, encantado com a amenidade das margens dos rios, com a opulencia uberrima dos campos, com o azul luminoso das montanhas no recosto das quais se reclinam os valles remansosos; esse viajante, voltando a França, se por

acaso se lembrar de descrever n'uma sala as impressões que experimentou, produzirá um effeito identico ao do narrador que regressa dos antipodas ou de um paiz imaginario que só existe na geographia phantasiosa das balladas.

Os mais illustres nomes portuguezes são completamente e inverosilmente ignorados em Paris. N'este ponto as minhas palavras podem ser acreditadas como as de um oraculo. Ha alguns annos recebi eu nas minhas salas um dos homens mais eminentes de Portugal, distincto entre os mais distinctos, um d'esses homens que constituem a gloria de um povo.

Primeiro que chegasse a hora d'essa apreciavel visita, cuja lembrança ainda hoje me enche de jubilo, foi absolutamente indispensavel perorar aos meus convidados, escolhidos entre os mais finos e atilados espiritos de Paris, contando-se entre elles muitos ministros honorarios e alguns dos que n'aquella occasião representavam a situação politica. Sem esta precaução, exigida pela força das circumstancias, tornar-se-hia impossivel a conversação, visto que até então nenhum dos meus illustres convivas ouvira fallar da obra viva representada na pessoa d'esse homem distinctissimo.

O facto não prova muito a favor da illustração dos franceses; mas que fazer?

Por habito inveterado e tendencia propria o francez pouca, ou nenhuma attenção concede ao que se passa em nações estranhas,

embora pouco afastadas da sua. A esphera de Paris é enorme e isso lhe basta.

Foi precisamente o que aconteceu com o eminente homem politico a quem me refiro, em uma das minhas *soirées* officiaes; repetindo-se o facto n'uma das *garden-parties* onde todos os annos, nos mezes de junho e julho, reunia os escriptores e artistas das minhas relações. Ramalho Ortigão assistiu a uma d'essas festas para a qual o convidei convicta que lhe seria muito mais agradavel encontrar a sociedade ecletica, que recebia duas vezes por mez no palacio *Aquila*, do que o circulo restricto e exclusivo de homens politicos e jornalistas.

Persuadi-me que esse mundo amavel e jovial, essa pleiade de espiritos scintillantes e expansivos, conheceriam, pelo menos de nome, o escriptor humoristico e festejado; ao contrario dos estadista francezes que não suspeitavam sequer da existencia do seu *alter ego!*

Pois bem, com grande espanto meu, experimentei uma nova decepção! Ninguem conhecia o author das *Farpas!* Fallei a respeito d'elle com Lacroix, Blavet, Revillon, Boulanger, Maresq e mil outros, acompanhando o seu nome de adjectivos eloquentes, destinados a despertar as memorias periclitantes; deligenciei demonstrar o merito, as brilhantes qualidades do seu talento e baptisei-o com a denominação de «Alphonse Karr lusitano». Perdi o meu tempo e o meu latim. Todos imaginaram que eu estava fal-

lando de um tenor da Australia ou de um habitante do Kamtchka!

Depois, houve quem me affirmasse e repetisse que o espirituoso escriptor me attribuira a responsabilidade da ignorancia dos meus amigos e do anonymo que pesou insolitamente sobre a sua individualidade litteraria. E comtudo, eu não tive a menor culpa do facto, que primeiro do que ninguem admirei e deplorei.

Que elle, porém, não me condemne á penumbra da sua antipathia. De Ramalho Ortigão, —aqui o deixo consignado—conservo a recordação agradavel suggerida pela encantadora carta, deliciosamente escripta, que me endereçou por occasião da minha primeira visita a Portugal.

O exito do meu livro estava dependente da fidelidade do desenho typico do paiz que me propuz descrever, sem o que eu não chegaria a pintar senão um quadro de um azul monotono e deslavado, com um ceo irisado, recamado de lentejoulas.

Que valor poderá ter semelhante processo litterario?

Ora foi precisamente por haver obedecido a uma intuição natural, tomando pela linha recta que conduz á estrada plana, que me censuraram e injuriaram de uma maneira violenta, excepcional e sem precedentes. Isto é, só por ter descripto o que vi, consoante o meu cri-

terio, sem curar de saber o que se diria e pensaria!

Eis o nefando, o monstruoso, o horripilante attentado! Eis a razão porque tentaram asphixiar o meu nome na onda caudalosa das brochuras contundentes. A onda espraiou-se arrastando nas espumas ephemeras as vindictas banaes, depositando na resaca, entre as algas esverdeadas da calumnia, um d'esses pasquins de *sensação* que tive a curiosidade de lêr: foi o do sr. Camillo Castello Branco. Como producto de indignações forçadas em nome de pretendidas injustiças a um paiz e ao merito dos seus escriptores, bastava-me esse. D'essa leitura ficou-me no espirito o travor pungitivo de uma grande tristeza, não por mim mas por elle, pelo escriptor classificado pelos seus conterraneos entre os primeiros, que não se pejou de exhibir á sombra de um patriotismo de emprestimo, um orgulho ferozmente irritado porque se não houvesse queimado em seu louvor tres grãos de incenso! Entre os portuguezes de bom senso e claro espirito, que se illudiram com esse desespero que por vezes se debatia nas convulsões allucinadoras da nevrose, nenhum d'elles foi como eu victima da illusão a que se attribuiu o acontecimento. *Pro patria!* exclamava-se. Mas não: decorrido o primeiro momento e depois de reflectirmos, a situação definia-se, accusando em plena luz, e a intenção que dictou as venenosas paginas do libello.

Disse que uma grande tristeza cahira sobre o meu espirito quando acabei de ler a corrosiva brochura; mas devo ao mesmo tempo confessar que me amparei na força consoladora de uma phrase conceituosa de Alexandre Dumas, pae: «Mais valem dois inimigos atraz de nós do que um amigo na nossa frente.»

A maneira original como o sr. Camillo acudiu em defesa dos seus confrades não me deixa realmente a menor pena acêrca do facto lamentavel de não ser incluida no numero dos seus amigos e prefiro as... como hei de dizer? as «rudezas» do grande romancista aos seus elogios enigmaticos. A razão é simples. Elle e o seu editor publicaram contra mim uma brochura, depois outra, *mais augmentada e incorrecta*, e ambas acompanhadas de outras brochuras manipuladas com differentes temperos e seguidas de uma debandada de miniaturas picantes, de traducções mal trajadas e de amplificações *ad libitum*. Tudo isto continha uma quantidade infinita de pequeninas miserias, de farrapos cerzidos com linhas avariadas, de protervias esbandalhadas, indignas de mim e d'elle. No entanto, e depois de varrido aquelle lixo pacientemente accumulado pela penna de um e aproveitado pelas mãos especulativas de outro,—o que resta d'esse desforço absurdo? Nada! um ecco extincto, uma tempestade n'um copo d'agua, porque a verdade é que os raios

camillianos nem mesmo de recochete me tocaram.

Ha curiosas particularidades em tudo isto e não me esquecerei de mencionar uma d'ellas, que consiste na peleja quixotesca empenhada contra moinhos de vento! Camillo Castello Branco saiu a defender um nome illustre, que eu nem mesmo em sonhos tentei desprestigiar, o de Antonio Feliciano de Castilho. Pois bem! O romancista portuense descarrega sobre a memoria do author dos *Ciumes do Bardo*, prosador vernaculo e poeta de incontestavel merito, duas terriveis responsabilidades litterarias. Affirma-nos dogmaticamente que aos vinte annos Castilho escrevia versos francezes como Lamartine e versos latinos como Virgilio! . . . Um cumulo, sem tirar nem pôr!

Será La Fontaine quem de novo me fornecerá a imagem applicavel á *morgue* do sr. Camillo.

O atrabiliario polemista de Seide leu alguma vez a fabula do urso e do agricultor?

O urso, no intuito de livrar o amigo adormecido da mosca que lhe voejava e zumbia em torno do nariz, atirou-lhe uma pedra e quebrou-lhe a cabeça.

Supponhamos que eu era a inoffensiva mosca e, circumstancia aggravante para o sr. Camillo, . . . nem sequer podia pousar nem zumbir impertinentemente em volta de um nariz... que já não existe!

Ora, se por acaso me tivessem dito que o

sr. Camillo aos vinte annos escrevia romances como Balzac, teria de certo ponderado, mesclando a ingenuidade com o assombro, mas em todo o caso excluindo intenções malignas: «Porque não estacionou esse homem nos seus gloriosos vinte annos? Para que quiz ser Camillo podendo continuar a ser Balzac?»

A minha surpresa, revelada assim, significaria quando muito uma malicia anódyna, mas nunca um delicto feio e grave que urgisse castigo prompto.

Um author dotado de maravilhosas faculdades geniaes, como as que proclamavam e historiavam as gazetas tagarellas, e logo nos primeiros annos coroado de obras primas, teria feito muito melhor se no caminho encetado parasse á sombra da grande e umbrosa arvore da gloria e colhesse por entre as exuberantes ramagens os saborosos fructos dos seus raros vinte annos. Não tinha mais louros a esperar quem ja possuia tantos e tão viçosos e o futuro só poderia estancar a seiva nativa. Daria igualmente provas de louvavel sagacidade concentrando-se no silencio, que os bons sabios de Athenas reputavam valioso como ouro, embora roubasse a posteridade; evitaria, porém, assim o desdouro de produzir fructos pêcos e verminosos.

Ha ainda duas accusações que não posso deixar correr á revelia e das quaes é dever meu justificar-me.

Fui irreligiosa porque alludi, sem me curvar submissa, ao manequim de S. Jorge! A imputação insidiosa ha de forçosamente ter arrancado gargalhadas a muitos membros distinctos do clero, escriptores illustres e polemistas catholicos. Cahe pela base lendo-se os meus livros, onde diligenciei sempre alimentar e fortificar o sentimento religioso, tanto na familia como na sociedade. O que não posso todavia é sanccionar com os meus louvores a exhibição espectaculosa das formulas do culto, que tantas vezes condemnei. Deus é o unico arbitro das consciencias: e eu deixo á opinião publica o encargo de decidir se é possivel condemnar a mulher christã em nome da religião? Graças ao ceo a verdadeira religião não é o culto ostensivo dos phariseus que a Escriptura denomina vermes dos sepulchros. A religião triumpha d'essas mascaradas hypocritas, d'essas palhaçadas ridiculas que a desprestigiam, como a borboleta de azas brilhantes e irisadas rompe a chrysalida e voa no espaço attrahida pelas scintillações luminosas do ether purissimo. Em toda a minha vida litteraria tenho sempre testemunhado o maximo respeito e acatamento pelas idéas ou objectos sagrados que elevam e transportam a alma para as regiões do infinito. Querem a prova? Releiam, por exemplo, a pagina dedicada a uma recordação, que para mim será sempre commovente e nunca esquecida; analysem o que escrevi acêrca da procissão de Santa Clara de Coimbra.

Agora mesmo, abandonando-me aos caprichos da fantasia, limito-me a pedir uma imagem de S. Jorge menos grotesca e mais conforme com os santos mysterios que pretende symbolisar; supplicarei tambem que supprimam aquella horrivel musica de pifano irritante e de tambor irritado que deve offender atrozmente o tympano delicado de Santa Cecilia, inspirada padroeira dos musicos. Por ultimo, não posso furtar-me ao desejo de fornecer um exemplo da maneira como eu entendo e comprehendo a religião docemente prégada por Jesus Christo.

Ha poucos dias, passando pela vista um jornal portuguez, deparou-se-me na terceira ou quarta pagina o annuncio de um folhetim ou correspondencia, identica a muitas outras que publicaram contra mim durante o tempo que occupei o logar, ambicionado e invejado, de folhetinista exclusiva do *Constitucional.*

Quem poderia ser o exhumador d'essa pagina esquecida, mergulhada na sombra do passado, escripta em dias remotos sob o impulso febril de uma hora de despeito ou de mau humor?...

O author d'essa diatribe deu-me em seguida eloquentes e incontestaveis provas de que não pensava uma unica palavra de tudo quanto lhe dictara o seu espirito perturbado.

E com effeito, dois annos depois d'essa aggressão, tendo eu enlaçado o meu destino ao de Urbano Rattazi, grandes infortunios fulminaram o meu... inimigo. A esposa agonisava no ca-

tre, os filhos debatiam-se nas torturas do soffrimento. Elle, dilacerado pelas garras da miseria, atravessava uma crise angustiosa, convulsionada de atrozes lutas sem treguas.... Esse homem veio bater á minha porta e raras vezes na vida se me deparou um momento de jubilo igual aquelle. Salvei-o e, facto que de certo parecerá inacreditavel, ninguem, á excepção de meu marido, leu a carta que elle me endereçara. Não será essa a maior prova de estima e consideração que um escriptor póde dispensar a outro escriptor? Elle tinha a consciencia de que eu não abusaria das suas confidencias, por isso que adquirira sobejas provas de que o meu caracter não poderia nunca transigir com uma acção aviltante. Na actual conjunctura, em que condições desairosas e ultrajantes collocaram os esmerilhadores ignorantes ou maus, impertinentes ou levianos, o meu ex-inimigo arrancando ao passado a pagina que elle primeiro de que ninguem expungira? Por modo algum revelarei eu o segredo d'esse passado, ficai certos: mas não seria provavel que o natural cavalheirismo d'esse homem lhe impozesse vir a terreiro declarar a divida contraida pela sua gratidão, vingando assim a affronta dos que fizeram das suas palavras arma aggressiva? Que supplicios de amor proprio humilhado lhe terieis imposto se eu deixasse consummar o holocausto!...

E' assim que a authora do *Portugal de re-*

lance comprehende e exerce a religião. Acreditaes talvez que não vale a vossa?

Repito, Deus que julgue as nossas consciencias.

Seja como fôr, é a esta firmeza e integridade de caracter, que constitue o meu unico orgulho, que eu devo as minhas mais preciosas e dedicadas amisades. Essa lealdade e virilidade de animo, que nenhumas suggestões lograrão domar, é geralmente apreciada e conhecida mesmo... em Portugal! Quantas e quantas pessoas me teem escripto n'estes ultimos temposcom a firme convicção de que não abusarei das suas cartas, mesmo em detrimento da minha defesa, e que serei eu a unica que as leia e releia!... Essa correspondencia inviolavel constitue para mim um pequeno estudo do coração humano... Aquelles que conhecem o meu caracter exprimem desassombradamente a sympathia que lhes inspira o meu livro, approvando ou criticando, sem ambiguidades, nem reticencias. Outros, mais timidos, ignorando o meu orgulho ou a minha *religião*, receiando talvez uma inconfidencia, limitaramse a uma carta diluida em branduras estudadas, insinuando indirectamente que disposesse do seu prestimo e condemnando os ignobeis insultos de que eu estava sendo alvo. Fallavam de malquerenças e alludiam vagamente a este, áquelle, a muitos, a todos em geral.

Muito mal me julgavam esses que se acobertavam com tão cautelosas precauções!...

Em circumstancia alguma da minha vida, grave ou futil, importante ou secundaria, sempre que uma ou outra accusação veio saltear ou aggravar o meu nome, nunca abusei da confidencia de uma affeição, do testemunho de sympathia ou approvação, nem usei de qualquer documento senão annuindo ás reiteradas instancias dos que pretendiam evidencial-os á luz da publicidade.

Ha ainda uma outra religião, que é a dos seres dotados de superior intelligencia, *religião do instincto* ou *da consciencia?*

Ha alguns annos a minha saude, alquebrada e periclitante, atravessou uma crise perigosissima. No tempo a que me refiro rezidia eu na Italia.

M. Miluott, proprietario do mais notavel e afamado estabelecimento de calçado de Paris, costumava expôr antes de me ser expedida a collecção de sapatos e botinas que me destinava. A remessa fez-se precisamente na occasião em que eu cahia no leito, prostrada por uma doença gravissima; os pés incharam-me, symptoma que a sciencia reputa de perigo eminente.

Um jornal, conhecido pela malevolencia com que me hostilisava, aproveitou o facto, condimentou-o e fez d'elle um saboreante para os paladares embotados. Rezava assim a noticia, adrede manipulada: «Inaugurou-se hontem a

exposição de botinas *chics*, de sapatinhos provocantes, do tamanho de uma aza de cotovia, destinados ás plantas da esposa do presidente do conselho de ministros de Italia. A boas horas chegam! A distincta proprietaria d'aquelles envolucros pequenissimos não poderá usal-os, porque, no momento em que escrevemos os seus formosos pésinhos, de que ella tem o altivo desvanecimento peculiar ás mulheres bonitas, estão monstruosamente avolumados e de certo não cabem n'aquelle receptaculo microscopico, salvo se lhe rebentarem a pelle e triturarem os ossos. Vejam que desgosto!»

Urbano Rattazzi dispunha-se a partir para a Camara quando lhe entregaram o jornal. Por um acaso singular a sessão parlamentar d'esse dia estava destinada á discussão do projecto de lei relativo á liberdade de imprensa, e meu marido era um dos oradores inscriptos. Que imaginam que elle fez? Não hesitou um instante entre as suas susceptibilidades, rudemente offendidas, os seus legitimos resentimentos e a sua consciencia.

Urbano Rattazzi tinha a convicção de que o progressivo desenvolvimento da patria exigia imperiosamente que a liberdade de imprensa fosse definitivamente implantada, ao abrigo das modernas instituições. N'este sentido discutiu calorosamente, como se eu não tivesse sido o alvo de um gracejo ignobil, planeado de antemão pelos seus inimigos, que assim

pretendiam invalidar o principio, apresentando-o sob um aspecto irrisorio. Foi n'essa memoravel sessão que elle proferiu o famoso discurso que a Italia jamais esquecerá:

«Não toqueis na imprensa, é um sacrilegio monstruoso...»

Accusaram-me tambem no libello de haver estropiado, mutilado e alterado palavras e nomes portuguezes!.. O caso demanda execução summaria e garrote. Graças a Deos, preveni-me a tempo e possuo um depoimento plenamente justificativo. Depois que a morte arrebatou o meu velho amigo Sainte-Beuve, que muitas vezes teve a bondade de rever as provas dos meus artigos publicados no *Constitucional*, ao mesmo tempo que revia as suas, um outro dos meus amigos, não menos illustre, Paulo Lacroix, (o bibliophilo Jacob), dispensou-me identica finesa. Abandonando Paris pelos fins do mez de outubro, em consequencia da minha saude que não me permittia ahi residir durante o inverno; hesitando entre uma viagem á Madeira ou a Malaga, n'esses dois terriveis mezes em que era indispensavel fugir ás nortadas cortantes e aos gelos que tão fataes são ás compleições fracas, encarreguei o sr. Lacroix de ver e corrigir as provas typographicas e facilitei-lhe o encargo entregando ao meu editor, sr. Degorce-Cadot, o manuscripto cuidadosamente colligido e revisto na parte orthographica dos nomes proprios por um

cavalheiro portuguez. Mas o distincto bibliophilo achava-se a braços com negocios importantes, além d'isso fraquejavam-lhe as forças phisicas, de modo que se viu na necessidade de pedir ao sr. Degorce-Cadot uma espera de alguns dias. O meu editor que fiava do livro, apesar de modesto, condições de grande exito, entendeu que qualquer demora o prejudicaria e recusou o adiamento, privando-me assim da illustrada revisão do meu velho amigo. As provas foram pois enviadas a Tony-Révillon, ex-redactor principal da *Petite Republique Française* e um dos mais espirituosos collaboradores das *Matinées Italiennes*.

Tony-Révillon é de certo um habil romancista, um fino talento scintillante e perspicaz, o que não attenua a sua crassa ignorancia acêrca de Portugal. Creio firmemente que Tony-Révillon nunca até então ouvira fallar de Portugal. Conhecia de tradição Camões, os *Lusiadas*, o nome do Richelieu portuguez, «marquez de Pombal» e mais nada! É muito para um romancista genuinamente parisiense; mas muito pouco para o revisor do *Portugal de relance*. De resto, o intelligente e humoristico Tony-Révillon teve a franqueza de confessar a sua profunda ignorancia e a confissão foi tão graciosa, tão simples e tão espontanea que desarmou completamente todas as minhas coleras. O meu amavel confrade applicou-se a corrigir os lapsos de imprensa, diligenciando

trasladar o manuscripto com o maior rigor e nitidez; mas ainda assim accumularam-se os erros a ponto de adulterarem *escandalosamente* a phraseologia lusitana! Seria eu a primeira a mencionar esta occorrencia desagradavel, ter-me-ia accusado, curvado a fronte e murmurado convicta e arrependida o *mea culpa!* Teria inclusivamente relaxado ao braço secular dos colericos *estropiados* o castigo exemplar que merecia o author de *Noemi*, o brilhante e audacioso polemista do *Rappel*...

Mas, ai de mim! a esse tempo já eu estava algemada á braga dos delinquentes e sentenciada sem appellação pelos juizes inexoraveis!

É para mim ponto de fé que os escriptores portuguezes não me applicariam as ventosas sarjadas do seu furor lampejante e cru se não tivessem a consciencia impeccavel e a convicção absoluta de que nunca, nem por obras nem por palavras, perpetraram o menor erro ao fazerem citações francezas na lingua de Voltaire ou da diplomacia...

Limitar-me-hei, muito ingenuamente e muito sinceramente, a invejar esses prodigios de vinte annos, essas frontes enramadas pelos louros da gloria e a declarar que não alimento, infelizmente, a minima esperança de opulentar-me com os thesouros maravilhosos d'essa peregrina sciencia infusa de que elles, os prodigios, dão fartas e exhuberantes provas em

deslocações virgilianas, shakspearianas e lamartinianas!

Devo acrescentar que me recolhi a um silencio impenetravel e que não revelei cousa alguma a Révillon, nem mesmo lhe transmitti o echo das injurias que me foram largamente liberalisadas por todos quantos perpetraram o *asinus asinum fricat.*

E comtudo, poderia ter repartido com o meu illustre amigo larga parte d'essa abundante colheita de vilipendios soezes: elle semeara tambem, logo devia recolher.

Em relação á auctora *Portugal de relance* annullaram-se os mais elementares preceitos da delicadesa: muitos aproveitaram perfidamente o ensejo para vingarem suppostos aggravos; outros, nimiamente condescendentes, abandonaram-se indefesos á cheia caudalosa e turva de coleras absurdas e despeitos pueris!

Mas, reatando o fio da oração de que me desviou um ligeiro circumloquio pelo terreno das allusões.

Ha cerca de dois annos tive a satisfação de encontrar Henrique Delaage em casa do sr. Odinet, abastado armador do Havre.

«Quanto estimo vel-a, minha senhora, disse-me elle; não me atrevi a procural-a e muitos annos têem decorrido sem poder realisar os desejos que nutria de lhe fallar!.... Fui eu a causa directa, mas innocente, de uma violenta aggressão que de certo a maguou. Sei que v.

ex.ª e o sr. Rattazzi procuraram inutilmente o author de um artigo satyrico, assignado pela inicial X... Já não existe! Foi elle que invertendo os deveres da amisade que me dedicava pretendeu vingar-me, em seguida a ter v. ex., assumido a direcção do folhetim do *Constitutioaal*, que me fôra promettido assim como a madame Dask. Debalde intentei dissuadil-o de semelhante proposito, não o consegui e ainda hoje conservo indelevel a recordação do desgosto que experimentei.»

Não poderá dizer-se, á conta da occorrencia exarada, que foi esta uma das taes vinganças de recochete?

E quantos, seguindo o exemplo, anavalharam e morderam na sombra ignota da intriga subrepticia o meu nome, — o meu pobre nome que ninguem até hoje ousou accommetter de frente!

Vae longo o prefacio: urge concluil-o. Até aqui tenho-me defendido d'aquelles que por qualquer motivo se julgaram incursos na obrigação de me hostilisar, em desaggravo de insolitos escrupulos exuberados de consciencias assanhadiças, litterarias e patrioticas.

Attribuiram-me intenções acrimoniósas á conta de umas palavras liberalisadas aos subditos do imperio brazileiro!

Quem me diria que até as minhas ultimas linhas reverteriam em novo desengano para o coração que as dictara? Quem poderia vaticinar-

me que esse desengano proviria exactamente das paginas, espontaneamente e irresistivelmente inspiradas pela nobre e altiva cidade de que Portugal justamente se ensoberbece?

Refiro-me ao Porto, á invicta cidade que de longe nos namora e attráe com a alvura das suas casas debruçadas sobre as vertentes do Douro, com os seus horisontes infinitos banhados no azul dos céus e nas verduras dos campos em que o sol entorna os seus jorros de luz fecunda e sorridente.

O Porto, cujos filhos activos, intelligentes, infatigaveis e laboriosos constituem o braço energico e o coração que mais vivamente pulsa no organismo portuguez.

Pois bem, não houve no Porto uma unica voz que se elevasse para protestar!...

Ao contrario, — na medonha tempestade obumbrada de nuvens prenhes de granizo, abalada pelos ribombos tetricos dos trovões e pelas descargas electricas dos coriscos, o sr. Camillo, assumindo a magna presidencia dos dyscolos, foi largamente subsidiado não só pelo desafinado côro dos portuenses, como pela bolsa larga de um editor francez, apparentemente desnacionalisado...

Registro o facto, não só porque me pungiu no mais intimo e porque foi duplamente inesperado, como porque envolve elle simultaneamente uma injustiça e uma ingratidão.

Tu quoque, Porto!

Verdade é que no Porto honesto e consciencioso, no Porto nobre e digno, a reacção tambem não deixará de produzir-se.

Mereço-a, espero-a e conto com ella.

Depois do que fica dito, deixo ao meu livro a missão de se justificar. Escrevi-o inspirada pela poesia radiosa e bella de Cintra, pela austera grandeza de Alcobaça; é filho da minha sympathia por um povo que amava e admirava, a quem me prendem um sem numero de recordações affectuosas e gratas que ainda hoje subsistem, embora entresachadas de lacunas tristes.

Quem sabe se impellidos por um obstinado rancor inconcebivel, estimulados pela teimosia que não recua nem diante dos mais elementares raciocinios, possessos de uma exaltação demoniaca, digna de melhor causa, os meus detractores não irão ainda espancar a traducção do livro que resistiu ao fogo das suas baterias?...

O escriptor, porém, respondeu pela ultima vez, addicionando ao seu primitivo trabalho estas desordenadas paginas, rapidamente escriptas. A mulher limitar-se-ha a repetir com a serenidade que provém da consciencia:

Non raggionam' di lor' ma sguarda e passa!..

Sevilha, 15 de Março de 1880.

MARIA RATTAZZI.

PREFACIO DA EDIÇÃO FRANCEZA

As paginas que vão lêr-se, são simples apontamentos de viagem. Disse o que vi; e o que vi, descrevi-o ou contei-o, sem me prender com as pessoas, nem com o que ellas podessem dizer ou pensar. Só por este modo se faz trabalho sério; e não recuando nunca ante a expressão da verdade, quiz sempre ser util, mesmo áquelles que não receei julgar com uma certa liberdade.

Em um trabalho do genero d'este, quando não é precedido de um estudo sério, aturado e reflectido, ha sempre difficuldades a vencer, para attingir exactidão completa nas apreciações. Os escriptores que fazem estudos ácerca do seu proprio paiz, esses pódem investigar á vontade pelos archivos e bibliothecas, e recolher, nos proprios logares, indicações da tradição; e no emtanto fazem as vezes obras, em que a critica encontra com que se entreter. Portanto, não será caso de admiração encontrar algumas lacunas, inexactidões, apreciações erroneas em um livro escripto a correr, sobre impressões

recebidas de passagem, sem haver tempo de examinar, consultar e corrigir!

É essa unicamente a minha desculpa aos olhos dos que podessem encontrar alguma severidade no modo de julgar os factos ou pessoas, ou alguns louvores exaggerados ou menos merecidos. Em todo o caso, escrevi segundo as minhas apreciações, e segundo o que a minha consciencia me dictou.

São taes os erros, quando se trata de Portugal, que ao lêl-os, imaginar-se-hia que os escriptores fallam de um paiz inaccessivel e situado nos antipodas. Apresento o seguinte exemplo, entre mil, a respeito de uma das épocas mais notaveis da historia de Portugal, o reinado de D. Pedro.

A despeito das noções primitivas emittidas por Burdin, Olymerich d'Evrard, Domingo Jardo, os conhecimentos que se tinham ácerca de Portugal, estavam tão esquecidos, que, quando um poeta francez d'essa época tentou descrever o rei de *Lisbonne la Grant*, não se informou sequer, do nome verdadeiro d'esse rei e chamou-lhe *don Fagon*. «Adeus magnificencia guerreira que acompanhava por essa época o cavalleiro que pegava em armas: o rei que reina em Lisboa, se vamos a acreditar no que diz o poeta das chronicas de Du Guesclin, não encontraria entre os barões que tão rudemente combateram em Aljubarrota, um só homem capaz de resistir a Mathieu de Gournay: é um extranho que entra na justa contra o nobre inglez, e o rei *Fagon* só tem como recurso para vingar a honra nacional, fazer entrar na liça um Bretão!»

Perpetuaram-se os erros: e, presentemente, os escriptores têem sido ou extremamente severos, como Mr. Braine, ou extremamente lisongeiros. Pela minha parte, confesso que não tinha idéa alguma de Portugal, antes da minha primeira visita a esse paiz.

Visitando-o varias vezes, é que poude fazer d'elle uma idéa nitida, apreciar-lhe o caracter, reconhecer os

inconcebiveis erros espalhados pela Europa a respeito d'esta bella região, e que me veio o desejo de ser util talvez, restabelecendo a verdade.

Portugal guardou até hoje a sua originalidade primitiva, os seus modos pittorescos, a sua côr pessoal, para assim dizer; mal pisâmos esta terra desconhecida, apodera-se de nós um certo attractivo de novidade que renasce a cada passo: a propria natureza, assim como os usos e costumes, em nada se parece com o que até ahi encontrâmos nas outras viagens; é isto que explica, em parte, os juizos erroneos formulados a seu respeito.

Confesso que tenho profunda sympathia por este pequeno e valoroso paiz que muitos suppunham adormecido, para não dizer morto, e que a sua notavel exposição no Campo de Marte, apesar de algumas lacunas, por assim dizer revelou. A sympathia que me inspirou, dá-me, creio eu, o direito de manifestar as minhas impressões exactas a seu respeito, sem injustiça, nem lisonja.

Tenho fé na parte que Portugal, para o futuro, ha de tomar na Europa: effectivamente, quando se lança uma vista retrospectiva sobre os successos principaes da sua historia, sobre as grandes recordações que constituem as suas tradições, e que tão poderosamente contribuiram para formar o caracter e a physionomia nacional; e quando, por outro lado, se estuda o seu presente, calculando as forças e os elementos de que dispõe para a sua regeneração, parece fazer-se uma brilhante luz, e sem querer ter pretenções a propheta, presente-se que está reservado vasto logar á influencia de Portugal nos horisontes futuros.

Se é possivel formular-se o problema do futuro de uma nação, vou eu vêr se o estabeleço com respeito a Portugal.

Comecemos pelo passado. Que ha maior que a epoca heroica da sua historia? Que coisa existe mais maravilhosa que a conquista das Indias?... Camões só teve

que relatar fielmente, em uma linguagem digna dos altos feitos que celebra e do heroe cuja gloria canta, os grandes acontecimentos que assignalaram a historia da sua patria, para escrever um esplendido poema; porque as proezas mais parecem ficção de epopea, que realidade da historia!

A historia de Portugal é uma escola de heroismo, como disse o grande imperador; é uma historia maravilhosa escripta pelas esplendidas acções de Henrique de Borgonha, de Affonso Henriques, de Egas Moniz, de Bernardo de Froilas, o Cid portuguez, de Alvaro Paes, de Verez Corrêa, Martim de Freitas, Giraldo Giraldes, Affonso II, Affonso III, rei dos pobres, o bom D. Diniz, o pae do povo, Affonso o Bravo, D. João de Aviz, o santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o infante D. Henrique, D. João II, D. Manuel o Afortunado; e de todos esses heroes das Indias, Vasco da Gama, Cabral, Pacheco, Albuquerque, D. João de Castro, Luiz de Athayde. Desde Vieira, esse heroe do Brazil, até ao marquez de Pombal, o ministro comparado a Richelieu! Que serie de nomes illustres! Que successão de gloria!

E tambem, que contrastes n'essa historia! A miseria a par do esplendor, a fraqueza a succeder á falta de energia! A edade-média a apresentar esse grande espectaculo de reis estreitamente associados á nação representada pelas côrtes: depois as luctas contra a nobreza e o clero, e a inquisição triumphante afogando a liberdade e o progresso: depois, ainda, a ruina, a invasão, a guerra civil, e, finalmente, uma restauração tão anciosamente esperada.

Nem só pelas suas qualidades conquistára esse povo um logar tão vantajoso nos destinos do mundo. Tambem o devêra ás condições topographicas da sua capital, á facilidade natural do seu commercio: de facto, é incomparavel o porto de Lisboa; está abrigado dos ventos perigosos e das tempestades. Póde affoutamente dizer-se, que é unica a sua situação, debaixo do ponto de vista

maritimo. Na época do grande poder colonial d'aquelle paiz, o seu porto era o mais frequentado do mundo; depois, tendo-se deslocado o eixo do commercio, decaiu a sua importancia. A sua prosperidade desappareceu com a grandeza nacional, e, principalmente, em seguida á dominação da Hespanha, que, ligando-a á sua sorte, lhe deu o ultimo golpe. Inglezes e Hollandezes, quasi que aniquilaram o seu commercio, tirando-lhe as principaes colonias.

Quando Portugal sacudiu o jugo extrangeiro, estava despojado da maior parte dos territorios immensos que os seus navegadores lhe haviam conquistado. Entregue ás suas proprias forças, soube, comtudo, manter o seu logar na Europa durante largo tempo, como o attestam a rapida enumeração das suas façanhas, das suas conquistas, da sua passada grandeza.

Chegou a decadencia como para todas as grandes nações, em seguida a grandes erros.

Tudo o que tinha lido deixára-me a impressão de que Portugal se achava ainda no seu periodo de decadencia. Sabia vagamente que, ha vinte annos, trabalhava por readquirir o seu logar na escala das nações, mas os livros que eu consultava, só me davam, como já disse, uma idéa imperfeita, uns censurando em demasia, outros excedendo os limites do lyrismo. Tornei a lêr uma excellente historia devida á penna de mr. Bouchot. Esta historia, publicada ha muito, exprimia-se em termos mais que severos. Fallando da revolução de 1851, dizia o auctor que quasi não trouxera fructos felizes: «O progresso parado, a realeza apoucada, as Côrtes divididas, a imprensa desbocada, o poder em mãos inhabeis ou malévolas, mal contida a insurreição, as finanças mais do que nunca arruinadas, a Inglaterra victoriosa, taes são, até hoje, as mais claras consequencias da quéda do conde de Thomar!»

Este quadro parecia fazer acreditar que a decaden-

cia de Portugal continuava. Era um erro: começára o periodo da regeneração.

Ha um momento na vida das nações em que é necessario morrer ou rejuvenescer por novas instituições, e uma vez começado esse rejuvenescimento, encontrando-se no mesmo caso que os paizes novos, póde-se e deve-se contar com o futuro. A Inglaterra remoçou varias vezes desde Cromwell até Roberto Peel; o mesmo se deu com a França, desde Richelieu até ao restabelecimento da Republica; á Hespanha succedeu egual desde o conde de Florida Blanca até Martinez de la Rosa, e el-rei Affonso XII.

O novo Portugal data da regencia de D. Pedro, e póde, d'ora ávante, crear uma situação digna do seu passado, apesar da perda do Brasil, das guerras civis, das difficuldades da nova organisação politica, do embaraço das finanças, da necessidade de fazer face a despezas consideraveis e do estado atrazado de certos ramos do serviço publico, que não se encontram em relação com o desenvolvimento dos espiritos, nem em analogia com a actual posição do paiz; mas um reino que existe ha sete seculos não póde contar com o futuro, como um estado completamente novo, cujas forças mal começam a desenvolver-se. A sua historia mais o induz a descançar do que a caminhar; e tendo contribuido largamente para a obra da humanidade, deve poder viver á sombra dos seus louros. Como os descendentes dos que conquistaram a fortuna e os homens pelos seus trabalhos perseverantes, alguns povos historicos renunciam ao exercicio da sua actividade e vivem do passado: Portugal trabalha na obra da sua restauração, mas da unica maneira porque os povos antigos se pódem regenerar; é facil provar isto pelo seu estado actual.

O presente: É incontestavel que o Portugal de hoje, já não é o de Albuquerque, de Vasco da Gama, nem o de Camões. Já não descobre mundos, não os conquista, não escreve mais *Lusiadas*. Já não pensa em reno-

var esses tempos em que, pelas suas possessões, pela sua população pela sua marinha e pelo estado das outras potencias, tomára logar no numero das primeiras nações da Europa. Deve honrar a memoria d'aquelles que tomaram a sua parte, em tanta famosa proeza, mas não quer desviar-se das suas recordações historicas, nem procurar o ideal moderno n'outro ponto que não sejam as glorias do passado.

Para conhecer a verdadeira situação actual d'este paiz, devem-se estudar as estatisticas, examinar o seu commercio, a sua industria, as suas finanças, e o gráu de adeantamento da instrucção publica. O nosso livro dará, ao que julgamos, indicações interessantes, sob uma fórma humoristica, acerca d'estes diversos assumptos; apresentaremos um pequeno resumo pelos algarismos abaixo indicados:

Portugal é mais povoado que a Hespanha (48 habitantes por kilometro quadrado contra 33); é menor a mortalidade (26 p. c. contra 30); ha mais casamentos (13 p. c. contra 12). A superficie coberta por caminho de ferro é quasi egual (120 kilometros quadrados contra 124). São em maior numero os telegrammas (17 por 100 habitantes, contra 9 d'outra parte). O exercito custa mais barato (o imposto é de 9 francos menos sobre cada contribuinte); finalmente, a divida publica è 8 vezes menos consideravel.

Esmagado como está pela Inglaterra, Portugal importa e exporta relativamente mais que a Hespanha. Sob o ponto de vista politico, é-lhe muito mais superior, e varreu do seu caminho absolutistas de toda a especie. O que impede que elle caminhe desaffrontadamente é o Inglez, que o tem como que em vassalagem desde o tratado de Methuen.

Queixei-me, no decurso d'este livro, de falta de documentos. No emtanto, apresento um dos mais curiosos. A Inglaterra bebeu no anno de 1877, 50 milhões de litros de vinho de todos os paizes, a quarta parte dos

quaes foi de Portugal. O valor dos vinhos do Porto, exportados para lá, subiu a 20 milhões de francos, em 1868, a 33 milhões e meio em 1877, que paga em ferro, lãs e algodões! É o livre-cambio do *lobo e do cordeiro*. Quando Portugal se decidir de vez a ser alguem, encontrará as surdas resistencias da Inglaterra: sabe-o bem, e é esta a rasão porque a ella se entrega. A parte é extraordinariamente forte.

Mas estes obstaculos não conseguirão detêr o seu arrojo; por muito insensivel que seja, é evidente o progresso ha vinte e cinco annos, aos olhos dos que julgam imparcialmente; virá um dia, dizem alguns historiadores que poderiam ser prophetas, em que elle conquistará a Hespanha pelo contagio do exemplo. Mas esse dia, diz um dos meus amigos, está destinado á Republica; e esse será para a peninsula o começo do edificio. Mas como tal terreno é demasiadamente quente para mim, e me está completamente vedado, vou abandonal-o, para voltar ás minhas considerações geraes.

Quando passamos em revista os elementos de que Portugal dispõe, as forças de que se póde servir para attingir com certeza o fim que ambiciona, fixamos perfeitamente o seu futuro.

Em primeiro logar, como todos os Estados secundarios, Portugal encontra as garantias da sua independencia, menos nas proprias forças, do que na egide dos principios conservadores do equilibrio europeu. A sua situação na extremidade do continente põe-n'o, mais que a outro povo, ao abrigo das convulsões europeas. Este estado de neutralidade e de segurança é proveitoso a um povo, cujos esforços todos devem tender simplesmente como já dissémos, a um trabalho de reforma interna.

Em segundo logar, a maravilhosa situação da sua capital na extremidade da Europa reserva-lhe uma parte importante no futuro, quando estiver em communicação mais directa com a Hespanha e com a França. O

que falta actualmente a Lisboa, é um ponto de ligação com os caminhos de ferro do Norte da Hespanha, e, por consequencia, com toda a rêde europea. O commercio actual com a Hespanha é insignificante, e deveria ser consideravel. Lisboa é o desaguadoiro natural das explorações hespanholas, em quanto que é principalmente o commercio com o Brasil e a Inglaterra que alimenta as suas transacções e os seus cambios.

A falta de estradas e de communicações praticaveis, tem sempre paralysado o trafico entre os dois reinos, o que em breve os tornou extranhos um ao outro: separou-os essa falta de laço dos interesses materiaes, pelo menos tanto como os rancores historicos, agora assolapados.

Sob um clima delicioso e fertil, com uma raça energica, sobria e valente, nunca se deve desesperar do futuro de um povo.

Se falta a confiança n'esse futuro, se Portugal não tem ainda na Europa a importancia que lhe merecem o seu passado, as suas forças actuaes, e as suas tendencias liberaes, é porque no movimento contemporaneo dos grandes Estados, desapparecem os pequenos, e porque a opinião, que só os factos ruidosos conseguem interessar, é injusta para com a obra relativamente obscura de homens superiores que applicam faculdades de primeira ordem ao progresso e á prosperidade de uma nação de quatro milhões de habitantes.

No dia, em que o interior do reino se propuzer a manifestar todas as suas forças, em que a marinha de guerra e a marinha mercante conseguirem alcançar uma força consideravel, e em que as colonias tão ricas e tão vastas se constituirem objecto de explorações intelligentes, vêr-se-ha obrigado a contar com este estado, ainda que pequeno, em cada *étape* difficil que a Europa tiver de atravessar, na sua reconstrucção social. Quando um paiz possue o porto de Lisboa, um extenso littoral, admiraveis madeiras de construcção, e ma-

rinheiros para quem o clima da Laponia é tão inoffensivo como o do Congo, devemo-n'os admirar de vêr que se não tenha sabido conservar-lhe o seu logar a frente das potencias maritimas de segunda ordem.

Não desconheço os grandes e pequenos dissabores que este livro me ha de acarretar. Uns dirão talvez, que vi como uma cega e estudei como uma idiota, outros que embellezei a meu bel prazer, e estes ultimos encolerisados, não levando em conta a côr humoristica d'este livro, escripto á pressa, de relance, como o titulo indica, ameaçar-me-hão com os seus raios. A perspectiva não me commove, confesso-o. Mas a minha coragem fica a perder de vista ao pé da do meu editor. Tentei fazer-lhe comprehender a quanto elle se arriscava imprimindo a minha prosa, e que as nuvens rebentariam em parte sobre a sua cabeça. O temerario não fez caso das minhas observações e quiz correr comigo a aventura. Não é somenos o seu merito; não quiz deixar de consignal-o ao leitor.

M. R.

Saint-Sébastien, 1 de novembro de 1879.

PORTUGAL

DE RELANCE

CARTAS HUMORISTICAS

CARTA PRIMEIRA

SUMMARIO

A familia real —As distracções da côrte—A rainha Maria Pia—As suas criadas—Os seus filhos—Um traço symptomatico do caracter do joven principe D. Affonso—D. Fernando—A condessa d'Edla. — D. Augusto, duque de Coimbra — A libré de grande gala—Instituição dos titulos em Portugal.

Bem que não estejamos na epocha do rei sol, em paiz em que tudo gravite em torno do astro central, e embora saibamos que a luz que irradia em Portugal não provém unicamente das regiões elevadas da côrte, queremos entretanto tomal-a como ponto de partida, obedecendo assim ao adagio: *Ab ovo principium.*

A casa de Bragança descende de uma origem preclara, mas as illustres ascendencias nem sempre são as que menos mysterios occultam.

Luiz XIV dizia: «O que eu posso affirmar é que sou filho de uma grande rainha.»

Não se trata, porém, de nenhum mysterio allusivo

á phrase do rei «dançarino», ignorada provavelmente por Luiz XIII.

Ha mysterios ainda mais extraordinarios e que não provam menos contra a virtuosa moralidade das côrtes.

Ergueremos apenas uma pequenina extremidade do véu.

Ha alguns annos, por occasião da morte do rei D. Pedro V, irmão mais velho e predecessor do actual rei, D. Luiz I, uma epidemia endemica caiu de subito sobre a familia real.

«Ils ne tombaient pas tous, mais tous étaient frappés.»

A mortalidade crescia, mallogrando todos os esforços da sciencia e zombando das mais altas hierarquias. O proprio D. Pedro succumbiu tambem.

Os medicos, reunidos em conferencia, não podendo oppor-se á acção implacavel do contagio determinaram investigar-lhe a origem. Os mais habeis imputaram-n'a ao typho asiatico; os collegas, não menos intelligentes mas mais timidos, attribuiram-n'a á renovação do flagellante latego corrosivo, com tão rara pericia agitado nas alcovas do Louvre pelas mãos alvas de Catharina de Médicis. Insinuaram-n'o, porém, em voz baixa: todavia, o segredo explosiu exteriormente e alastrou, como uma nodoa de azeite, nos degraus do throno e no alto mundo dependente.

As peores interpretações são sempre as que mais facilmente se divulgam: tornou se, pois, facto do dominio publico que o typho arsenical de Catharina de Médicis, ainda mais subtil e mysterioso do que o typho asiatico, atravessára rapidamente o paço dos reis portuguezes. (*)

(*) A sciencia explicou a morte dos principes pelo influxo das febres paludosas que trouxeram de Villa Viçosa. Não é para estranhar que a morte successiva de tres principes excitasse á opinião publica e desse

Quem introduzira o monstro? Como lograra elle insinuar-se de paredes a dentro? Nunca se soube.

A lei da successão, chamada a intervir em virtude da catastrophe, arrancou D. Luiz do seu posto modesto de official de marinha e collocou-o no throno; feliz, na desventura enorme que o pungia, por escapar illeso ás garras do vampiro dos Médicis.

Ha pessoas propiciadas pelo destino. D. Luiz pertence a esse numero. Duas vezes já escapou á sorte de Britannico. E' certo que não se tratava de Nero e que, felizmente, as Locustas são raras.

Affirma-se que da primeira vez o quizeram envenenar em um banquete, salvando-se o principe só por ter mudado occasionalmente de logar. Da segunda vez lançaram mão dos charutos arsenicados. Logo que levou á bôca o primeiro, o principe percebeu de que se tratava e apagou a tempo o rastilho.

A familia real compõe-se dos seguintes membros: O rei D. Luiz, sua esposa, D. Maria Pia de Saboya e dois filhos nascidos d'esta união; o rei D. Fernando, pai de D. Luiz, e o infante D. Augusto, irmão de el-rei.

O rei conta quarenta e um annos. E' um homem baixo e bastante nutrido, como a maioria dos principes da sua casa depois dos trinta annos. E' loiro e pallido e tem olhos azues, benevolos e suaves. E' um rei sinceramente constitucional. Habita o palacio da Ajuda, alcandorado sobre um comoro arido, a cinco kilometros de Lisboa.

Diz-se que o devora no seu palacio um tedio soberano, limitando-se as suas unicas distracções a tocar indistinctamente todos os instrumentos, superior n'is-

---

posto a calumnia. O que é certo, porém, é que ninguem, nem em Portugal nem no estrangeiro, lucrava em anniquilar a familia real, e só verdadeiramente se justificam os boatos que corriam no povo pela exageração caracteristica das raças monarchicas, que as impelle a assignalarem uma causa sobrenatural a factos naturalissimos.

to ao grande Frederico, *rex Tibicen*, segundo a inscripção do quadro de Jeronymo, que não tocava senão flauta. E' claro que não toca todos ao mesmo tempo, mas a sua execução é sempre notavel segundo dá testemunho o proprio Rossini.

D. Luiz adora a sua farda de almirante, que raras vezes deixa, não obstante o pezo das dragonas semelhantes ás fôrmas de cobre que os cosinheiros empregam para fazerem as «charlottes russes.»

O rei não se dedica exclusivamente á musica, propende igualmente para todas as artes; traduz Shakspeare, brilhando a sua versão de *Hamlet*, publicada em volume, pela fidelidade e elegancia de estylo.

A rainha Maria Pia é a ultima filha de Victor Manuel. Naturalmente distincta, bem que um pouco caprichosa, encanta todas as pessoas que merecem o singular favor de querer a rainha agradar-lhes. Sem que se lhe possa chamar formosa, ha na linha ondulante do seu corpo traços prestigiosos de uma belleza incontestavel. De manto de côrte suspenso do hombro, como geralmente o usa, em vez de partir da cintura, raras mulheres terão como ella o grande ar magestoso e imponente.

Se o rei se enfastia, a rainha pela sua parte não se diverte e nem sempre o occulta; basta vel-a.

Comprehende-se: não são as distracções da côrte de natureza a triumpharem do spleen.

Poucas festas, poucos bailes, exceptuando o carnaval; raras reuniões, a não ser as recepções das quintas feiras... A rainha não tem intimidades: convive quasi exclusivamente com as suas açafatas, (é este o nome que se dá em Portugal ás criadas de quarto de S. Magestade). Este emprego invejado, inferior, em hierarquia, ao de dama de honor, superior á domesticidade, exerceram-n'o em tempo duas encantadoras mulheres dotadas de uma educação finissima, casadas, a primeira com o intelligente cirurgião mór do

exercito, Guilherme José Ennes, a segunda com o poeta hespanhol, Breton y Vedra.

Actualmente occupam o logar de açafatas de S. Magestade as sr.as D. Maria das Dores da Silva, a quem a rainha distingue especialmente, e D. Maria Amelia Azedo. Ha uma outra que reside no Paço, mas que ha cerca de um anno está dispensada do serviço, é a sr.a D. Emilia de Souza. Anteriores a estas serviram as sr.as D. Julia Santos, D. Izabel Carvalho, D. Barbara Frank, D. Antonia Amado, D. Amelia de Azevedo (filha do general Azevedo), e outras que successivamente entraram e sairam.

Ha dois ou tres annos a rainha adquiriu uma extraordinaria popularidade, que se manifestou largamente por occasião da sua ultima doença.

Suas magestades teem dois filhos, D. Carlos, o primogenito, e D. Affonso. Os dois pequenos principes são loiros, bochechudos e scintillantes de vivacidade.

Nota-se n'elles, além das suas patentes de alferes e guarda marinha, uma particularidade curiosa, que consiste no seu desamor fraterno.

As más linguas insinuam a possibilidade de se renovar de futuro o tragico episodio de Eteocles e Polynice.

Diz-se que ha dois ou tres annos o pequeno principe D. Affonso—engenheiro em perspectiva— costumava brincar em um dos jardins do palacio, experimentando machinas da sua invenção, construidas, consoante a sua technica infantil, com pedaços de madeira, cordas e outros utensilios identicos.

Lembrou-se um dia de edificar uma ponte. O irmão teve a fatal idéa de cortar as cordas e a ponte desabou com estrepito. Quando o pequeno principe viu a sua obra destruida enfureceu-se, e, sem a mais leve sombra de respeito pelos direitos da primogenitura, atirou-se ao irmão e applicou-lhe uma forte dose de murros e pontapés. Difficilmente os separaram, notando-

se reciprocamente cabellos arrancados, arranhaduras e nodoas roxas, profundamente accusadoras.

Logo que o rei soube o que se passara, mandou chamar os seus dois filhos, e depois de ter reprehendido o mais velho, dirigiu-se ao mais novo nos seguintes termos:

—Agora, meu filho, peça perdão a seu irmão por lhe ter batido, primeiro porque é uma maldade, segundo porque elle é mais velho.

—Para que me cortou elle as cordas? respondeu o principe vermelho de colera.

—Fez mal, acudiu o rei, e já o reprehendi. Vamos, peça perdão, e não se falle mais em tal.

—Não! retorquiu a criança.

E não houve razões que o convencessem. O rei puniu-o com tres dias de prisão: terminado o prazo do castigo mandou-o novamente chamar:

—Espero que d'esta vez me obedecerá e que pedirá perdão a seu irmão.

O pequeno principe não respondeu; approximou-se do irmão, fitou-o desdenhosamente e deitou-lhe a lingua de fóra. Foi tudo o que se poude obter.

Parece que o rei, que tem uma predilecção especial pelo seu filho mais novo, dizia á noute aos seus familiares:

—Esta criança possue um caracter energico, é realmente encantadora.

Em virtude do principio, acima ennunciado, deveriamos ter começado pelo rei D. Fernando, a quem de direito cabe o primeiro logar na sua qualidade de regente. Pedimos-lhe perdão da irreverencia.

O rei D. Fernando nasceu no dia 29 de outubro de 1816, duque de Saxe-Coburgo-Gotha. Desposou em 1836 a rainha D. Maria II, que lhe deu onze filhos. Facto tanto mais meritorio que a rainha, viuva de um Beauharnais, tinha sido até então esteril.

D. Maria II succumbiu em seguida a um parto la-

borioso. O rei viuvo assumiu a regencia durante a menoridade de seu filho mais velho D. Pedro V.

Mantendo-se restrictamente na orbita assignalada ao regimen constitucional, o regente soube acarear as sympathias da nação. D. Fernando é um homem de presença gentil, muito alto, muito elegante e muito distincto. Trajando de caçador, parece-se com os grandes Velasquez e Van-Dyck do museu de Madrid. Usa bigode e barba enorme. A expressão das suas feições é accentuada e caracteristica.

Os portuguezes proclamam-n'o, realmente assim é, como homem do mais subido merito e da mais singular modestia.

Em 1870, o general Prim offereceu-lhe o throno de Hespanha; o bom senso e desinteresse de D. Fernando pozeram-lhe nos labios a negativa obstinada. Depois de ter amplamente cumprido o seu dever de principe allemão, dando á nação muitos filhos, o governo portuguez concedeu-lhe, a titulo de recompensa, uma pensão annual de 500:000 francos, approximadamente (90:000:000), afóra a residencia nos palacios que successivamente occupa. D. Fernando gosa de todas as prerogativas inherentes ás magestades sem ter nenhum dos seus encargos. E', pois, naturalissimo que recusasse a coroa de Hespanha, a qual não só lhe faria perder a sua naturalisação de portuguez como não lhe offerecia a menor garantia perduravel n'um paiz agitado de revoluções periodicas.

O principe brilha, além de tudo, pelo seu complexo talento artistico. Canta admiravelmente, conversa como Sainte-Beuve ou Thiers e é citado como gravador insigne. (*)

(*) São numerosas as gravuras a agua forte feitas pelo rei. «*Não ha nenhum artista que não ficasse satisfeitissimo com a execução d'este trabalho*, dizia o conde Raizensk, alludindo a uma gravura real intitulada: *O mestre eschola*. D. Fernando pinta tambem deliciosamente a aguarella. A

—Vizite o castello da Pena, em Cintra, dizem-nos os indigenas, e verá o que elle ahi fez.

D. Fernando conserva no declinar dos annos um coração terno e impressionavel. E' certo que ninguem lhe attribue a idade que realmente tem e que, a julgar pelas apparencias, parece o irmão mais velho dos filhos.

O principe apaixonou-se por uma formosa cantora allemã, dotada de grandes prendas de caracter; conferiu-lhe o titulo de condessa d'Edla, poz á sua disposição uma casinha encantadora cerca do palacio das Necessidades, e ao cabo de alguns annos, pouco antes da morte da princeza Izabel, tia do rei, casou morganaticamente com a condessa, junto da qual habita no palacio das Necessidades. E' cercada de jubilos a existencia de D. Fernando e de sua esposa, e o seu lar irradia as doces alegrias inherentes aos corações que se comprehendem. A condessa d'Edla não recebe na sua actual posição todas as honras que merecia e que por ventura esperava. Geralmente não é admittida nas solemnidades officiaes, embora a rainha a acolha benevolamente em todas as reuniões intimas de familia; entretanto, a condessa parece satisfeita com a sua sorte e faz bem.

Esquecia-nos mencionar o infante D. Augusto, irmão do rei D. Luiz. E' um mancebo de 33 annos, alto, loiro como os outros, tendo na physionomia uma expressão de enleio, mas testemunhando logo á primeira vista a amavel espontaneidade com que deseja ser agradavel a quantos se lhe approximam.

Ferido tambem por esse singular e mysterioso typho arsenical, escapou depois de uma longa doença.

---

evolução artistica recebeu de certo grandes elementos impulsivos, mercê do exemplo de Sua Magestade e dos trabalhos por sua ordem executados no Castello da Pena.

Ficou-lhe da enfermidade uma certa timidez, que não é destituida de encanto.

O infante é coronel de lanceiros. Vive com seu pai e madrasta, a quem estremece. E' vulgar encontral-o nas ruas de Lisboa, a cavallo, acompanhado do seu camarista ou guiando um phaéton.

Um problema difficil de resolver para os homens que pensam que viver importa a occupação activa de todos os momentos. A que genero de acção individual se entrega esta corte cujos representantes exercem empregos de convenção, a saber: um almirante que não é almirante senão pela exhibição das dragonas, um commandante de cavallaria que não commanda?

Para nos orientarmos na descoberta da solução é indispensavel lembrarmo-nos que a côrte é o archivo da tradicção e do habito, que a tradicção e o habito compõem-se de um milhão de pequeninos factos, que esses pequeninos factos renovam-se incessantemente, e que, em conclusão, acabam por occupar exactamente o mesmo tempo e logar assignalado aos grandes.

Ha, por exemplo, as recepções, as ceremonias de gala, os anniversarios, o beijamão. Ha mais um sem numero de vaidades a lisongear, patentes de cavallaria a assignar, titulos que convem desbagulhar, colorir, distribuir, fitas para medir ás varas, côres de seda para harmonisar, consoante o prazer dos olhos e a susceptibilidade dos amores proprios, escolha de librés, equipagens reais que é preciso conservar no genero e tom consagrados pela rotina e pelo habito, não perdendo de vista as exigencias consentaneas á epocha e ás revoluções da fortuna.

O rei de Portugal não é rico; nivelam-se, n'uma reciprocidade modesta, os seus cabedaes particulares e a lista civil que o Estado lhe concede. A organisação da casa real resente-se, logicamente, da deficiencia do orçamento; a sua libré usual é das mais sim-

ples (*). Em compensação, subsistem os dias de grande gala que em Portugal, como em todos os paizes meridionaes, constituem um acontecimento.

N'esses dias de grande recepção e beijamão, em que é indispensavel deslumbrar os vassallos, desenrolam-se todas as opulencias do luxo armazenado.

Assalariar um pessoal numeroso de criados só e exclusivamente para exhibil-o nos dias solemnes seria realmente dispendioso. Foi, pois, necessario dar tratos á imaginação para descobrir um expediente que conciliasse as exigencias imperiosas da magestade com as imposições insanaveis da economia; em taes apuros recorreu-se ao systema usado pelas emprezas theatraes em relação aos comparsas e figurantes.

Expliquemo-nos.—A libré de gala da côrte portugueza é ainda a libré do seculo XVIII, casaca encarnada á franceza, agaloada de amarello, calção, meias de seda branca, sapato de fivela, chapeo armado e espada suspensa de um largo boldrié.

Na vespera dos dias de grande gala, se sairmos a passeio pelas ruas de Lisboa, veremos dois pimpões, fardados de archeiros, (reminiscencias da guarda tudesca) munidos de um tambor e de um pifaro, unicos instrumentos que compõem a sua orchestra. Os dois homens, de casaca encarnada agaloada de amarello, páram, de vez em quando, gravemente, como pessoas convictas da importancia da mensagem real que transmittem, e executam nos seus instrumentos uma

(*) O modo de ser da côrte é singelissimo. O bom senso dos ultimos reinantes acabou completamente com as tradicções de prodigalidade ruinosa e de pompas theatraes do reinado de D. João V. Os empregos, tanto do Paço, como da côrte, aliás numerosos, reduzidos, por um calculo habil, a meia duzia de titulares, escolhidos entre a mais alta nobreza, são o de mordomo mor, grão mestre da côrte, esmoler mór, estribeiro mor, primeiro ajudante d'ordens d'el-rei, camareiro mór, grão mestre de ceremonias, capitão da guarda real dos archeiros, intendente, camaristas e preceptor dos principes, alem da camareira mór e das damas de honor.

horripilante musica desafinada, ganida em trinta ou quarenta compassos.

Seguidamente o homem do tambor atira graciosamente com a caixa para os lombos, o do pifaro guarda o apito na algibeira, e juntos caminham na sua derrota até recomeçarem, a duzentos passos de distancia, a mesma musica infernal.

Os lisbonenses, familiarisados com este singular espectaculo, não lhe ligam a menor attenção. Os estrangeiros é que não deixam de manifestar o seu ingenuo espanto. A minha patricia, madame S. . . ., perguntou-me um dia, muito seriamente e muito convictamente, se aquella musica era o annuncio de um dentista ou de um saltimbanco. Referi-lhe então como é que a côrte convoca assim para o dia immediato uma centena de homens assalariados, que enfiam a libré e affluem ao Paço, pondo nas solemnidades regias o brilho desusado e intenso das suas casacas multicores, e despindo a libré á noute, ao apagar das luzes, guardando-a no armario e recolhendo a casa, na espectativa de novos appellos ao som do pifaro e do tambor. Estes homens são conhecidos sob a designação de archeiros; o commandante é sempre um fidalgo, duque ou conde. A guarda real dos archeiros recebe um soldo pago pelo Estado.

Eis o que é a libré de gala da côrte portugueza.

Á primeira vista presta-se ao sorriso malicioso. Depois, a reflexão corrige-o e applaude.

Prefiro, mil vezes, o rei de Portugal, annunciando a rufos de tambor que não é bastante rico para manter um exercito de lacaios, ao principe que atira aos quatro ventos da ignominia centenas de milhões arrancados aos contribuintes.

A minha critica, no fim de contas, é um elogio.

Entretanto, talvez fosse mais prudente contentar-se cada um com o que tem e prescindir de mascaradas.

As equipagens usuaes do rei são modestissimas; a

rainha sai a passeio em carruagem absolutamente identica á de um particular.

Só nos dias de grande ceremonial é que a côrte se serve dos antigos coches do seculo XVIII, doirados, esculpidos, maciços, com grandes vidraças. Vi-os no dia do juramento do principe real; teem o aparato antigo e solemne e dão a sensação da opulencia. E' pena que destaquem das idéas e dos costumes actuaes, causando-nos a estranheza que produz em nós uma decoração de theatro pintada para o gaz da rampa e exhibida á luz do sol.

A mais activa occupação da realeza em Portugal é a instituição dos titulos.

Conta-se que um dia, em Paris, o empregado a quem cabia o encargo de assignar os passaportes, depois de rubricar um sem numero d'elles, tomado da vertigem inherente a essa tarefa allucinadora, largou a penna e esqueceu o proprio nome. Admira-se a gente que não succeda o mesmo ao Sr. D. Luiz. Provavelmente propiciam-n'o os genios tutelares das magestades.

A nobreza portugueza existiu, mas já hoje não existe.

Esta phrase encerra succintamente as mais prolixas demonstrações destinadas a exemplificar o facto.

A maioria dos grandes nomes portuguezes extinguiu-se, balda de descendentes, de homens notaveis ou expungida pela rasoura do destino.

Existem ainda em minoria algumas familias de preclara linhagem: porém, os seus successores não curam de avivar o brilho, obliterado, que outr'ora irradiaram os seus brazões.

Pode-se pois affirmar que a velha nobreza existiu, mas já hoje não existe.

Em compensação, ha uma nobreza novissima, que se multiplica como os cogumelos, invasora e exuberante.

Felizmente, a ninguem prejudica senão a si propria.

Em Portugal não se obteem facilmente os titulos de duque e marquez: é indispensavel merecel-os.

Os de conde são frequentes; os de visconde e barão dão-se a esmo.

Um inglez construiu em Cintra uma bonita vivenda campestre: tanto basta para fazer jus ao titulo de visconde. Um gallego, transformado em azeiteiro, exporta para a Africa toneis da sua mercancia com um terço d'agua: salta um viscondado! Um fornecedor enriquece vendendo extrume: bravo! outro visconde. Um industrial inventa um processo engenhoso de manufacturar barretes de algodão... de papel, e sapatos sem cabedal: nomeação de visconde! Um capitalista multiplica os milhões com o dinheiro ingenuamente depositado nas suas mãos por meia duzia de idiotas: barão! Um corretor inapto, a quem o paiz não deve o mais leve serviço, empresta com juros: visconde!

Outro figura mediante um emprego qualquer que o põe em evidencia: succede, porém, que se envergonha de usar o nome do pai, embora honesto e honrado; repudia o nome e faz-se conde de qualquer cousa.

Em resumo, entra-se nas fileiras d'esta nova nobreza em Portugal como se toma logar na plateia de um theatro. A comparação é tanto mais justa que assim como se obtem o logar pagando-o em metal sonante, da mesma forma se adquire o direito de mandar pôr a corôa nos bilhetes de visita e a libré nos lacaios.

Aspergiremos adrede de agua fria a vaidade d'estes fidalgos, á ultima hora, acrescentando que ninguem em Portugal se illude ácerca do valor dos seus titulos; todos sabem que os pergaminhos d'estes condes, viscondes e barões trescalam a melaço, azeite rançoso, sola, bacalhau salgado e até a exterco.

O rei sabe-o melhor que ninguem e de certo mais de uma vez terá rido das suas creações, extenuado do fabrico assiduo a que ellas o obrigam.

O que importa ainda maior augmento n'esta extraordinaria fecundidade dadivosa, é que o titulo de visconde ou barão não dá aquelle que o paga com o seu dinheiro senão o direito de usal-o em vida, isto é não tem hereditariedade, morre com o titular. Supponhamos que o rei de Portugal favorece o sr. Guimarães com o titulo de visconde das Hervilhas: depois da sua morte os filhos volvem a ser Guimarães como o avô, que puxava a carreta de calceteiro. Em virtude d'este facto o rei recompõe o titulo, fabrica-o e assigna. A chancellaria portugueza, que não é tão ingenua como á primeira vista parece, locupleta-se á custa dos direitos de mercê. Os dois ou tres filhos de Guimarães, logo que o pai desce á cova, solicitam, exporcados pela ambição fidalga, outros tantos titulos do visconde; de sorte que por um que se extingue apparecem tres. O cumulo do burlesco, frisando pela indole hilariante da opera comica, é que o primogenito da familia Guimarães não herda o titulo de visconde das Hervilhas conferido ao pai.

S.ª Ex.ª passa a ser o visconde dos Espinafres, e seu irmão o barão do Bacalhau, recaindo posteriormente o viscondado das Hervilhas sobre um estranho.

Prodigioso segredo o d'essas creações successivas!

Decorridos dez annos topa-se por acaso um visconde das Hervilhas e lembrando-se uma pessoa vagamente de ter conhecido o pai, o excellente sr. Guimarães, interroga o filho presumptivo.

— Não sou eu, responde-nos o visconde; esse Guimarães negociava em chapeos de chuva; meu pai chama se Macario e é colchoeiro.

O excesso de pretensões nobiliarias, escreve o sr. Vasconcellos, representa nos ultimos seculos o principal elemento do atraso de Portugal e Hespanha. Alimenta e sobreexcita falsas noções de honra, que longe de encaminharem os homens á selecção dos

trabalhos productivos, desvairam-lhe o espirito ambicioso, norteando-o para as regiões altas que permanecem inaccessiveis.

A vulgarisação de semelhantes erros absorve a seiva e annulla a vitalidade das nações. Particularmente a burguezia invalida esse espirito pratico que nos mais adiantados paizes da Europa lhe alcançou a importancia e opulencia congenere.

Se por um lado o desdem pelos humildes serviços do pobre e laborioso gallego, considerado inferior pelo portuguez, embora seja tão pobre como elle, é condemnavel como um prejuizo popular, não o é menos o abuso de distincções fidalgas que desvia para a imitação das existencias aristocraticas elementos inseparaveis do viver burguez e cuja falta, produzindo o desiquilibrio, falseia o caracter e a posição.

Não é com effeito o povo, mas sim a parte hybrida e desencaminhada da classe media, que figura nas revoluções que agitaram Portugal durante os ultimos quarenta annos. É especialmente sobre ella que peza a responsabilidade de se haver applicado a uma politica esteril, transmittindo pela sua versatilidade o germen da opposição ao seio dos partidos.

Synthetisando o nosso ponto de vista, escreve ainda Vogel alludindo ao mesmo assumpto, não hesitamos em affirmar que o abuso das tendencias nobiliarias em Portugal parece-nos dever ser combatido por todas as pessoas que verdadeiramente amarem a sua patria. É um mal que cumpre não exagerar, mas que é indispensavel evidenciar claramente. É obvio que na actual situação convem reagir unicamente contra o espirito que determina essas vãs ostentações aristocraticas, inseparaveis da maioria da sociedade portugueza. Só a força moral do exemplo persuasivo poderá expungil-os. Atacando pela base os preconceitos sociaes, idoneos ás aspirações fidalgas, facilmente se convencerá a opinião publica da vaida-

de d'estas na sua applicação banal, realçando ao mesmo tempo o prestigio da nobreza na esphera que lhe é propria.

Mas o assumpto que se relaciona estreitamente com a sociedade portugueza exige da nossa parte um estudo especial, destinado á analise da nobreza antiga e da nobreza moderna. Todos os factos pertencentes á historia teem uma correlação intima. Da mesma forma que as grandes cousas procedem de outras, infinitamente pequenas, assim as pequenas originam-se ás vezes nas grandes.

CARTA SEGUNDA

SUMMARIO

O clero.—Seus costumes.—As especulações piedosas.—As peregrinações.—As procissões.—Os cirios.—S. Jorge e Luiz XIII, rei de França.—S. Pedro.—As grandes exhibições nacionaes.—Campanarios e vendilhões.—A religião do Estado.

Quando, vindo de França ou de Inglaterra, desembarcamos n'esta afortunada terra onde reina o sr. D. Luiz I, quasi nos convencemos, á primeira vista, de que não sahimos da Europa civilisada, que estamos n'uma sociedade modelo, onde se respira amplamente a boa atmosphera do espirito moderno: a admiração transporta-nos, electrisa-nos, sentem-se e escrevem-se necessariamente impressões inexactas; mas, se voltamos, breve reconhecemos que fomos o joguete de uma illusão incomprehensivel.

Basta que nos demoremos um pouco a revolver a superficie, a cavar o sub-solo, para encontrarmos ao contacto da mão e sob os raios visuaes a camada profunda dos terrenos primitivos, os prejuizos, as paixões, as ignorancias do passado, apparentemente disfarçadas pelas côres variadas das terras de alluvião.

Communiquei, uma vez, esta successão de sensações variadas e oppostas a um dos meus amigos, que reside em Lisboa ha muitos annos.

— Sim, é verdade, replicou. E comtudo, é um povo intelligentissimo, que soube escolher com bastante discernimento as bellas cousas, suas e alheias, assimilando-as com notavel originalidade. Veja, por exemplo, o que elles fizeram da constituição franceza. Um prodigio! Formularam a carta e possuem um rei constitucional, camara de deputados, camara de pares, imprensa livre.

— Bem sei; mas...

— Contam egualmente tres estados: clero, nobreza e povo.

— Sim, mas ha uma differença.

— Concordo. Entre nós o clero reza, a nobreza é nobre, o povo trabalha e desfructa-se completa liberdade. Aqui, o clero simula que reza, a nobreza que é nobre e o povo que é livre.

— Assim será, repliquei; mas, ao menos, são felizes. É o essencial!

— Felizes! felizes!... Effectivamente, parecem-n'o, e é precisamente isso que os caracterisa e o que n'elles ha de mais positivo.

A reflexão, attenta e demorada, confirma plenamente a apreciação humoristica do meu patricio. Acceitemos a categoria dos tres estados, consoante a phrase do meu interlocutor, e reconheceremos que é exactamente esse o effeito que produzem em nós: uma collecção de simulacros, de titeres, impellidos automaticamente e sem a indispensavel actividade das existencias conscientes. O clero é uma reliquia, a sua religião uma formula convencional, a nobreza uma decoração e o povo uma creança intelligente e ingenua, á qual conferiram o direito de se servir das pernas e que prefere muitas vezes umas andas.

Tentemos, porém, photographar de relance todas estas apparencias, como se se tratasse de realidades.

O clero é, pouco mais ou menos, egual a todo o clero catholico do Meio dia. Recruta-se do mesmo modo,

repete as mesmas palavras, os mesmos cantos, psalmodia as mesmas antiphonas, e, conforme observava outro amigo meu, um inglez, rememorando a phrase de Swift, quebra o ovo com os mesmos intuitos. A conformidade parece excluir a analyse minuciosa. Todavia, extrema-se por alguns traços especiaes, que o distinguem da vulgaridade, e que lhe conferem uma phisionomia caracteristica e digna de attenção.

O que particularmente impressiona a quem não conhece senão o clero francez, é que o padre portuguez não estabelece a menor separação com os outros homens, nem nos habitos externos, nem nos internos, não curando de parecer uma individualidade de essencia superior. A sua qualidade de representante de Deus na terra não o priva do commercio dos mortaes e dos gosos profanos; parece que o preoccupa a phrase que um dos seus contemporaneos applicava a Leão X: *Es una bona persona, ma ama vivere*; não lhe desagradando caminhar na esteira de um papa que não era nenhum tolo. Passeia pelas ruas como um verdadeiro secular; frequenta os theatros e a sociedades, fuma, conversa e chega mesmo, não raro, especialmente se reside no campo, a organisar suave e discretamente uma familia de que se constitue chefe.

Um romancista de grande talento, que merecia ser conhecido além das fronteiras do seu paiz, desvendou em parte as secretas felicidades dos Loyson portugueses. Seria realmente muito interessante acompanhar o escriptor nas suas revelações, porque não conheço em livro algum, mesmo nos que Balzac legou, um estudo mais serio e penetrante, e não obstante o realismo da forma, mais habilmente condusido, do que o d'essas existencias, sempre mysteriosas e algumas veses poeticas; paixões humildes, irresistiveis nos seus progressos, nas torturas e delicias que encerram, tal como nos dá a analyse descriptiva, a pintura da vida do padre feita pelo sr. Eça de Queiroz, auctor do *Pri-*

mo Bazilio. Evitemos, porém, as suggestões do assumpto e a tentação de citar ou exemplificar, e, consoante o dever nos impõe, não ultrapassemos, pelo menos n'este momento, o circulo restricto da historia.

O padre, affirmemol-o sem hesitar, resgata amplamente essas fraquesas da naturesa humana, se effectivamente existem n'elle, pela exuberancia de virtudes mysticas, pela prodigalidade de orações e missas, pelo brilho com que reveste as ceremonias do culto, peregrinações, procissões, etc., e pela multiplicidade de devoções de toda a especie, que compõem a sua vida publica. Se, como se pretende, uma parte d'essa vida é consagrada ao diabo, a outra é integralmente depositada aos pés de Deus.

Lisboa, na qualidade de capital, tem n'este genero a primasia, e o rei, como magestade Apostolica que é, occupa o primeiro logar. Um jornal, descrevendo aos seus leitores a procissão do Coração de Jesus em 28 de junho de 1878, exprime-se da seguinte maneira:

«Realisou-se hontem a solemnidade do Coração de Jesus na grandiosa basilica da Estrella. De conformidade com as tradições e costumes, o chefe do Estado assistiu ás ceremonias religiosas, acompanhado da côrte, dos ministros do reino, fazenda, estrangeiros e justiça, de um grande numero de altos funccionarios e titulares e de alguns membros das diversas ordens militares. O cortejo era inferior em relação ao concurso de povo e de senhoras. A missa foi cantada a grande instrumental; officiou o reverendo deão da sé patriarchal. Terminada a ceremonia, sua magestade el-rei foi recebido pelas religiosas, que, segundo o uso consagrado, lhe offereceram o *copo d'agua* n'uma sala onde se preparara o buffete, notavel pela excellencia dos fructos e abundancia dos doces. O regimento de caçadores n.º 2 fazia a guarda de honra.»

O dia da procissão do Corpo de Deus significa para os habitantes de Lisboa um grande acontecimento fes-

tivo. E como poderia deixar de ser? Basta ver passar nas ruas esse manequim, trajando segundo os preceitos da mais correcta esthetica, estylo Luiz XIII, comprehendendo chapeo de plumas fluctuantes e espadão á d'Artagnan: não existe sobre a face da terra figura mais bella e romanesca!... Que seria quando elle exhibia as botas de ouro maciço e o manto recamado de pedrarias, sacrificado ás intemperies da pobresa?...

Esquecia-me dizer que o manequim, por singular phantasia historica, symbolisa S. Jorge. O illustre guerreiro de papelão, parafusado na sella de um cavallo de carne e osso, condusido á redea, pavonea-se grave e taciturno como se acabasse de sair de um combate authentico. Precede-o o escudeiro, o homem de ferro, mettido dentro de uma armadura de zinco, pintada de verde, especie de concha que lembra os enormes cetaceos dos tempos anti-diluvianos. Depois, na esteira d'estes personagens, desenrolam-se, em columnas sombrias, um bando de pretos hediondos, trajando uma libré pintalgada, condecorados com a pomposa denominação de «musicos de S. Jorge» e executando umas symphonias divinas, susceptiveis de arrebatarem até ao extasis o dilettantismo de Dahomé ou Moçambique.

Pobre S. Jorge! Que mal fiseste a Deus para expiares assim os jubilos do teu paraiso?

Pobre rei D. Luiz! direi tambem. Porque o rei em pessoa, e não um vão simulacro de papelão, acompanha, *calcante pedibus*, a procissão; sendo essa uma das obrigações do seu officio de reinante! S. Jorge, pelo menos, não ouve a medonha algasarra que a pretexto de musica esfola os ouvidos dos circumstantes; protege-o a distancia e a beatitude. Mas o sr. D. Luiz! Que supplicio, Deus meu! Adorar Meyerbeer, Rossini, Gounod, interpretar como artista estes grandes mestres e ouvir a pé, trajando de peregrino, os musicos de Dahomé! É verdade que em tudo isto ha uma com

pensação. O exercito, de grande uniforme, faz alas nas ruas por onde transita a procissão e sua magestade tem o praser de ver os seus officiaes e soldados apresentar armas ao boneco sagrado, com a seriedade propria dos heroicos descendentes de Albuquerque e Vasco da Gama; além de que, durante o caminho, el-rei absorve as attenções do elemento feminino que se agglomera nas ruas ou se debruça nas janellas.

Ainda assim, lastimo-o do fundo d'alma.

Falemos serio. Visto que existem ainda em Portugal, como na Andalusia, todas as exhibições da edade media e dos tempos inquisitoriaes, porque é que um Chesnelong portuguez, nedio e jucundo como o de França, não teve ainda a luminosa idéa de subir á tribuna das côrtes para pedir ao rei, á rainha e á sua tenra prole que acompanhem a procissão, descalços, em camisa, cobertos de cinzas? Realmente, devia-se esta deferencia a S. Jorge e ao seu lagarto verde. Uma proposta d'esta ordem faria sorrir beatificamente, tenho essa convicção, o nobre conde de Rio Maior. E' possivel mesmo que obtivesse auctorisação para n'esse dia mandar queimar alguns judeus e muitos democratas. D'este modo a festa teria um exito soberbo e completo.

A imagem de S. Jorge é sufficiente para demonstrar a importancia de certas superstições em Portugal. S. Pedro poderia ter ciumes do seu confrade cavalleiro, se por acaso fosse esquecido no capitulo das devoções; occorre-nos, a proposito, uma legenda que tem relação com o guarda das portas celestes e que revela o natural espirito do povo portuguez.

Ha em Lisboa uma grande colonia de pescadores que, como succede em todo o mundo, labutam na rude e aspera vida do mar e ganham penosamente o pão quotidiano. No dia de S. Pedro debalde tentarieis attrahil-os para o mar, mesmo promettendo-lhes uma pescaria colossal de bacalhau fresca ou sardinha.

Quereis saber porque?... Julgaes talvez que o facto provém da veneração devida ao bom do santo que foi, por obra e graça de uma metaphora, transformado em pescador de homens, como mais tarde, em virtude de outra metaphora, o converteram em pedra fundamental da santa egreja romana.

Engano, engano completo, que largo tempo partilhei com o leitor na melhor boa fé e de que só ultimamente me desilludi. Resolvi interrogar ácerca d'este delicado ponto de historia sagrada um velho explorador do oceano, que encontrei em casa do meu excellente amigo, visconde de S. J.

— V. ex.ª sabe perfeitamente, disse-me elle, que S. Pedro é o guarda portão do paraiso e possuidor das chaves. Ora, no dia da sua festa, o bom Deus dispensa-o do serviço e o excellente homem vae passear para se distrahir e esquecer as fadigas da sua profissão. Se n'esse dia tivessemos a desgraça de cahir ao mar e mergulharmos para todo o sempre, achariamos fechadas as portas do ceo e só o diabo sabe para onde iriamos. Em tal caso é preferivel não nos expormos e é por isso que no dia de S. Pedro ninguem se aventura no mar.

Desçamos mais um degrau e passemos das procissões aos cirios. Cirio, em portuguez, tem duas significações: véla grande de cera para uso das egrejas; festa ou romaria. Ora como não ha procissões sem vélas, tomou-se a parte pelo todo e as procissões ou peregrinações adquiriram a denominação de *cirios*. E' preciso, porém, distinguir. N'estas devoções ao ar livre ha duas categorias: o *Corpus Christi* e o *Coração de Jesus*, são procissões; o resto, a prata miuda do culto, distribue-se pelos *cirios*. (*)

(*) O Coração de Jesus é uma festa de egreja. As procissões mais notaveis são as da segunda sexta feira de Quaresma. A imagem do Senhor dos Passos sae da egreja da Graça para a de S. Roque, quinta

Vejamos em que consistem. Cada egreja em Lisboa, as dos arrabaldes e mesmo as da outra margem do Tejo, possuem imagens mais ou menos ricamente adornadas, reliquias mais ou menos authenticas, objectos mais ou menos sagrados e adequados aos milagres. São estes os seus elementos de vida; é o seu patrimonio, e não lhe faltam clientes devotos e adoradores fieis que enchem o cofre das esmolas de offerendas pingues. Além d'esta fonte perenne de receita, todos os annos, n'um dia certo e determinado, e depois de se reunirem uma banda de musica, soldados municipaes, creancas vestidas de anjos e uma irmandade coberta da veneravel poeira dos peregrinos, abalam encorporados em procissão, conduzindo os objectos a que alludimos e seguindo o itenerario previamente traçado. A' passagem dos *cirios* as sentinellas gritam ás armas, fazem a continencia militar, todos se descobrem e os mais devotos ajoelham na dura pedra das ruas. Aconselho-vos a que tireis o chapeo, sob pena de serdes obrigado a fazel-o perante a imposição da policia.

Os cirios servem pois para recordar ao povo que esta ou aquella egreja é a depositaria dos restos venerandos que lhes foram legados pelos fieis de outras eras; a troco da modesta esmola que largueis na bandejinha do peditorio podeis ter a honra de beijocar a benta reliquia e alcançardes do céo ou do santo a que perteneceu o fragmento sagrado todos os favores e graças celestiaes. E' uma questão de preço tarifado, segundo parece, pela competente tabella. O falso pescoço do santo leproso ou a tibia de S. Elephantiasis

---

feira á tarde, voltando na sexta feira, tambem de tarde, para a da Graça. As esmolas dadas pelos devotos da imagem attingem todos os annos sommas consideraveis. A familia real visita o Senhor dos Passos em S. Roque. Ha ainda outras procissões notaveis, como as de N. S. da Saude, a de sexta feira de Paixão, (vulgo do «Enterro»), e especialmente a de N. S. do Carmo.

podem adquirir-se por preços muito rasoaveis e modestos; mas as bragas de Santo Ambrosio, a camisa de Santa Ildegunda ou o fragmento da cauda do cevado de Santo Antonio, só podem ser osculados pela alta nobreza ou pelas pessoas que teem bolsa farta e replecta: paga-se um addicional.

Esquecia-me dizer que durante os *cirios* os irmãos de confiança exercem o peditorio e á noitinha, quando as reliquias regressam á egreja, os musicos, peregrinos e outros confrades da procissão retemperam-se em solemnissimo regabofe, onde a maior parte das vezes o pontapé e o murro constituem o epilogo da comedia.

Ha ainda outras festas que, embora não gosem dos privilegios dos *cirios*, não são menos curiosas e originaes. Para comprovar a minha asserção basta historiar o papel desempenhado pelos *perus* nas festas do Natal. Fallei ainda agora nos regabofes inseparaveis d'aquellas solemnidades ao ar livre: parece ser esse o supremo objectivo dos festeiros e quanto mais nos elevamos na escala das cousas espirituaes, notamos que o regabofe toma maior desenvolvimento e proporções.

Da Inglaterra importou Portugal o costume de solemnisar o Natal do Redemptor, como o maior dia do anno, aquelle em que se trocam parabens e saudações risonhas e festivaes. E' praxe obrigada mostrar cara alegre n'esse grande dia. E' claro que me refiro apenas á cara dos que recebem presentes. Os que dão, sabe Deus quantas vezes terão vontade de chorar! E para em tudo imitarem o *Christmass* dos seus fieis alliados não ha familia portugueza que não compre, para celebrar a solemnidade, um *peru*. Porque?... Naturalmente porque sendo o animal gordo e carnudo dá bem de comer a muita gente. O facto é que oito, dez e mesmo quinze dias antes do Natal não se transita em Lisboa sem se esbarrar em rebanhos de perus, que enchem as ruas cacarejando, provocados pelos assobios dos rapazes e conduzidos por homens, mulheres e creanças,

munidos de grandes canas flexiveis e compridas que servem para manter o emplumado bando dentro dos limites da disciplina.

Os vendilhões annunciam a sua mercadoria gritando descompassadamente: *perus! quem compra perus!* (*) De resto, a mercadoria annuncia-se por si mesma, visto que ninguem ignora que os perus são de uma eloquencia rara, embora pouco variada nas suas manifestações. Em plena rua o comprador apanha a victima, analysa-a no intuito de saber se ella dará um bom jantar, discute o preço, paga e leva o peru. Em todas as casas ricas ou pobres, em todos os andares do predio, desde as lojas até ás aguas furtadas, encontra-se o peru preso pelos pés, aguardando a hora do sacrificio. A localidade escolhida para a reunião do exercito de perus é o largo que defronta com uma das arcadas lateraes do theatro de D. Maria II. Nas vesperas de Natal é uma invasão! No dia seguinte, ao anoitecer, não existe um unico peru; tudo foi devorado, tudo desappareceu nos abysmos do estomago. Lisboa fez-se anthropophaga!

Pobres perus!... Verdade é que elles ignoram o destino que os espera, e n'este planeta sublunar a coragem depende quasi sempre da imprevidencia do perigo.

Todavia, esta hecatombe de gallinaceos deixou-me pensativa e perturbada. Que relação mysteriosa existirá entre o Salvador dos homens e esses volateis? Porque motivo é o peru o rei da festa e a victima expiatoria da resurreição do mundo? Symbolisará esta matança de innocentes a derrota definitiva da carne e a victoria do espirito? Assim desejariamos que fosse para gloria de todos e muito especialmente para descargo de consciencia dos sacrificadores.

(*) Peru, no singular, perus no plural. Por vicio de pronuncia ou corrupção de palavra os bufarinheiros pronunciam *perras*.

Estas puerilidades poderiam provocar o sorriso que despertam os passatempos inoffensivos, se não occultassem outras pretensões, se não servissem de pretexto a especulações sordidas e sobretudo se não contribuissem para deter o vôo dos espiritos em demanda dos progressos da civilisação.

Se a sciencia das sciencias é a que melhor sabe utilisar a tolice do homem, é preciso protestar alto e bom som contra os que pretendem que os padres portuguezes são ignorantes, — porque em parte alguma do mundo se levou mais longe a arte de fanatisar o povo!

As procissões, os cirios, as peregrinações, constituem verdadeiros mananciaes productivos. Investigae o que se passa em torno de vós em certos dias de festa: vede essas exhibições de farrapos, de imagens grotescas, de reliquias mais ou menos authenticas. E' feio, repugnante, por veses hediondo; mas tudo isso rende, tudo isso dá dinheiro, muito dinheiro. E' um Pactolo, uma California!

Sei perfeitamente que os padres não se limitam á ignorancia; exploram a vaidade humana, que se reproduz infinitamente em todos os paizes, mas muito especialmente n'este. Aproveitam habilmente todas as fases da vida e da morte. Como é indispensavel passar-lhes pelas mãos para nascer, casar e morrer, (os padres são ainda os que lavram todos os registos ou termos do estado civil) não ha maneira de evital-os. Para os casamentos ha uma tabella de emolumentos; para enterros e baptisados, outra tabella. A egreja tem diversos rendimentos. Uma missa resada no altar do Santissimo paga-se melhor do que sendo dita no altar de Santo Antonio e assim successivamente. E' um pobre diabo que solicita o Viatico? Manda-se o coadjutor da freguezia e um rapaz desempenhando por emprestimo o officio de sachristão. E' um ricasso, um millionario? N'esse caso vae uma legião de sachris-

tães e de irmãos do Santissimo, o pallio rico, a egreja em peso e uma escolta de municipaes. (*)

Exceptuando a Belgica, (**) Portugal tem sobre todos os paizes catholicos a primazia do carrilhão.

Ha em Lisboa quasi tantas egrejas como ruas e cada uma d'ellas, além dos sinos do seu uso especial, possue um carrilhão sonoro, agudo, envinagrado, que lucta denodadamente com o visinho, porfiando qual ha de fazer mais estrepito e alarido. *A ilha vibrante* de Rabelais é um sepulchro, um tumulo silencioso comparado aos carrilhões portuguezes. E' preciso ter nascido n'este paiz e educado o tympano no badalo infrene do bronze, agitado desde pela manhã até á noite, para não ser de repente atacado de loucura ou de hydrophobia.

Imagine-se o que será!... Os sinos dobram para os enterros, repicam para os baptisados e dobram ou repicam por occasião de certas solemnidades, que não sei classificar. Em cada torre de egreja ha um grande sino especialmente destinado aos signaes de incendio, mediante os quaes chamam os bombeiros e convidam os gallegos a contribuir com os seus barris de agua para apagar o fogo. Ao menor incendio na fuligem de uma chaminé, ao mais pequeno indicio de fumo ondulando levemente por sobre um telhado, temos em scena os sinos e com que despotismo! Que seja meio dia ou meia noite, a cidade é acordada pelo badalar compassado ou furioso; tudo se sobresalta, tudo entra em movimento.

(*) N'esta parte do registo das minhas impressões commetti um erro involuntario, que me apresso a corrigir na presente edição. O Viatico sae sempre em procissão, quer seja para pobres, quer para ricos. Estes teem naturalmente mais quantidade de amigos e por isso o cortejo é mais numeroso. O acompanhamento para os menos favorecidos da fortuna é mais limitado e de ordinario consta dos irmãos ou devotos, que acodem voluntariamente a acompanhar «Nosso Pae».

(**) A Belgica possue tambem muitos carrilhões, alguns d'elles magnificos.

Este facto repete-se muitas vezes na mesma noite. O que é curioso é que quando o fogo se declara em uma casa, em Lisboa, o predio arde e vulgarmente fica reduzido a cinzas desde os alicerces até aos telhados. Ha para isto duas razões: a primeira é que as casas são construidas de madeira, como as gaiolas, sem resguardos nem nenhuma das prevenções exigidas pela nova arte das construcções, porque os seus proprietarios, com o pueril receio de que haja outro terremoto, — facto excepcional que provavelmente não se repetirá, — construem as casas como se fossem gaiolas de madeira; o resultado é que basta um phosphoro para produzir um incendio. A segunda é que os bombeiros, não obstante o zelo que os anima e os admiraveis apparelhos que empregam para combater a acção do fogo, pouco ou nada obteem, por isso que sendo diminuta a agua para o consumo domestico, nem á *fortiori* se encontra a indispensavel para alimentar as bombas.

Comtudo, os sinos continuam no seu alarido aereo, alvoroçando tambem a cidade nas vesperas das festas, nos dias de festa e nos subsequentes e celebrando os baptisados, casamentos e não sei que outras infinidades de actos religiosos. Tocam todas as musicas mais conhecidas, a *Filha da sr.ª Angot*, *Orpheu nos infernos*, o *hymno nacional portuguez*, *Marlborough*, etc., etc. Como se vê, o reportorio de campanario é variado e divertido. O rythmo voluptuoso das walsas e a desenvoltura picante dos cancans alliam-se fraternalmente aos *Oremus*, ao *Alleluia* e ao *Amen*.

Na vespera dos dias de festividade os sinos badalam furiosamente desde as oito horas até á meia noite, entendendo-se reciprocamente e atroando os ouvidos. No dia seguinte começam ás quatro horas da madrugada, de modo que apenas ha tempo para dormir o primeiro somno e acordar de sobresalto; e ainda é preciso que n'esse rapido entre-acto não pegue fogo na fuligem da chaminé do visinho. Não ha supplicio

comparavel! Parece impossivel que escapasse ao Dante. Nenhum figuraria melhor nos pavorosos circulos do seu inferno.

Habitei um *hotel* que defrontava com uma egreja e não ha palavras que descrevam o que eu soffri; não tive occasião de conhecer o sineiro, meu visinho, mas não hesito em fazer-lhe saber publicamente que mais de uma vez afaguei o designio de o estrangular e saborei de antemão o jubilo da vingança. Não era um sineiro esse homem, era um assassino!

Quanto ganharão esses homens pelo mal que fazem a si e aos outros? Se a profissão de sineiro fosse gratuita, é evidente que só poderia exercel-a quem odiasse mortalmente o seu similhante.

Ainda se tocassem bem! Mas não, — prejudicariam a sua missão de assassinos assalariados e tolerados. Ao contrario, mordem-nos os tympanos, arrancam-nos gritos indignados, cantam em falsete, sem escalas completas, sem meios-tons, sem transições, sem nenhum dos attributos que constituem um instrumento harmonioso e harmonico. São cacophones!

Creio que os portuguezes acham essa musica muito bonita. Pelo menos não lhes causa maior impressão do que a que produz no ouvido do marujo a detonação do tiro de peça annunciando o pôr do sol.

Vi espalhar em algumas ruas de Lisboa grandes porções de raspas de sola para amortecer o ruido exterior e alliviar os soffrimentos dos doentes. As torres e campanarios são mais deshumanos; não recuam por cousas de tão somenos valia. Que lhes importa a morte de alguns christãos? E depois, não haverá uma estranha voluptuosidade em morrer convencido de que o Senhor chamou os fieis á oração ao som dos couplets da *Venus la Cascadeuse* de Offenbach?

Se eu podesse, sem tropeçar no banco dos reus, imitar o exemplo de Lucrecia Borgia e envenenar alguns convidados depois do jantar, para me distrahir,

confesso que não hesitaria em reunir em banquete opiparo, largamente abastecido de carnes succulentas, impregnadas de acetato de morphina, todos os sineiros lisbonenses, só para ter a gloria de livrar o mundo de semelhante flagello. (*)

Dir-me-ha o leitor que esta hecatombe, no genero da que extermina os ratos, não é de absoluta necessidade e que seria muito mais simples mandar fundir todos esses sinos desordeiros, cunhar boa moeda e distribuil-a pelos pobres.

E' perfeitamente justo o reparo. Mas que fazer?

Indicarei em poucas palavras a causa, cujos effeitos estou descrevendo muito succintamente.

Ha um artigo na carta constitucional portugueza que demonstra até onde pode chegar o desvario humano, ou pelo menos que patenteia a serie de contradicções que a nossa rasão pode conter. E' o artigo 145.º § 13.º, concebido n'estes termos:

«Todo o cidadão pode ser admittido aos cargos publicos, civis, politicos ou militares, sem outra differença que não seja a dos seus talentos e virtudes.»

Seria superfluo especialisar a indole d'este artigo. Os empregos publicos são exclusiva propriedade dos talentos e das virtudes, — o que pode ser verdadeiro sem ser verosimil; mas não é esta circumstancia que me impressiona. O que é muito mais interessante é o desacordo que existe entre este artigo tão amplo e propicio aos «talentos e virtudes», e o facto enorme, gigantesco, pyramidal de não poder um judeu, embora conhecido e declarado cidadão portuguez e perfeitamente carimbado com a carta de naturalisação, exercer um emprego publico senão com a condição de

(*) Um edital do governador civil, o sr. Arrobas, vulgo o Tigre, acaba de substituir vantajosamente a morphina, annullando os sineiros. Parabens aos nossos e aos ouvidos de mad. Rattazzi!

Nota do T.

apostatar, acontecimentos que raras vezes tem logar. Podeis ser ministro, director geral, marechal, official, alto funccionario, varredor de ruas, consoante vossos talentos e virtudes; mas é absolutamente indispensavel, acima de tudo, ser catholico, apostolico, romano. No caso negativo, não ha salvação possivel e a carta bem claramente o define.

Ainda mais. O homem chamado pelos seus talentos e virtudes a desempenhar cargos publicos, não pode amar *regularmente*, *legalmente* uma mulher que não pense como elle, isto é, como elle é obrigado a pensar segundo a carta. Quereis continuar a comer á mesa do orçamento e desposar a mulher das vossas preferencias? Perfeitamente. Mas se a mulher que o vosso coração elegeu não professar a religião do Estado, — o vosso nome desapparecerá do cadastro dos burocratas, excepto se conseguirdes fazel-a abjurar publicamente e lavar, *coram populo,* as maculas do peccado original na santa piscina do baptismo catholico, apostolico, romano.

Como é que se combinam estas cousas? Como é que uma sociedade pode equilibrar-se no meio de tantas correntes oppostas: a religião do Estado e a liberdade de consciencia (porque esta tambem é reconhecida pela carta), o principio da egualdade nos cargos publicos e a desigualdade resultante da differença dos cultos? Qual o cimento que liga no seu conjuncto estes tijolos dissidentes, estas pedras mal britadas? O problema é digno de ser meditado pelos sabios da Universidade de Coimbra.

A proposito, esquecia um personagem importante que poderia talvez fornecer-nos a chave do enigma, se por acaso fosse consultado. É o reverendo bispo de Vizeu, Alves Martins: antigo jornalista, antigo chefe do partido reformista, antigo ministro, — tal é a sua biographia. É homem honesto, talentoso, de verdadeira instrucção e lê assiduamente a *Revista dos*

Dois Mundos. Actualmente o bispo de Vizeu, tendo abandonado a politica militante, recolheu-se á sua diocese. Diz-se que protestou contra a doutrina do *syllabus* no concilio de 1870, mas que depois reconsiderou, renunciando em seguida aos negocios temporaes. Nem por isso o facto lhe invalida a competencia para explicar este singular conjuncto de liberalismo e de *syllabus*, que é o distinctivo da constituição portugueza. Desejariamos ainda dever-lhe outra explicação. Qual o motivo porque Lisboa tem patriarcha? O patriarcha é o representante do papado, assim como e nuncio é o representante do papa. Excellente! Mas a questão subsiste insoluvel. A verdade é que o patriarchado, no estado actual, não é mais do que uma superfetação. O presente obedece ao passado. Existe um patriarcha em Lisboa pela simples razão de ter sempre existido. O bispo de Vizeu, apesar de ter sido ministro e liberal, não poderia dar, penso eu, explicação mais satisfactoria.

CARTA TERCEIRA

SUMMARIO

A nobreza.—Perfis, tres quartos, camapheus.—O marquez de V... —O conde de...—A duqueza de P...—O reverso da medalha. —A ordem de Santa Isabel.—O beija-mão.—O conde... e sua familia.—O duque de Saldanha.—O marquez de Castello Melhor.

A nobreza portugueza offereceria muitos problemas interessantes no ponto de vista da logica social, mas eu não desejo afastar-me da opinião formulada pelo meu amigo.

Á primeira vista poderia acreditar-se que existe alguma cousa no brilho dos nomes sonoros que por todos os lados impressionam o ouvido, depois de nos deslumbrarem os olhos. Perfida illusão! Os ducados, os marquezados, os condados e as excellencias aristocraticas assemelham-se aos castellos roqueiros e phantasticos que a miragem nos deixa entrever por entre o crepusculo do estio, contornando-se nas tintas ondulantes de um ceo escandecido.

A nobreza portugueza, analysada de perto, é uma apparencia que vive de apparencias. Sob o ponto de vista politico, tem a sua cadeira na camara dos pares; sob o ponto de vista social, a sua realidade cifra-se

no vão privilegio dos titulos historicos, muito apreciados pelos seus possuidores.

Distinguem-se actualmente na hierarchia nobiliaria de Portugal, diz M. Vogel, as classes e os gráus seguintes:

1.º — A grandeza, reminiscencia dos *ricos-homens* da edade media, da qual participam, sob o actual regimen, o alto clero — o patriarcha, os arcebispos e os bispos, exceptuando-se os prelados ultramarinos; os duques, seus filhos, aos quaes cabe o titulo de marquez, e suas filhas; os marquezes, herdeiros do titulo, e os condes, viscondes, barões e simples fidalgos, (mercê que lhes é particularmente conferida) e todos os pares do reino sem distincção.

2.º — A nobreza intermediaria (*titulares*), comprehendendo viscondes e barões, não revestidos de grandeza (*)

3.º — A simples nobreza — *fidalgos da casa real* — ou

(*) O almanach de Portugal para 1856, que tenho presente, enumera 7 titulos de duques, 21 de marquezes, 79 de condes, 35 de viscondes e 13 de barões, comprehendidos na grandeza; mais 69 viscondes e 93 barões são investidos da grandeza. Abstrahimos da nossa lista os titulos secundarios (*titulos encorporados*) que acompanham os titulos superiores, assim como os titulos estrangeiros.

Os actuaes duques são: os de Cadaval, o mais antigo de todos os titulos, fundado em 1648, o de Lafões (1718), da Victoria (conferido a Wellington em 1812), o da Terceira (1832), de Palmella (1833), de Ficalho (duqueza, agraciada por decreto de 1836), de Saldanha (1846).

Ha um titulo de marquez e sete de condes que teem a sua origem no seculo XVI; dois d'estes ultimos pertencem ao meado do seculo XV.

Tres titulos de marquez, dez de conde e dois de visconde são do seculo XVII; oito de marquez, quatorze de condes e dois de viscondes datam do presente seculo. Além d'estes, D. João VI, desde 1801 até ao seu fallecimento, conferiu titulos a dois marquezes, dezesete condes, dezesete viscondes e nove barões. As restantes mercês nobliarchicas são posteriores e contemporaneas da actual geração.

O titulo de barão, que é novo, ou pelo menos rarissimo em Portugal nos tempos passados, é presentemente muito vulgar. Ha quarenta annos havia cinco barões; actualmente existem para cima de cem.

camaristas divididos em duas categorias, cada uma das quaes comporta uma sub-divisão em tres gráus que são os de *moço fidalgo*, *cavalleiro* e *escudeiro*, que egualmente se distinguem na pragmatica da côrte ou no ceremonial, pela côr e bordadura das fardas, cujo uso se tornou um attributo caracteristico do paiz.

Depois da qualidade de *fidalgo*, que é essencialmente hereditaria, resta-nos mencionar a nobreza pessoal, em uma só vida, inherente em Portugal a certas posições sociaes e adjuncta a determinadas funcções burocraticas, a todos os cavalleiros das ordens militares e civis do reino, a todos os officiaes do exercito e marinha, aos professores e reitores da Universidade e instrucção superior em geral, aos ecclesiasticos, exceptuando os sub-diaconos, aos magistrados, funccionarios superiores da administração, conselheiros municipaes — n'uma palavra, a uma infinidade de notabilidades, cuja nomenclatura não podemos fixar na integra. O fisco, com os seus recursos engenhosos, aproveitou como elemento de receita a paixão que existe pelos titulos e distincções honorificas, impondo pesado tributo de sello e direitos de mercê aos diplomas ou cartas que os conferem.

Desde a lei de 10 de julho de 1843 até á ultima lei dos sellos de 22 de maio de 1880, as tabellas de sello de diplomas teem ascendido n'um numero progressivo.

Como exemplo, citarei apenas o primo de um dos meus amigos, o marquez de V... A referencia merece uma pagina especial. O marquez é uma personalidade, uma celebridade, uma curiosidade digna de archivar-se. Debalde procurariamos o equivalente na galeria do duque de Saint-Simon e ainda menos na vasta e rica collecção de Molière. Em certas solemnidades de grande gala, ou de representação exterior, o marquez de V... reputa-se incurso na obrigação de seguir os coches regios na sua equipagem; ora é precisamente esta equipagem que faz do nobre marquez uma curio-

sidade unica no mundo. Imagine-se uma carruagem do seculo passado, com grandes vidros que permittem que o olhar devasse o interior, montada sobre molas e rodas que instinctivamente obrigam uma pessoa a pensar nas machinas do *Leviathan*, toda pintada de verde com recamos dourados. Ao centro d'esta caixa-throno, o marquez de V..., sósinho, de cabeça descoberta, trajando a farda de dignitario de uma ordem qualquer, com os olhos fitos parece contemplar extatico a libré do seu cocheiro, não movendo por caso algum a cabeça nem para a direita nem para a esquerda e parecendo antes uma estatua do que um homem.

A carruagem é puxada a quatro, montada á *daumont* por dois jockeis e dirigida por um gordo cocheiro, assentado n'uma almofada guarnecida de franjas que se assemelha a um divan. Na trazeira da carruagem, dois grandes lacaios em pé. Todo este pessoal exhibe cabelleira empoada e traja libré verde-clara agaloada a prata, que fere a vista a ponto de provocar tonturas. Não se pode imaginar coisa mais extragavante! Terminada a solemnidade e tendo o marquez desempenhado a parte official do programma, a carruagem roda gravemente por todas as ruas principaes e praças da cidade de Lisboa, provocando a admiração do indigena. Em Paris o marquez recolheria a casa corrido a batatas. Em Portugal protege-o a phrase sacramental: *é costume*.

Se eu fosse rei de Portugal prohibiria a este marquez, sob a comminatoria das mais graves penas, que figurasse no meu cortejo com a sua carruagem carnavalesca, embora me arriscasse a perder a corôa.

Devemos declarar, para sermos justos, que o marquez de V... é um homem extremamente instruido e notavel orador da camara alta. Que seria, Deus clemente, se o não fosse!...

O conde de..., um dos meus valsistas, um valsista,

entre parenthesis, admiravel, não é menos digno de menção. Descende de uma familia antiquissima e muito respeitada e é realmente um dos typos mais salientes de Lisboa. Contando para cima de cincoenta annos, conserva ainda um grande aspecto de mocidade. Baixo, esmeradamente vestido, elegante, distingue-se por uma extraordinaria vivacidade. Esta vivacidade será uma qualidade natural ou resultará de pacientissimo estudo para parecer mais novo? Poderia acceitar-se a ultima inducção se houvessemos de julgal-o pela petulancia que o distingue. Os bigodes do conde de... são mais negros do que o ebano. Mas cousa alguma é comparavel ao craneo do galante conde: o proprietario d'esse craneo conservou ainda alguns raros cabellos, semeados em dia de vento, cuidados com um desvelo escrupuloso e que, levantados artisticamente sobre a fronte, occupam ahi o espaço indispensavel para substituirem os irmãos ausentes. Para supprir os que já não existem, o conde applicou primeiro ao alto da cabeça uma especie de pequenino solideo,— não ousaria nunca escrever a palavra chinó, alludindo a um fidalgo tão gentil — que se confunde graciosamente com os restos do cabello; depois, cobriu-o de uma camada de pez e succo de alcaçuz derretido e para terminar, o seu creado de quarto, confidente d'esta excentricidade, abriu-lhe uma risca ao lado, á superficie d'essa massa pastosa, de uma pureza e nitidez que chegaria a causar inveja a uma menina de quinze annos. É só quando a pintura está secca que o conde sae e apparece entre os seus concidadãos. Todos conhecem o mysterio d'essa cabelleira; e não ha ninguem que não ache immensa graça ao facto do excellente homem ser obrigado a estar sem chapeo, em pleno sol ou em pleno baile, por isso que o calor tendo uma acção dissolvente sobre a pintura, esta amollece, estala, derrete-se e acaba por escorrer em fio pelo pescoço ou pelo nariz do proprietario.

O conde de... não deixa por isso de ser um grande amador do bello sexo, um galanteador que não perde occasião de adiantar terreno, o que não obsta que se contem na sua vida varios actos de verdadeiro heroismo. Entre outras aventuras referiram-me uma, digna dos melhores tempos da monarchia. O conde era camarista ao serviço da infanta D. Isabel Maria, que falleceu ha tres annos, em idade avançada, no seu palacio de Bemfica, cerca de Lisboa. Os membros da familia real são depositados no carneiro da egreja de S. Vicente de Fóra, situada em uma das extremidades da cidade, opposta a Bemfica; de modo que o cortejo funebre teve de transitar duas leguas em pleno mez de junho. A posição official e palaciana do conde impunha-lhe o dever de acompanhar o cadaver da sua real ama, a cavallo, de grande uniforme e cabeça descoberta; tarefa que desempenhou corajosamente, affrontando os raios de um sol tropical, abandonando-lhe, como presa facil, a sua massa capillar e arrostando de frente os motejos dos graciosos, que, no dia immediato, alludindo á liquidificação do cosmetico, asseveravam que ninguem figurara no enterro com o rosto mais verdadeiramente luctuoso de que o desventurado conde de... Este pequenino fraco não impede que o conde seja uma das mais agradaveis individualidades de Lisboa. Grande fidalgo em toda a extensão da palavra, obsequiador, benevolente, conversador espirituoso, o conde é unanimemente amado e apreciado na alta sociedade de que faz parte; se alguma das suas aventuras provocam o sorriso ou desafiam a gargalhada, é um sorriso sem malevolencia e uma alegria sem malignidade. (*)

Ha numerosas excepções ao axioma do meu amigo.

(*) O conde de... é irmão de um dos homens mais intelligentes de Portugal, o sr. D. Antonio da Costa.

Nem toda a nobreza portugueza se reveste de ouropeis ou está nas condições mercantis a que já me referi. Não raro, eleva-se ao nivel do seu tempo, procurando o prestigio e o esplendor nos proprios recursos e não nas tradições dos antepassados. Exemplo, a duqueza de P..., artista e esculptora de verdadeiro talento.

A familia de P... não é muito antiga, mas é riquissima e basta esta circumstancia para a collocar na primeira plana. Actualmente é representada pela duqueza, mulher de estatura mediana, um pouco nutrida, de cabellos louros e olhos á flor do rosto. Encontra-se muitas vezes nas ruas, de carruagem. Possue muitos palacios em Lisboa, mas raras vezes recebe; no Lumiar, proximo do Campo Grande, tem uma quinta deliciosa e um parque bellissimo, abastecido abundantemente de agua, onde rarissimas vezes a duqueza se digna pôr os pés. Possue tambem um *cottage* verdadeiramente senhorial e um formoso parque em Cascaes.

A duqueza de P... é uma especie de potencia. Quando D. Luiz subiu ao throno de Portugal, ainda não tinha contrahido nupcias e a duqueza fantasiou a possibilidade do joven monarcha lhe offerecer a mão e a coroa. D. Luiz preferiu naturalmente a segunda filha de Victor Manuel, hoje rainha Maria Pia.

A duqueza de P... raras vezes abre as suas salas; podem contar-se os bailes que tem dado, distanciando-se qualquer d'elles por espaço de annos. Nem bailes, nem jantares, nem reuniões, nem circulo intimo, nada! A duqueza tem uma filha encantadora e uma amiga de infancia, inseparavel, que lhe merece todas as predilecções e que lhe inspira, segundo dizem, uma affeição illimitada. Esta tocante ligação é um titulo glorioso para ambas.

Agora reparo que ainda não disse uma palavra a respeito do duque de P..., cuja historia é um romance.

A actual duqueza de P... era filha unica quando os auctores dos seus dias foram juntar-se no tumulo aos despojos de seus avós; herdou, por tanto, a fortuna e o titulo. Pouco depois de D. Luiz empunhar as redeas do Estado, pelo fallecimento de D. Pedro V, morto sem descendencia, casou o joven rei, como já disse, com uma princeza da casa de Saboya. O principe contrahira relações de amisade, a bordo de um navio em que andava embarcado como official de marinha, com outro official que acompanhou a sua boa estrella, sendo nomeado seu ajudante de campo ou qualquer emprego equivalente. Negociado o enlace, D. Luiz mandou o seu ajudante de campo a Londres para comprar a *corbeille* nupcial e deu-lhe uma carta de recommenção para a juvenil duqueza de P..., que por essa occasião estava na capital ingleza. O plenipotenciario que se chamava Sousa, Barbosa, Silva ou Mendonça, como as tres quartas partes dos seus compatriotas, partiu pois no desempenho d'essa elevada missão de confiança e entregou as suas credenciaes á duqueza. Sympathisaria a duqueza com o ajudante de campo, ou quereria vingar-se de D. Luiz, que não lhe offerera o throno, permittindo que lhe fizesse a corte o sr. Sousa, Barbosa, da Silva, Costa, Mendonça? A segunda hypothese é mais natural e decerto mais provavel. O que é fora de duvida é que a duqueza, a *corbeille* e o official de marinha voltaram todos tres para Lisboa, conduzindo-se reciprocamente. Pouco tempo depois, o ajudante de campo, elevado á dignidade de par do reino e gran-cruz de todas as ordens, desposava a joven duqueza, tomando por este facto o titulo de duque, duque de P..., isto é, como dizia a mais espirituosa das marquezas hespanholas, duque de Y-Z, de Lisboa.

Este acontecimento provoca uma estranha deducção. Em Portugal o ventre ennobrece. Não o ventre dos homens; tracta-se apenas do das mulheres, e só de al-

gumas, bem entendido. Ha ventre e ventre, veja-se, por exemplo, o de uma peixeira, que é de natureza diversa do de uma duqueza; mas como eu me declaro completamente ignorante em relação ao assumpto expendido, desejaria que me explicassem se foi realmente o ventre da duqueza que ennobreceu o marido. Houve antigamente em França, ou por outra em algumas provincias, na de Champagne, por exemplo, um uso identico. O povo francez inventou, a proposito do facto em questão, um adagio singularmente expressivo...

Mas se a galanteria franceza mudou de rumo, o tempo não alterou cousa alguma nas margens do Tejo. Aqui o ventre de certas mulheres é em tanta maneira aristocratico, que o pae pode á vontade ser salchicheiro ou dentista, sem que os filhos do matrimonio se resintam; nascem puros de qualquer mancha plebeia, nobres e escorreitos.

O duque de P... é um homem trigueiro, de cabellos pretos, barba preta cerrada; veste de preto; é alto e desempenado. Tem o ar nobre e digno do diplomata, cujo talento principal consiste em ser amavel e distincto,—o que convem realmente ás suas novas grandezas. Apparece muitas vezes nas ruas de Lisboa guiando um phaeton, puxado por dois cavallos brancos.

Em Lisboa raras vezes se falla do duque; quando se fazem referencias á familia, cita-se a duqueza de P... Comprehende-se perfeitamente: uma mulher cujo ventre tem a particularidade de ennobrecer!... É uma prerogativa concedida a poucas pessoas. (*)

Ha no entanto um lado bom n'esta aristocracia, cujo

(*) Registrando n'este livro humoristico algumas historietas que corriam de bôca em bôca no publico, não tive o menor proposito de offender uma senhora tão universalmente considerada, como a duqueza de P... Chego a lastimar ter escripto a pagina precedente, e tel-a-ia expungido d'esta edição se não houvessem alminhas capazes de insinuar

maximo privilegio se traduz por intermedio de uma extravagancia, o ennobrecimento pelo ventre. A bondade peculiar ás mulheres perpetuou-se atravez das gerações, originando por vezes instituições benemeritas.

Vem de molde mencionar a ordem de Santa Izabel, instituida em 1801 pela infanta Carlota Joaquina de Hespanha, esposa do principe regente de Portugal, João Maria Luiz José, imperador do Brazil, que em 1799 fora investido no titulo de regente, em virtude da demencia de sua mãe, a rainha D. Maria I, e que mais tarde, em 1817, subiu ao throno sob o nome de D. João VI.

A ordem compõe-se de vinte e seis damas nobres. Fazem parte d'ella as princezas da familia real. A rainha é a gran-mestre. O seu objectivo especial é fiscalisar os asylos e hospicios de orphãos. Cada *cavalleiro* tem por obrigação visital-os uma vez por sema-

---

que eu recuara perante a traducção. Varias pessoas tomaram sobre si a authorisação de propalar que o meu livro era uma tribuna aberta a *cancras* de campanario.

Na escala social não se occupa impunemente uma alta posição hierarchica sem contar muitos inimigos... e outros tantos detractores. A duqueza de P... deve, infelizmente, sabel-o melhor do que ninguem. Se me surprehendeu e irritou a maneira porque em Portugal se interpretou este trecho do livro, e até que ponto infimo tentaram perverter as minhas intenções, devo declarar que mais tarde me affligiu profundamente a circumstancia de receber mais de 80 cartas, verdadeiro *steeple-chease* de pessima linguagem e peores pensamentos, dando-me informações e particularidades minuciosas, contando-me historias e factos, provavelmente calumniosos, a respeito d'este e d'aquelle, do conde de..., da duqueza de P..., etc.

Por quem me tomariam realmente e que opinião formariam das linhas humoristicas, escriptas ao correr da penna, absolutamente inoffensivas, aquelles que queriam fazer de mim o executor dos seus rancores pessoaes ou o canal das insinuações malevolas e dos despeitos odientos? Lamentei e affligi-me, por dignidade propria, que me viessem á mão essas cartas, que desejava não ter recebido; as mais innocentes informavam-me, umas, de variados casos em que representa o primeiro papel a avareza proverbial da duqueza, outras diligenciavam explanar ridiculos pungentes, censurando-me por ter fallado d'essa senhora como artista talen-

na. Diz-se que as damas praticam o bem e a caridade não desmentindo a divisa da condecoração que usam: *Pauperum solatio*. A caridade subordina-se um pouco ás inspirações da vaidade, como em toda a parte, mas que importa? nem por isso deixa de exercer uma missão divina.

A par d'esta instituição e de outras do mesmo genero, que honram a aristocracia portugueza, mencionarei um costume que se deriva das mais delicadas fibras do coração e da bondade nativa da raça.

É o costume do beija-mão. Esse costume ou instituição existe ainda na côrte e pratica-se em certos dias designados. Mas não é unicamente ao beija-mão que me refiro. O que é muito mais interessante é que o uso prevaleceu nas velhas raças aristocraticas, como tive occasião de observar em casa do conde de... O conde de... descende de uma das mais antigas fami-

---

tosa, e indicando-me o nome, a rua e o numero da casa onde reside o esculptor francez, pae authentico das suas obras.

Possuo estas cartas e não citarei outras muito melhores,— melhores n'este genero,— que eu repudio!.. Não se admitte que uma mulher, rica, titular e intelligente, possa ser dotada de talento e amar apaixonadamente a arte que lhe dá em troca os grandes jubilos do triumpho. O despeito chega a estas negações affrontosas. Lembram-me, a proposito, as accusações do mesmo genero, lançadas á conta da responsabilidade de uma das nossas mais encantadoras actrizes,— Sarah Bernhardt. Profundamente enfastiada de ouvir duvidar da sua habilidade artistica, da proveniencia dos seus quadros, livros e estatuas, a illustre actriz, no intuito de castigar essas inepcias ultrajantes, intentou um processo de diffamação contra os principaes assoalhadores da calumnia vibrada ao seu nome. Os detractores da grande actriz estavam longe de prever esse inesperado desfecho. Corridos de vergonha, porque não houvesse modo de provarem as calumnias forjadas pelo despeito ou pelo prazer estranho de dizer mal e tendo a consciencia que nenhum tribunal os absolveria, resolveram recorrer como ultimo expediente desesperado á pessoa que tinham ultrajado, e curvando-se, reverentes e humildes, diante da celebre ex-socia da *Comedie Francaise*, pediram-lhe perdão. Sarah sorriu-se e querendo affirmar mais uma vez os dotes gentilissimos do seu espirito delicado, desistiu do processo e perdoou.

Aqui tem a duqueza um exemplo aproveitavel.

lias de Portugal. Legitimista fervoroso, não reconhecendo a monarchia constitucional de D. Luiz, vivendo retirado nas suas propriedades como um fidalgo agricultor, o conde conta actualmente cerca de cincoenta e cinco a sessenta annos. É homem de estatura regular, vigoroso e excellente cavalleiro; percorre constantemente os campos, superintendendo a lavoura. Sua esposa, a senhora de..., descende de uma nobilissima familia brazileira e foi educada em Paris. O conde tem doze filhos: quatro rapazes e oito meninas, a começar nos trinta e acabar, em escala descendente, nos dez annos. A nora do conde é dotada de uma distincção superior á bellesa: possue a bondade amavel e suavissima. No primeiro dia que jantei em casa do conde de... presenceei uma scena que se renovava todos os dias. Depois do jantar o pae, assentado ao lado de uma das suas noras, que exerce as funcções de dona da casa, levantou-se. Os filhos imitaram-o, vindo depois cada um d'elles, por sua vez, beijar-lhe a mão. O mais velho testemunhava um respeito identico ao do mais novo. No dia seguinte tive occasião de verificar a repetição da mesma scena edificante. Embora eu não seja partidaria convicta da legitimidade e não nutra o menor desejo de retrogradar para os velhos tempos extinctos, não receio confessar que achei a ceremonia verdadeiramente commovente. Significa ella como que o reconhecimento votado pelos filhos áquelles que os educaram e lhe dão o pão quotidiano, demonstra um respeito affectuoso, mil vezes preferivel aos exagerados abraços dos francezes ou aos apertos de mão dos inglezes. Tambem observei depois, repetidas vezes, que, mesmo nas ruas, quando um rapaz ou uma menina encontram qualquer pessoa idosa da sua familia, beijam-lhe a mão. Lastimarei todo aquelle que zombar d'este uso e que ao presencial-o não se sinta commovido. Isto é apenas dito a titulo de parenthesis.

A velha nobresa não offerece unicamente perfis oblit-

terados e espiritos retrogrados; possue alguns exemplares exoticos e excentricos, como notámos a proposito do marquez de V..., e outros verdadeiramente distinctos, embora não sejam absolutamente irreprehensiveis, taes como o duque de Saldanha e o marquez de Castello Melhor.

O duque de Saldanha, fallecido ha tres annos, que tive o prazer de reunir algumas vezes com Olozaga, quando eram ambos embaixadores em Paris, assim como Vapereau, que o deu por morto em duas edições successivas do seu *Diccionario dos Contemporaneos*, era uma das figuras mais curiosas e populares de Portugal. Marechal, era adorado no exercito; seus serviços, espirito e talentos assignalaram-lhe uma posição elevada e durante muitos annos gosou da admiração universal. No declinar da sua carreira, o prestigio desappareceu sensivelmente ou pelo menos eclipsou-se em parte. E' que o valente militar aquilitara por alto preço os seus serviços a Portugal, que embora bastante rico para poder pagar a gloria do marechal, nem por isso deixava de sentir o peso de semelhante encargo. Realmente, poucos teem sido os homens que custassem tanto ao seu paiz; as suas despesas exageradas equivaliam ao orçamento de um Estado. Quando o duque precisava dinheiro, o governo abria o cofre do thesouro e a chave não creava ferrugem. Para o illustre guerreiro, como para Harpagão, o dinheiro era a espada reluzente, com a unica differença que a espada de Harpagão permanecia na bainha, em quanto a do marechal trabalhava incessantemente. O duque de Saldanha envolveu-se em negocios e especulações industriaes, sem comprehender uma unica palavra d'esse genero de actividade mercantil e protegeu-os com o seu nome. É inutil referir as evoluções perigosas d'essas emprezas, mais ou menos ficticias, e os saltos mortaes que deram até mergulharem no abysmo da bancarrota; mas o governo pagava tudo.

A presença do marechal em Portugal inspirava desconfiança aos poderes publicos. Não era facil encher-lhe as algibeiras, que tinham muitos pontos de contacto com o tonel das Danaides. Por outra parte, quando não lhe facilitavam o numerario sufficiente — e é esse um dos caracteristicos d'essa epocha — o duque ameaçava sublevar o exercito e fazer uma revolução. É por isso que o governo não deixava nunca de lhe confiar qualquer missão ou embaixada, com tanto que o conservasse a respeitosa distancia. Citam-se muitas anecdotas occorridas durante a sua embaixada em Londres. Percebe-se facilmente que sempre que o marechal desejava voltar a Lisboa, não implorava a respectiva permissão do governo. Pouco lhe importava o ministro dos negocios estrangeiros ou as ordens que elle poderia transmittir-lhe.

Mas o paiz nutria justificadas apprehensões acerca do seu representante e estremecia todas as vezes que o valente caudilho vinha respirar ares patrios, visto que essas viagens não tinham, com rarissimas excepções, outro objectivo senão o de pedir dinheiro. O governo, collocado entre a espada e o *deficit*, recorreu ao expediente de mandar para junto do duque um homem dedicado, encarregado de telegraphar para Lisboa todas as vezes que o marechal perpetrasse o designio de embarcar. Saldanha percebeu logo de que genero de missão estava encarregado o novo diplomata, addido á sua pessoa como um *vade-mecum* indispensavel; e, na sua qualidade de homem de espirito, reconheceu que d'alli em diante não precisava incommodar-se sempre que necessitasse sangrar o cofre do Estado.

Eis aqui o que o duque fazia. Convidava o *vade-mecum* para um almoço; ao *dessert* annunciava-lhe, em tom confidencial, que precisando absolutamente de vinte e um contos e setecentos e oitenta mil réis, via-se forçado a partir d'ahi a dois dias para as mar-

gens do Tejo. O diplomata sentinella corria logo ao telegrapho e communicava ao governo a resolução *argentifera*. O governo, no intuito de poupar ao velho guerreiro as fadigas da viagem e poupar-se a si proprio despesas inevitaveis, mandava os vinte e um contos e setecentos e oitenta mil réis, letra paga á vista e sem desconto. O marechal dormia, apparentemente, em quanto o dinheiro durava; logo que desapparecia o ultimo real renovava o convite do almoço e repetia a mesma confidencia, alterando apenas a somma equivalente á quantia exigida. Era uma especie de Penelope. *Si non é vero é ben trovato.*

Devo notar, de passagem, que se o dinheiro não coalhava nas mãos do marechal, é porque essas nobres mãos estavam sempre abertas para os infelizes. Poucos homens protegeram tanto como elle os seus similhantes; a pobreza equivalia aos seus olhos a um titulo de recommendação.

Por occasião da revolução de 1870, ou antes do acto da deposição um pouco brutal do gabinete, o marechal Saldanha, por uma bella noite, sublevou alguns regimentos, collocou-se á sua frente e marchou sobre o paço real, de que se apossou, diga-se a verdade, sem disparar um tiro. Realisada esta bella façanha, o duque exigiu do rei, contra o qual acabava de praticar o duplo crime de rebellião á mão armada e de lesamagestade, a demissão dos ministros e a nomeação d'aquelles que lhe convinham. O rei cedeu. O marechal, antes de retirar e de mandar evacuar o palacio, pediu com a fina galanteria de um perfeito cavalheiro, que lhe fosse permittido apresentar as suas homenagens á rainha. Eram quatro horas da madrugada, hora pouco conveniente para fallar a uma senhora; mas não havia modo de deixar de annuir á vontade do vencedor: acordaram a rainha, se acaso dormia, o que não é de suppor. Introduzido o marechal, tentou elle explicar á rainha o seu pequeno passeio militar

á la belle étoile. Inesperadamente, porém, deparou-se-lhe o rosto pallido e energico da filha de Victor Manoel, que o interrompeu, dizendo-lhe:

— Senhor marechal, se eu fosse rei, amanhã mandava-o fuzilar.

Se o facto é exacto, — o que não me surprehenderia, attendendo ao caracter varonil e corajoso de D. Maria Pia, uma verdadeira filha da Saboya — n'esse dia houve na côrte um homem da estatura de Saldanha, e esse homem foi a rainha.

Fallecido o marechal, prestaram-lhe honras reaes. Foi a ultima vez que custou dinheiro, cousa que realmente não era para lastimar. Levou elle para o tumulo grandes e saudosas recordações. O governo respirou desafogadamente, vendo-se livre d'essa espada de Damocles, e o paiz, apesar da proverbial generosidade do duque, tambem partilhou em parte o jubilo d'essa libertação. Perdia-se uma gloria, mas adquiriam-se algumas libras: era uma compensação. A duqueza de Saldanha, que seu marido me apresentou em Paris, no meu palacio da avenida d'Antin, e que me visitou acompanhada de seu sobrinho, o conde de Lencastre, que mais tarde casou com a excentrica *lady* Cadogan, era ingleza. Boa e excellente senhora! Orgulhava-se da sua qualidade de embaixatriz e da posição eminente de seu marido. E tinha razão. Não a tornei a ver depois da sua viuvez.

O marquez de Castello Melhor valia mais, pondo de parte a gloria militar, e deixou melhores recordações. Ha apenas dois annos que desceu ao tumulo, fulminado aos trinta e oito annos por uma congestão pulmonar. A morte feriu-o em plena mocidade, arrebatando-o inesperadamente! (*)

(*) Foi nos braços de um distincto poeta hespanhol, Breton y Vedra, que o marquez de Castello Melhor expirou.

Era o ultimo descendente de uma das mais antigas familias de Portugal. Homem de elevada estatura, elegante, esbelto, physionomia expressiva e meiga, o marquez era um grande amador de cavallos e excellente calção. Possuia, na Extremadura, uma grande quinta patrimonial e uma opulenta caudelaria. Fallava admiravelmente francez. Tendo residido durante muito tempo em Paris e experimentando grande predilecção pelas maneiras e espirito parisienses, sem que fosse dotado de extraordinaria instrucção, conversava fluentemente em todos os assumptos, mercê da facilidade de assimilação que o caracterisava. O marquez era um bom musico e tocava guitarra primorosamente, como os filhos do meu amigo, conde de Paraty. Recordo-me de ter assistido a uma *soirée* intima na sua casa em Paris, com a viscondessa de S...: parece-me que ainda o estou vendo harpejar na guitarra os fados nacionaes, de uma originalidade fantasiosa, com os seus grandes galgos africanos deitados aos pés e o seu anão prompto a servil-o á primeira voz. Este anão, da altura de uma bota, contando mais de trinta annos, era simultaneamente creado de quarto e *factotum* do marquez; a sua dedicação pelo amo levava-o a afastar systematicamente todos os creados.

O marquez de Castello Melhor contava uma serie de aventuras amorosas, coroadas do melhor exito; a ultima captivou-lhe o coração. Dispunha-se a desposar uma mulher encantadora, ternamente amada, digna d'elle a todos os respeitos, quando a morte o fulminou alguns dias antes do casamento. Esta morte inesperada, em circumstancias excepcionaes, abalou a opinião publica. Houve mesmo quem insinuasse que a familia o envenenara para obstar a um enlace desigual. O boato tomou taes proporções, que a justiça entendeu dever fazer a autopsia do cadaver. A investigação scientifica não descobriu o menor indicio de

criminalidade, depois do que todas as supposições emmudeceram.

O marquez de Castello Melhor tinha o grande ar de um verdadeiro fidalgo. As suas acções, os seus gestos, a sua linguagem correspondiam á nobreza dos seus antepassados. Era universalmente estimado e foi universalmente chorado. Nas corridas de touros, organisadas pelos amadores, brilhava entre os primeiros como cavalleiro e punha as farpas com tal arte e destreza, que era sempre saudado com ruidosas ovações, conquistando grande popularidade. Esta particularidade aggravou ainda mais as saudades motivadas pela sua morte. Não foi só a sociedade elegante que o pranteou; o povo consagrou-lhe uma grande saudade, effusiva e respeitosa.

CARTA QUARTA

SUMMARIO

A cavallaria antiga e a cavallaria moderna em Portugal

Não fallei da *burguezia* na revista que acabo de esboçar. Viajavamos no reino das apparencias e a burguezia é uma realidade. Não se deve por isso concluir que ella subsiste ao abrigo da critica. A qualidade não exclue os lados vulneraveis. Primeiro, não lhe basta *ser*, quer *parecer*. Podendo ser um pharol, reduz-se a maior parte das vezes ás proporções minimas de pyrilampo; podendo ser promotora a iniciadora do espirito moderno, parece que se compraz em reproduzir o passado, amesquinhando-o. Poderosa por que é rica, não tem influencia porque é leviana.

Ha por ventura alguma vantagem em descrevel-a sob este ponto de vista? Corrigil-a-ha o espectaculo dos seus erros e defeitos? Não sei! Parece que o *Bourgeois gentilhomme* nem mesmo depois de exhibido em scena logrou emendar-se.

Embora! Não nos cumpre expiar os delictos alheios.

Creio que não existe nenhum paiz no mundo onde haja mais cavalleiros sem cavallos, barões sem baronias, condes sem condados, marquezes e duques sem marquesados e sem ducados, do que em Portugal. Na

lenda de Bertrand e Macario, uma d'estas personagens arroga-se o titulo de *conde*. «O teu titulo de *conde* não passa de um *conto*», diz o outro ao seu cumplice. (*)

Todos os condes de Lisboa e seus suburbios poderiam mimosear-se reciprocamente com um qualificativo equivalente. Por serem mais authenticos, nem por isso os titulos são mais sérios do que o de Macario.

O marquez de Pombal, diz M. Vogel, foi o Richelieu da monarchia portuguesa. Aniquilou o poderio exercido pela alta nobresa e clero ordinario, originado, menos nas instituições da edade media, já perdidas na bruma do passado, do que nos abusos resultantes.

No intuito de tornar mais toleravel uma situação impossivel de reformar de um dia para o outro, o grande estadista envidou todos os esforços para elevar a flor da burguesia ao nivel da nobresa. Mas as reformas emprehendidas eram sustentadas apenas pela força da sua vontade e pela tenacidade do seu caracter. Não havia ainda em Portugal, no seculo passado, um terceiro estado, possante de vitalidade e consciente da sua orientação. As classes privilegiadas, depois da queda do poderoso ministro, reconquistando o terreno perdido, sem que nenhuma outra influencia equilibrasse a sua, dominaram e exploraram o paiz, abusando das vantagens da sua posição, á sombra da qual monopolisavam para si e para os seus partidarios os esbanjamentos dadivosos de uma corte fraca, irresoluta e mal dirigida. Foi esse o tempo em que os favoritos, devorando os recursos do Estado e da nação, apossavam-se de todos os empregos civis e militares de alguma importancia e favoreciam com elles os seus prote-

(*) O *calembour* não póde expressar-se bem em portuguez pela differença da palavra na ultima syllaba. Só a phrase franceza consegue formulal-o: «*Ton* titre de *comte* n'este qu'un *conte*.»

N. do T.

gidos, servindo-se dos dinheiros publicos para ostentar o seu proprio luxo e alimentar uma legião de parasitas, coarctando assim e entibiando o desenvolvimento do paiz.

Foi esse o tempo em que os cortezãos alcançavam sem a menor difficuldade para os seus afilhados de baixa estirpe, as commendas de todas as ordens do reino, recusadas a mais de um servidor experimentado; em que o povo era esmagado por pesadissimos impostos e em que Lisboa tremia de medo ao menor gesto do intendente de policia, Manique. Aos abusos d'este regimen, mais vexatorios e escandalosos do que os da monarchia de Luiz XV, acrescia o sombrio beaterio que entristecia a existencia sem aperfeiçoar os costumes, e sob a influencia do qual o obscurantismo e a estagnação dos espiritos tornaram a Peninsula quasi insensivel a esse prodigioso movimento intellectual, a esse rebate de critica renovadora, de ideias novas e arrojadas, que, depois de terem illuminado com os seus relampagos o ceo brumoso da França do seculo XVIII, accenderam afinal a grande cratera explosiva da Revolução.

A Hespanha e Portugal só mais tarde foram arrastados no turbilhão.

Mas nem por isso a Revolução deixou de marcar o renascimento espiritual d'esses dois paizes, onde tudo concorria para a identificar logo ao primeiro appello.

Seria curiosissimo relancear um olhar para o passado; o presente não perderia por isso uma parcella da sua importancia.

A cavallaria moderna lucraria bastante conhecendo a historia dos seus antepassados, historia aliás interessantissima e notavel pelas antitheses que offerece ao observador.

Houve tempo em que acima d'este pequeno povo elevou-se um grupo de homens. Eram verdadeiros co-

rações de leões. Mas isto levar-nos-ia muito longe; preferimos por conseguinte restringir-nos ao presente, embora limitado e cerceado. Não deixa por isso de representar um elemento de actividade que poderá vir a ser um estimulo.

A cavallaria moderna data do seculo XVIII. A acção do tempo trouxe successivas revoluções. O espirito novo introduzio nas ordens de cavallaria, como em todas as instituições, transformações inevitaveis. As ordens de Aviz, de Christo, da Espada e de S. Thiago, mudaram de caracter.

Em 1789, a rainha D. Maria I fez da ordem de S. Bento d'Aviz uma ordem de merito militar, collocando-a, sem duvida para preparar a transição, sob a protecção do Sagrado Coração de Jesus. A secularisação abrangeu igualmente as ordens de Christo e de S. Thiago.

A ordem militar de S. Thiago da Espada passou por uma transformação analoga. Foi secularisada em 1789 e dividida em tres cathegorias para recompensar os meritos civis: os gran-cruzes, os commendadores e os cavalleiros, e recentemente, em 1862, dotada de uma constituição inteiramente nova.

Pode dizer-se que este anno de 1862 é uma data, uma epocha, e convem registral-a.

O decreto do rei D. Luiz, e os *considerandos* que o precedem, não são de todo para despresar... theoricamente.

Vejamos o relatorio do ministerio:

«A ordem de *S. Thiago*, (escrevia o sr. Anselmo José Braamcamp, ministro do reino) instituida na sua origem para proteger com a espada as fronteiras dos Estados christãos da Hespanha, invocou a cruz e a defesa da terra natal como symbolos da esperança e do futuro das nações modernas.

«Reformada em 1789, a carta de lei de 19 de ju-

nho designou-a para recompensar os serviços relevantes do merito civil. Restringindo-a hoje, por especial e exclusiva applicação, a remunerar os serviços scientificos, litterarios e artisticos; as obras de engenho, a eloquencia e as vigilias da erudição, no magisterio, os primores do cinzel e da palheta, e todas as manifestações da arte, em que sobresairem talentos distinctos, de sorte que ninguem possa dizer que, por se accommodar ás circumstancias actuaes, ella se aparte do seu verdadeiro espirito. Obreiros de uma missão de conquista e liberdade são tambem aquelles que nas fadigas do estudo e nas meditações da sciencia trabalham incansaveis, procurando alargar os dominios intellectuaes da patria, e grangear-lhe as sympathias e o respeito da Europa.

«Por estas rasões, a ordem de S. Thiago, apropriada na sua nova instituição ao fim que tenho exposto, parece-me conciliar as tradicções que a ennobrecem com as ideias e necessidades da epocha actual. É indispensavel dar-lhe o caracter de uma grande e merecida recompensa honorifica; limitar o numero dos agraciados em cada grau e dignidade; circumscrevel-a unicamente como galardão do merito scientifico, litterario e artistico; e prescrever as regras que podem, justificar a escolha e promoção das pessoas condecoradas. Foram estas as providencias que reputei mais opportunas e que submetto á sabedoria de Vossa Magestade, desejando corresponder ao elevado pensamento que Vossa Magestade se dignou manifestar, determinando que se consagrasse uma ordem especial a perpetuar a illustração do talento e da sciencia. Esta ordem, que abrirá decerto ao reinado de Vossa Magestade, que Deus faça longo e prospero, uma epocha digna do seculo em que vivemos, do soberano e do paiz tão venturosamente regido á sombra das instituições fundadas pelo valor e confirmadas pelos nobres exemplos

dos reis constitucionaes, augustos predecessores de Vossa Magestade.»

O decreto é concebido nos seguintes termos:

«Eu, El-Rei, faço saber aos que este alvará virem, que pertencendo-me, assim como aos reis meus augustos predecessores, desde o senhor D. João III, o mestrado das ordens militares de Christo, S. Thiago e Aviz, para n'esta qualidade prover não só á guarda e observancia dos estatutos, mas a tudo o que julgue opportuno para seu melhoramento e esplendor; querendo demonstrar o grande apreço e estimação em que tenho os serviços prestados á nação e a mim em virtude de provados e distinctos merecimentos scientificos, litterarios e artisticos; attendendo a que a antiga e nobilissima ordem de S. Thiago da Espada já fôra designada por carta de lei de 19 de junho de 1789 para servir de premio aos serviços de merito civil; e desejando dar um publico testemunho do muito que preso as pessoas que exaltam o nome portuguez com fundada reputação nas sciencias, nas letras, no magisterio e nas boas artes, e ao mesmo tempo reconhecer a sua illustração intellectual, concedendo-lhe um padrão de honra, que seja para ellas um documento de esclarecida memoria: tomando em consideração o relatorio do ministro e secretario d'estado dos negocios do reino: hei por bem ordenar o seguinte:

«*Artigo primeiro.*— É de novo reformada a ordem de S. Thiago da Espada, a qual de hoje em diante se hade intitular «a antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago de merito scientifico, litterario e artistico.

«*Artigo segundo.*— Os seus graus e dignidades são: o gran-mestre, o commendador-mór, os officiaes móres, os gran-cruzes, os commendadores, os officiaes e cavalleiros.»

Passei em claro as ordens com applicação especial:

1.ª — *A cruz da guerra da Peninsula*, fundada em 1815, recordando uma das epochas mais gloriosas da historia de Portugal, e tendo de notavel este facto: ter sido o seu fundador o unico dos que a alcançou sem a ter merecido.

2.ª — *A ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa*, fundada em 1818.

3.ª — *A ordem da Fidelidade*, fundada em 1823, por um principe que faltava, precisamente, talvez, á fé jurada á constituição.

4.ª — *A cruz dos voluntarios de Montevideu.*

5.ª — *A cruz da emigração*, fundada por D. Miguel.

6.º — *A medalha dos atiradores belgas*, fundada em 1834.

Mas entre o que se passava, antes do decreto de 1862 e que actualmente se está passando, haverá grande differença? Salvo raras excepções, particularmente na ordem de S. Thiago, os habitos e as condecorações são realmente recompensas conferidas aos serviços prestados, ou unicamente objectos de phantasia, ostentação de vaidade, como os brilhantes que se trazem nos dedos, que scintillam em faiscações? Examinemos a questão sob dois pontos de vista, adduzindo alguns exemplos. Em materia de tanta ponderação sentiria bastante se de qualquer maneira alterasse a verdade. Apresentemos por conseguinte uma demonstração formal, que nos forneça provas irrespondiveis, como por exemplo a historia do conde de Farrobo. O conde era uma personagem, uma individualidade que deixou brilhantes vestigios da sua passagem no mundo. Seu pae tivera o monopolio dos tabacos e grangeara uma fortuna avultada. O filho continuou a obra encetada pelo pae, ou por outra, excedeu-a. Calculava-se que os seus rendimentos lhe permittiriam gastar 1:260$000

ou 1:440$000 réis por dia. De resto, o conde de Farrobo, a despeito da sua nobreza fabricada de encommenda, foi um verdadeiro fidalgo na mais larga accepção do vocabulo. Mandou construir nas Larangeiras, cerca de Bemfica, um palacio magnifico e um esplendido theatro, annexo ao palacio, sendo este circumdado por um vasto parque arborisado, com estufas monumentaes, replectas de todos os frutos e flores do mundo; um labyrinto, jaulas para os animaes, piscinas de marmore, tanques, fontes jorrando abundantemente, —uma verdadeira maravilha, cujos fragmentos ainda hoje são assombrosos. No anno a que me refiro de 1834, o gaz era tão desconhecido em Lisboa como as obras de Mr. d'Audiffret-Pasquier para os seus novos collegas da Academia Franceza. O conde mandou construir um gazometro proximo do palacio e o theatro illuminou-se de bicos de gaz. Desejando que todos os seus criados tocassem um instrumento, mandou-lhes ensinar musica, constituindo assim uma sociedade philarmonica, que deu uma serie de concertos ao ar livre. O conde recebeu muitas vezes a rainha D. Maria II no seu palacio das Larangeiras, e sempre com todas as pompas palacianas. N'esses dias a rainha não dava um passo que não pizasse uma alfombra de flores raras, importadas a maioria das vezes dos paizes estrangeiros, á custa de avultadas despezas. A rainha ordenava como senhora absoluta em casa do conde de Farrobo, e este era o primeiro a obedecer-lhe, como um criado humilde e dovotado.

O elegante fidalgo tinha pelos pés pequenos, unico attractivo feminino que lhe despertava a attenção, uma especie de fanatismo. Desposou em segundas nupcias uma parisiense sem fortuna, que teve a felicidade de calçar a botina correspondente ao seu ideal microscopico. Chegou a ter a phantasia de mandar erigir no parque das Larangeiras um pequeno templo

grego em honra d'esse pé vaporoso, reproduzido em marmore.

O conde possuia em Lisboa, na praça que ainda hoje é conhecida por um dos seus titulos, (Largo do barão de Quintella), um bellissimo palacio, decorado de magnificas pinturas e mobilado com exquisita opulencia. A expensas da sua bolsa, tomou a empreza do theatro de S. Carlos, elevando-a á altura dos primeiros theatros e sacrificando a esse arrojado emprehendimento grande parte da sua fortuna.

Nas luxuosas salas do conde de Farrobo jogava-se jogo forte, perdendo o dono da casa dezenas de contos de réis sem pestanejar. Os artistas nunca foram para elle um elemento de exploração; pagava-lhes largamente, como verdadeiro entendedor.

O conde de Farrobo associara-se a uma serie de industrias novas, desejando vel-as prosperar em Portugal. Nenhuma d'ellas logrou vingar, o que deu em resultado a perda de sommas fabulosas. Alem d'isso, teve uma demanda com um socio e outra com o governo, ao qual adiantara grandes quantias, que acabaram de o arruinar. Seus descendentes ficaram pobres.

O conde de Farrobo, apesar da sua aristocracia de moderna data, tinha rasgos de verdadeira nobreza. Já vão decorridos trinta ou quarenta annos sobre a memoria da sua grandeza; entretanto, subsiste ella indelevel, e quando se falla em opulencias cita-se invariavelmente o nome do faustoso conde.

Embora! Eis um homem que soube gosar plenamente a sua fortuna. Mas a que titulo o cobriram de distincções? Que serviços eminentes prestou ao seu paiz? Prestou-os a si proprio enriquecendo, eis tudo. Ninguem de certo aproveitou com a sua ruina. (*)

(* Devo reparar uma injustiça, derivada de informações menos verdadeiras, e solicitar indulgencia á memoria do conde. Só mais tarde soube que fó-

O visconde Daupias é tambem uma individualidade, embora não seja, como se me afigura, senão a contra prova da physionomia que acabo de esboçar.

Um dia, perguntei a um dos amigos de Daupias, — titular de recente data — quaes os serviços que lhe haviam valido a doação da corôa de visconde.

— Daupias, embora francez, respondeu elle, nasceu em Portugal; tem costella portugueza e pode dizer-se que é absolutamente compatriota nosso. Possue, por consequencia, as nossas qualidades e defeitos. Adquiriu, mediante a industria da fabricação de pannos e tecidos e diversas outras importantissimas, uma riqueza colossal. No meio das alegrias inherentes aos argentarios, pungiram-n'o grandes desgostos, perdendo uma após outra duas filhas encantadoras, unicas que possuia. Foi então que, tentando suavisar a sua irreparavel dor, fez-se colleccionador para não endoudecer: comprou primeiro pequenas preciosidades raras, talhas da China, depois um quadro, em seguida dez, cem, mil. Como todos os amadores embelecados por uma paixão repentina, lembrou-se de organisar uma galeria, custando-lhe essa galeria sommas fabulosas. Principiou pelos quadros antigos; logo que se divulgou a mania que assaltara Daupias, todos os adelos de Portugal e Hespanha cairam sobre elle como um enxame de gafanhotos esfaimados. Foi por essa epocha que comprou os Rubens, Van-Dyck, Ticiano, Velasquez, Rembrant Ribera, Van-Ostad, Guido, Teniers, Breughel, Potter, Caraccio, Wouvermans, Salvator Rosa, Murillo e Corregio, que aformoseiam a sua galeria. Tudo relativamente barato, em relação a esses grandes nomes gloriosos, mas espantosamente caro attendendo ás detestaveis telas que lhe inpingiram, quasi todas sem nenhuma especie de valor artistico.

---

ra elle um dos homens que mais concorreram para a implantação do systema constitucional.

Mais tarde, curado, para não dizer escaldado, entrou em negociações com homens de reconhecida probidade e adquiriu então um grande numero de quadros verdadeiramente notaveis, entre elles um Greuze, de rara e maravilhosa execução. Depois da preoccupação archeologica, apaixonou-se pela arte moderna e cobriu de ouro as telas de Troyon, Robert-Fleury, Baudry, Domingo, Palmaroli, Gérôme, etc., etc.

—Perfeitamente, repliquei; mas tudo isso em rigor não constitue um diploma de merito.

—Queira v. ex.ª ter a bondade de prestar attenção, volveu o meu amigo. Daupias conservou da sua origem franceza o costume de receber alguns amigos em casa e de recebel-os bem: sua esposa é amavel, distincta, graciosa e benevolente; os seus jantares teem merecida reputação, grangeada pelo cosinheiro que é admiravel. Mas o que é indespensavel é não o fazer esperar. Por exemplo, se se partirem as rodas da nossa carruagem, se recebermos uma noticia desagradavel que nos demore vinte minutos além da hora fixada para o jantar, constitue esse facto aos olhos de Daupias uma falta imperdoavel. Não nos põe precisamente na rua, mas nunca mais nos convidará.

—Tudo isso, observei, são titulos incontestaveis; mas...

—A unica censura que poderia irrogar-se-lhe, interrompeu o meu amigo, é ser demasiado cioso das suas galerias, não permittindo a entrada senão aos intimos e ás pessoas das suas relações. O que constitue um direito indiscutivel, visto que as organisou para si e não para os outros. Poderia talvez objectar-se que sendo a sua fortuna adquirida em Portugal, e sendo Daupias portuguez de nascença, abriria um bom exemplo, cheio de estimulos, franqueando ao publico, ao menos um dia em cada semana, todas essas opulencias. Era possivel que se encontrassem na turba dos visitantes, al-

guns homens ricos que adoptassem o exemplo, ou algumas cabeças juvenis que se inspirassem para novas producções. A esmola da contemplação não lhe custaria nada e deixaria satisfeitas muitas pessoas. Mas isto importaria pensamentos democraticos que não podem germinar no cerebro de um industrial afidalgado, o maior reaccionario da creação, segundo se affirma.

Esses quadros, essas esculpturas, esses objectos de arte, entre os quaes ha verdadeiras obras primas, como já tive ensejo de notar, estão dispostas em quatro grandes galerias e dois pequenos salões, illuminados por claraboias. Infelizmente, as galerias foram construidas uma apoz outra, ampliando-se á medida que o numero dos quadros augmentava, o que as prejudica sob o ponto de vista da ordem e unidade. Os quadros estão ali collocados uns sobre os outros n'uma confusão de escolas e de datas que faz mal aos nervos.

Não ha duvida que se o visconde Daupias começou a colleccionar por mania, continua agora por amor proprio. Possue muitos quadros, do mesmo modo que outros possuem muitos cavallos ou muitas amantes; é um luxo. E este luxo adaptou-se de tal modo á sua situação, que se actualmente renunciasse a elle ou reduzisse a proporções minimas esta fantasia, affirmariam logo que os negocios do visconde estavam mal parados e proximos de ruina. Condemnou-se a permanecer na brecha. Ora eu comprehendo perfeitamente o amador rico que paga, sem fazer questão de preço, quatro, cinco ou dez telas de mestre, que as colloca ao alcance da vista e da mão no seu quarto, gosando assim o prazer de as contemplar, até que, fatigado, as substitue por outras. Mas como é possivel apreciar quinhentos quadros ao mesmo tempo? Para qual se ha de olhar? E se a attenção se fixa apenas em alguns, para que servem os outros? É este o facto que se dá com o sr. Daupias, o que prova que não é só o

gosto inherente ao verdadeiro amador que prevalece no seu espirito.

O meu interlocutor desviava-se visivelmente do assumpto, não atinando com a resposta que deveria dar ás minhas perguntas.

Tentei encaminhar a conversa para o nosso ponto de partida. Trabalho perdido!

—Daupias, ajuntou elle, dá todos os annos um concerto. Para cada um d'esses concertos convida cento e cincoenta pessoas, o maximo, porque detesta a multidão. Cento e cincoenta privilegiados, dispersos nas galerias, fazem o effeito de uma trufa na mesa de um refeitorio militar. Essa circumstancia rouba á festa o encanto da animação. Pela sua parte, as raparigas occultam o pezar que experimentam por não lhes ser dado walsar. Não se dança em virtude da poeira que poderia deteriorar os quadros.

Daupias é um homem de espirito, mas é principalmente um homem rico, e, como todos os millionarios, despreza profundamente as pessoas que não possuem depositos á ordem no Banco; a estimação das pessoas afere-se no seu espirito pelo cabedal que possuem. Os seus amigos, talvez uns maldizentes sem escrupulo, affirmam que o visconde é caprichoso, lunatico, despota e sobretudo egoista.

E v. ex.ª ainda me pergunta a razão porque elle é titular? É rico; ganha rios de dinheiro; possue uma galeria de quadros; protege a musica e a pintura; é simultaneamente um Mecenas e um nababo; e admira-se que lhe déssem o titulo de visconde? Mas de que paiz vem v. ex.ª? Julguei que em França não se era tão ingenuo!

Quando os amigos do novo visconde fallam d'este modo, imagine-se o que dirão os indifferentes, os inimigos e os juizes imparciaes!

Um d'elles observou-me:

—V. ex.ª conhece perfeitamente a célebre phrase de *atelier*, que serve para designar a mania dos collecionadores: «*Un tel est tombé dans le bibelot.*» Pois o sr. Daupias cahiu justamente no *bibelot*... da pintura!

O verdadeiro amador, escreveu judiciosamente Champfleury, conserva um quadro oito dias, um mez, um anno, vende-o, compra outro e passa, como é uso dizer-se, da loira para a morena. Qualquer collecção que não offereça o aspecto de um panorama cheio de cambiantes, constantemente renovadas, fatiga, diz o poeta, como uma mulher demasiadamente fiel. O sr. Daupias faz mais: levou a fidelidade a ponto de guardar perpetuamente as mulheres que uma vez penetraram no seu serralho... artistico, e note-se que raro é o dia em que não admitte uma nova hospeda. Primeiro encheu os seus salões de quadros, em seguida os quartos, a ante-camara, os corredores, as escadas. Não tendo mais espaço onde os collocar, e comprando incessantemente novas telas, mais ou menos avariadas, mandou construir uma galeria, depois duas, tres e por ultimo quatro. Diz-se até que chegou a collocar quadros de *preço* nas officinas das suas fabricas de fiação e sapataria! Felizes operarios! Esta mania apossou-se de Daupias como uma febre violenta. Na vespera era simples industrial; no dia seguinte acordou colleccionador e amador.

O rei D. Fernando, que é um amador esclarecido, visita de tempos a tempos o sr. Daupias. Ha dois annos o famoso concerto foi dado em honra do rei-artista, da condessa d'Edla e do infante D. Augusto.

E' claro que não tomo a responsabilidade de nenhum d'estes boatos: desejaria unicamente saber, acreditando apenas metade do que se diz, se o rei D. Luiz consultou o seu decreto de 1862 no acto de conferir o titulo de visconde ao sr. Daupias, e se presume que

seja este o melhor estimulo para a multiplicação dos Rubens, Velasquez, Meyerbeer ou barões Taylor.

Não quero calumniar Portugal. A opinião julga as cousas e os homens, por vezes um pouco melhor do que os governos. Nem todos vêem com os mesmos olhos esta nobreza da ultima hora, da qual os industriaes argentarios, que seria facil nomear, se não fosse a prolixidade da lista, constituem o principal ornamento.

Eis como a este respeito se exprime o espirituoso e malicioso *Pimpão:*

«Até que emfim o Sampaio entrou no caminho direito. Aquella idéa de andar a metter o nariz em todas as terriolas do reino á procura de solar *in partibus*, para dar á luz uns viscondes de Seixo de Gatões e de Falperra, era disparatada, quando tinha á mão coisa mais prompta e mais racional. Realmente era tolice fazer visconde de uma aldeia lá do Minho, um sujeito que nunca tinha ido mais longe do que em burrinho á cova da Piedade. Agora é que o Sampaio vae bem.

«Já tinha feito um visconde da Quinta das Cannas e fez agora um visconde da Quinta de Ferro. Isto percebe-se. Cada um é senhor da sua quinta ou do seu quintal, como é senhor do seu nariz. E além d'isso, a facilidade! Quando viesse a esgotar-se a nomenclatura das quintas, o Sampaio não tinha mais nada a fazer do que ir uns domingos por outros jantar ás hortas. Cada tarde de peixe frito e salada dava-lhe pelo menos um quarteirão de viscondes. E então populares! Isso era obra. Por exemplo: visconde da tia *Basalisa*, conde da *Perna de Pau*, barão da *Horta das Tripas*, e até duque da *Horta Navia*. Toma nota da lembrança, Sampaio amigo, e não has-de dar o tempo por mal empregado. Começa pela *Perna de Pau*, que vai lá muita gente fina.»

CARTA QUINTA

SUMMARIO

O povo. — Caracter do povo. — Costumes. — Usos — Divertimentos. — Praticas de devoção. — A lingua popular. — O amor em Portugal. — As tres paixões fundamentaes do paiz.

Encontrámos nas altas regiões da sociedade, na antiga nobreza, — a nobreza recente está nas mesmas condições, — bons sentimentos, usos e costumes que a honram. São o attributo de raça. Se ha alguma cousa verdadeiramente grande, digna de interesse e de sympathia entre os portuguezes, é o lar e a poderosa influencia do espirito de familia. O povo é bom e tem o coração sensivel, o que attenua em parte os defeitos ou fraquezas que se deparam ao observador que intenta, como eu, estudal-o a fundo. Citarei um unico exemplo que se nos offerece a cada passo. Se encontrardes no caminho uma creança gentil e graciosa, não vos admireis vendo os transeuntes pararem, acariciarem-a e mesmo, *(com licença)*, beijal-a em ambas as faces. Esses mesmos transeuntes experimentarão o maior de todos os jubilos se fizerdes o mesmo á sua prole. Nos passeios publicos, aos domingos, reune-se

uma legião de *bébés*, e não são de certo os beijos e caricias que lhes faltam. Apraz-me repetir: — se o portuguez tem alguns defeitos, possue em troca um grande fundo de bondade ou para melhor dizer de doçura. E' inutil acrescentar que os infanticidios n'este paiz constituem excepção.

O povo portuguez, além da bondade de coração, da brandura de costumes, da alegria, da lealdade e do bom humor, possue ainda duas outras qualidades: a docilidade e a paciencia. Não é possivel que exista gente mais tranquilla, mais docil, mais resignada. Medidas arbitrarias, actos violentos, deixam-o frio, não perturbando de maneira alguma a sua inalteravel placidez.

E' o estoicismo e o fanatismo combinados e elevados ao mais subido grau.

A natureza do povo póde traduzir-se e comprehender-se mediante duas locações que lhe são familiares. Allude-se ás miserias, aos vexames, aos abusos. Resposta invariavel: *Tenha paciencia!* Diz-se-lhe que é preciso tomar uma resolução, testemunhar actividade, defender os seus direitos. Resposta insubstituivel: *A' manhã. Tenha paciencia* e *ámanhã* são as duas formulas inseparaveis da lingua portugueza, que servem para tudo e que o povo emprega a proposito de tudo. Se morre de fome, *tenha paciencia;* se se lhe offerece trabalho, *ámanhã.*

O povo portuguez é muito cortez, muito condescendente, muito hospitaleiro, muito obsequiador e muito impressionavel; tudo isto provem, naturalmente, da bondade nativa a que me refiro. E' incontestavelmente dotado das mais bellas qualidades moraes; o sangue gira-lhe nas veias impetuosamente; a sua reputação de coragem e bravura não é contestada, nem pelos seus inimigos. Se é preciso impaciental-o e excital-o violentamente para o arrancar á sua passividade habi-

tual, não consente todavia que lhe cortem as barbas. Provou-o largamente em successivas revoluções e na energica resistencia que oppoz ao seu visinho. O rancor tambem não é para elle um sentimento desconhecido; para nos convencermos d'esta affirmativa basta ouvil-o discretear ácerca dos hespanhoes. O tempo não molificou esta velha animosidade; ao contrario, aggravou-a.

Diz-se que em certas partes da Oceania as tribus selvagens devoram os inimigos que aprisionam, condimentando-os com varios adubos. O portuguez é *hispanophogo*, e se de tempos a tempos não trinca, sob a fórma de costelleta, o hespanhol que lhe cahe nas unhas, é simplesmente por timidez, e não porque lhe escasseie o appetite. Chamae idiota a um portuguez, e perdoar-vos-ha, talvez. Mas se lhe disserdes que se parece com um hespanhol, assassinar-vos-ha.

Quando diante de um portuguez se allude a qualquer homem sem fé nem lei, ladrão e perjuro, é habitual ouvir-lhe a seguinte conclusão: parece um hespanhol! Quando um deputado portuguez perde o fio ao discurso, em plena representação nacional, enredando-se e atrapalhando-se de maneira que não ha facundia que o salve, descarrega um murro sobre o marmore da tribuna e exclama, arregalando os olhos terrivelmente: *Delenda est Hispania!* Uma tempestade de exclamações enthusiasticas é a recompensa d'essa *tirade* patriotica. A mesma receita, e sempre com os mesmos effeitos, applica-se ordinariamente ao ministerio, quando elle se revolve nas grelhas esbraseadas.

Uma anedocta dará uma idéa approximada do gráo de intimidde affectuosa que reina entre os dois povos visinhos.

Certo dia, um hespanhol e um portuguez encontraram-se em uma ponte estreitissima, que ligava as margens de uma torrente profunda. O portuguez es-

corregou e caiu na agua. Note-se que eu não disse que foi o hespanhol a origem da queda. O portuguez, não sabendo nadar, debateu-se, mergulhou, depois voltou á superficie; foi então que, luctando contra a corrente e antes de desapparecer pela ultima vez, avistou o hespanhol, encostado tranquillamente á balaustrada da ponte, vendo-o afogar-se indifferentemente, com inaudita impassibilidade e sem a menor idéa de o soccorrer. A' vista d'isto, o portuguez, chegando ao paroxismo do furor, fez um supremo esforço, e mostrando o punho cerrado ao hespanhol, gritou-lhe:

—Tira-me d'aqui, canalha de hespanhol, e pouparte-hei a vida!

Este odio do portuguez contra o visinho explica muitissimas cousas.

Ha nada mais gracioso e mais finamente *coquette* do que a pequenina mantilha de renda em que as mulheres hespanholas, e principalmente as andaluzas, envolvem gentilmente as suas cabeças, prendendo uma flôr nas tranças? Tão graciosa é a mantilha que até as feias ficam com uns laivos de formosura, ao passo que completa a belleza d'aquellas que são bonitas. As mulheres hespanholas, com especialidade as do Meio-Dia, não se deixaram ainda sedazir pelas modas parisienses e conservam com religioso e intelligente respeito a tradição da mantilha. Teem razão.

As mulheres portuguezas desejariam imital-as, tenho essa convicção. Mas imitar a Hespanha!... Basta pensar em tal para se lhes agitar o sangue nas veias. Preferem, por conseguinte, cobrir a cabeça com uns absurdos chapéos, que os *ateliers* da *passage Saumon* fabricam para exportação, não duvidando affrontar audacisoamente os olhares dos transeuntes com esses espantalhos de fundo verde, enfeites escarlates e fitas amarellas; tigela cacophonea que faz mal á vista e

assemelha as senhoras que a usam a periquitos fantasticos.

Muito para admirar será se o vestido, a capa e a tunica não completar, pelas côres disparatadas, esse arco-iris ambulante. Persuadindo-se, na melhor boa fé do mundo, que vestem á moda de Paris, não passam de trajar excentricamente, mas, pouco importa; visto que é cousa convencionada, assentada e reconhecida em Lisboa, que só mulheres levianas e equivocas teem coragem de apresentar-se em publico de mantilha: qualquer portugueza que despresasse o preceito convencional, seria por tal facto apupada, escarnecida e posta no index. Como expôr-se a ser confundida com uma hespanhola? Ainda mais, — podendo parecer que porfiavam em lucta de bellesa e correndo o risco de ficarem vencidas, pelo menos em grande maioria; resta-lhes d'esta maneira a consolação de dizer que não combatem com armas eguaes. É um refinamento de *coquetterie*

Apesar de tudo isto, nota-se entre estes dois povos muitas qualidades communs: a sobriedade, por exemplo. O povo rural vive no inverno com um pedaço de pão de milho e uma cebola; no verão com um figo ou outro qualquer fructo de especie inferior: são, como os seus visinhos, bons palradores, poetas innatos e resistem a qualquer fadiga. Como elles, são dotados de brilhantes predicados militares; teem amor á patria e á independencia. Em Portugal a embriaguez no povo é rarissima; veem-se poucos ebrios nas ruas. De resto, o vinho é excellente e vende-se por preço modico, de modo que o povo está, felizmente, habituado a usar d'elle e aguenta uma porção tres ou quatro vezes maior do que seria necessario a um estrangeiro para embriagar-se. Mas, se por acaso a medida excede, cautela! Não será raro vel-os puxar pela navalha e é prudente desviarmo-nos. A accusação de cobardia é a mais

grave injuria que se pode arrojar ás faces de uma nação, cuja indomavel altivez mereceu aos hespanhoes a alcunha burlesca de «Finchado.» Não ha paiz mais cioso da sua dignidade do que Portugal; por vezes, este sentimento é exagerado, mas deriva de um principio excellente, embora excessivo. Assim no Porto e outras cidades da provincia, é difficilimo encontrar um serviçal que queira envergar a libré; o nome de *lacaio* equivale a uma affronta na opinião do povo. O portuguez não é vingativo, é apaixonado. Quando toma uma resolução, não ha que demovel-o. Se ama, nenhuma consideração pode obstar a que dê o seu nome á mulher que elegeu; — o amor é para elle o primeiro negocio, o facto capital da vida; só confiará em si proprio para fazer respeitar sua mulher, embora o passado d'essa mulher não seja impeccavel; ainda assim será respeitada e respeitar-se-ha a si mesma.

O portuguez é essencialmente religioso e assiste de bom grado a todos os actos externos do culto, que em Portugal se revestem de pompa faustosa. A attitude do povo nas festas publicas surprehende á primeira vista. Vê-se n'esses dias solemnes dez mil pessoas reunidas, fazendo menos barulho do que duzentas. Nem gritos, nem disputas, nem desordens: completo socego. Suggere-nos isto, naturalmente, a idéa que em Portugal, mesmo em dias de folgança, os indigenas aborrecem-se mortalmente. Não era sem razão que um inglez dizia, que o povo aqui tinha um falso aspecto de felicidade.

Pode adduzir-se, talvez, um outro argumento, — a multiplicidade de festas: não é facil divertir-se uma pessoa 362 vezes no anno, porque, antigamente, cada dia tinha o seu santo e cada santo a sua festa. Presentemente, as festas religiosas diminuiram um tanto, substituidas pelas festas nacionaes, que são em grande numero.

A historia contemporanea é por vezes escripta da maneira mais singular. Acabo de ler em um jornal francez a pequena noticia, que transcrevo:

«No dia 1.º de dezembro commemorou-se o anniversario da libertação de Portugal do jugo hespanhol. As manifestações do costume e os regosijos publicos tiveram logar á noute, em todo o paiz. Illuminações, musicas nas ruas, theatros e espectaculos patrioticos, festejos de gala organisados por commissões especiaes, tudo, n'uma palavra, deu o seu contingente para essa solemnidade.»

Sim, a festa nacional por excellencia, em Portugal, deveria ser a do 1.º de dezembro, que recorda a revolução libertadora do reino em 1640. Mas de todos os anniversarios é este o menos festejado. Não existe a menor apparencia de regosijo publico; verdade é que, ao meio-dia, o castello salva; mas como em Lisboa a artilheria troveja a proposito de tudo, o facto não constitue regosijo publico. Á noite alguns edificios publicos illuminam e nada mais; nem theatros, nem espectaculos *patrioticos* e ainda menos *gratuitos*. (*)

Com referencia a espectaculos de gala ha um, no theatro de D. Maria, que consiste simplesmente em ir o rei occupar uma larga tribuna de frente, em vez de ir para o camarote do proscenio. Fui n'uma d'essas noites ao theatro. Representava-se *Os Fourchambaults*,

(*) A auctora presenceou de certo um dos somenos festejos a que se refere, ou foi mal informada n'este assumpto, quanto aos annos anteriores. A commemoração do 1.º de dezembro torna-se, de anno para anno, mais viva, enthusiastica e convicta. Ha espectaculos gratuitos em alguns theatros e dramas expressamente escriptos para avivar a memoria do glorioso feito de 1640. Citaremos apenas, para não nos alongarmos muito: «A Oppressão e Liberdade», de Eduardo Coelho, o «Louco de Evora», e sobretudo a «Filippa de Vilhena», do illustre e inolvidavel Garrett, que é uma obra prima, cinzeada no mais puro amor da patria.

N. do T.

cujo assumpto não me parece que tenha grande relação com as recordações da independencia portugueza. O auctor da supradita noticia, que tenho á vista, termina dizendo que *tudo, n'uma palavra, se reuniu para maior esplendor d'essa solemnidade.* Dá elle assim publico testemunho d. fertilidade da sua inventiva.

O 1.º de dezembro é um anniversario historico, nada mais, e a cidade n'esse dia não apresenta o menor aspecto extraordinario, semelhante ao que o imaginoso *reporter* da folha franceza lhe attribue.

O grande festejo de Portugal é o 24 de julho, anniversario da entrada das tropas liberaes em Lisboa, em 1833, e do advento do governo constitucional. N'esse dia o canhão acorda-nos ás tres horas da madrugada e continua a ribombar até á noute, de maneira a fazer em estilhaços os vidros das janellas. Excellente e proveitoso dia para os vidraceiros! Ha *Te-Deum* na Sé, grande revista passada pelo rei na vasta praça do Rocio, musicas, jantar no paço, espetaculo de gala, etc., etc. Grandes e pequenos andam todos alvoroçados. O espaço, assim como as pernas dos transeuntes, são todo o dia fustigadas por milhares de girandolas de foguetes, que estoiram por toda a parte e por todos os lados. Á noite, a praça do Rocio illumina-se a gaz. É esta realmente a grande festa. Contudo, sinto tentações de dizer que verdadeiramente não existe senão uma festa nacional em Lisboa, e que essa festa é o carnaval. É a unica em que ha alegria, expansão, ruido. Durante os tres dias do carnaval parece que o povo portuguez endoidecen. Põe de banda a sua habitual melancolia, o seu *spleen*. As ruas animam-se com a passagem das mascaras, trajando variados *costumes*, trapalhões, é verdade, mas emfim animados, pelo menos na apparencia, tagarellando e gritando alegremente.

Á noute ha bailes em todos os theatros. O de S. Carlos dá bailes de mascaras, á imitação de Paris, e de feito são encantadores, segundo me asseverou o marquez de Castello Melhor.

Somma total: — o carnaval é, de todas as festas, a mais animada. Muita gente ás janellas, muitas mascaras nas ruas, sendo a maioria homens do povo vestidos de mulher. Veem-se tambem muitas creanças mascaradas. Tudo isto é essencialmente primitivo; embora, em compensação não é monotono.

Para concluir registarei mais duas occorrencias. Em primeiro logar, as mascaras mais sordidas que percorrem as ruas acompanham-se invariavelmente de uma guitarra; em segundo logar, as mulheres apresentam-se geralmente empoadas. A primeira destas referencias é de mediocre interesse; não acontece o mesmo á segunda. O pó fica bem ás mulheres, e á claridade das luzes, principalmente no theatro, produz um effeito que encanta; ellas não o ignoram.

Não ha festejos em Portugal sem salvas de artilheria, dadas pelos fortes e repetidas e repercutidas pelos navios de guerra. Este pequeno povo aproveita todas as occasiões que se lhe deparam para mostrar e fazer ouvir á Hespanha que possue instrumentos de guerra para seu uso. Dia de festividade religiosa, canhão. Dia de festejo politico, canhão. Anniversario de um obito, canhão. Anniversario de um nascimento, canhão. O rei tosse, canhão. Os principes espirram, canhão. Navio que entra, canhão. Navio que sáe, canhão. Inauguração, seja do que for, canhão. Canhão e sempre canhão! Ignoro a que espantosa verba attinge o orçamento da despeza de polvora consumida annualmente, mas não deve causar estranhesa a divida enorme de que Portugal está sobrecarregado: é mister pagar a gloria e o seu respectivo fumo. Além do estrondear da artilheria, as festividades são annuncia-

das e acompanhadas por milhares de foguetes, lançados ao ar, nas ruas, sem consideração ou deferencia pelas pessoas que estão ás janellas ou transitam pedestremente. De tal modo, que, ou se esteja á janella tomando o fresco, ou passeiando e fumando um charuto, ou assistindo a uma tourada, vê-se uma pessoa exposta n'esses dias a que a cana do foguete lhe fure os olhos e lhe queime o fato.

Esta febre pyrotechnica passou de Lisboa para as mais obscuras aldeias. Não ha baptisado, casamento ou festa de egreja sem o indispensavel foguetorio e as bolsas mais pobres acham sempre dinheiro em presença de tão ponderosa exigencia. (*)

Uma cousa me impressionou em Portugal e que, na minha opinião, depõe a favor da brandura do povo: excepto nas grandes cidades, não ha agentes de segurança, policia civil, ou guardas ruraes. Nos bairros o povo policia-se e guarda-se a si proprio, sendo os crimes e attentados contra pessoas e propriedades em menor escala do que nas cidades. Ha um juiz em cada districto, especie de juiz de paz, que se occupa mais de conciliações do que de pleitos; mas nem sombra de policia ou guarda municipal. Deve concluir-se d'este facto que o torrão uberrimo de Portugal não produz malfeitores e que não ha necessidade de nos prevenirmos contra elles? Isto, pelo menos, contrasta com a França, onde os *gendarmes* e commissarios de policia não diminuem o numero nem a natureza dos crimes. Viajei algumas vezes em Portugal, de noite, em carruagem, nas grandes estradas, constando que eu levava na bagagem objectos va-

(*) O governador civil sr. Arroios, acaba de prohibir os foguetes e todo e qualquer fogo de artificio, justificando, por esse facto, a critica da auctora.

N. do T.

liosos e diamantes, — o que, entre parenthesis, é inexacto, porque quasi sempre deixo em segurança os meus valores —, e nunca tive maus encontros. É talvez questão de felicidade!

Disse que o povo portuguez é delicado. Ajuntarei que o é até ao excesso.

Como todos os povos, os portuguezes teem formulas de delicadeza que não importam compromisso algum, e que provam tanto a favor dos que as dispensam como dos que as recebem. A formula mais vulgar é a que empregam fallando a pessoa a quem desejam testemunhar consideração. Em tal caso dizem: *Vossa Excellencia*. Este apellativo applica-se indistinctamente a um duque, par do reino, ministro, funccionario, a um sapateiro indinheirado ou bacalhoeiro elevado de fresca data á hierarchia da nobreza.

O diminuitivo de *Excellencia* é o famoso *vocemessê*, corrupção de *vossa mercê*, que se emprega quando se falla a um inferior; substitue elle litteralmente o *vous* francez, ainda que, como a excellencia, prende sempre com a terceira pessoa.

Ha tambem outra variante de *vocemessê*, que é o *vossê* vulgar: este é considerado em primeiro logar como tratamento familiar, equivalendo, aproximadamente, á nossa trivial locução *ma vieille*, acompanhada da palmadinha no ventre. Quando um portuguez dirige a palavra ao seu inferior, com especialidade a um *gallego*, é difficil fazer idéa exacta da inflexão desprezivel que imprime a esse *vossê*, para accentuar bem a differença que existe entre um ser tal como elle e um villão ruim, como aquelle ao qual se digna fallar. Em tal caso, o vossê attinge o mais alto grau de insolencia.

Quando um portuguez termina uma carta declara-se, antes de a assignar, *seu obediente criado*; é o equivalente do nosso *très obéissant serviteur*. Occorre-me a tal respeito uma reflexão, e perguntO a mim mesma

qual a origem d'este uso grotesco, de uma exagerada delicadesa, que impõe a declaração de *obediente servo*, a proposito de um desconhecido. Experimentae no rigor da palavra a humildade do vosso servo e ordenae-lhe que apanhe o vosso lenço... Formula grotesca, recordação dos tempos medievais, que, actualmente, não tem a menor razão de ser.

Ha em Portugal, no formulario official, uma cousa extravagante.

O artigo francez *le* corresponde em portuguez a *o*; para dizer *le roi*, deveria portanto dizer-se *o rei*. Pois bem! Sua Magestade alcançou uma excepção, isto é, o emprego do artigo *el*. O rei, quando assigna, precede a sua rubrica da palavra sacramental: — *el-rei*. Porque vigorará ainda este uso, que recorda a dominação dos mouros e tambem um tanto a dominação hespanhola? Orgulho por um lado, submissão pelo outro!... Registro este *el-rei*, porque me parece que ainda ninguem attentou n'isto em Portugal. (*)

Encontram-se ainda outros vestigios da occupação dos arabes: em primeira mão, o fatalismo, depois a influencia da tradição. Ouvindo fallar o povo nota-se, a proposito de qualquer cousa, o emprego de certas expressões, que, se por um lado se derivam da esperança christã, não deixam de participar do espirito musulmano. Se experimenta qualquer alegria: *Ai! Jesus!* se occorre um desastre, uma desgraça: *Ai! Jesus!* Esta exclamação exprime alegria, dôr, espanto, indignação, piedade, etc., etc. Tudo provém de Jesus e em Jesus se absorve.

Uma outra locução popular accusa ainda mais fortemente esta disposição. Despedi-vos de um portuguez

(*) O artigo *el* foi importado de Hespanha e subsiste, como homenagem ao monarcha, a despeito do odio contra os hespanhoes.

dizendo-lhe: «Até ámanhã.» «Até ámanhã, responde elle, se Deus quizer.» Um portuguez de lei, delineando um projecto de viagem ou emittindo um desejo, não deixará nunca de escudal-o com o obrigatorio: «Se Deus quizer.»

Não ha nada, porém, que iguale outro *tic* das raças primitivas.

Em presença de um facto qualquer que suscite a vossa admiração, se pedirdes explicações respondervos hão: «*É costume.*»

Comprimentaes uma senhora na rua, e surprehende-vos o facto de receberdes apenas em troca uma quasi imperceptivel inclinação de cabeça: «*É costume.*» Um sujeito sae-vos ao encontro na rua, obrigando-vos a parar e, com a maior sem ceremonia, sem pedir licença, tira o charuto ou cigarro das vossas mãos, accende o seu e continua o caminho soltando um «obrigado», que uma mosca não seria capaz de ouvir. Admiraes-vos: «*É costume.*» Ides passeando na rua com vossa esposa pelo braço; todos os homens a fitam petulantemente, com uma tal insistencia que experimentaes um desejo furioso de enfiardes a bengala pela bôca dos curiosos. Não vale zangar «*É costume.*»

O *tic* de que me resta fallar será uma qualidade ou um defeito? Não quero resolver a questão, que é delicada, porque versa sobre o patriotismo. Só direi, — quer seja um bem ou um mal — que o portuguez é portuguez acima de tudo, isolando-se n'uma contemplação beatifica e perpetua de si mesmo e de tudo que toca ou pertence, proxima ou remotamente, ao seu paiz.

Póde dizer-se, sem exagero, que nutre um secreto horror contra os estrangeiros e não os vê nunca senão com maus olhos. Esta antipathia divide-se em diversos grãos, que é curioso examinar.

Imaginemos um pobre diabo cahindo de fome em qualquer das praças publicas de Lisboa e confessando

que não recebeu do ceo a graça de ter nascido cidadão portuguez.

1.º—; Se é inglez, dá-se-lhe os restos da comida da vespera;

2.º — Se é allemão, um bocado de pão;

3.º — Se é americano, um pão inteiro;

4.º — Se é italiano, um copo de agua;

5.º — Se é francez, cousa nenhuma;

6.º — Se é hespanhol, uma garrafa de vinho envenenado.

Eis, pouco mais ou menos, a escala de estimação a que um estrangeiro póde aspirar em Portugal. (*)

Os inglezes são os mais favorecidos. Portugal tem o quer que seja de colonia ingleza, terra de exportação dos productos da Gran-Bretanha; o ouro e o fardamento militar são inglezes. Ha entre este povo meridional grande copia de costumes anglicanos, vestigios da alliança das armas inglezas contra os francezes, em 1808.

Os allemães gosam de alguma considerão.

Os americanos do norte são mais temidos do que estimados.

Os italinos ou são pasteleiros ou tenores; é a opinião dos portuguezes, e não a minha, que estou registrando. Mas é uma opinião perfeitamente assentada, e, qualquer que seja a posição social do italiano que

---

(*) E impossivel deixar passar a imputação sem a contestar terminantemente. E esta em nossa opinião, a mais seria e grave de todas as inexactidões que escaparam a madame Rattazzi, de certo originada em informações desleaes e absurdas.

Não ha paiz no mundo que dê mais franca e amoravel hospedagem ao estrangeiro do que Portugal. As industrias estrangeiras prosperam aqui como em nenhuma outra nação. E quanto aos francezes, não é sympathia o que elles nos inspiram, e idolatria por vezes absurda e até exagerada. E para prova, veja-se as modistas, os cabelleiros, os cozinheiros e as companhias theatraes de torna viagem.

N. do T.

vá a Portugal, consideral-o-hão sempre como um pasteleiro, que fez fortuna, ou como um tenor á procura de escriptura.

Os francezes, excellentemente acolhidos na apparencia, no fundo são profundamente detestados. Quando não sejam luveiros, cabelleireiros ou cozinheiros, são tratados á laia de aventureiros. Ambiciona-se tudo quanto provém da sua intelligencia, utilisa-se tudo quanto ella produz em sciencias, bellas artes, litteratura; mas ninguem se julga obrigado á troca. Detestam-os por instincto. Esta antipathia transmitte-se de paes a filhos, ou para fallar com mais propriedade, de filhos a paes, até ao primeiro imperio.

Um exemplo, entre cem.

Na primavera de 1878, o theatro de S. Carlos deu, durante dois mezes, uma serie de recitas de operas comicas francezas, com uma *troupe* de artistas talentosos, expressamente contractados em Paris. O publico gostou d'este genero de espectaculos e manifestou a sua satisfação recebendo com salvas de palmas os interpretes do reportorio, que, por assim dizer, lhe era desconhecido. Por sua parte os artistas, querendo dar ao publico lusitano um testemunho do seu reconhecimento, organisaram, antes de deixar Lisboa, uma grande representação á sua custa, cuja receita devia reverter em beneficio da sociedade das *créches*. Solicitaram da rainha, que preside a essas sociedades de beneficencia, auctorisação e protecção, que graciosamente lhe foram concedidas. A noite passou-se excellentemente; casa cheia, a trasbordar; o producto liquido, que reverteu a beneficio das *créches*, attingiu a somma, aproximada, de 700$000 réis. Em um dos intervallos, um dos camaristas foi, por ordem da rainha, offerecer a cada uma das tres actrizes, que tinham cantado, um *bouquet*, e aos actores os seus agradecimentos.

No anno precedente, os artistas italianos tinham

prestado o seu concurso para um espectaculo da mesma indole e receberam, uns, uma condecoração, outros um brinde. Para os francezes entendeu-se que era sufficiente os agradecimentos de s. ex.ª o camarista. Isto é um facto symptomatico, que indico de fugida.

É provavel que seja essa a razão porque Lisboa prefere a musica italiana á musica franceza.

É uma questão a que voltaremos em outro capitulo.

CARTA SEXTA.

SUMMARIO

O amor em Portugal.—Paixão e olhadellas.—Os salões e o corpo diplomatico.—Os jesuitas.—O padre Miel.—Os Inglezinhos.

Resolvo-me a percorrer Lisboa sem *cicerone*, em zigue-zagues, como é indispensavel a todos os *flâneurs* ou *touristes*, ora subindo ora descendo, consoante o capricho do acaso ou da phantasia.

É talvez esta a melhor maneira de ver e de conhecer um paiz.

Ainda não é tudo; visto que se trata de caminhar á vontade, em plena liberdade, vou começar, não pela Lisboa externa, mas sim pela Lisboa interna, introduzindo-me no lar, e, quando não poder fazel-o, escutando ás portas e contando depois o que vir e ouvir. Asmodeu ahi está para me absolver do peccado.

Os portuguezes e as portuguezas são essencialmente *apaixonados*. Esta expressão pode traduzir-se litteralmente pelo mesmo vocabulo equivalente. Se um portuguez poz os olhos em uma mulher e deseja revelar-lhe qual o estado do seu coração, espia-lhe a sahida, segue-a a distancia, relanceando os olhos de tal modo que nos obriga a pensar que o homem tem uma agulha espetada nas gaelas ou que é victima de laboriosa digestão. Emfim, todos os dias, á mesma hora, pas-

sará debaixo das janellas da deusa, apparentando uma expressão triste e sentimental.

Dura esta manobra, mais ou menos tempo; depois, succede-se a troca de cartas. Se a dama não apparece á janella, o sugeito muda para algures, o coração, os olhos ternamente envesgados e o seu miserando aspecto de condemnado ás penas do purgatorio. Se, ao contrario, a bella permanece á janella durante a faina quotidiana do cavalheiro, este fica authorisado a endereçar a primeira epistola. A dama responde, o enamorado replica; está ferida a batalha.

Quando a deusa é casada, o facto transforma-se, por vezes, em um *ménage* a tres; se não é casada nem solteira, a situação simplifica-se. Se é rapariga, os paes tomam posse do segredo amoroso e deixam o apaixonado exhalar, em plena rua, ardencias da chamma que o consome, mais ou menos tempo, ás vezes dois ou tres annos antes de o authorisarem a fazer a côrte de portas a dentro; isto porém, não o dispensa de pôr os olhos em alvo, o que se chama *olhar*, em portuguez, pela boa rasão de que o homem que não *olha* não está namorado, absolutamente como o soldado que não tem divisas, não póde passar por cabo d'esquadra.

O processo e a iniciativa da *olhadella* creio que não pertencem exclusivamente ao homem. Quando a mulher quer significar ao homem que não lhe desagrada, não se supponha que lhe vae no encalço ou que o espera debaixo das janellas; mas no passeio, no theatro, na missa, olha-o com fixidez, persistentemente; nada mais é necessario para lhe dar a entender que pode avançar.

O amor, em Portugal, leva a palma a muitos outros paizes. Não é raro, por esse motivo, ver-se meninas de treze ou quatorze annos já mães de familia. Os anthropologistas ensinam-nos, a este respeito, que desde o momento em que a mulher é núbil, seja qual for a sua

idade, está apta para o casamento. Sou eu talvez a unica pessôa que se surprehende com estas cousas. Que querem? desagradam-me, em geral, a precocidade d'estas uniões. Ha entre a mulher feita e a mulher demasiado juvenil, que brinca com bonecas, esse termo medio que as leis francezas souberam estabelecer com tanta equidade e justiça, para legalisar o casamento: quinze annos e dois mezes, e esses mesmos raras vezes aproveitados. Devemos tambem dizer que em Portugal a creança de doze annos tem já os seus namorados, as suas horas de janella, as suas *olhadellas*, e, por vezes, a sua correspondencia. É um estudo, quasi sempre esteril, mas que lhe será util para o futuro.

As portuguezas só são bonitas por excepção: mas quasi todas possuem formosissimos olhos: e é sem duvida por isso mesmo que fazem tanto uso d'elles.

Os portuguezes são geralmente bellos e bem feitos; mas prejudicam muito estas qualidades pelo excesso de vaidade: alguns d'elles dão-se ares de vencedores quando passam junto das mulheres.

O amor tem um logar tão importante e absorvente em Lisboa, na vida da maior parte da gente, que se pode dizer que não lhe resta tempo para mais nada. A mocidade elegante da capital é, em geral, ignorantissima. Aprendeu pouco; por consequencia não sabe quasi nada. Não respiramos a atmosphera das gerações espontaneas. Entre os rapazes que ensebam os casacos, roçando-os pelas paredes e esquinas do *Chiado* e *Casa Havaneza*, (*) affirmava Herculano que não se conta-

(*) A *Casa Havaneza* é um grande estabelecimento onde se vendem charutos e tabacos; esta situada no Chiado, a rua elegante de Lisboa. É de bom tom estabear encostado ás paredes e portas da *Casa Havaneza*. Admirou-me deveras quando o conde de Paraty, que me acompanhava, respondendo ás minhas interrogações, me explicou o alcance d'esses singulares estabelecimentos, que mereceriam ser designados *club dos tagarellas*.

ria uma duzia susceptivel de saber que a terra era espherica. Aquelles a quem a fortuna sorri, possuem um cavallo em que andam a maior parte do dia, caracolando nas ruas mais frequentadas. Os menos ricos, que não teem cavallo, usam enormes esporas nas botas, que calçam quando se levantam e que não mais abandonam. Se travardes conversação com um d'esses elegantes cavalleiros ou pseudo-cavalleiros, evitae prudentemente elevar-vos ás regiões intellectuaes, porque não só não sereis acompanhado n'essa viagem, como provocaria o facto um espanto sem precedentes. Para ser comprehendido e escutado, é mister fallar-lhes das suas conquistas, das mulheres que teem sedusido. Porque, — regra geral, — todo o portuguez, moço ou velho, bello ou feio, instruido ou ignorante, civil ou militar, é um conquistador, que póde dizer como Cesar: *Veni, vidi, vici*; ao qual basta fitar a mulher, de certa maneira, para ver a infeliz curvar-se sob a sua fascinadora influencia.

Um dia, disse-me um dos meus amigos, fui apresentado a um velhito, magro e encarquilhado, passando dos 70 annos, com a lingua pendente, como um velho cão desdentado; mas par do reino e occupando uma alta posição; procurei encaminhar a conversa para assumptos relativos a Portugal. Perdi o meu tempo. O pobre homem não me fallou senão das suas conquistas, passadas e presentes; confessou-me, ingenuamente, que tinha feito enlouquecer por elle, havia ainda pouco, uma rapariga de vinte annos, que se queimara no fogo do seu olhar, e, ao contar-me este feito, lambia muitos os labios, como um gato que saboreia as ultimas gotas d'uma chavena de leite.

Receioso, ao contemplar-me a phisionomia pasmada, que houvesse duvidas no meu espirito, acrescentou, inclinando-se para o meu ouvido:

— É a pura verdade; a *pequena* confessou-me

que foi só ao pé de mim que se lhe revelaram os jubilos e a poesia do amor. Foi preciso invocar toda a minha coragem, acrescentou o meu amigo, para não deixar transluzir o espanto que me dominava, a esse velho funccionario do Estado e do amor.

O amor traduz-se materialmente, em todos os paizes da terra, pela estatistica dos nascimentos. Por esse motivo os hospicios dos engeitados estão a deitar fóra, desde as lojas até ás aguas furtadas. De resto, as crianças são excellentemente tratadas n'esses hospicios, organisados com o mais escrupuloso esmero, e que podem servir de modelo á Europa: é esse talvez o estimulo de que resulta não estarem nunca despovoados.

Lisboa é uma cidade pouco frequentada pelos estrangeiros; mas apesar de não offerecer quasi distracções, ha sempre desejo de ali voltar. Mais de um membro da diplomacia, ao abandonar o exercicio activo da sua missão, tem resolvido fixar em Lisboa a sua residencia.

O antigo primeiro secretario da legação franceza, o barão de Mainard, para ali voltou, segundo se diz para contrahir matrimonio. O sabio e espirituoso embaixador da Russia, o sr. Glinka, possuidor de uma notavel galeria de pintura, recusou a promoção só para não sair de Lisboa. O ministro da Austria, barão Vietes, que allia á sua qualidade de escriptor o ser um homem de finissimo espirito, está no mesmo caso. Emquanto ao marquez d'Oldoini, o amabilisssimo ministro de Italia, morreria se o afastassem d'ali. A sua estada em Lisboa deve uma ventura real e inesperada.

Depois de residir muitos annos em Portugal, teve a felicidade de vêr acceita a sua côrte por uma encantadora viuva, pertencente a uma das melhores familias do paiz. A nova marqueza d'Oldoini acceitou o encargo, bem difficil, de preencher, no espirito do marido, o vacuo deixado por duas affeições, que se chama-

ram a condessa de Castiglione, e sua mãe, a primeira marqueza d'Oldoini. Com uma modestia e coragem inexcediveis, reunida a uma verdadeira dedicação por seu esposo, a joven marqueza, acompanhada de suas duas filhas, conseguiu enflorar a vida, um pouco triste e sombria, do ministro italiano. Depois do casamento, o marquez de Oldoini rejuvesneceu dez annos. Muitas das coisas d'este mundo elle verá apparecerem-lhe sob um outro aspecto, uma outra forma e uma outra côr, tudo isto devido á benefica influencia de uma mulher tão respeitada quanto respeitavel, e aos dois anjos da familia, como lhe chamam, que elle teve a ventura de ver no seu lar.

No dia em que proposessem ao marquez a transferencia, pediria a sua demissão.

Lord Lytton Bulwer e sua encantadora mulher, mesmo entre os esplendores e magnificencias da India, teem sentido saudades da sua linda habitação de Lisboa. O sr. de Laboulaye experimenta tambem um vivo desejo de tornar definitivamente portugueza a sua residencia. Todos, emfim, até o barão de Japurá, representante do mais espirituoso e litterario dos principes, o imperador do Brasil, desejou voltar para as margens do Tejo. Lisboa prende, o que é bem mais difficil, segundo se diz, do que attrair.

A egreja de S. Luiz de França é rica e os seus ministros dispõem de grande influencia. O padre Miel é considerado pelos francezes, que se lhe dirigem, como a sua providencia. Aquelles ministros de Deus, seguindo n'isso a tradição da sua ordem, tem numerosas relações, escolhidas entre as pessoas melhor collocadas e tiram d'ahi grandes proveitos. No consul de França, o sr. de Gérando, e no ministro que precedeu o sr. de Laboulaye, o sr. Armand, encontraram os padres uma protecção dedicada, que bastante concorreu para o seu engrandecimento. Disseram-me, mas

não posso garantil-o, que a egreja de S. Luiz recebe subsidios do governo francez, chegando mesmo a pensar-se em apresentar a questão ao ministerio dos cultos, em Paris.

O padre Miel rodeiou-se de algumas irmãs de caridade, que se occupam fazendo propaganda pelas casas particulares, onde são chamadas para tratar de doentes, servindo ao mesmo tempo de enfermeiras no hospital, pertencente aos padres, que presta excellentes serviços.

As irmãs saem poucas vezes, mas quando, por acaso, se encontra alguma nas ruas, o seu habito desperta a curiosidade.

O padre Miel e os seus discipulos vestem-se como os ecclesiasticos francezes. Os legitimistas e as pessoas sérias protegem-os; e elles compensam esta protecção praticando o bem que está na sua alçada.

Deixemos os lazaristas e entremos nos Inglezinhos.

Encontram-se, muitas vezes, nas ruas de Lisboa, em grupos de dois ou de tres, vestidos como os nossos padres francezes. Na cabeça o tradicional barrete de clerigo; aos hombros uma facha tyroleza, de panno vermelho, formando uma cruz sobre o peito. São os inglezinhos, segundo a phrase do paiz. O termo é improprio, visto que os portuguezes tomam o todo pela parte; deviam chamar-lhes, de preferencia, irlandesinhos, porque elles são quasi todos meus compatriotas, e, como o seu habito indica, pertencem á religião catholica. Em Lisboa, como em Roma, possuem uma magnifica casa e encarregam-se da educação dos rapazes, quando ha quem lh'os confie.

A infanta D. Isabel, fallecida ha trez annos, deixou todos os seus haveres ao padre B***, superior dos Inglesinhos.

CARTA SEPTIMA

SUMMARIO

Uma toirada em Lisboa.—Toiros embolados.—O conde d'Arcos. — Os *capinhas* portuguezes.— Os forcados.— Toirada de amadores. — As *monas*.—O emprezario Victorino.— A caza da Misericordia.—Cavallos e toiros.

O mais concorrido dos espectaculos, em Lisboa, é a toirada. O portuguez adora este genero de diversão, sendo, talvez, esse o unico ponto de contacto no sentir que conserva com o hespanhol, seu inimigo mais proximo e tambem o mais detestado. As toiradas portuguezas tem soffrido modificações, que lhe alteraram um pouco o seu caracter primitivo, não existindo, quasi, o risco de vida para os lidadores.

Os toiros são *embolados*, quer dizer, tem as hastes forradas com um pequeno sacco de coiro, cuja extremidade fecha com um tampão de madeira ou de ferro.

O animal não pode rasgar nem furar o toireiro e apenas, ás vezes, lhe causa algumas insignificantes feridas contundentes. E se isto não é tudo quanto pode conseguir-se para o progresso e civilisação, é, não obstante, já alguma coisa: e ainda que uma *bolada*, em pleno peito, não pode ser nada agradavel, não ha todavia nas toiradas portuguezas a selvageria das hespanholas, em que o toiro se defende em hastes limpas, parecendo presidir a esses combates alguma divindade feroz, que reclama um tributo do sangue das victimas, escolhidas e condemnadas previamente.

(*) Em Portugal, o viajante que assiste pela primeira vez a uma toirada, julga-se transportado á plena realisação d'um sonho oriental. Dez mil mãos agitam outros tantos lenços. As acclamações succedem-se, seguem-se, crusam-se! O povo leva colchas e pedaços de tapetes de cores vivas, que estende, para se encostar, quer no muro da trincheira, quer no parapeito dos camarotes, que são na sua maior parte enfeitados pelos chailes de Toukin que as senhoras, de differentes graus sociaes, desde o mais alevantado até ao mais humilde e mizeravel, ahi collocam. O enthusiasmo é enorme! Lá em cima o bello ceu peninsular desdobra o seu manto, d'um delicioso azul, e o formoso astro do dia dardeja todos os seus raios, emquanto por entre as trincheiras passeiam os *homens da agua fresca*, pro-

(*) No reinado de D. José, que gostava immenso das toiradas, ás quaes sempre assistia com as mais formosas damas da corte, foi morto, por um toiro, que estava lidando, o conde dos Arcos. Seu pae, o marquez de Marialva, um velho magestoso, picador mór da casa real, saltou á praça, louco de dor e desembainhando o espadim, matou o toiro. Este incidente fez com que o marquez de Pombal insistisse com o rei para prohibir as toiradas com toiros desembolados, demonstrando-lhe que Portugal não era um paiz tão povoado que podesse sacrificar um homem a cada toiro.

Foi esta a ultima toirada, a sério, que houve no paiz. D'ahi para cá as corridas ficaram sendo o que hoje são.

Rebello da Silva escreveu a este respeito um magnifico artigo no jornal *A Epoca*, com o titulo *A ultima corrida de toiros em Salvaterra*, em que descreveu a sombria e tragica morte do conde dos Arcos.

lixidade portugueza que significa *aguadeiros*, sobraçando a bilha e gritando o seu *Ahuh*, timbrado com a monotonia de uma nota de tam-tam.

O espectaculo é sobretudo attrahente porque os *picadores*, que estão prohibidos, não fatigam demasiadamente o toiro *pondo-lhe varas* e deixando-o matar dois, tres e mais cavallos, como succede em Hespanha.

Um cavalleiro, habil picador, montando quasi sempre um cavallo de raça, ensinado para a lide, galopa elegantemente em torno do toiro, buscando cravar-lhe uma farpa no *murillo*, em seguida logo outra, mas sem que o cavallo seja nunca tocado. As *farpas* são umas pequeninas flexas, com bicos de anzol, que ficam espetadas no coiro, sem o ferir e ensanguentar como em Madrid. Este trabalho, quando é feito por artistas habeis, é muito gracioso, muito animado, muito cheio de attractivos e se não tem as fascinações do combate hespanhol, é evidentemente mais elegante, mais artistico e está mais no gosto geral.

Manoel Mourisca, um dos cavalleiros, talvez mesmo o unico perfeito, é de uma destreza, verdadeiramente extraordinaria. É só para lamentar que os cavalleiros se vistam como os *gatos-pingados*. (*)

Os *capinhas* portuguezes, assim chamados por uzarem umas pequenas capas vermelhas, com que chamam os toiros, são a mesma coisa que os *bandarilleros* hespanhoes e vestem um fato meio á portugueza meio á hespanhola, (**) sem conseguirem nunca ter a desen-

---

(*) Ha já tres epocas que os cavalleiros deixaram de usar o ridiculo trajo de picador, substituindo-o pelo fato á Marialva, que hoje vestem.

(**) O *capinha ou bandarilheiro* portuguez, que é uma e a mesma coisa, veste exactamente como o hespanhol, distinguindo-se apenas em usarem rabicho e *coleta*. As *monteras* foram adoptadas pelos nossos artistas ha muito tempo.

N. do T.

voltura nem a graciosidade de saltos que distingue os andaluzes!

Estes são elegantissimos! O *capinha* veste calção justo, de cores vivas, recamado de oiro, jaleca egual, cinta de côr differente e capa de seda, com riquissimos bordados; são ageis e admiraveis de destresa. A turba victoria-os e orgulha-se d'elles, quando o seu trabalho é distincto. Então applaude-os, acclama-os, e, ao menos por uma hora, faz d'elles imperadores!

As toiradas são effectivamente um dos espectaculos mais cheios de attractivos que é possivel imaginar, offerecendo uma singular mistura de grandeza e de puerilidade; — parecem vir de Athenas em linha recta. Quizera poder pintar com cores bem vivas este espectaculo, que Alcibiades não desdenharia!

Já disse que assistem ás toiradas dez mil pessoas. Ás 4 horas estão já occupados os camarotes e todos os logares de trincheira. A impaciencia começa a manifestar-se na maior parte dos espectadores pelo *assobio*, que é de todos os paizes e marca uma doce fraternidade entre os garotos de todas as raças.

Logo que a porta se abre, estabelece-se o silencio, como por encanto; então começa o espectaculo. O *neto*, especie de meirinho, montado sobre um cavallo ricamente ajaezado, transmitte as ordens do director da corrida e manda entrar a *cuadrilla* na arena.

Os cavalleiros avançam e recuam por tres vezes, comprimentando a auctoridado. Aos lados dos cavalleiros formam, em linha, os *bandarilheiros*, por detraz d'estes os *moços de forcado*, de que a seu tempo fallarei. São uns perfeitos homens, de calção amarello, camisa e collete alvissimos, barrete verde e figura desempenada. Á frente de todos, uns luctadores em ser, pagemsitos pequenos, saltando á trincheira com difficuldade, e que tem por encargo limpar a arena dos fragmentos das farpas, restos do combate.

Esta entrada é deslumbrante! Ainda que as toiradas não passem de um simulacro, quasi inoffensivo, esperar-se ouvir bradar, a todo o instante, a esses heroes do circo:

«Povo os que vão morrer te saudam»!

O abrir da *gaiola* para a saida do toiro é verdadeiramente curioso! O animal sae de cabeça baixa, aos corcovos, ora dando galões como uma serpente, ora parado, nervoso e inquieto, fazendo voar a areia com a respiração offegante, açoitando os ilhaes com o penacho da cauda e arremettendo contra os lidadores que o *citam*, quer em sorte de bandarilhas, quer com os *galéos* de *capote* para o levarem ao cavallo! É então que se dá o brilhante e singular combate da força contra a destreza. Fonseca, (*) montado sobre um cavallo de bello *escape*, descreve curvas na arena, ao galope, entrando na *jurisdicção* do toiro e crava-lhe, com a mão direita, uma farpa no *murillo*, deixando-lhe pendente umas fitas de papel de cores, contra que o animal, se é fino, *claro e boiante*, arremette no paroxismo da furia. Sem perder tempo, os bandarilheiros desviam o toiro, com os *capotes*, da *viagem* do cavallo, e logo que recebem ordem para isso, cravam-lhe, por sua vez, pares de bandarilhas. O grande merito d'este trabalho consiste em *apontar* os ferros ao meio do *murillo*, deixando-os ahi, sem receber, em troca, nenhuma *bolada*. Muitas vezes o toiro, quer por excesso de genio, quer por covardia, salta a trincheira falsa e mesmo as bancadas dos espectadores. O panico das mulheres só pode egualar-se á alegria doida da multidão, que faz tu-

(* Não temos nenhum cavalleiro tauromachico que assim se chame, e não podemos atinar a quem a distincta escriptora se queira referir. Mesmo entre os amadores, nenhum assim se chama, e apenas nos recorda de ver uma vez toirear a cavallo, em beneficio do bandarilheiro Manoel Bolas, ha talvez tres annos, o notavel *capinha* Vicente Roberto da Fonseca. Seria a este que a princeza Rattazzi quiz alludir?

N. do T.

do quanto pode para attrair o animal, puxando-lhe pelos paos, batendo-lhe palmadas nas espaduas ensanguentadas, assobiando-lhe, gritando-lhe, animando-o, fazendo-lhe ovações, de que, em geral, elle pouco ou nenhum caso faz.

A parte pittoresca e perigosa do espectaculo é a entrada dos *forcados* na arena, para executarem a *pega*. Os *forcados* são oito homens, armados de umas pequeninas forquilhas e dotados de força herculea. (*) Chegada a sua vez, collocam-se em frente do animal e aquelle a quem pertence a *pega* destaca-se do grupo, batendo as palmas ao toiro e fazendo, por vezes, gestos de um comico adoravel! Quando o animal *arranca* o forcado recua um pouco, *dando terra*, até que é levado entre as hastes, segurando-se com os dois braços lançados em torno do pescoço do toiro. Os sete companheiros correm immediatamente, caem todos sobre o animal, que depois de estar seguro, é largado no meio da arena, aproveitando-se o momento de espasmo nervoso que se apodera d'uma fera ao ver-se domada! Esta parte do espectaculo é completamente original e muito interessante. É raro terminar sem que haja alguma costella machucada, ou algum bolêo que dê em resultado augmento de volume dos narizes dos pegadores; mas, felizmente, acaba sempre sem derramamento de sangue. Nada enthusiasma mais, nem é mais cheio de vida, que esta variante do espectaculo, porque ha toiros, *matreiros* e conhecedores da arena, que avançam com o forcado em *derrotes* e, colhendo-o pelo peito, arremessam-n'o a mais de vinte metros.

(*) Com o devido respeito pelos talentos da illustre escriptora, devemos protestar contra os adjectivos, — perigosa e herculea. — As *pegas*, quando executadas por quem sabe, são inoffensivas, mesmo admittindo que a força do *pegador* não seja *herculea*. N. do T.

Quando o animal se acha no terceiro estado (*aplombado*) e já impossibilitado, pela fadiga, de continuar a *lide*, em vez de o matarem, cravando-lhe, como em Hespanha, uma espada que atravessa as espaduas, indo feril-o no coração, terminando a luta manchada de sangue, faz-se simplesmente entrar na arena oito bois, (*cabrestos*), companheiros de pastagem do toiro, e regressam todos ao *chiquero;* em seguida abre-se novamente a *gaiola* e sae outro animal para recomeçar a lucta!

Nada mais caracteristico nem mais divertido que ver recolher o toiro entre os cabrestos. Cremo-nos transportados a uma outra epoca. Os campinos correm de pampilho na mão, atraz do tropel esfogueado, n'uma confusão indescriptivel e obrigam a pequena manada a dar uma volta, e mais, á arena, para conseguirem metter o toiro entre os cabrestos, evitando que elle *respalde* na entrada do toiril, o que ás vezes não conseguem, senão a custo de muito trabalho, porque o animal, descançando um momento, volta á arena provocando novamente o combate, que já lhe não acceitam, porque desde a sahida dos *cabrestos*, todos os lidadores retiram da praça a tomarem refrescos, a fumar um cigarro, a descançar emfim! Logo, porém, que o toiro entra o limiar do curro, as portas fecham-se rapidamente sobre elle, toca a musica, os lidadores são chamados ao circo e victoriados e em seguida, solta-se outro toiro.

O enthusiasmo manifesta-se de todas as maneiras, quer atirando charutos e flores aos toireiros, quer applaudindo-os com palmas e bravos; as mulheres sorriem, emquanto os homens atiram com os chapéos para a praça e chamam á trincheira os artista seus prediletos, a quem abraçam.

O proprio toiro participa tambem muitas vezes destas ovações. Assobiam-lhe, acclamam-n'o e mais d'um

chapéo tem ido fazer piruetas deante d'elle, em signal de admiração. Eu vi até, um forcado no auge da furia, por não serem attendidas as suas provocações, arremessar á cara do toiro o barrete verde como se fôra uma luva de desafio:—o covarde devia levantal-o!

O que caracterisa o lado colorido d'este espectaculo unico, é a vivacidade, e, sobre tudo, a franca impressão dos povos, onde as toiradas teem logar de honra. Vae-se para os toiros com indiscriptivel bom humor, e desgraçado do estrangeiro que não pense como os indigenas: faz má figura, e, elle proprio, sente-se *dépaysé* e isolado no meio do sentimento publico.

Um traço notavel: os portuguezes aproveitando-se do direito que compram á porta, pagando, rejubilam-se nos dias de toiradas, como em geral sempre que podem, de injuriar os hespanhoes. Todos os annos, o emprezario da praça dos toiros do Campo de Sant'Anna, contracta alguns artistas hespanhoes, escolhidos entre os mais distinctos e mais afamados *espadas*, quer dizer, matadores de toiros á espada nas corridas hespanholas, onde o animal recebe sempre a morte. Em Lisboa, não teem elles, pois, ensejo de mostrar a sua pericia, e desesperam-se de ver sempre recolher o toiro são e salvo, entre a sua escolta de cabrestos.

Teem de contentar-se de simular a morte com uma espada de pau, terminada por uma pequena bandarilha com um penacho vermelho, e que indica apenas se a estocada era ou não bem *apontada*. De resto collocam bandarilhas, e trabalham com o *capote* e *muleta* com a sua inimitavel desenvoltura. Grande numero de vezes, executam esses trabalhos com prodigiosa dextreza, *forçando* assim os applausos; mas se por infelicidade commettem a menor falta, se qualquer dos companheiros de *cuadrilla* que seguem os *espadas*, seus mestres, como um bando docil, compromette o espectaculo por qualquer desastramento, todos os especta-

dores começam a vociferar, e não ha injurias, maldições, pragas, vaias nem apupos, que não arremessem ao pobre diabo. É d'um goso inefavel para um portuguez poder dizer a um hespanhol, que é um trapalhão, um vadio, um imbecil, um miseravel!

Por este motivo, nas tardes em que os hespanhoes teem de estabelecer o confronto do seu trabalho com os artistas portuguezes, a praça enche-se a trasbordar, por este duplo attractivo de uma corrida extraordinaria, e de poder injuriar o eterno inimigo (*)

(*) Isto é d'uma injustiça sem limites. Rarissimo é que qualquer dos artistas portuguezes colha os applausos de que os hespanhoes aqui teem sido alvo e não me recordo mesmo de ver que nenhum *espada* fosse nunca apupado.

A grande injuria que se dirige, e essa mesma aos pseudo-bandarilheiros que acompanham os *espadas* e que são sempre, á excepção de *Pescadero*, umas mediocridades indignas de poderem comparar-se com o ultimo dos curiosos almadenses, é mandal-os vender agua, e chamar-lhes gallegos, coisa que os proprios patricios lhes dizem. É frequente em Hespanha, corresponder a cada par de bandarilhas mal postas, um berreiro furioso — Gallego, vá usted a sacar agua! A la calle, a la calle!

N. do T.

CARTA OITAVA

SUMMARIO

Os espectaculos.—Theatros: de D. Maria II, Gymnasio, Principe Real, Recreios Whitoyne, Rua dos Condes, Variedades.—O circo Price. — As pateadas. — Usos e costumes theatraes. — O actor Santos.—Emilia das Neves.

«Dize-me o que comes, dir-te-hei quem és,» observava um homem d'espirito. Toca-me a vez de dizer, modificando o velho proloquio popular, como o Brillat-Savarin: «Dize-me que theatros frequentas, dir-te-hei quem és.»

O theatro de D. Maria II, situado n'uma das extremidades da praça de D. Pedro, forma como construcção um monumento isolado. A sala é elegante, fabricada no gosto italiano; os camarotes grandes e commodos; o *foyer* encantador.

Este theatro foi creado e veio á luz do mundo com um fim especial, com uma missão puramente nacional: deviam-se representar n'elle, segundo o pensamento gerador, peças exclusivamente portuguezas,—tragedias dramas, comedias, salvo raras excepções; ora, ao presente, não se representam senão peças francezas, especialmente as que teem mais voga no momento em Paris. Tratava-se, primeiro, de favorecer a arte nacio-

nal, estimulando e alentando a coragem dos talentos mais promettedores, mas, actores e auctores estão ainda reduzidos ás proprias forças; o governo transportou a sua protecção official para as regiões do platonismo. Dadas estas circumstancias, o infeliz theatro morre de inanição. E comtudo conta no seu gremio bastantes actores distinctos, alguns mesmo *hors ligne*; mas, que fazer com a indifferença do Estado e sobre tudo com a mingoada solicitude do publico? Trabalha-se por officio, e que officio! Traducções absurdas de obras ineptas a maior parte das vezes. Quanto á arte nacional, salva-se do negocio. Deus sabe como, e debate-se no vacuo.

Como artistas dramaticos, salvo algumas excepções aliás raras, os actores são geralmente mais notaveis do que as actrizes. Emilia das Neves, uma artista que em todos os paizes seria reputada uma summidade, merece ser apontada como a excepção que confirma a regra.

Os dois irmãos Rosa são artistas de merito; o seu talento chega por vezes a ter radiações que communicam o fogo sagrado aos seus collegas. Vi-os representar nos *Fourchambault* de maneira distinctissima, e se Augier os visse ficaria impressionado, seguramente. Quanto ao pae d'esses dois actores, de tal modo se incarnou em o *Marquez de la Seiglière*, que faz esquecer Samson. Infelizmente, os esforços d'estes artistas conscienciosos são de todo o ponto estereis. Em geral, representam unicamente para as aranhas, e ainda mesmo nos lances do drama mais pathetico ou mais turbulento, não conseguem interrompel-as no trabalho melancolico e solitario da teia. Algumas vezes o domingo faz o milagre de levar espectadores ao abandonado theatro. N'esses dias, os burguezes pacatos e atarefados vão alli descançar das canceiras da semana, nas cadeiras pouco commodas da plateia. Recostam-se, do-

cemente divididos entre as situações commoventes da peça e as doçuras seraphicas do somno.

O *Gymnasio* é um theatro pequeno assás elegante, genero do *Theatre-Déjázet*, de Paris. Representam-se ahi vaudevilles e comedias francezas traduzidas em portuguez. Uma vez por outra peças d'occasião. Não está permanentemente aberto pela simples razão de que as receitas são mais que do que mediocres. Os artistas e os directores encontram-se frequentemente uns para com os outros na mesma situação em que Mr. de Talleyrand se achava para com um crédor importuno:

—Desejava saber, disse este, quando v. ex.ª me pagava.

—O sr. é muito curioso! respondeu o principe.

Não obstante, o actor Antonio Pedro, uma notabilidade da scena, um artista verdadeiramente distincto, representa n'esse theatro, de maneira inexcedivel, a obra prima de Antonio Ennes, *O Saltimbanco*, secundado por duas jovens e formosas actrizes,—Beatriz Rente e Emilia dos Anjos. Pode dizer-se que os artistas gosam d'uma graça da profissão: representam por amor da arte.

O theatro da *Trindade* toma o nome da localidade em que está situado. A sala muito elegante, é construida pouco mais ou menos pelo modelo das salas francezas, com balcão e galerias. A companhia dedica-se especialmente ás operetas de Offenbach, de Lecoq e outras, traduzidas em portuguez. As peças são bem postas em scena, mas cantadas de maneira deploravel. Comtudo, ha n'este theatro um artista, o sr. Ribeiro, actor de verdadeiro talento, e de merito que merece ser registado. O theatro é bastante frequentado, se bem que os preços sejam relativamente elevados. Mas o ouro é uma chimera, tanto n'este como nos outros templos de Thalia. Os accionistas, que subscreveram

com os seus dinheiros para a empreza n'um accesso de enthusiasmo, apenas conhecem regularmente a epocha em que deveriam receber os dividendos das suas acções.

O theatro do *Principe Real* é um pequeno theatro que, como o do *Gymnasio*, vive durante alguns mezes do anno. Estiveram ahi duas *troupes* d'opereta franceza com artistas francezes que não foram mais felizes do que as indigenas.

Os *Recreios Whittoyne* merecem attenção. É uma curiosidade sob muitos pontos de vista.

M. Whittoyne era um clown inglez que encantava o publico dos circos pelas suas deslocações, arlequinadas e pantomimas. Dotado do instincto mercantil da sua patria, teve a habilidade de farejar capitalistas e de conseguir interessal-os na ideia de crear um jardim de verão, com diversões, jogos e theatros; o que prova a sua intelligencia e constitue o seu melhor elogio, por que não é negocio de pouca monta, segundo me informam, resolver um portuguez que tem dinheiro a empregar os seus fundos de maneira diversa que não seja a do emprestimo com hypotheca privilegiada, a juro de 25 por cento! Mas como descobrir, como obter um jardim no centro de Lisboa? Não era facil empreza. Procurou-se, investigou-se por muito tempo; cançados de explorar, foram por fim assentar vistas n'uma propriedade do marquez de Castello Melhor, n'uma collina cortada a pique, para a qual se sóbe por quinze ou vinte lances d'escada, habilmente dissimulados, mas cujos declives era suavisar.

Encontrado o local, tratou-se de recrutar accionistas; constituiu-se uma empreza e emittiram-se acções de 100 francos, que tiveram facil collocação, porque representavam uma multidão de direitos qual d'elles mais proprio para engodar, a entrada livre, o passeio, o concerto, etc.; emfim, a colonia viu apparecer successiva-

mente sobre as suas cristas, um pouco espantadas, um theatro de madeira e de cartão pintado, uma galeria de lona pintada, kiosques de papelão pintado, um circo lilliputeano de papel pintado, e tudo isto subordinado a uma administração igualmente de papelão pintado, porque, pouco tempo depois da abertura d'esse maravilhoso Eldorado que promettia todos os prazeres, e que se inaugurara ao som dos hymnos de risonhas esperanças, vendiam-se as acções, nas ruas de Lisboa, a 25 *sous* cada uma. Ora, ahi está o que são as cousas!

Assim passa a gloria n'este mundo! *Sic transit gloria mundi!*

Da derrocada financeira da empreza, restou, porem uma cousa: uma palmeira magnifica, objecto de todos o mais notavel do estabelecimento, o unico que realmente não é de papel, papelão ou cartão pintado. Os outros cartões subsistem ainda, verdade é; mas quão distantes das primeiras esperanças e como as suas frescuras estão baças e amortecidas! O theatro que aberto a todos os ventos se assemelha a uma estufa em que as vidraças estivessem quebradas, é explorado por acrobatas, velocipedistas, bezerros de tres cabeças e outros phenomenos e uma companhia de *zarzuela* hespanhola (opereta). Merece esta menção honrosa; representam por vezes peças originaes que não carecem de brio e de bom sainete.

A clientela habitual dos *Recreios* não é absolutamente de primeira plana; aos domingos de verão uma excellente banda de musica regimental attrahe algumas pessoas de todas as classes ao jardim convertido em centro commercial de *cocottes* de toda a proveniencia e natureza, convertendo-se assim em uma especie de Bolsa galante; as vendedoras d'agua trajam á moda de vivandeiras, no genero do vestuario da Isabel do Jockey-Club, e constituem uma das curiosidades d'aquelle recinto e das duas pseudo-divisões.

N'uma palavra, a invenção do clown inglez é pouco bafejada pela aura da fortuna; o jardim é um verdadeiro calvario. Ha ahi Magdalenas e capellinhas onde se pódem fazer estações. A proposito devo mencionar uma curiosidade: dou ao leitor mil, cem mil cousas, para d'entre ellas adivinhar o que se collocou n'uma d'essas capellinhas-grutas como ornamento. E' inutil fatigarem a intelligencia procurando acertar. Collocou-se uma dianteira de fogão em marmore!... Ha portuguezes que estacam assombrados diante d'esse fogão e perguntam qual a rasão que determina a sua existencia, e não deixam de confessar que a idéa é altamente engenhosa. Um fogão de marmore n'um jardim de verão! Que singularissima concepção!

O theatro da *Rua dos Condes* é uma ruina archeologica. Tomou o nome da rua em que foi construido. E' bastante concorrido, em primeiro logar pela modicidade dos preços, em segundo porque se representam alli dramalhões de grandes lances assombrosos, como o *Correio de Lyão*, *Os homens do mar* e outras machinas de lagrimas e desesperos. Em toda a parte ha gente que é preciso assustar e fazer chorar para a divertir. Confesso, porém, a minha parcialidade pelo drama... O theatro é dirigido pelo grande actor Santos, actualmente quasi cego, uma das mais interessantes figuras artisticas de Portugal.

O theatro *das Variedades*, onde se representam magicas e revistas, deixou de existir, em holocausto á futura Avenida da Liberdade.

O *Circo Price*, condemnado á mesma sorte, assim designado pelo seu fundador, M. Price, antigo acrobata, é de madeira e sufficientemente feio. Ultimamente, um industrioso viennense, o sr. Ebo Amann, deu-lhe o nome de *Colyseu*, attrahindo alli grande concorrencia por occasião de exhibir uma série de concertos notaveis, onde figuráram Sarrasate. a cantora Do-

nadio e o maestro hespanhol Breton. Perdoar-se-hia todo aquelle rude desconforto e mau arranjo, se ahi se podesse estar mas é impossivel; só funcciona durante o inverno, e o vento e o frio que se filtram por todas as junturas dos emmadeiramentos, salteiam o espectador sob a fórma d'uma temperatura de mares glaciaes. Ao cabo d'um instante tirita-se; um quarto de hora depois está-se gelado, e muito feliz se será se no dia seguinte apenas nos sentirmos com uma *defluxão* ou um ligeiro ataque de rheumatico. Vê-se n'este circulo o que se vê em todos os circos: cavallos que volteiam, levando *Messieurs* e *Madames* que saltam arcos de papel dourado ou rompem innumeravel quantidade de circulos da mesma especie, passando atravez d'elles. Signal particular: é raro haver casa cheia no *Circo Price*, e as receitas apenas dão para o sustento dos cavallos, pelo menos foi o que se me afigurou nas duas vezes que me aventurei a ir lá.

Antes de pôr de parte os theatros e os espectaculos, mencionarei algumas circumstancias caracteristicas.

Em primeiro logar, as *pateadas*. Em Portugal ha tres meios de manifestar approvações aos artistas. Primeiro, applaudir com as mãos, como em toda a parte; segundo, que traduz vivissimo contentamento, gritar *bravo! bravo! muito bem!* como em Italia; terceiro, que representa a quinta essencia do enthusiasmo, levantar-se e agitar com o lenço.

Para manifestar desapprovação ou descontentamento, o assobio é desconhecido. Bate-se no soalho da sala, com os pés ou com a bengala, com moderação, com força, ou ruidosamente, segundo o grau de desprazer que se experimenta. A acção chama-se *patear*, o effeito *pateadas*. Em França, quando não se quer rasgar as luvas, — refiro-me aos que as usam, — bate-se com a bengala, o que equivale ao applauso. Em Portugal,

essa manifestação corresponde ao fim inteiramente opposto; portanto, quando a plateia *patêa*, é um barulho, uma confusão com que ninguem se entende e, um momento depois, uma poeirada que céga.

Aproveito esta occasião para emittir a minha opinião pessoal com referencia ás pessoas que assobiam no theatro. Acho-as estupidas e injustas. Estupidas, porque não remedeiam cousa alguma: injustas, porque ás vezes despedaçam a carreira d'um pobre diabo que ganha o pão quotidiano á custa d'um trabalho duro e doloroso. Quando ides a um estabelecimento e vos vendam gato por lebre, não tornaes lá outra vez, não é assim? Fazei o mesmo com relação ao theatro onde sois mal servido, mas não assobieis!

Os usos e costumes theatraes em Portugal estão ainda em estado primitivo.

São mais burguezes do que desregrados. Ha nos pequenos theatros mulheres que se determinam a apparecer no palco com o fim unico de produzir ás luzes da ribalta o effeito que de certo não fariam na rua, mas é por excepção, pela boa e excellente rasão de que ha poucos amadores ricos. Na maior parte das scenas, as actrizes são casadas ou vivem maridadas com pessoas da sua eleição, dando tanto que fallar do seu comportamento como da sua intelligencia nos dominios da arte, com algumas excepções. Se quizesse citar uma que se distinguisse das demais, pelo seu luxo ou galanterias, ficaria deveras embaraçada, embora tivesse interrogado a este respeito todo o mundo. Sob este ponto de vista, Lisboa não tem afinidade alguma com Paris.

No theatro de *S. Carlos,* que é mais italiano que portuguez, pois que não se representam senão obras italianas interpretadas por artistas italianos, as cantoras são na maxima parte mulheres honestissimas, escoltadas pelos paes quando estão em estado de nupcias,

vigiadas pelos maridos e muitas vezes pela prole quando são mães de familia.

Não ha, no meu conceito, situação mais grotesca no mundo, do que a de marido de mulher de theatro, principalmente quando o sobredito não tem outra occupação senão acompanhar a esposa e metter na algibeira o dinheiro que ella ganha. Parece, porém, que o officio é bom, porque nunca falta gente para o exercer; essas damas casam quasi sempre.

As dançarinas do theatro de S. Carlos não dão ensejo a que o mundo falle d'ellas. E duas rasões ha para isso: a primeira é que, salvo duas ou tres excepções, são feias de metter medo ao mais animoso; a segunda é que a maior parte, ao que me parece, attingiram essa idade feliz em que ha todos os direitos ao respeito da multidão.

CARTA NONA

SUMMARIO

O theatro de S. Carlos

A datar do anno de 1502, em que Gil Vicente vinha de representar os seus *Autos* e pastoraes nos proprios aposentos da rainha, até 1793, epocha em que se começou a fabrica d'este bello edificio, haveria curiosas cousas a referir ácerca do material do theatro portuguez e dos edificios consagrados ás representações dramaticas. Cervantes, com a sua *verve* inimitavel, deu-nos em poucas palavras a mais original idéa do que era o theatro na Peninsula, nos tempos de Juan de la Encina e mesmo de Torres Nabarro. Poucas differenças existiam nas representações populares dos dois paizes. Comtudo, possuimos a certeza de que as vastas salas das universidades, ou os magnificos salões dos paços e castellos reaes, serviam primitivamente á representação dramatica das peças ineditas de Antonio Ferreira e de Sá de Miranda. A erudita filha de D. Manuel, que recebia na sua intimidade as irmãs Sigeas e Paula Vicente, não olvidou que esta ultima era a mais habil artista do seu tempo, e mais d'uma

vez teve ensejo de pôr em relevo o seu talento nas peças originaes do pae. O filho de D. Manuel, o nobre D. Luiz, cognominado *delicias de Portugal*, occupava-se de poesia dramatica, pois que se lhe attribue a paternidade de *Don Luis de los Turcos*. Conseguiu que as suas peças se representassem n'um palacio de que todos os contemporaneos nos fallam gabando a magnificencia e o fausto. Até ahi, attingiu o gosto das representações dramaticas a maxima grandeza, — pelo menos assim o devemos suppôr á luz dos documentos que a epocha nos legou. O cardeal-rei fez tambem representar em Coimbra algumas peças eruditas, quando era principe real e que o seu espirito se norteava pelas lições do sabio Clenardt; mas os espinhosos encargos de inquisidor-mór e mais tarde as crescentes difficuldades dos negocios politicos, acabaram necessariamente de o affastar d'esse genero de divertimentos. Quanto a D. Sebastião, suppondo mesmo que o impulso dado na Europa ao theatro, o arrebatasse um pouco ao habitual mysticismo que o dominava, a grande catastrophe de 1578, sustou infallivelmente todo o progresso na arte e cortou as representações d'essa ordem. Pelo advento da casa de Bragança, subiu ao throno um principe essencialmente artista; mas D. João 4.º cuidava muito mais da grande musica religiosa do que da musica dramatica, e não ha documento algum que nos prove a permanencia do theatro em Lisboa, durante esse periodo. Foi só no seculo 18.º que se edificaram na capital lusitana salas especiaes, consagradas ás representações dramaticas. As peças compostas pelo infortunado Antonio José exigiam necessariamente certa pompa theatral, e a maxima sciencia do machinista não era demasiada, quando em 1760 se representava, no theatro do *Bairro-Alto* uma das suas operas cujo titulo basta para nos certificar do complicado scenario.

Emfim, no reinado de D. José, chegou á capital portugueza a famigerada Zamperini, cuja voz melodiosa foi celebrada por todos os vates do tempo, e cujos encantos produziram, valha a historia, inauditas perturbações entre os dignitarios do clero. A Zamperini e a sua *troupe* estabeleceram-se no theatro da *Rua dos Condes;* este acontecimento realisava-se de 1770 a 1774. A pequena sala do theatro não correspondia de modo algum ás exigencias da opera. Sentiu-se então a necessidade d'um theatro mais vasto, e formando-se uma empreza, graças á reunião de grandes capitalistas, o theatro de S. Carlos construiu-se no breve espaço de seis mezes. José da Costa e Silva, architecto habil, artisticamente educado em Italia, traçou o plano; é evidente que se inspirou nas reminiscencias d'algum grande monumento do mesmo genero que outr'ora tivesse admirado. O que é certo é que os trabalhos foram dirigidos com rara intelligencia por Sebastião Antonio da Cruz Sobral, e que o novo theatro foi inaugurado em 23 d'abril de 1793, por occasião de solemnidade na côrte, anniversario do nascimento da princeza da Beira, esposa de D. Carlos de Bourbon, pretendente de Hespanha. Mr. d'Haulefort presta inteira justiça ao talento de que José da Costa e Silva deu provas exuberantes com essa construcção: «Todos os corredores, diz elle, são d'abobada, assim como as escadas que conduzem aos camarotes; as sahidas estão de tal modo distribuidas, que n'um momento póde a sala ficar despejada. O palco tem numeroso comprimento e largura; pódem ahi manobrar oitenta cavallos ao mesmo tempo.»

A construcção do theatro de S. Carlos remonta a oitenta annos, pouco mais ou menos. E' d'uma antiguidade relativa e de grande interesse, por esta circumstancia, sob o ponto de vista archeologico. Mal surgia da terra, e passava já como uma maravilha entre os portu-

guezes. A sala está circulada, segundo a moda italiana, de cinco ordens de camarotes, um pouco estreitos (é a unica censura que se póde lhe fazer). Não tem balcões, nem galerias. Uma simples linha direita e rectilinea, unicamente interrompida pela grande tribuna real de gala, que occupa muito espaço e a toda a altura do fundo da sala; nada ha mais elegante e ao mesmo tempo mais imponente. De vez em quando, a sala é retocada, mas nunca se alteram as côres nem se toca nos ornamentos, nem na disposição dos camarotes, um pouco agglomerados uns sobre os outros. Ha um *foyer* de que o publico se não aproveita por duas rasões: a primeira, e parece acceitavel porque não lh'o franqueiam; a segunda porque serve de sala de leitura das operas. Devêmos dizer que a privação não é para lastimar, porque tem a desvantagem de estar nivelado com a quarta ordem dos camarotes. Não é muito convidativo para os espectadores que estão em baixo.

A scena, grande e admiravelmente disposta, consiste n'um tablado cheio d'alçapões, pinturas, encaixes, que servem para fazer deslisar pannos e correr bastidores, altos e estreitos, segundo o systema antigo. Não ha, infelizmente, engrenagens ou rodizios superiores e inferiores; por tanto os *trucs* e as imitações á vista são difficilimos de organisar e de machinar.

O theatro de S. Carlos é muito frequentado e a justo titulo; é da moda, do bom tom, ter assignatura de camarote ou de cadeira como condição de vida farta e de distincção pessoal. Tal familia ou tal janota desapparecem durante os seis mezes da estação calmosa e vão para o escuro d'um recesso comer cenouras, nabos e sardinhas a todas as refeições, para poderem, no mez de novembro, reapparecer no theatro, no logar habitual. A ausencia, denunciaria derrocada completa de fortuna e ficariam para sempre perdidos no conceito da opinião publica.

Os mais illustres artistas da Europa têem pisado o palco de S. Carlos, elevando-o a grande reputação. A Stolzt, a Alboni, a Rossi-Caccia, a Catalani e Tamberlick, etc., brilharam ahi com todo o fulgor do seu talento. Boccabadati, Coelini, Zucchini, Maria Sass, etc., etc., vieram em seguida.

Observemos de passagem, que só se canta em S. Carlos a opera italiana, com cantores italianos, directores de scena italianos, decorações italianas, ponto e contra-regra italianos, adereços e vestuario italianos. Todos os annos se canta a *Lucia*, *Somnambula*, *Puritanos*, *Norma*, *Rigoletto*, *Traviata*, *Trovador*, *Favorita*, *Ernani*, *Macbeth*, *Maria de Rohan*, *Poliuto*, *Lucrecia Borgia*, *Barbeiro de Sevilha*, *Força do Destino*, *Fausto*, etc., etc.; algumas vezes, quando o tenor permitte, passa-se ao *Roberto do Diabo*, aos *Huguenotes*, á *Hebrea*, ao *Prophata*, á *Africana*, mas é preciso que estas operas tenham previamente sido desnaturadas por um escriptor italiano.

Se em S. Carlos tudo é italiano, a direcção, ao menos, é nacional e portugueza; no momento actual, segundo me informam, constitue um triumvirato, representado por um emprezario habil, um fabricante de cordas e um empregado d'uma companhia financeira. Estes tres potentados nutrem-se d'este serralho e acabam por conhecer-lhe as sinuosidades, elles e seus amigos. A iniciação custa carissima a estes bravos industriaes, e no fim da estação pagam a gloria dictatorial por defeitos assaz consideraveis.

Diz-se não sei de que conego monstruosamente credio que fôra creado e viera ao mundo para mostrar até que ponto podia alargar a pelle humana. Do mesmo modo direi, por minha parte, que S. Carlos, tomando em conta tudo quanto se me contou, existe para mostrar ao universo até que altura póde chegar o desenvolvimento da arvore do abuso.

Tenho visto muitos theatros, em França, em Italia, em Allemanha, na Suisso, na Hespanha; em toda a parte ha abusos; mas creio não me enganar avançando que não ha theatro no mundo em que existam tantos como no de S. Carlos. Ha-os de toda a casta, de toda a natureza; a planta damninha tomou todas as fórmas e creou raizes em todos os recantos e em todos os pavimentos.

Entrae no vestibulo que precede a entrada do theatro; ha tres portas que abrem sobre a rua. Não receeis de corsa alguma; não precisaes de bilhete para entrar; estão abertas ao publico. Os 300:000 habitantes de Lisboa pódem ahi recolher-se, se chove nas noites em que ha recita, por pouco que o coração os leve a esse theatro. Mais ainda: o vestibulo nem sequer é separado dos corredores que conduzem á platéa e aos camarotes, por um gabinete de fiscalisação de bilhetes, como acontece em outros paizes. Portanto, se é da vossa vontade, se não tendes dinheiro na bolsa ou consciencia nas algibeiras do collete, podeis disfructar gratuitamente os prazeres que os outros pagam em metal sonante; assim como entrasteis da rua para o vestibulo, podeis penetrar do vestibulo para o theatro, deslisar para um camarote, e ahi ficar com todas as commodidades como em vossa casa. Ninguem vos pedirá conta de semelhante acto. Nenhum empregado vos dirigirá a menor observação. O dragão das Hesperides não guarda este jardim.

Uma noite, em que eu estava de pessimo humor, disse a um *habitué*, homem d'espirito,—não espirito de campanario:

—Mas o seu theatro é um covil de bandidos, de vagabundos. Esta gente não deve duvidar de que não só pratica uma indelicadeza, mas, o que é mais ainda, um roubo!

—Certamente, respondeu-me elle; é um abuso.

—O termo é pouco expressivo; mas abuso ou roubo, porque não se põe cobro a isto?

—Seria difficil.

—Não sei porque; bastaria estabelecer um gabinete de bscrisição, e não permittir a entrada no recinto senão pela apresentação d'um bilhete ou senha, fixando se o preço, independentemente de outro. Por exemplo: tendes um camarote com seis entradas, pelo qual pagaes 6$000 réis, e acompanham-vos apenas quatro pessoas: estas quatro pessoas munir-se-hiam das respectivas senhas, assim como aquellas que, durante a noite, quizessem ir visitar-vos ao vosso camarote, e as demais successivamente. Assim acontece em Italia, e o expediente é muito praticavel.

—Oh! não pense v. ex.ª em semelhante cousa! Seria uma revolução; depois, tornar-se-hia indispensavel a intervenção da authoridade superior: ir se-hia tocar na arca santa dos costumes de S. Carlos: expõr-se-hia o emprezario aos agudos dentes de uma matilha de cães esfaimados que todas as noites vem roer, gratuitamente, os restos do espectaculo. E por ultimo, seria contrario ao costume; o que está feito deve continuar a fazer-se. (*)

Eis-nos, pois, no theatro. É realmente um theatro ou um botequim? O que é certo é que, desde as portas que dão ingresso para a sala, em qualquer parte do edificio, do fundo dos mais obscuros recantos até o telhado, S. Carlos é uma vasta loja de bebidas: corredores, salas, gabinetes, bastidores, escadas, estão pejados de fumantes e de fumo. Ha uma ordem que prohibe fumar no inte-

(*) Depois de escriptas estas linhas fui informada de que se haviam adoptado as senhas de entrada, a franco 200 réis cada uma, o que justifica o que fica dito. A administração actual do theatro de S. Carlos está a cargo do commendador Freitas Rocha.

rior do theatro; mas o que é uma ordem em face do costume? Visto que toda a gente transgride, porque toda a gente tem rasão. As prohibições, em Portugal, são escriptas ora em pergaminho, ora na pellicula de uma cebola. Umas ficam, outras leva-as o vento. A que prohibe fumar, foi uma das ultimas. E com tudo, nada mais acertado e justo, não é verdade? Pois tende o bom senso de não o dizer. Desfechar-vos-hiam uma gargalhada no nariz.

Um dia, por occasião de ir ver o palco, notando que toda a gente andava de cigarro ou charuto na bôca, um dos meus compatriotas, M. X..., teve a audacia de manifestar algumas apprehensões a proposito da possibilidade de um incendio; eventualidade muito possivel, dado o estado do material e dos apparelhos, que, pela sua vetustez, equivalem a um vasto montão de materias inflammaveis. Pois estas reflexões foram repellidas da maneira mais original.

— A sua Opera de Paris, respondeu-se lhe, a sua Opera, onde era prohibido fumar, e onde se não fuma, ardeu; o nosso S. Carlos, é incombustivel; a sua gloria preserva-o do incendio!

Que responder a semelhante argumento?

Ha ainda outras rasões que se poderiam invocar com sobejos motivos.

Sabido é que o fumo do tabaco incomnoda os estrangeiros e mesmo os nacionaes, e que ha muitas pessoas que se privam do prazer da musica para não correrem o risco de ser asphixiadas. É frequente ouvir queixarem-se cantores e cantoras, de não somenos reputação, de que são fumados, como presuntos de Westphalia, antes d'entrar em scena. Eis o que se lhes responde:

— É costume! O Tejo póde seccar ou desviar-se da corrente, mas o costume é inflexivel.

Conversava, uma vez, a respeito d'estes inconvenientes, n'um camarote, com uma encantadora portugueza,

esposa de um diplomata hespanhol, senhora de bastante espirito.

— É abominavel, mas verdadeiro, dizia ella; odeio o cheiro, acre e nauseabundo, que os nossos fumantes largam nos corredores e que se respira por todos os lados. É preciso comtudo resignar-me, e só começarei a queixar-me no dia... — naturalmente prestes a raiar, — em que se mascar tabaco e se salivar sobre a cabeça do proximo, como na America.

Não resta mais nenhum traço a dar n'este quadro de usos e costumes.

Póde lêr-se, nos bastidores de S. Carlos, escriptos em letras de quinze centimetros d'alto, cinco ou seis avisos, do seguinte theor litteral:

È EXPRESSAMENTE PROHIBIDO FUMAR NO PALCO

Depois de se ler isto, tira-se a charuteira... e accende-se um charuto.

Vimos o theatro invadido pelo publico que paga e não paga. Entra quem quer: a audacia é dinheiro. A mesma licença reina nos bastidores. O director deveria ser ahi o soberano senhor; como que teria pleno direito a um sanctuario reservado. Oh! como conheceis mal o theatro de S. Carlos! É um *forum*, uma praça publica. E não é sómente durante as representações que tem logar a invasão, é tambem durante os ensaios ordinarios. Desde os ministros até aos mais obscuros policias, desde o litterato até ao mais infimo garoto, todo o mundo penetra no *Sanctum sanctorum* e o considera como a sua casa. É um formigueiro, um vai-vem perpetuo; todos ahi levam os amigos, os recem-chegados, exactamente como a um *café* ou a um estabelecimento de vinhos. Tenho visto grandes feiras muito menos concorridas e ruidosas do que os bastidores de S. Carlos; segundo as informações do meu amigo, a turba-multa

é sempre tal que embaraça não só o serviço da scena, mas a simples circulação. É uma balburdia, um quadro movimentado onde se vêem successivamente passar officiaes do exercito, officiaes de marinha, velhos e moços protectores da arte de Terpsicore e seus interpretes, — os *marialvas* de Lisboa e uma multidão de tagarellas que *flanam*, passeiam, sentam-se, tomam *poses*, conversam, gritam, e todos por ultimo, perturbam o jogo de scena e a execução dos artistas.

Tudo isto é o resultado do poder da tradição e da rotina.

Não ha nada tão invasor como o abuso; se se lhe consentir um pé em casa, ámanhã porá os dois, depois, avançará rapidamente e não haverá limites que o detenham. Até á ultima direcção, a invasão do theatro tropeçára, por aqui e por alli, em algumas difficuldades e não ultrapassára uns certos limites. Presentemente, solteram-se todas as represas, abriram-se todas as portas. Não é unicamente durante as recitas que a arena dos bastidores pertence ao dominio do publico; assiste quem quer, á leitura das operas, aos ensaios, etc.

— Não comprehendo que possa existir nada mais extravagante, disse-me mademoiselle ..., cantora de grande talento.

Escutem o seguinte dialogo:

Madame ... (2.ª cantora). — Mas, sr. director, não me prevenis d'uma cousa... estou horrivelmente contrariada e incommodada! Tenho a memoria rebelde; sou obrigada a luctar com todas as forças de que disponho para vencer as difficuldades de aprender os papeis... Não gosto, por isso mesmo, que o universo inteiro conheça a extensão das minhas fraquezas... Isto não se vê em parte alguma. É uma traição!

O director. — Que quer? E' costume!

Monsieur ... (o barytono). — O costume, o costume! É absurdo, o tal costume. Eu canto bem, toda a gen-

te o sabe; mas tenho o ouvido refractario e apanho difficilmente o compasso. Quando estou em scena, sinto o fogo sagrado e revele-me tal qual sou. Mas para que hei-de exhibir ao publico as minhas fraquezas?

Monsieur ... (o baixo, origem franceza). — Apoiado! Apoiado!

O director. — É costume!

Madame ... (o contralto). — É bonito, realmente, o costume! — Não é assim que se tratam artistas que se presam de sérios; consentimos em admittir, em familia, observações mais ou menos percebidas; mas não nos lisongeia absolutamente nada sermos admoestados ou reprehendidos diante de gente que não conhecemos.

O director. — Já disse o que havia de dizer, — é costume.

Monsieur ... (o baixo, origem franceza). — O costume e o sr., são dois idiotas. (*Sensação*).

Não, sr. director, não é o costume, ou se é, foi o sr. que o alimentou. Verdade é que tem sobre os seus antecessores a vantagem da coherencia. Se se franqueia o palco durante as representações, porque se não ha de fazer o mesmo durante os ensaios?

Ha ainda muitos outros inconvenientes, além d'aquelles, que pódem magoar o legitimo amor-proprio dos artistas. Em primeiro logar este, que tem bastante importancia: fazer julgar uma obra, cujo estudo está incompleto, e isto por pessoas que, não conhecendo, pela maior parte, a minima cousa do trabalho dos ensaios, nem por isso deixam de arriscar juizos prévios, trazendo e communicando cá fóra as suas impressões. Enfim, será cousa de pequena monta distrahir os artistas e a orchestra? Sabe-se perfeitamente que parte d'elles passam o tempo a gesticular, a fazer signaes de intelligencia para o publico d'occasião; que se estabelecem, aqui e alli, colloquios maidosos, muito interessantes sem duvida para os curiosos, pois que o ponto ou o re-

gente não conseguem que a sua voz seja ouvida ou entendida, estafando o pobre diabo as pernas — que não são compridas, — a procurar ora um, ora outro, para lhe dizer que é esperado para o solo, para o duo, para o trio ou para o côro final.

Conheço perfeitamente as rasões em que o director devia apoiar-se para introduzir a innovação, que estou combatendo.

— Como é que querem, diria elle se o interrogassem, que feche a porta á phalange dos assignantes, novos e velhos? É a cohorte sagrada; é o baluarte mais solido da cidade santa. Além de que, posta de parte a questão do interesse, a humanidade impõe-me o dever de deixar a entrada livre. Sei que prefeririam ficar sem jantar, com tanto que os não privassem, da felicidade de ranger as botas de polimento no tapete em que deslisam os chapins e as saias roçagantes da dama dos seus pensamentos. Conheço uma que teve ictericia seis mezes, resultado d'essa privação. Como querem que eu, homem de coração terno e compassivo, tenha a coragem de privar Othello de vigiar e espreitar a sua Desdemona? Não, não é porque esta categoria de bipedes sem plumagem seja de seu natural muito interessante: não é tambem porque eu ache muito suave o prazer de contemplar o objecto da chamma que lhe arde no peito banhado no suor copioso que se dilue, agradavelmente, em gotias brancas, vermelhas, azues, etc.; nem tão pouco porque me convença que a sua desgraça seja enorme se os arrancar ao ledo engano. Mas, ainda uma vez, que querem que faça?! Já disse que elles eram a phalange santa, e que eu tenho coração sensivel.

Um dos ultimos emprezarios, perante o qual protestava um homem sensato, contra o abuso que converte em passeio publico os bastidores de S. Carlos, e os ensaios em ponto de reunião, respondeu:

—Se fechasse as portas ao publico, no dia seguinte quebraria em estilhas as cadeiras da platéa e faria uma revolução. É costume; devemos submetter-nos.

E ajuntava, á maneira de judicioso e profundo conceito:

—Quando a esquadra ingleza chega ao Tejo, os officiaes têem por costume considerar a caixa do theatro como o proprio Tejo, frequentando a todas as noites. Ninguem os conhece, e elles por sua parte não solicitam permissão de pessoa alguma.

«Para que? O theatro é d'elles, estão em sua casa. Pensa o sr. que, por acaso, me occorre a idéa de lhes fazer a mais leve observação? D'essa me livrarei eu; seria um *casus belli*, e amo muito a minha patria para a expôr a taes conflictos.

E comtudo a direcção está armada contra os intrusos. Ha uma ordem que prohibe a entrada no palco a todos aquelles cuja presença não seja necessaria no theatro.

É inutil dizer que essa assizada disposição não é mais respeitada do que sua irmã primogenita, que prohibe a nicotina.

A primeira e a mais terrivel das consequencias que pretendemos assignalar, é a espantosa multidão de sinecuras. Só de pensar em tal, o director de mais robusto animo empallidece: acredito e comprehendo!

O pobre homem está condemnado, não só a atural-os, mas a sustental-os, a engordal-os, a entretel-os. São sanguesugas adheridas á pelle, agarradas ao cofre, sugando tanto e tanto que explicam perfeitamente a magreza afflictiva dos saldos de contas no fim de cada anno.

Pobre director!... Tem o corpo coberto d'essas sanguesugas. Em primeiro logar, vê-se a braços com a classe dos velhos empregados, coristas, copistas, etc. verdadeira assembléa de eunucos, engordados no serralho durante o periodo de quarenta annos, encanecidos no serviço para que foram nados e creados; mas tendo

ao presente cessado todo esse serviço, nem por isso deixam, em cada mez, de receber os salarios respectivos, como se cantassem, copiassem ou fizessem alguma cousa.

Ficaria realmente desolada se esta valente classe se equivocasse com o sentido da minha idéa. É preciso que todos vivam! Se se arremessassem ao rio todas as pessoas inuteis, as aguas trasbordariam dos seus leitos naturaes. Longe de mim, pois, o pensamento de privar todo esse pequeno mundo do pão nosso de cada dia! O que pretendo dizer é que esses pseudo-artistas são um pesado encargo para os hombros da empreza, que não tem coragem para os sacudir, e que não é sufficientemente abonada para os supprir por empregados novos e idoneos.

Continuando esta revista, o que me contende com os nervos é o systema de *porteiros*.

Não sei que haja no mundo cousa mais inutil e ao mesmo tempo mais absurda. A inutilidade, não é mister demonstral-a: salta aos olhos. Quem terá a coragem de pretender que esses entes póde m ser bons para alguma coisa, esses gatos-pingados, que jazem sempre adormecidos e repimpados na sua cadeira de palha, roncando o mais conscienciosamente possivel, tão serenos e tranquillos como as Eumenidés na tragedia de Eschylo? Nas cadeiras e na platéa, comprehende-se! agora nos camarotes!

Mas em S. Carlos as cousas não se passam como n'outra qualquer parte; que pensam os meus amigos que se póde fazer no gabinete do camarote iro? Vender bilhetes, marcar camarotes, vão responder-me. Estão enganados. Bem se vê que conhecem pouco o paiz. Como é dotado da graça sufficiente que *ne suffit pas*, ha no theatro gabinetes para venda de bilhetes de platéa que communicam com a rua por um pequeno postigo de grades, por onde se faz troca de palavras, cambio de bilhetes e de dinheiro. Mas, para aquelle que tem

a sua entrada na rua, ha um camarote iro especial, pouco mais ou menos como em Madrid ha um rio que se chama Manzanarez. Entrem para dentro e encontrarão ahi uma dazia de pessoas que conversam e fumam o seu charuto. Aqui está para que servem os gabinetes de venda de bilhetes ou de camarotes em S. Carlos. Não, servem ainda para outra cousa, para perpetuar uma tradição. O empregado é um principio; faz parte integrante do monumento. É uma das columnas ou uma das cornijas. Seu pae fôra o mesmo antes d'elle; antes de seu pae, o avô e assim successivamente, subindo na escala dos tempos. Não é de toda a justiça que lhe levem em conta os seus predicados? Sob o futil pretexto de que é inutil, porque havia, pois, o director recusar-se a ser o orgão do reconhecimento publico, e a retribuil-o?

Por tanto, o homem vence salario. Parece mesmo que os honorarios são de boa especie e que póde muito bem fazer negocio e pol-os a render. O que é pertencer a uma dynastia de camaroteiros n'um paiz sabio e tranquillo, professando o horror pelas revolações... de theatro!

Vou reparar um esquecimento, dizendo que um director do theatro teve por um momento a idéa de vibrar um golpe d'Estado contra um dos membros d'esta afortunada dynastia: recuou perante a perspectiva de uma rebellião. Os assignantes estão habituados ao reinado dilatado d'esta familia, cujo typo, como o dos Bourbons, se perpetúa atravez dos seculos. Existe a tradição e quebrar lhe a continuidade seria um crime. Ha entre elles e este empregado no exercicio das suas funcções, uma troca constante de finezas, que torna cada vez mais apertados os laços d'antiga amisade. Certo assignante, por exemplo, prescinde para esta noite do seu camarote: pela manhã manda a chave ao camaroteiro, pedindo lhe o favor de a passar: a honrada creatura é a primeira cousa que faz. E facilmente se com-

prehende que resulta para elle um certo ganho, vendendo logo, e de preferencia aos que existem na casa, os camarotes dos assignantes que não assistem n'essa noite á recita. É uma pechincha que lhe chega; é uma gratificação que cáe do céo e que addicciona ao tanto por dia.

Admittida a successão no cargo, não ha rasão plausivel a mover contra a inamovibilidade. Se os funccionarios de segunda categoria são hereditarios, porque não serão tambem inamoviveis os pintores scenicos, que póde a certamente figurar na hierarchia dos altos dignitarios?

Não argumentem, allegando que o talento envelhece, que o proprio genio está submettido á lei inevitavel e universal. Para os outros, sim, responder-se-hia; não, para S. Carlos. Aqui, tudo permanece fresco e juvenil, vivo e colorido como nos primeiros dias. Vêde os dois pintores que executaram o scenario, que pintaram os pannos de fundo ha quarenta annos: apenas a aza do Tempo os roçou de leve: a vivacidade da optica, a firmeza do pulso, o vigor da concepção que então possuiam, permanecem intactos e inteiros n'elles, graças ao genio protector da casa; têem a inalterabilidade dos semi-deuses.

As consequencias adivinham-se: como os dois pintores eram senhores e tudo governavam no edificio, nos bellos tempos do seu esplendor, continuam a governar ainda hoje. Sem sua permissão, não se póde tocar no scenario: não se póde montar uma opera, um bailado, sem os consultar: não se póde dizer-lhes nada: mas, em compensação, é preciso pagar-se-lhes religiosamente.

Uma outra questão, em que os gosos do publico e os prazeres da vista são menos directamente interessados, mas que prende tambem em linha recta com os interesses do emprezario, é a do homem que accende os candieiros, o encarregado da illuminação.

Esta entidade, pela natureza do seu emprego, é um personagem bastante vulgar, e estava longe de suppôr que desse margem a menção especial, ou se tornasse heroe de poema epico, mesmo d'opera-comica, como o *Maçon*.

Pois nem por isso deixa de haver uma questão de illuminador, como pretende o meu amigo, conde de ..., e mesmo uma das mais arduas questões, entre todas as que movem e minam, desde o telhado até os alicerces, o edificio de S. Carlos.

Não, o encarregado da illuminação está longe de ser um heroe,—e onde ha heroes, presentemente?!—mas é um homem habil. Consiste o seu emprego em fornecer azeite para os candieiros onde o gaz não chega e em adornar com duas ou quatro vélas, conforme as circumstancias, o camarim dos artistas durante as representações. E' o antigo uso das *illuminações* transformado e modificado. O illuminador comprometteu-se, por sua conta e risco, a fornecer azeite e vélas, por certa quantia determinada, por cada representação. A direcção entendeu que fazia um bom negocio. Que fez o nosso homem? Estabeleceu por toda a parte por onde era possivel pequenos tubos de chumbo para levar o gaz onde se necessitava de candieiro ou de vela, e realisa d'este modo excellentes interesses cada noite, tanto mais que o gaz consumido nos tubos é accusado no contador geral do theatro, e naturalmente carregado na conta da empreza, que continúa pagando o azeite e as velas na conformidade do contracto, e o gaz por cima de todas estas cousas, emquanto que elle não tem no seu passivo senão as despezas da primeira installação, que não são avultadas!

Em resumo: por toda a parte, dizem os artistas, se sente em S. Carlos a ausencia completa de disciplina e ordem; se vão aos ensaios, são elles mesmos que o dizem, é porque querem; se são pontuaes, é porque

lhes convém. A torre de Babel, o imperio ottomano, a republica Argentina e a Hespanha, são milagres d'intelligencia, de concordancia e de harmonia, comparados com esta bemaventurada casa.

— Porque é que fulano, artista que não é desprovido de merito, fez *fiasco* em S. Carlos? perguntava-me um estrangeiro que passou uma estação em Lisboa; e qual a rasão porque mademoiselle sicrana conseguiu agradar e ser applaudida?

— Ha em Lisboa, respondeu M. R... a esse estrangeiro, uma raça de homens pouco mais ou menos desconhecida; chamo-lhes eu os *cavalheiros da pateada*; é um bando de trinta ou quarenta sujeitos que reinam no theatro, como os tyrannos, pelo terror. Não vá persuadir-se de que sejam grandes personagens estes tyrannos, ou simplesmente pessoas de gosto, cuja opinião tenha peso. E' claro que lhes falta completamente o espirito, pois que imperam pelo medo que inspiram; tambem não são individuos de distincção que se presam no mundo: em geral, as pessoas distinctas são bem educadas, e não é pelo assobio que costumam manifestar a sua opinião. Não. São antigos empregados, antigos emprezarios talvez, descontentes e despeitados, alguns jovens da gandaia que se arrogam importancia, e uma certa quantidade de velhos bonitos e amaneirados. Todas estas especies se colligam para exercer sobre os emprezarios a tyrannia da intimidação.

— Façam o que nós queremos, dizem elles, quando não tocamos o nosso instrumento! Não sabemos senão a arte de *patear*, mas estudámol-a com todos os seus requisitos, e, se resistem, dar-lhes-hemos uma prova irresistivel do que sabemos e valemos.

E os emprezarios não resistem. Só a ameaça d'uma *pateada* torna todo o emprezario que se respeita, tremulo e livido; seria inclusivamente capaz de vender a alma para a evitar.

O desgraçado não vê, não sabe que a sua fraqueza o põe a par do legendario personagem que se occultava na agua com medo da chuva.

Conversava, pois, a respeito d'estas cousas e de muitas outras *ejusdem farinæ*, com o meu *habitué*. Dizia-lhe, uma noite em que me demonstrára, com algarismos patentes, que não havia peor especulação que a da empreza de S. Carlos, qual era o meu espanto por vêr que se encontrava gente tão mal avisada e aconselhada que se prestava a governar tal imperio.

— Está dizendo uma grande ingenuidade, volveu elle; encontraremos sempre d'essa gente. A raça dos *faisans* e dos *poseurs* é immortal e inexgotavel. V. ex.ª conhece, de certo, os jogadores de Bolsa? Póde especular-se n'essa roleta sem ter na algibeira um ceitil e ganhar-se milhões sem levar a mão ao bolso do collete.

— D'accordo; mas ahi nem sempre se ganha; perde-se grande numero de vezes.

— Permitta-me uma rectificação; enganava-me: os meus especuladores não são jogadores de Bolsa e por tanto a comparação não tem merecimento. Entre uns e outros ha de commum a intenção; os meios divergem. Uns jogam, outros pedem emprestado... Pedem emprestado á direita e á esquerda: pagam mal aos pequenos empregados ou nem sempre lhes pagam; andam constantemente agarrados ás paredes e no fim do anno não dispõem d'um real. Mas emfim, divertiram-se durante todo esse anno.

Passando a outra ordem d'idéas, a proposito de não sei que incidente de conversação, disse ao meu joven amigo:

— Mas emfim, porque não mudam de systema na exploração do seu theatro? O da subvenção não lhes convém; ao que me parece, é uma planta que póde vicejar, mas não é apropriada ao clima e á atmosphera. As

aguas do Tejo não lhe são propicias. Nem sequer tentar a exploração livre. Sob este ponto de vista, modificariam radicalmente o seu programma, que é absurdo desde o principio ao fim, apesar dos retoques que anda a dar-lhe: restaurariam o edificio; desbaratariam a floresta profunda e medonha dos abusos; expulsariam a turba muita dos parasitas, que do manto real de S. Carlos cada um cortou um pedaço e fez o seu pilão, que sugam o que ainda ha de sangue e de substancia n'esse corpo agonisante; e, por ultimo, arrojariam para longe esses magros tyrannetes das cadeiras e do geral?

Ah! estou ouvindo a resposta: não podem. Esbarra-se o tyrannico *costume*. O uso pesa-lhes sobre os hombros com toda a massa dos habitos inveterados, de convenções declaradas respeitaveis, de toda a casta d'absurdos e ridiculos consagrados. Como Sansão, ficariam estatagados, se, por um momento apenas, tentassem abalar as columnas do templo, onde tantos pseudo-santos se alapardam em pequenos nichos. Mas o que não podem fazer de motu proprio, por debilidade, por bondade, talvez por caridade, por toda essa quantidade de bons sentimentos que servem de capa protectora aos majos, não poderão, ao menos, encarregar alguem de o fazer, em seu nome e em seu logar?

O meu amigo meneou a cabeça com ar melancolico.

— As suas palavras são de ouro, respondeu elle; mas de certo não conhece o que é este paiz. O que acabou de dizer não se fará, pela simples rasão de que nunca se fez. Não ha uma unica idéa que brote n'este torrão; a iniciativa é uma incognita para os espiritos. O adjudicatorio seria em breve obrigado a submetter-se á tyrannia da rotina. Não haveria, segundo o seu plano, mais pintores scenicos inamoviveis, fiscaes e inspectores de contractos hereditarios, nem mesmo um fornecedor d'illuminação perpetuo. Pensa na possibilidade de semelhantes cousas? Isso equi-

valeria a uma suppressão completa e a semear o terror n'esse exercito de parasitas. Recorde-se da fabula de La Fontaine intitulada «*La lice et sa compagne.*»

Terminando este assumpto, seja-me permittido fazer algumas considerações geraes sob o ponto de vista esthetico, ao que se poderia chamar a philosophia de S. Carlos.

A opera, em toda a parte do mundo, pelo menos onde se não usa outra cousa senão luvas *beurre frais*, casaca ornada de uma flôr na *boutonnière*, chapéu de pasta e muitas outras pretenções, a opera, ia dizendo, é um poema, um poema musical bem entendido, mas um poema, uma inspiração dramatica, alliada a uma inspiração musical. Subtrahi a musica, e não tendes opera, é claro; subtrahi a inspiração dramatica e a acção em que se consubstancia, e tendes apenas um drama; no segundo, não tendes mais do que uma combinação de sons, uma serie d'arias, um conjuncto de cantos harmonicos ou simplesmente melodicos, ligados ou desligados entre si, mas que fluctuam no ar como esses pequeninos flocos brancos, como os fios das teias que formam certos arachnideos, especie de nuvens de tenues fragmentos d'arminhos, que mal se equilibram no espaço, caem e desde logo se desfazem, á falta de centro e de apoio.

Do que deixo enunciado derivam-se muitas consequencias.

Se a opera é um drama, não basta que os cantores cantem, é mister que representem: se os cantores são actores e as cantoras actrizes, o modo porque se desempenham não deixa de ter importancia para o prazer que vae procurar-se na Opera e que elles têem a missão de dar; e se a opera é ao mesmo tempo uma acção dramatica e uma acção lyrica, a critica, que tem senso commum e não quer quebrar relações com a logica, leva em linha de conta uma e outra das duas acções; não

de maneira absolutamente igual sem duvida, mas na medida positiva e em rasão do valor dos dois elementos combinados e fundidos conjunctamente para se auxiliarem, para produzirem o sentimento do bello, e, como dizem os philosophos, a emoção esthetica.

Não tenho o achaque da curiosidade, mas desejaria realmente saber o que os cavalheiros da pateada tinham que oppôr aos principios que estou invocando e ás consequencias forçadas que d'elles derivam, e que rasões allegariam para justificar esse extravagante *dilettantismo* que, n'uma opera, apenas se inflamma com alguns trechos, com algumas vozes, com exclusão de todas as demais, e porque, em virtude de que privilegio se mostram tão desdenhosos do espectador que não communga nas suas idéas, que se imbebe, n'uma attenção profundamente sentida, em todo o seu desenvolvimento, nas duas acções ligadas uma á outra, e segue a inspiração dramatica atravez da inspiração musical.

Só a jactancia e a presumpção pódem adduzir em proveito proprio rasões ineptas e encontrar authoridades para as defender e justificar. Os cavalheiros da pateada têem os seus arsenaes bem fornecidos e providos, bem sei, e, arqueando o braço sobre a cintura, bamboleiam-se n'um gesto altivo e dizem: «Nós somos Italianos!» E depois, ao som dos clarins de guerra, precipitam-se como granadeiros sobre a arte franceza, — a arte européa, — que tem em linha de conta na opera tanto a acção dramatica, como a propria acção musical, a qualidade do canto, da instrumentação, das melodias e das vozes.

Disse-lhes algumas vezes: São Italianos, seja; mas Italianos da decadencia. De Rubini se disse que cantava como um rouxinol. É d'esse modo que affirmam a sua authoridade? Mas, o que de certo não sabeis, é que, quando Rubini cantava como um rouxinol, o grande cantor se esquecia de si mesmo, e que, quando tinha

em frente uma platéa de verdadeiros reis, isto é de juizes competentes, de *dilettanti* da grande imprensa e dos primeiros salões de Paris, fazia como Duprez e cantava como um leão, vocalisando com a sua garganta de verdadeiro rouxinol.»

Todos os cantores celebres, todas as cantoras illustres, que ha cincoenta annos passam pelo palco do theatro dos Italianos, de Paris, com duas ou tres excepções quando muito, desde Rubini e Lablache, desde a Malibran, a Pasta e a Garcia, comprehenderam a importancia da acção dramatica e do jogo scenico na opera, como auxiliares da inspiração musical, do canto e da voz. Adoptaram a arte franceza, o methodo francez, com a consciencia de que não ha outro mais completo; e nenhuma differença essencial se poderia estabelecer entre elles e os grandes mestres recentes, Duprez, Nourrit, Levasseur, ou presentemente M. Faure.

Fallando do respeito dos mestres pela Musa a que a musica se associa, não pretendo dizer que a musica seja para elles apenas uma fórma da declamação, outra maneira de fallar, mais soberba, mais exaltada; que a acção dramatica, secundada pela palavra, seja como que uma linha recta, uma especie de thyrso, e que a musica deva andar-lhe em volta e envolvel-a como um pampano ou como uma vergontea de fresca hera. Não, que teriam repellido como um sacrilegio semelhante theoria! A declamação é a palavra, e a musica é alguma cousa mais e melhor! Se a melodia envolve a palavra, e a acção que a palavra traduz, «não é como um rebento de hera que se colleia e prende, mas como uma ligeira nuvem, que a arrebata e a transporta aos céus» (*).

Não deve deduzir-se, pois, que a palavra não tenha valor, que a acção dramatica seja pura illusão, uma

(*) A de Vaufort.

bola de sabão que a divina nuvem evaporou nos ares. Tirae á mais perfeita e correcta musica, á voz mais suave e opulenta, a alma que a anima, agora o suspiro, logo o grito dilacerante, depois o gesto pathetico, soberbo ou religioso; para ferir um exemplo sensivel, — supprimi á *Desdemona* no *Othello*, os olhares tristes e supplicantes, os timidos gestos no primeiro acto, o grito de jubilo no segundo acto, quando os coros lhe annunciam que seu esposo é vivo, todo o trabalho dramatico no terceiro acto na aria «*si il padre m'abandonna*», a commovente lentidão com que ajoelha ou deve ajoelhar, o tremor convulsivo das mãos que se cruzam primeiro e depois cahem desfallecidas quando o joelho dobra, e a *mezzo voce* a altiva aria que acompanha o canto, *intrepida morro;* dizei-me, se em tudo isto, a emoção deve ser a mesma, se o coração e o espirito devem estar igualmente satisfeitos. Quando Paulina Garcia desempenhava o papel de Desdemona, tinha ovações immensas; em todos os olhos tremulavam as lagrimas, em todas as physionomias transparecia a commoção. Teria sido tão completo o triumpho, se a tragica abandonasse a cantora, se a acção dramatica desapparecesse perante a acção musical?

Eis-me, porém, muito distanciada do meu assumpto. Queria apenas chegar a esta conclusão, a saber: se Lisboa quer que se represente a opera em S. Carlos, a verdadeira opera, é mister renunciar ao falso italianismo que constitue a sua predilecção. Em toda a parte se póde cantar, só em Paris se representa. Esta faculdade suprema é privilegio parisiense, e os theatros que têem seguido o seu espirito e acceitado os seus modelos, conseguiram gosar em toda a sua plenitude o divino espectaculo d'uma grande opera bem representada, esse prazer multiplice e complexo, que vibra e actua ao mesmo tempo em todas as porções da alma, que patenteia todas as artes, desde a poesia até a choreogra-

phia, que reune em solemne amplexo todas as Musas para saciar todos os sentidos, na mais dôce, pura e completa embriaguez.

Ha muitas rasões que explicam esta superioridade de Paris sobre a Italia, para não fallar senão da Italia.

E em nenhuma outra parte se encontra educação artistica superior como em Paris. O Conservatorio tem todas as vantagens da tradição que se respeita, sem os inconvenientes da rotina que se adora; patenteado todos os dias á critica, todos os dias se corrige. O gosto do publico imprime-lhe movimento, vida, e obriga-o, n'um momento dado, a curvar-se sob as suas sentenças, se esses dictamens são proferidos pela rasão. Obedece á dupla lei do movimento e da quietação. Resiste á moda que, o maior numero de vezes, é uma febre passageira, e acompanha o progresso, quando é consagrado pela experiencia e acceite sem contestação pela opinião reflectida.

Tudo tem rasão de ser no mundo das artes. Uma critica esclarecida não fará surgir uma unica magnifica voz; uma litteratura distincta não creará um Rossini, um Gounod, nem um Meyerbeer; uma philosophia remontada, profunda, que vae direita ao amago das cousas e rasga caminhos largos á humanidade, não ensinará os principios da instrumentação e muito menos formará mestres de contraponto; mas, de todos estes sopros, de todo este feixe de raios, forma-se ampla atmosphera, luminosa, crystalina, onde as bellas vozes se aperfeiçoam, onde a sciencia da harmonia augmenta incessantemente os seus thesouros, onde os homens dotados pela natureza do genio musical, pódem librar-se na esperança de attingir toda a sua altura, pelo cultivo das faculdades, pelo favor e pelos estimulos que encontram; de onde, emfim, a opera sahe na posse dos mais poderosos meios para realisar o ideal a que aspira.

A todas estas cousas que fazem de Paris o meio mais

propicio para o desabrochar, para a cultura, para o aperfeiçoamento d'essa maravilhosa planta, d'essencia divina, de opulenta seiva e tecido, que se chama «grande opera», convém ajuntar ainda outras, que vamos enumerar:

1.º—O espirito francez que é mais dramatico que o espirito italiano;

2.º—A lingua franceza, que se presta mais e melhor que a lingua italiana, tal como actualmente é constituida, ás situações dramaticas;

3.º—A educação musical, que, excellente em Paris, é nulla ou quasi nulla em Italia.

Ainda uma vez,—de duas uma: ou querem conservar S. Carlos tal qual é, embalsamal-o, ligal-o de fachas como a uma mumia, mantel-o no estado de reliquia sagrada, que a ruina torna mais digna de respeito; ou arrancal-o d'esses escombros, restaurar o templo e restituil-o ao seu antigo esplendor, devolvendo-o ás condições actuaes de vida, que divergem essencialmente das de outr'ora. Na primeira hypothese, não ha que dizer, nem que fazer; fica a cargo do tempo ultimar a obra encetada; na segunda, é preciso mudar radicalmente de systema, romper com a velha tradição da subvenção, quebrar o jugo que pesa sobre a empreza e proceder com um director que tenha a consciencia dos principios que acabo de esboçar.

Está n'isto o futuro do theatro: é a chave da abobada do edificio.

Concluirei por uma historia.

Ouvi fallar ha pouco d'uma grande senhora que tinha um systema original de vida: entregava aos cuidados dos servos o governo da casa, o trato da sua pessoa, a administração dos seus bens. Para a sua felicidade tinha um amante, para os seus negocios um procurador, e para a salvação da alma um capellão-esmoler. Quando a aconselhavam a mudar de vida para melhor, respondia

simplesmente: «Esses negocios não se tratam comigo; vá ter com o meu capellão». Como se vê era uma mulher d'espirito e que sabia viver a seu modo especial. Sou de parecer que o publico, a que me dirijo, não faria mal em imital-a no que respeita a S. Carlos. Não carece de que lhe aconselhe que entregue nas mãos do seu director espiritual o cuidado de salvar-lhe a alma: esse trabalho operal-o-ha a fatalidade das cousas. No emtanto, quereria eu que tratasse da sua felicidade como da sua salvação, e que n'este caso abrisse os braços áquelle a quem confiou a superintendencia dos seus prazeres, quero dizer, ao emprezario de S. Carlos. Ponho apenas uma condição, e é a seguinte: que esse director professe uma doutrina, tenha uma theoria, e que a vá buscar onde a opinião soberana de toda a Europa, da Europa civilisada, collocou o centro da orthodoxia. Estamos muito proximos, — geographicamente fallando, — das columnas de Hercules, mas seria uma grande illusão acreditar que ellas se confundem com as do theatro de S. Carlos.

CARTA DECIMA

SUMMARIO

A Loteria

Os povos que possuem o verdadeiro sentimento da civilisação, do *Kulturkamph,* para me servir da expressão dos Allemães, reputam como um dever alargar na esphera das suas leis e instituições o campo do trabalho e do raciocinio, e estreitar, quanto possivel, o da indolente preguiça e do acaso. Sem incorrer em temeridade podia elevar-se este facto á altura d'um principio. Unicamente, — e vou já prevenindo os meus leitores portuguezes, — a cousa não seria lisongeira para a nação, nem secundaria a sua aspiração a occupar logar entre os povos civilisados. Alguem me dizia: «Não sei se é o rei D. Luiz quem reina; o que sei é que é o acaso quem governa». Pela minha parte prefiro dizer que a maior instituição d'este paiz é a loteria, que a sua principal divindade, é a fada que preside á *sorte.*

Nada mais curioso do que a origem, os progressos, as transformações, as contradicções d'esta instituição.

A origem da loteria perde-se na noite dos tempos. Em 1833, houve a esse respeito como que um protesto

da consciencia publica: a monarchia constitucional, querendo vestir de camisa lavada a velha Lusitania, aboliu, subindo ao throno, as loterias e outros jogos d'azar.

Era correcto e perfeito; toda a gente applaudio em nome da moral e do trabalho. Mas como se poderia viver sem essas commoções nocturnas e diurnas, sem essas incessantes palpitações de coração que só a esperança d'uma fortuna encontrada n'uma bella manhã, á cabeceira da cama, esperança quantas vezes illudida, mas que se póde renovar a toda a hora, e que, emquanto dura, é uma embriaguez? Era impossivel. Quem tem o vicio do hachisch ou do opio, é escravo d'esse vicio; poderá passar sem pão, mas sem elle!... Ora, como o pudor publico ainda não estava completamente extincto, imaginou-se um sophisma. Ha uma virtude superior a todas as outras, que tudo cobre com o seu manto: a caridade. É a caridade quem reabrirá a porta d'esse paraiso de vicios encantados, brutalmente fechada pela constituição e pela lei.

Havia em 1833, nas cidades principaes, asylos de mendicidade, com uma *roda* para receber creanças engeitadas. A affluencia d'estes sêres desgraçadinhos era tão copiosa que a opinião publica se sobresaltou; um systema que fornecia aos paes pobres e desnaturados o meio commodo e facil de se desembaraçarem da prole, não era seguramente a obra-prima da previdencia social. Por outro lado, o sentimento da familia, poderosissimo entre os Portuguezes, interveio na questão, e resolveu-se que valia mais deixar o filho á mãe do que dar-lhe um estimulo para o abandonar. D'aqui resultou a suppressão das rodas e o estabelecimento do systema que funcciona na *Santa Casa da Misericordia*, em virtude do qual está authorisada a receber e a educar creanças de paes pobres, justificando o seu estado de indigencia por attestados e outros documentos, assim como a conceder a pensão de dez francos por mez ás

mães que queiram ficar com os filhos e amammental-os. É uma instituição philanthropica, se não o fosse de natureza propria, e que merece todos os louvores.

A *Casa da Misericordia* cumpre admiravelmente a sua missão: as creanças abandonadas ou engeitadas e ainda outras que lhe são confiadas, recebem no seu seio os cuidados e carinhos maternaes. Os rapazes aprendem um officio; as meninas aprendem a cozer, e são collocadas em casas particulares como creadas, costureiras ou engommadeiras. É de justiça dizer, que a caridade não abandona a sua obra: os donativos, as subscripções, legados e heranças succedem-se continuadamente em prol do estabelecimento: dar aos pobres e aos pequeninos é emprestar a Deus. A *Santa Casa da Misericordia* não é pobre. O proprio governo, quiz tambem contribuir para a sua abastança, de modo que, em 1834, um anno depois da abolição da loteria, restabeleceu-a, afim de não ser o unico que não levasse o seu obulo á casa do pobre e do orphão.

É superior a toda a admiração a arte com que o governo portuguez sabe chegar a braza á sua sardinha e concertar, não o velho com o novo, mas o novo com o velho. O novo, isto é, a constituição, aboliu a loteria; mas a loteria está no nosso sangue, nas nossas entranhas, não podemos viver sem ella. Depressa, chamemos em nosso auxilio o velho, isto é a caridade; ella se sobreporá ao novo, ou se conciliará com elle, e, em todo o caso, disfarçal-o-ha sob a mascara da virtude. Foi d'esta suprema arte que a loteria nasceu. As côrtes authorisaram a *Misericordia* a fazer uma loteria, deduzindo em seu proveito 12 por cento sobre as importancias recebidas. Tinham-a supprimido em nome do bem publico; restauraram-a em nome da pobreza publica e da fecundidade das familias.

É do nosso dever fallar ainda com maior franqueza. A loteria foi restabelecida no interesse do fisco; é um

imposto disfarçado. Vejamos, caro leitor, como tudo isto se passa. O thesouro tributa primeiro com o imposto de 5 p. c. todos os bilhetes premiados indistinctamente; depois, em 1853, o imposto foi elevado a 10 p. c., e por ultimo, a 15 p. c.! O governo declarou-se abertamente mais pobre do que os engeitados e as creanças subsidiadas, porque afinal, a *Misericordia* só fica com a receita proveniente dos 12 p. c., ao passo que o governo embolsa 15. E que progressão habilissima! A principio, um passo modesto e timido; depois toma-lhe o gosto e afinal acaba por se adjudicar a parte do leão. A moral publica e a constituição que digam a este respeito o que muito bem entenderem e quizerem.

Se fosse homem e tivesse a honra de representar compatriotas nas côrtes portuguezas, diria uma vez, em qualquer sessão, o quer que fosse parecido com isto: «Senhores e honrados collegas, — tributámos primeiramente com 5 p. c. a loteria, e fizémos bem; depois, elevámos a taxa d'esse imposto a 10 p. c., e fizémos ainda melhor; actualmente mettemos nas arcas do thesouro 15 p. c., sãos e escorreitos; é um progresso que nos faz honra. Mas, como é evidente que esta progressão periodica occulta um designio profundo, desde largo tempo subtrahido á vista dos mortaes, proponho que se eleve a parte do Estado a 50 p. c., por este anno, e a 99 ½ p. c. para o anno futuro. Este processo simplificará a questão e reconduzir-nos-ha emfim ao respeito da constituição, que até hoje temos violado unicamente por veneração pelos costumes, senão pelo respeito pela moral publica.»

Analysemos, porém, de perto a propria loteria e folheemos o seu orçamento. E' tempo de descobrir-lhe o mechanismo áquelles que correm atraz das probabilidades e disputam os favores da sorte.

A loteria de Lisboa extrae-se regularmente tres vezes por mez, com o periodo de dez dias de intervallo

de uma para a outra, o que dá 36 vezes por anno. Cada loteria emitte para o publico 5:000 bilhetes a 4:500 réis cada um (25 francos), o que representa a somma de 22:005$000 rs. seja 125:000 francos. Estes 22:500$000 réis decompõem-se da seguinte maneira:

1.°	12	p. c. a receber sobre o total, em preferencia para a *Misericordia*.....	2:700$000
2.°	1	premio de.....	8:000$000
3.°	1	» de.....	1:000$000
4.°	1	» de.....	500$000
5.°	1	» de.....	300$000
6.°	1	» de.....	200$000
7.°	25	premios de 100$000 réis.....	2:500$000
8.°	680	premios de 10$600 réis.....	7:208$000
9.°	1	premio (o ultimo numero extrahido) de	92$000
Total	711	premios	
Mais	4.289	bilhetes brancos (sem premio).	
	5:000	bilhetes. Total.....	22:500$000

Temos, pois, que a *Misericordia* recebe de cada vez 2:700$000 réis, o que equivale a 97:200$000 rèis (540:000 francos) pelas extracções que se effectuam durante o anno.

O Estado, esse, não podia tomar a sua parte nos lucros d'esse bom negocio senão inventando um meio suave para embolsar o dinheiro dos seus administrados, e eis o que descobriu.

Pensou, e com sobrada rasão, que todo o favorecido pela sorte, com grande ou pequeno premio, pouco se lhe importaria receber mais ou menos uns tantos réis no momento de contar o metal sonante, e como em cada extracção ha sempre 711 bilhetes premiados e por consequencia 711 felizes, conforme a escala indicada, calculou que de dez em dez dias encontraria 711 caras alegres que poderia esfolar, sem que os interessados gritassem ou fizessem carranca. Foi assim, tomando esta idéa por ponto de partida, que successivamen-

te tributou os bilhetes premiados, desde 5 % até aos actuaes 15 %.

Ora, suppondo que o leitor comprou por 25 francos o n.º 2,184, e que sahiu n'elle o premio maior de 8 contos de réis, cerca de 44,500 francos; quando o interessado se apresentar para cobrar o premio, ser-lhe-ha satisfeito immediatamente, é verdade, mas deduz-se-lhe 15 % para o Estado, ou 6:675 francos. Portanto, o premio de 44,500 francos fica reduzido a 37,825 francos. N'estes termos, e repetindo-se a operação em todos os premios, tenha-se em vista o mappa dos premios que traçamos acima, ver-se-ha que, deduzindo os 2:700$000 réis correspondentes a 12 % para a *Misericordia*, ha em cada loteria 19:800$000 réis em bilhetes premiados. É sobre este total que o Estado percebe 15 %, ou 16,500 francos; o que se repete 36 vezes, sommando no fim do anno 594:000 francos, isto é mais 54:000 francos do que recebe a *Misericordia*, que serve de pretexto beneficente para a loteria.

As casas de soccorros, de beneficencia e protecção publica em França recrutam fundos em toda a parte onde possam havel-os honestamente, e procedem bem. Fazem grande colheita de receitas sobre os prazeres dos que se divertem em beneficio dos que soffrem, mas o Estado fica com as mãos limpas, e se elle mettesse, a pontinha dos dedos que fosse, no cofre dos pobres para d'ahi tirar a menor parcella, levantaria um brado, um clamor universal de censura contra o acto que praticasse.

O governo portuguez declara alto e bom som que a loteria existe unicamente para amparar os desgraçados e desprotegidos; e sem duvida se considera como o mais miseravel pois que d'ella aufere a parte maior. Ninguem ignora que o governo está individado até aos cabellos e que o oceano das suas dividas, subindo sempre, acabará por tragal-o n'uma estrondosa bancarota;

mas devia ao menos ser um pouco mais reservado nos meios que põe em pratica para haver dinheiro e procural-o d'outro modo, que não nas algibeiras dos pobres diabos, fazendo-lhe passar diante dos olhos a miragem d'um ganho immoral, pois que representa a negação do trabalho e da economia.

Mas prosigamos: não é o Estado o unico que especula com a pobre gente,

Como já disse, a *Misericordia* vende por cada extracção 5:000 bilhetes a 25 francos, a partir do n.º 1 e a terminar em o n.º 5:000, mas não os divide ou fracciona. Ora, se todos os bilhetes tivessem de ser vendidos pelo elevado preço de 25 francos, seria provavel que nem sempre encontrassem facil collocação. É preciso, pois, para attrahir ao engodo o dinheiro do pobre diabo, que tem apenas alguns cobres para atirar ás fauces do minotauro, metter devagarinho a mão nas algibeiras dos tentados,—digamos isto sem intenção peçonhosa. É n'este momento que entram em scena os *cambistas* que não cambiam cousa alguma, a despeito do nome, senão o dinheiro d'elles pelo ouro alheio, sempre por intermedio da loteria abençoada.

Entre estes especuladores, em Lisboa, ha cinco ou seis que occupam as summidades da escala. Em cada extracção, uns compram 500 bilhetes, outros 1,000, outros 800, outros 1,200. Desde o momento que tal ou tal porção de bilhetes entra no dominio do seu negocio, adquirem o direito de os abrir em *cautellas*, ou dividil-os em meios-bilhetes, quartos e oitavos de bilhete, percorrendo a gamma das fracções até á minima,—a cautella de 25 réis. Estas cautellas ou fracções trazem a assignatura do cambista que as lança á circulação; perdem, porém, o seu valor se não forem carimbadas pelo sello da *Misericordia*,—o que nos póde induzir a crer que, tanto o Estado como a propria *Santa Casa* exigem da parte de taes honrados industriaes esta es-

pecie de caução ou deposito. De resto, os magnificos negocios que elles realisam podem servir de garantia; não ha perigo de quebra ou fallencia fraudulenta. Compram em primeira mão o bilhete por 25 francos; revendem-o pela divisão por 28 francos: se tomaram mil, o ganho é de 3:000 francos em cada loteria, ou cousa parecida com cem mil francos por anno.

Em cada extracção de loteria, os jornaes, pagos pelos interessados, annunciam que tal ou tal cambista teve tantos premios, que a sua felicidade é prodigiosa, e que é no estabelecimento d'elle que devem ir comprar bilhetes se quizerem *pilhar a sorte*. É uma comedia, e uma comedia que realisa ás mil maravilhas a bonita phrase de Dumas filho: «Os negocios, é o dinheiro dos outros.» Porque com a loteria, é toda a gente a correr na pista do dinheiro! Além dos cambistas, ha outros intermediarios inferiores, os cautelleiros que vendem bilhetes e cautellas pelas ruas; na vespera d'uma extracção, o respeitavel publico da cidade é aturdido e ensurdecido pelos gritos que de todos os angulos soltam milhares de boccas: *A'manhã anda a roda!* Homens, mulheres, garotos, mendigos, estropiados, cegos, cruzam em todas as direcções a capital portugueza, as cidades das provincias, as villas, as aldeias, os logarejos insignificantes, com o massete de bilhetes e cautellas na mão e o seu pregão prophetico nos labios. As cautellas que foram compradas aos cambistas por 25 réis, são revendidas por 30 réis e as outras proporcionalmente. É este bando de gritadores e de andrajosos que faz prosperar a loteria tornando-a accessivel a todas as bolsas, semeando a tentação em toda a parte, introduzindo-a até no lar domestico.

As extracções são feitas publicamente n'uma sala *ad hoc*, na *Misericordia*, em dias determinados, ás onze e meia da manhã. No caso em que um dos bilhetes premiados não seja apresentado para o pagamento no pra-

so de um anno, a contar do dia em que anda a roda, a importancia do premio que lhe compete reverte a favor da *Misericordia*.

O misericordia! sentimo-nos tentados a exclamar. O que ha de mais digno de commiseração no mundo do que estes esfaimados que arrancam mutuamente o pão da bocca, e especulam, em nome do que ha de mais sagrado, com o que ha de mais ignobil!

A Hespanha tambem tem, como Portugal, uma loteria em que os grandes premios attingem sommas de 80, 100, 500 mil francos, muitas vezes 1 milhão, algumas, 2 milhões e quinhentos mil francos. O governo portuguez prohibe expressamente a venda de bilhetes da loteria hespanhola no seu territorio; em primeiro logar, para evitar a concorrencia, em segundo para affectar uns certos ares de moralidade, que não illudem ninguem. Ora, sendo permittido tudo quanto em Portugal se prohibe, os cautelleiros vendem publicamente nas ruas bilhetes e decimos hespanhoes, sem que a policia os apprehenda. De tempos a tempos representa-se a farça de se perseguir um ou outro, mas é quanto á fórma; no fundo as cousas continuam da mesma maneira.

Os cambistas compram bilhetes inteiros da loteria hespanhola pelo preço de 50, 100 e mesmo 500 francos cada um; depois *abrem* tranquillamente cautellas com a sua firma, violando abertamente as leis e as ordens do governo e subscrevendo elles a propria condemnação. Algumas vezes são multados; mas que importa uma multa de 25 *sous* a quem ganha mil francos?

A cousa é tão extraordinaria que precisa de prova; eil-a:

GRANDE LOTERIA DE MADRID

EXTRACÇÃO DE 23 DE DEZEMBRO

CAPITAL DISTRIBUIDO EM MOEDA PORTUGUEZA

RÉIS 2.628:000$000

EM 6:119 PREMIOS COMO ADIANTE MOSTRO NO PLANO

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, proprietario da casa de cambio na rua do Arsenal, 56 e 58, Lisboa, e com filial na Feira de S. Bento, 33, 34 e 35, Porto.

Tem a honra de apresentar ao publico o prospecto e os preços dos bilhetes, fracções e series da grande loteria que recommendada está pela importancia dos bons premios e credito que gosa em todos os paizes.

O primeiro premio é de . . . Réis 450:000$000
O segundo de. . . . . Réis 225:000$000
O terceiro de. . . . . Reis 135:000$000

O annunciante tem variadissimo sortimento, como nenhuma outra casa do PAIZ E SATISFAZ TODOS OS PEDIDOS, QUER SEJAM GRANDES OU PEQUENOS, A' VOLTA DO CORREIO, VINDO ESTES ACOMPANHADOS DE SUAS IMPORTANCIAS.

Envia em tempo listas e avisos telegraphicos, quando hajam premios grandes, proporciona o pagamento dos premios nas localidades dos possuidores por meio de ordens de pagamento a vista sobre as primeiras casas commerciaes, agencias de bancos e recebedorias das comarcas.

PREÇOS SEM MAIS DESPEZAS

Bilhete inteiro..	96$000	Fracções de.....	4$800	Fracções de	$600
Meios bilhetes..	48$000	» »	4$500	» »	$480
Quintos de bilhet.	19$200	» »	3$000	» »	$240
Decimos de bilh.	9$600	» »	2$400	» »	$120
Fracções	6$000	» »	1$200	» »	$060

Tambem ha grande sortimento de series de dez numeros seguidos que tem premio garantido.

PREÇO DE CADA SERIE

60$000, 48$000, 30$000, 24$000, 12$000, 6$000, 4$800, 2$400, 1$200 e 600

PLANO

Premios distribuidos na loteria de 23 de dezembro do 1878

PREMIOS	PESETAS		MOEDA PORTUGUEZA
1 de	2.500:000		450:000$000
1 de	1.250:000		225:000$000
1 de	[illegible]		[illegible]
2 de 2[illegible]	500:000	a 45[illegible]	90:000$000
4 de 1[illegible]	[illegible]	a 22[illegible]	90:000$000
20 de [illegible]	1.000:000	a [illegible]	180:000$000
[illegible] de 2[illegible]	[illegible]	a [illegible]	[illegible]
1:758 de 2[illegible]	4.395:000	a 450[illegible]	791:100$000
3:999 reintegros de 200 pesetas para os [illegible] cujas terminações seja igual á do que obteve o premio principal	1.999:500	a 90$000	359:910$000
99 aproximações de 2.500 pesetas [illegible] dos numeros [illegible] do que obteve o premio de 2.500:000 pesetas	247:500	a 450$000	44:550$000
99 idem de 2.500 pesetas para os 99 numeros [illegible] do centenas do que obteve o premio de 1.250:000 pesetas.	247:500	a 450$000	44.550$000
99 idem de 2.500 pesetas para os 99 numeros restantes da centenas do [illegible] premio de 750:000 pesetas. .	247:500	a 450$000	44:550$000
2 idem de 50:000 pesetas para os numeros anterior e posterior ao do premio maior.	100:000	9.000$000	18:000$000
2 idem de 3[illegible] pesetas para os numeros anterior e posterior ao do segundo premio.	68:000	6.000$000	12.240$000
2 idem de 22[illegible] para os numeros anterior e posterior ao do terceiro premio. . . .	45:000	a 4.050$000	8.100$000
	14.600:000		2.689.020$000

As aproximações e os reintegros são compativeis com qualquer outro premio que possa corresponder ao bilhete; entende-se, com respeito ás aproximações, designadas para os numeros anterior e posterior dos tres premios maiores, que se saisse premiado o n.º 1, seu anterior é o n.º 40.000, e se fosse este o premiado, o bilhete n.º 1 será o seguinte.

Para a applicação das aproximações, 2:500 pesetas, sub-entende-se que se o primeiro premio corresponder, por exemplo, ao n.º 25, o segundo ao n.º 3.400 e o terceiro ao n.º 13.073, se consideram respectivamente premiados os 99 numeros restantes, das centenas, do primeiro, segundo e terceiro: isto é, de 1 a 100, de 3 301 a 3:400 e de 13 001 a 13 100.

Terão direito ao reintegro de 20.000 reis os bilhetes conforme fica dito, todos os numeros cuja terminação seja egual á do que obtiver o premio de 2.500.000 pesetas; de maneira que se este cabe em sorte ao n.º 3 ou 4, etc., se entenderão com direito ao reintegro todos os bilhetes que terminem em 3 ou 4, seja um por cada dezena.

Ha tambem abundante sortimento para todos os sorteios, são tres ordinarios em cada mez.

Os dois primeiros são os bilhetes 11$700, meios bilhetes 5$750, quintos 2$300 e decimos 1$150.

O terceiro são os bilhetes 5$800, meios bilhetes 2$900, quintos 1$160 e decimos 580.

Cautelas e dezenas de todos os preços.

Pedidos ás casas de annunciante.

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

LISBOA — 56, Rua do Arsenal, 58 — LISBOA

PORTO—33, Feira de S. Bento, 35—PORTO

O sr. Antonio Ignacio da Fonseca, cambista, publica este circumstanciado annuncio, em 27 de novembro de 1878, em todas as folhas periodicas e convida os amadores a irem ao seu estabelecimento, rua do Arsenal, 56, comprar bilhetes de loteria de Hespanha. Vê-se que a transacção é publicamente feita, sem a menor sombra de mysterio, e que se as leis e regulamentos prohibem em terra portugueza a venda de bilhetes da referida loteria, os cambistas e os seus alliados zombam d'essas prohibições e brincam com as leis como uma creança com um boneco.

Seja como fôr, alguns d'esses cambistas fazem pro-

fissão d'um trafico assaz original. Compram 20, 30 ou 100 bilhetes de loteria hespanhola e vendem-os depois em fracções. Se, no dia em que tem logar a extracção, as cautellas que abrem alcançam pequenos premios, são reputadas boas para todos os effeitos e immediatamente satisfeitas. Se apanham o premio grande, 80 ou 160:000 francos, mettem-se no comboio em direcção á fronteira e vão levantar o dinheiro a Madrid, deixando atraz d'elles os compradores, os *habilitados á sorte*, a berrarem e a arrancarem os cabellos. São uns trapaceiros, uns gatunos, uns ladrões; mas que fazer contra elles? Os tribunaes portuguezes nada teem que ver com a loteria de Hespanha.

Acontece por vezes na Bolsa de Paris escapulirem-se para a Belgica jogadores de fundos, deixando em aberto os seus debitos. Mas a lei não favorece esse jogo e o governo não tem cumplicidade alguma n'esses incidentes da jogatina.

Peço perdão ao governo portuguez: acabo agora mesmo de o calumniar. Como tive quasi o arrojo de dizer que não sabia fazer respeitar as suas leis!... Escute o leitor um instante o que escrevi nas minhas notas em data de 14 de janeiro ultimo:

Acaba de passar-se á minha vista o pequeno facto seguinte.

Esta manhã, cerca das 11 horas, passeava eu na praça de D. Pedro, quando de subito reminiu o apito dos policias; toda a gente correu a ver dois agentes da ordem publica precipitaram-se furiosamente sobre um garoto de 10 a 12 annos, quasi em camisa, porque offerecia aos transeuntes *cautellas* da grande loteria de Hespanha, que andava no dia 23. Á força de pranchada levaram o pobre carneiro á presença do governador civil, como se se tratasse d'um dos mais perigosos facinoras.

Dois minutos depois, novos apitos, e nova captura

d'um outro garoto, ainda mais pequeno, mas mais endiabrado, e que teve a audacia de respingar; levaram-o entre dois policias e quatro guardas municipaes, com receio, talvez, de que deitasse abaixo o governo.

Estas duas capturas causaram sensação.

Indignou-me isto, e fez-me comprehender até certo ponto a rasão porque o povo, nos seus arrebatamentos colericos e nos seus momentos de soberania, investe e maltrata os policias civis ou municipaes.

Realmente, os dois garotos agarrados com grande somma de cachaçôos e de pontapés eram grandes criminosos; mas então que dizer dos cambistas que, com inteiro desprezo das leis, vendem publicamente nos seus estabelecimentos, e negocciam pessoalmente nas ruas, esses mesmos bilhetes da loteria de Hespanha e annunciam sem vergonha alguma o seu trafico nas columnas dos jornaes? Qual a rasão porque a policia, tão cruel para esses rapazitos, é tão meiga e cega para os outros, que outra virtude não distingue, senão a da riqueza e da independencia?

Porque este facto é uma das pedras de toque, não só da sociedade portugueza, mas ainda mal! de todas as sociedades civilisadas. O dinheiro, o dinheiro!!! sempre o dinheiro!

CARTA DECIMA-PRIMEIRA

SUMMARIO

As casas de jogo.—A roléta, o monte, outros jogos d'azar.—A Bolsa.—A agiotagem.—Os bancos.—A febre mineira.—A usura.—Os monte-pios.—Casas d'emprestimo sobre penhores.

O moderno principio social de Portugal que descobri em relação ao summario d'esta carta, é o seguinte: «Trabalhar o menos possivel e ganhar dinheiro o mais commodamente possivel.»

É em virtude d'este principio que vêmos surgirem e florescerem em Portugal tantas casas bancarias e de jogo, que vêmos tentar tantas especulações arriscadas e temerarias,—como as das minas,—tantas industrias honrosas, como os monte-pios, rebatedores e agiotas, as mil encarnações de Schylock, e os batalhões dos pequenos capitaes de M. de Rothschild, em febril actividade.

Não é negocio de pequena monta, penetrar em algumas d'essas instituições sociaes e moraes; nem todos teriam coragem para isso. Tenho-a eu porque m'a dá a minha affeição por este heroico e bom paiz, que desejaria vêr como eu o sonho.

Ha uma cousa a que é difficil acostumarmo-nos

n'este paiz, e comtudo forçoso é acceital-a sob pena de nada comprehendermos do que ahi se passa, — é o desaccordo que existe entre as leis e os costumes. As leis estão d'um lado, os costumes do outro; e para dizer a verdade, as leis são teias d'aranha de que os costumes se riem, que deixam subsistir, como que por amor dos contrastes, e que desfazem desde o momento em que se tornam incommodas.

Existe no codigo penal portuguez um artigo que prohibe formalmente os jogos de parar e condemna a penas severas os que abrem e sustentam casas de jogo. É o artigo 267. Ora, as casas de jogo existem, toda a gente as conhece e sabe onde estão localisadas, pois que pullulam em todos os bairros; têem os seus agentes que alliciam clientes e se encarregam de os conduzir aos bordeis onde exercem a sua profissão.

Um Portuguez, a quem manifestei o meu espanto por este estado de cousas, respondeu-me que a casa do cidadão era inviolavel e sagrada, e que a policia, salva a circumstancia d'appello em caso grave, não tinha o direito d'ahi penetrar.

— D'esse modo, repliquei eu, posso estabelecer em minha casa uma fabrica de moeda falsa, sem que ninguem possa obstar a essa exploração! Posso zombar de todas as leis, commetter todos os crimes, com tanto que sejam praticados dentro das quatro paredes da minha casa!

Outro indigena adduzio uma rasão um pouco mais séria.

Ha, disse-me elle, em todas estas enredadas especulações, segredos de bastidor, que é mister conhecer. Muitas pessoas altamente collocadas, mesmo funccionarios publicos de primeira plana, frequentam estas casas e por assim dizer cobrem-as, escudam-as com a sua presença. O que ainda é mais curioso, é que algumas d'ellas têem por *socios* homens importantes. Um d'esses al-

couces de jogatina, o mais antigo talvez, é propriedade d'um primo, sobrinho ou parente d'um ministro qualquer; outro é commanditado por um visconde, opulento industrial, cujo nome não figura em titulo, mas que fornece os finaes e recebe a parte dos lucros que lhe pertence. Comprehende, portanto, o leitor que, se se tocar n'um, é fatal tocar nos outros. Irritar, descontentar certas pessoas! Vamos! pensam em semelhante desacato? É preferivel deixar a gangrena alastrar pouco a pouco e invadir o corpo todo.

Contam-se em Lisboa mais de quinze casas de jogo conhecidas e com uma tal ou qual apparencia de conforto. Ha muitas mais, mas não trato agora senão das mais *respeitaveis;* as outras são espeluncas.

Nas casas bem montadas, joga-se a roleta, o monte e outros jogos de parar. Não vem ao caso dar aqui as descripções d'esses jogos; é bastante dizer que são assás conhecidos e muito apreciados, especialmente pelos banqueiros, porque não se prestando a combinação alguma, acabam cedo ou tarde por devorar os apaixonados que se entregam ás suas perfidas caricias. Não me abalançarei a dizer que se rouba n'estes encantadores valhacoutos e que se exige ahi a bolsa em troca da vida; tambem não affirmarei o contrario. Nada sei a este respeito! A roleta foi e será sempre um gatuno mais habil que os Mandarins e seus emulos reunidos. Não ha resistir-lhe; depois do dinheiro, empolga a camisa, em seguida a honra e por ultimo a pelle do jogador. O dono d'esse instrumento nada mais tem do que crusar os braços e esperar. É muito mais espantado nos sentimos por vêr n'uma grande cidade, n'um paiz regido por leis especiaes sobre os jogos d'azar, florescerem e fructificarem á luz do dia estes covis, sem que o governo intervenha e destrua a sua existencia (*).

(*) Perdôem-me esta diatribe. Fui sempre inimiga declarada do jogo; é um principio que sustento, e que me glorifico de ter introduzido na Sa-

Naturalmente, e a despeito dos clamores das pessoas honestas, o numero das casas de jogo augmenta todos os dias, e todos os mezes se installam outras, a par das antigas, nas ruas de Lisboa.

Ha uma na rua do Alecrim;

Outra, na rua das Gaveas;

Outra, na praça de Camões;

Outra, na rua de S. Francisco;

Outra, na rua dos Martyres;

Outra, na travessa de Santa Justa;

Duas na rua da Emenda;

Tres ou quatro na Ribeira Velha;

E grande quantidade d'outras, menos consideraveis, mas todas egualmente perigosas.

É uma epidemia; nas praias balneatorias de Cascaes, da Figueira, do Espinho, ha roletas; em Coimbra, ha muitas casas de jogo; no Porto, contam-se ás dezenas. Tudo isto vive, espreguiça-se e engorda á luz do sol, sob a protecção da policia, que deveria precisamente cercal-as e fechal-as, sempre que lhe fossem denunciadas.

—Não ha casas de jogo em Paris? perguntava-me um dia um Portuguez, com uns ares astutos.

—Sim, de certo, respondi; ha casas de jogo; mas é impossivel medrarem com larga vida, e muito felizes se devem considerar quando duram um ou dois mezes. Em Paris, a policia tem um serviço especial para este genero d'industria prohibida; os agentes d'este serviço farejam tudo quanto possa conter obra de jogatina, estudam o terreno, levantam o véo de todos os mysterios, e uma bella noite, precipitam-se sobre ellas como um raio e filam toda a gente, apprehendendo inclusivamente o dinheiro que encontram sobre as bancas. E a policia

boya, affirmando-o pelo exemplo e pelo sacrificio, pois que as minhas propriedades perderam metade do seu valor desde que as casas de jogo foram fechadas

tem a certeza, em cada uma d'estas rusgas, de apanhar, nas ultimas malhas das suas rêdes, uns sugeitos muito seu conhecidos, e por isso toma habil e fructuosamente todas as medidas que affiancem o exito da empreza. A mobilia é confiscada; o dono da casa, conjunctamente com os seus subalternos, vão meditar durante um periodo de seis mezes á sombra das prisões sobre as crueldades do codigo e as vicissitudes da fortuna.

O desprezo da lei nem sempre é, ainda assim, o filho amado em Portugal, e o codigo penal, que castiga os jogos de parar, nem sempre é lettra morta. Assim, se estabelecerdes em Lisboa, n'uma praça publica, o primitivo jogo do ganha bolos, podeis ter a certeza de que a justiça vos mandará para o degredo. Disse-me um dos meus amigos que conhecera um pobre diabo francez, que viera a Lisboa com um hyppodromo mechanico e alugára uma barraca na feira de Belem para explorar o instrumento, que era toda a sua fortuna. Dois dias depois d'installado, a policia mandava fechar a barraca, sob o pretexto de que servia para jogos d'azar. O golpe arruinou o desgraçado. E comtudo, a sua mechanica era menos perigosa do que as roletas, que naturalmente têem de ser inscriptas na categoria dos jogos de parar.

Ha em Lisboa uma Bolsa. Vendem-se e compram-se ahi todos os dias 25 a 30 *sous* de fundos portuguezes. Se os titulos e fundos nacionaes não são muito procurados, em compensação avulta grande quantidade de imbecis que se atiram violentamente á especulação dos fundos hespanhoes e jogam na alta, sem duvida porque vendo-os sempre na baixa, na ultima escala da cotação, esperam que elles um dia tenham a phantasia de subir. As oscillações da baixa constante d'esses valores, que não têem valor, produziram espantosos desastres entre os jogadores da Bolsa, em Lisboa; houve mezes com liquidações enormes a pagar, e certos negociantes, que

tiveram a desgraça de pôr pé n'essa ladeira escorregadia, perderam tudo. N'estas condições, os Portuguezes, e a isso não faltam no caso de que se trata, aproveitam a nova occasião para dizer que os Hespanhoes são uns patifes, uns ladrões, uns gatunos, etc.

A Bolsa é situada na praça do *Commercio*, n'uma das extremidades, á beira do Tejo. Se o que perdeu a fortuna tiver desejos de se deitar a affogar, não precisa ir longe.

As sommas que se perderam na Bolsa de Lisboa, no jogo dos fundos hespanhoes, são incalculaveis. E não se póde dizer que não é um verdadeiro jogo aquelle que consiste em comprar ou vender 50 ou 200:000 francos de titulos, *semestre corrente*, porque nem o comprador nem o vendedor têem na bolsa com que pagar esses titulos. Mas ainda ha peior: ha no codigo penal portuguez um *artigo 273*, concebido n'estes termos:

«Aquelle, que convencionar a venda, ou a entrega de fundos do governo, ou de fundos estrangeiros, ou dos estabelecimentos publicos, ou de companhias anonymas, se não provar que ao tempo da convenção tinha esses fundos á sua disposição, ou que os devia ter ao tempo da entrega, será punido com a prisão de quinze dias a seis mezes, e multa correspondente.

«§ unico. O comprador, se fôr sabedor das circumstancias declaradas n'este artigo, será punido com metade d'estas penas.»

Bem empregado tempo! Eis aqui o que é fallar. Mas onde está o executor da lei? E' talvez o primeiro a violal-a, e talvez tambem o primeiro que tome o caminho do Tejo para fazer justiça a si proprio.

Da Bolsa aos bancos, o caminho não é longo. Porque, se os bancos não fazem parte da mesma familia de negocios clandestinos ou publicos, têem pelo menos suas affinidades. E' talvez por este parentesco que ha tão grande quantidade de bancos em Portugal.

Tratando em primeiro logar dos de Lisboa, encontram-se dezenas d'elles no mesmo quarteirão, na mesma rua, collados uns aos outros, apoiando-se reciprocamente costas com costas. Esta rua, que se chama dos Capellistas, mereceria outra denominação. Substitue vantajosamente o *Ghetto* da edade-média, onde eram relegados os judeus e seu commercio.

Eis a desfilada dos bancos:

O banco de Portugal;
O banco de Lisboa e Açores;
O banco New-London and Brazilian;
O banco de credito lisbonense;
O banco Lusitano;
O banco Ultramarino;
O banco Nacional-Insulano.

Em Portugal ha mais os seguintes bancos:

	Sédes
Banco Commercial do Porto.....	Porto
Banco Mercantil Portuense.....	Porto
Credito movel portuguez.....	Lisboa
Associação do Commercio.....	Idem
Associação de credito agricola.....	Idem
Banco União.....	Porto
Sociedade geral de finanças e industria	Lisboa
Banco Alliança.....	Porto
Banco do Minho.....	Braga
Banco de Guimarães.....	Guimarães
Banco Commercial de Braga.....	Braga
Banco Commercial de Vianna.....	Vianna
Banco do Porto.....	Porto
Banco Portuguez.....	Idem
Caixa de credito eborense.....	Evora
Banco industrial.....	Porto

Banco Commercial	Villa Real
Banco da Regua	Peso da Regua
Banco do Douro	Lamego
Banco da Covilhã	Covilhã
Banco do Povo	Lisboa
Banco da Povoa de Varzim	Povoa
Banco Commercial	Cezimbra
Companhia de credito portuense	Porto
Caixa economica penhorista	Idem
Banco do Alemtejo	Evora
Banco Nacional	Porto
Banco Mercantil	Braga
Banco do Commercio e industria	Porto
Banco Mercantil	Vianna
Banco de Chaves	Chaves
Banco de Bragança	Bragança
Banco industrial da Extremadura	Porto
Banco de Vianna	Vianna
Banco Commercial	Guimarães
Companhia de credito commercial	Lisboa
Companhia commercial portuense	Porto
Banco Commercial da Madeira	Funchal
Banco de Barcellos	Barcellos
Caixa d'emprestimos lisbonense	Lisboa
Banco agricola	Ponte do Lima

Uff!... Que nomenclatura!... E provavelmente, ha deficiencias e omissões.

Todas estas sociedades são sociedades anonymas! Todos estes bancos montados por acções são fundados na maior parte e dirigidos por brazileiros. Salvo erro ou equivoco de minha parte, creio que não fazem brilhantes negocios! De resto, os seus fundadores não têem outro objectivo senão estender uma vasta rêde a essa raça privilegiada de peixes que se chamam accionistas. Uma vez repleta a rede, encontram-se sempre

honestas pessoas com o melhor appetite para saborear estes peixes de nova especie.

Poder-se-ia crêr que o commercio de Lisboa e de Portugal, aproveitando-se de tantos bancos, encontraria n'elles um pouco de credito. Profundo erro! Os negocios, em logar de prosperar, vão de mal a peor, especialmente para o pequeno commercio.

Por fim do anno de 1878, e por espirito d'imitação, o Banco Ultramarino expiou, como o banco de Bruxellas, as leviandades d'uma pessima administração e o abuso d'um guarda-livros, d'um exercito d'empregados e de directores que mettiram a mão nas algibeiras... dos outros, postas sob a sua salvaguarda. No dia immediato ao do desastre, o thesouro publico punha á disposição do Banco Ultramarino a somma de dois milhões de francos, o duplo dos desvios de fundos. Aqui temos guarda-livros, thesoureiros, empregados e directores que vão ao banco dos reus responder perante a justiça, — se a justiça intervier no caso, — por factos que se lhes imputam, e o governo corre em auxilio do cofre despojado! Porque?... Porque rasão?... Como é que os dinheiros do Estado têem que vêr com uma sociedade constituida por accionistas, d'entre os quaes alguns grandes e minusculos empregados são uns gatunos? E com que direito, aquelles que administram os dinheiros publicos, aos quaes as côrtes consignaram destino especial, pódem applical-os em socorrer um banco em fallencia?... Questões importantes em toda a parte, mas que seriam aqui impertinentes.

Como a maior parte dos bancos são alimentados e vivem dos depositos que certos capitalistas fazem nas suas caixas, a sua existencia é fragil; ao menor panico, ao menor sopro da fortuna adversa, todos os depositantes correm a reclamar os seus fundos, e por poucos que os reclamem integralmente, o banco en-

contra-se sem dinheiro para fazer face á *corrida* e morre extenuado.

Ia-me esquecendo de mencionar um banco consideravel, e ficaria magoada se o obliterasse, porque n'este caso vem muito á puridade applicar a phrase de Robert Macaire: *Banqueiro! não banquista!*

Com effeito, o *Credito predial* é uma bonita instituição; com tempo e paciencia, acabará por ser o unico e verdadeiro proprietario da terra em Portugal. O *Credito predial*, imitação do *Credit foncier* de M. M. Frémy e Soubeyran, faz usura em ponto grande, com apparencias de benevola protecção; empresta dinheiro em primeira hypotheca sobre predios rusticos e urbanos á rasão de 8 ou 10 %. Ora, como as terras nem sempre rendem 2 %, acontece fatalmente que um bello dia o banco hypothecario lança mão da propriedade para se pagar de capital e juros e torna-se possuidor da propriedade por um terço do seu valor.

Em todos os paizes onde ha grandes recursos industriaes, esta instituição póde ter alguma utilidade, e os que appelam para ella têem ainda uma ou duas probabilidades de escapar das suas garras; mas em Portugal, pedir emprestado ao *Credito predial* é firmar uma sentença de morte que tarde ou cedo se ha de executar. O *Credito predial* tem, comtudo, por director o duque d'Avila e Bolama, uma das maiores illustrações do paiz, e por secretario geral o conselheiro Albuquerque, um dos directores do theatro de S. Carlos. Os bancos levam-nos ás usuras como os jogos d'azar nos levaram aos bancos. E' uma escada.

De 1865 a 1875, reinou em Portugal uma doença endemica perniciosa, que está em via de declinação, mas que ainda faz estragos. Esta doença é a *febre mineira*. Portugal, vendo a Hespanha sua visinha, enriquecer se com as descobertas de jazigos mineraes existentes no seio da terra, accordou um bello dia com a

idéia fixa de que o seu solo devia conter ferro, chumbo, mercurio, cobre, ouro, prata, diamantes, rubis talvez. Do desejo de ter a certeza de possuir dista apenas um passo e todo o mundo se poz a mirar em primeiro logar o chão que pisava, depois a apanhar todos os fragmentos de pedra de fórma ou de côr esquisitas que até então tinham sido totalmente despresados. Sobre o indicio d'estas pretendidas amostras de mineral, chegou ao ministerio das obras publicas uma multidão, batalhões e batalhões de gente ebria, fascinada, ardendo em febre, para declarar que descobrira uma mina de ferro, de cobre ou de chumbo, quando não minas de ouro e de prata. Tão numerosas, tão multiplicadas ardentes e urgentes foram estas declarações, que o ministerio teve de duplicar o numero dos seus empregados, e esses infelizes de trabalhar dia e noite a passar diplomas de concessões temporarias para satisfazer a magna phalange de *descobridores* de minas, Todos os dias o *Diario do Governo* proclamava o nome de uma multidão de cidadãos que a sorte feliz, o destino propicio tinham feito justamente cahir de nariz sobre uma mina de maior riqueza, no seu jardim, na sua cosinha, por vezes até no seu quarto de cama. Que se julgue, pois, como os retardatarios andavam ralados d'invejas! O governo, muito tranquillo, não via perigo algum n'essa febre; não tratou de esclarecer esse bando de loucos, mesmo no caso em que elle proprio estivesse esclarecido. Como ia recebendo emolumentos por cada uma das concessões, contentava-se em cobrar o dinheiro, e deixava que os jornaes enthusiasmados exclamassem que as minas de Hespanha seriam infallivelmente esmagadas pela riqueza das minas de Portugal, e que as do Mexico e do Perú não passavam da mais vil argilla.

Portanto, mercê de tantas concessões, toda a superficie de Portugal foi declarada em pouco tempo região

mineira. Era um Pactolo. Não se precisava mais do que a gente curvar-se para apanhar. Mas o portuguez não trabalhava unicamente para a gloria, nem se contentava de ter na sua carteira um papel official no qual se declarava que, no chão em que viçejavam as couves do seu quintal, devia haver, e havia, um filão de chumbo argentifero. Alguns,—não muitos, dizemol-o já,—creando coragem e levando ambas as mãos aos bolsos, contractaram alguns operarios e pozeram-se a cavar, a remover e a revolver a terra com grande furor. E de facto, em certas localidades encontrou-se vestigios de mineral, algumas gottas de Pactolo. O feliz possuidor corria a Lisboa com as suas amostras, precipitava-se no gabinete d'um chimico qualquer, mandava proceder á analyse do achado, analyse que pagava por muito boas libras, e depois levava o testemunho da cousa, muito bem visto, esmiuçado, descripto e analysado. Munido do precioso documento, que na realidade nada provava, annunciava publicamente a venda da sua mina. Poucos compradores encontrava, o que não admirava visto que todos estavam em circumstancias identicas, mas em compensação appareciam dez mil offertas por cada um tomador. Acontecia umas vezes por outras haver um imbecil que mordia o anzol. Houve em Lisboa um negociante de roupas brancas que d'esta maneira passou duas ou tres minas a preços extremamente commodos.

Rari nantes..

Foi inutilmente que os homens sérios, os entendidos na especie, tentaram fazer comprehender a esses esfaimados que, uma mina qualquer, não tem valor senão depois de rigoroso exame e ao cabo de certos trabalhos previos por via de regra muito dispendiosos; que é mister procurar a direcção, conhecer a força dos

filões, para avaliar de sua importancia e que para este fim é indispensavel abrir poços, canaes de esgoto, construir galerias, todo um kyrie de obras d'arte muito custosas, que a maior parte das vezes não dão resultado favoravel. E apenas um ou outro d'esses proprietarios de minas mandaram proceder aos trabalhos prévios necessarios.

A maioria tratou logo de procurar compradores ou socios em Portugal, ou antes no estrangeiro.

E' inutil dizer que todas estas magnificas miragens se dissiparam com o desmoronamento d'illusões.

Actualmente, que esta febre está um pouco acalmada, contam-se em Portugal tres minas em exploração, a de S. Domingos e da Transtagana, de cobre, e a de Monges de ferro. Existem tambem, mais por aqui, mais por ali, alguns jazigos de chumbo explorados, que rendem quando muito os cigarros que os seus proprietarios consomem.

Fallou-se muito, e ainda se falla d'um jazigo aurifero nos arredores d'Abrantes, porque, depois das cheias do Tejo ou das grandes chuvas, se recolhem algumas palhetas d'ouro.

E na realidade, segundo o parecer de pessoas authorisadas que estudaram o terreno, parece que seria necessario dispender cerca de quinhentos francos para apurar vinte francos em ouro. Isto acalmou um pouco a febre dos descobridores *enragés*.

E, pois, ponto averiguado que n'esta lucta em que Portugal devia aterrar a Hespanha e fazer-lhe sentir o peso da sua superioridade, ficou litteralmente vencido. Por muito tempo ainda se refilou o dente contra a verdade. Forçoso foi, porém, curvar a cabeça perante a evidencia cruel; e os negociantes de roupas brancas e os cultivadores de hortaliças, voltaram-se de novo para as suas antigas industrias e já hoje não offerecem minas. E comtudo para receiar que o mal apenas es-

teja recolhido e que a mais pequena imprudencia o desperte e obrigue a vir á supuração. É difficil fazer entrar na cabeça de um Portuguez que a Hespanha tem uma vantagem qualquer sobre a sua patria. E d'ahi, não é isto ainda uma fórma d'essa paixão pelo jogo, que a devora?

Para dar idéa da importancia d'essa *febre mineira*, a que acabamos de nos referir, damos em seguida a designação das companhias que se organisaram com o fim de explorar as riquezas da terra, com o dinheiro dos senhores ingenuos:

1853	Empreza de minas	Lisboa	Extincta
1854	Companhia de mineração Amisade	Porto	Idem
1854	Companhia de S. Martinho	S. Martinho	Desconhecida
1855	Companhia das minas de Estevão de Valverde	Lisboa	Extincta
1855	Companhia Esperança, de Paradella	Paradella	Desconhecida
1856	Companhia mineira do Rio-a-Côa	Guarda	Extincta
1857	Companhia Nova Esperança	Amarante	Idem
1857	Companhia mineira choronense	Lisboa	Desconhecida
1858	Companhia luso-hespanhola	Idem	Extincta
1858	Companhia de Niza	Niza	Idem
1862	Companhia Esperançosa	Mertola	Idem
1865	Companhia Aroupense	Arouca	Idem
1863	Companhia Transtagana	Lisboa	Em actividade
1863	Companhia de Santo Estevão	Silves	Extincta
1864	Companhia d'antimonio de Côrtes-Pereira	Alcoutim	Idem
1864	Companhia d'estanho de Traz-os-montes	Lisboa	Desconhecida
1865	Companhia das minas de Telhadella	Idem	Em actividade
1867	Companhia de mineração de cobre	Idem	Extincta
1867	Companhia Pintor	Idem	Idem
1867	Companhia Eugenia	Idem	Idem
1869	Companhia de S. Pedro	Porto	Idem
1869	Companhia de Santa Eulemia	Lisboa	Em actividade
1870	Companhia de phosphorite	Idem	Extincta
1871	Companhia da Cova dos Mouros	Idem	Desconhecida
1873	Companhia Setubalense	Setubal	Extincta
1873	Companhia do Penedo	Lisboa	Idem
1873	Companhia do Cabo-Mondego	Idem	Em quebra
1875	Companhia de New-Castle	Idem	Idem
1875	Companhia União Industrial	Porto	Extincta
1875	Companhia de Adorigo	Idem	Idem
1871	Companhia da Serzinha	Idem	Em quebra
1874	La Sabina (S. Domingos)	Lisboa	Florescente
1875	Companhia Guadiana	Idem	Desconhecida
1875	Villa do Conde	Idem	Idem

Que diz o leitor a esta procissão de companhias mineiras?... (*) E note, que terminamos a nomenclatu-

(*) Estas informações são extrahidas do *Annuario estatistico*, de 1875.

ra em 1875. De então para cá, ha outras companhias defuntas e archi-defuntas.

A agiotagem vem de cima. Quem duvidaria de poder descobrir o meio de enriquecer á custa da pobreza? O governo portugúez resolveu este difficil problema pela maneira porque deixa proceder as instituições denominadas monte-pios.

Lisboa possue um *Monte-Pio Geral*, que faz o que fazem todos os estabelecimentos da mesma indole, isto é, onde se é roubado, como em toda a parte, com um diploma e diversas garantias do governo. Tem unicamente isto de particular,—só empresta sobre objectos de ouro e prata.

Tudo mais não tem valor algum para elle, ou pelo menos não lhe offerece garantia sufficiente para esse emprestimo. Eu acreditei até ao presente, e uma multidão de imbecis partilhou egualmente do meu erro, que estes estabelecimentos tinham sido ou deviam ser instituidos para soccorrer os necessitados, especialmente para auxiliar os pobres, n'um caso urgente de falta de dinheiro. Em Lisboa, o *Monte-Pio* fundou-se unicamente para as pessoas que possuam objectos d'ouro ou prata e que se vejam forçados a ir lá empenhal-os. Foi, sem duvida, n'este presupposto que se estabeleceram centenares de *Casas de emprestimos sobre penhores*, que tudo absorvem e que dominam despoticamente; a sua industria principal consiste em emprestar, por baixo preço e com juros crescidos, sobre certos objectos valiosos que a maior parte das vezes são postos em leilão por falta de resgate ou do pagamento dos juros mensaes. (*)

(*) Depois de escriptas estas linhas, fui informada de que não ha *Monte-Pio official* para emprestimo sobre penhores

O *Monte-Pio Geral* esse sim, faz transacções d'essa ordem. É especialmente uma instituição, por meio da associação, para que os associados possam legar a suas viuvas e filhos menores, ou filhas, conservando-

Lisboa, que não obstante as apparencias d'uma cidade de primeira ordem, não passa d'uma grande aldêa, onde uma pessoa se tiver a phantasia de tomar um laxante pela manhã, todo o mundo sabe do acontecimento á noite, conta ainda assim muita gente que não quer recorrer ao *Monte-Pio* com o receio de que se supponha que vae ali procurar meios de fazer face a qualquer difficuldade pecuniaria. Estabeleceram-se, pois, centenas de casas do mesmo genero, com a differença unica de que não têem estatutos regulares, nem são garantidas por pessoa alguma. Disse centenas, mas é mais verdadeiro dizer milhares... Não ha rua, praça, travessa, beco ou calçada, em que o nosso nariz não vá esbarrar com uma grande taboleta em que se lê esta indicação: *Casa de emprestimos sobre penhores.*

Ha em Lisboa, no Porto, em Coimbra, em Beja, em Evora, em todas as cidades emfim, tantos d'estes estabelecimentos particulares, vulgarmente chamados casas de penhores, como de pharmacias e de mercearias, — o que não é exaggero.

Para se explorar esta industria, não é mister authorisação, nem mesmo a simples licença das authorida-

---

se solteiras, pensões correspondentes ao capital inscripto, joia e quotas pagas. O capital póde ser augmentado, até certa importancia, que não é excedida. Segundo os estatutos da casa, os fundos provenientes de joias, quotas, depositos, etc., podem ser empregados em todas as operações bancarias, transacções de bolsa, compra de inscripções do Estado, titulos ou acções de bancos, companhias, emprezas ou sociedades financeiras. N'uma palavra, — o *Monte-Pio Geral* é um verdadeiro estabelecimento financeiro. Os emprestimos sobre ouro, prata e papeis com cotação official, attingem sommas importantissimas; o movimento de depositos constitue, talvez, a sua principal operação. N'uma grave e recente crise bancaria, em Lisboa, o *Monte-Pio Geral* não succumbiu á *corrida* que fez calar alguns bancos, e que determinou até serias difficuldades ao *Banco de Portugal;* o batalhão dos seus milhões sustentou violentamente o ataque do publico que, possuido de enorme panico, correu em massa a levantar os valores depositados e a realisar em dinheiro os valores representados em titulos, notas, etc.

des. Bastam algumas libras e um pouco de fortuna. E de facto, é uma verdadeira industria que, se podesse figurar nas exposições universaes, seguramente seria a primeira a brilhar e a occupar o logar mais elevado, e as pessoas n'ella interessadas teriam o raro privilegio de monopolisar todas as medalhas de honra.

Um portuguez vae passar alguns annos no Brazil ou na Africa, tem a ventura de escapar da febre amarella e regressa com fortuna. Não creia o leitor que o repatriado empregue os seus capitaes na compra de fundos publicos ou que os confie a alguma empreza agricola; todos os seus cuidados consistem em fazer emprestimos sobre hypothecas unicas, a 15, 20 e 25 por cento de juros; e, se o dinheiro abunda, fundará, ou associar-se-ha a uma casa de emprestimos sobre penhores.

Estes estabelecimentos particulares, que começam a funccionar á mesma hora em que o *Monte-Pio* abre as suas portas, a maior parte d'elles só fecham a hora adiantada da noite. É por este meio que chegam a realisar negocios enormes. Enormes, repito, e vou dar prova do correcto emprego do adjectivo. Um artista francez, em viagem para o Brazil, demorou-se alguns dias em Lisboa; tendo necessidade de dinheiro, levou a um d'esses estranguladores uma pequenina caixa admiravelmente cinzelada, de grande valor artistico, que tinha custado cerca de mil francos. Emprestaram-lhe *cincoenta francos* sobre esse penhor, a juro de 3 francos e 50 centimos por mez ou 42 francos por anno. Garanto o facto, e tive os documentos na mão. Estas operações multiplicadas por outras, e ás vezes em peiores condições, porque se fazem emprestimos a 84 *por cento* ao anno, arruinam o desgraçado que se abeirar d'aquelles infernos da usura. Por aqui se fará idéa dos lucros realisados pelos homens d'este genero de negocio.

Mas, que querem! Se isto não é prohibido: o codigo portuguez não pune a usura.

A maior parte das grandes fortunas em Portugal derivam de emprestimos sobre hypothecas ou penhores, e o meio é bom, ninguem poderá negal-o. Um homem que saiba economisar e collocar o seu dinheiro n'este genero de especulação, tem a certeza de conseguir optimos resultados, pois que não arrisca cousa alguma e a somma emprestada fica-lhe superiormente garantida dez vezes. Isto é preferivel ao rendimento dos titulos e inscripções do Estado e sobretudo muito melhor do que o mister de homem de lettras. De resto, toda essa gente é perfeitamente considerada, honrada e condecorada pelos poderes publicos. É preciso, como eu, ter muito mau gosto e ser d'uma natureza impertinente e causticante para ir perturbal-os no seu *honrado* commercio e pôr-lhe estes senões.

Depois das *Casas de emprestimos sobre penhores*, segue-se a sub-variedade dos *agiotas*, dos que emprestam á porta fechada e por muito favor. Em geral, a especie consiste n'um homem casado, bem estabelecido, d'uma certa edade e com a seraphica reputação de pessoa *obsequiadora*. Essas singulares finezas reduzem-se a expoliar os empregados, os officiaes reformados, os aposentados e os outros pequenos roedores abancados á cevadeira do Estado. Toda essa população de creaturas da região da burocracia vive de ordenados ou pensões magrissimas e por mal de seus peccados andam sempre em permanente penuria; vão procurar o tal sugeito *obsequiador* que rebate um, dois ou tres mezes de vencimento, a troco dos competentes recibos e por 25 por cento de juro, ao mez, pagos no acto do adiantamento, isto é, descontados sobre o total. O empregado ou o reformado filho de Marte que troca os recibos por esta operação está perdido se não paga, e o *obsequiador* sugeito tem um documento em mão

que ameaça apresentar aos chefes superiores da repartição, ao proprio ministro, que se vêem forçados a proceder contra o pobre explorado.

Ha em Lisboa algumas duzias d'estes *obsequiadores* amigos, de creaturas d'esta boa natureza, que passam pela gente mais honesta da cidade e para os quaes são poucas todas as considerações e deferencias.

N'esta grande confraria de usurarios tão justamente considerados compete naturalmente á *judiaria* um logar á parte.

Ha em todos os paizes do mundo judeus que trajam com apuro, limpos e aceiados, bastante elegantes mesmo, que sob essa crusta envernizada occultam uma rispidez e egoismo nas suas transacções muito maior do que a que se escondia sob o traje immundo dos seus antepassados.

Mas, como não fomos nós os herdeiros dos lategos que expulsaram os vendilhões do Templo, não cavaremos mais na ruina das *pequenas industrias* que trouxemos á luz, n'estas paginas. Além de que, são muito conhecidas e apreciadas, tanto pelos que morrem como pelos que vivem.

CARTA DECIMA SEGUNDA

Os jornaes

Realisou-se em Portugal o ideal de Mr. Émile de Girardin. A liberdade absoluta de imprensa floresce nas margens do Tejo tanto como sobre as do Tamisa. Não ha ninguem que não assopre na tuba da fama, a questão consiste em saber se assopra melhor ou peor.

Entre os mais acreditados interpretes da opinião de Lisboa e logares circumvisinhos, um existe que particularmente recommendo á attenção do mundo europeu: é o *Diario de Noticias*.

O Diario de Noticias é o verdadeiro typo dos jornaes do genero. Por muito insignificante que seja pelo que representa e por aquelles que o cultivam, é uma folha importante, graças ás columnas compactas de annuncios que occupam nove decimas partes das suas quatro paginas. Tira 26:000 exemplares e vende-se a dez réis. É raro ler-se um artigo do fundo nas suas columnas. Em compensação, todas as manhãs annuncia ao respeitavel publico que Suas Magestades e Altezas dormiram bem a noite, depois do que começa a peregrinar pelas noticias do dia, reproduzindo, sem os

commentar, os telegrammas da *Agencia Havas*, dizendo que o sr. A... padeceu de uma colica no dia anterior, incommodo que a redacção deplora, que a sr.ª B... deu á luz um robusto menino, acontecimento que muito regozija a redacção, e muitas outras noticias de egual theor. Depois, desfilam os reclames, pagos a tanto por linha, de tal ou tal theatro, de tal ou tal dentista, do visconde C..., do bacalhoeiro J..., do barão D..., fabricante de stearina ou de azeite ou artifice de sapatos de ourelo, emfim, os annuncios compactos, multiplicados, sobrepostos uns sobre os outros, cujo merito exclusivo consiste em ter feito a fortuna da esclarecida folha publica e do muito habil e amavel cidadão que a dirige, Eduardo Coelho. (*) Sim!... a sua fortuna, porque ha annuncios de todos os tamanhos, de todas as especies, em todos os tons, desde os funebres, que convidam para o enterro de um duque ou de um sapateiro, até os joviaes e truanescos, que, por exemplo, previnem o publico de que a sr.ª X..., um pouco embaraçada nos seus negocios, precisaria de quem lhe prestasse 200 francos; ou que a menina Fragil-Virtude, de vinte e cinco primaveras, sabendo ler, escrever e as quatro operações arithmeticas, desejaria entrar ao serviço d'um proprietario de edade madura, celibatario, para dirigir o governo da casa; em seguida a sublime

(*) Esta *boutade* humoristica nada tem que possa offender o meu digno e excellente amigo Eduardo Coelho, o arrojado director e proprietario do *Diario de Noticias*, nem o seu socio, o muito honrado Thomaz Antunes, commendador da Conceição e *moço fidalgo* ou *fidalgo cavalleiro*. Devo tambem declarar que o *Diario* não exclue das suas columnas certas questões que interessam o paiz.

Outra rectificação, ainda. O *Diario de Noticias* não tem feição politica expressa em artigos de fundo; mas publica quotidianamente um resumo dos acontecimentos politicos, tanto do paiz como do estrangeiro, d'ordinario feito com arte e habilidade, e largas informações sobre questões agricolas e scientificas. O *Diario*, não obstante a sua reputação d'*incolor* (alguns dizem «insidioso»), exerce certa influencia na opinião do paiz, especialmente em Lisboa. E' *amigo platonico* do sr. Fontes, quando este estadista está no poder.

Revalesciére Dubarry e assim por diante até certos ingredientes pharmaceuticos que se devem tomar em pequenas doses.

Não ha nada que possa comparar-se, pela extravagancia e originalidade *sui generis*, aos annuncios em portuguez, francez ou inglez, dos amorosos ou das amorosas que pretendem declarar ou fazer conhecer a sua paixão a um idolo entrevisto, mas desconhecido.

Respiguemos alguns, ao acaso, n'essa vasta messe; valem a pena ser lidos e commentados:

Theatro da T.

DOMINGO. Camarote 1.ª ordem. Ha muito que a amo, mas sempre me tem sido difficil confessar-lh'o. Se não lhe sou indifferente peço me indique, em carta para o C. g., com as iniciaes S. L. a maneira de a ver e de lhe escrever. — Militar. 292

Como se vê, é um militar que assigna o annuncio, um militar puro, authentico, que, na sua qualidade de digno filho de Bellona, corre á victoria pela estrada do correio geral. Ha muito tempo que o bravo militar ama essa princeza incognita, cujo nome ignora, e encontrou sempre difficuldades em confessar-lhe o doce sentimento que lhe enche o peito de esperanças. De subito, pensa no *Diario de Noticias*, uma taboa de salvação, n'essa folha moral e economica, que lhe permitte, a troco da privação de alguns dias de soldo, prevenir a belleza dos seus affectos de que ha «um Amor» de militar que deseja saber se não lhe é indifferente, e dada essa circumstancia, cumpre que o objecto amado lh'o faça constar enviando-lhe um almejado bilhete ou cartinha. É evidente que este militar, alferes ou sargento-quartel mestre (deve ser um ou outro), se dirige a uma mulher do grande mundo, pois que nem mesmo sabe onde ella reside e que ha muito tempo a ama. Que poderia responder a requestada dama?... Esperemos

que por seu bem e honra não respondesse cousa alguma. E comtudo, um amor tal como este, um affecto marcial, era caso para seduzir e particularmente o de que se trata, que parece ter-se desenvolvido ao rufar do tambor.

26-6-78

EN réponse à l'annonce dans lequel je vous demandais des conseils comme se vous fussiez ma sœur, vous avez promis de m'écrire. La réalisation de cette charmante promesse je la réclame maintenant au nom de vous-même, c'est-à-dire au nom de tout ce que m'est cher et sacré. Votre lettre par la poste directement me sera rendue sans inconvénient. Croiez, oh croiez, que jamais vos nouvelles me furent si nécessaires, et que il a des moments où l'amour, malgré la force de ma volonté, l'emporte sur ma raison. 184

Este annuncio não carece de traducção; mas o author demonstra a urgente necessidade d'algumas lições de francez e de orthographia. Aqui temos um misero ente, que pouco, ou talvez nada, sabe da sua propria lingua, e que, para cantar a chamma que lhe arde nas entranhas e communical-a ao objecto querido, não achou cousa melhor para a transmittir do que um instrumento que lhe é desconhecido. Dirigir-se-ha o homem a uma franceza? É verosimil; mas, n'este caso, não teria conquistado melhor conceito no animo da bella não revelando publicamente a sua crassa ignorancia? Peço ao leitor se digne notar a invocação final: é uma verdadeira obra prima. «*Croiez, oh croiez!!!*» Isto é mais do que sufficiente para que a persuasão traspasse o coração d'essa mulher, á qual se pedem conselhos como a uma irmã. E depois, como querem que ella resista, se, no caso de responder ao terno e assucarado annuncio, *directamente pelo correio, a sua carta será entregue sem o menor inconveniente!* Queira tambem notar o leitor, além da particularidade mencionada, o que ha de novo e de original n'este amor que, em certos momentos, faz perder a transmontana!

Sargento—Belem

2-7-78

PEÇO a v. ex.ª me escreva para o correio geral com as iniciaes M. J. A. indicando-me a sua nova residencia e peço-lhe me avise o dia em que ali tenho carta.

S. I.—1.

Ainda um *militar!...* Verdade seja que, em Portugal, os bravos filhos de Marte pouco mais têem que fazer. Este é um dos que tira a mascara: declara que é *sargento* e que o regimento está aquartellado em Belem. Comtudo, pelo facto de se dirigir a uma «Excellencia», não devemos acreditar que o objecto do amoroso incendio seja uma duqueza ou mesmo uma viscondessa de recente formação, como ha tantas no paiz. Em Portugal, as engommadeiras, os tendeiros ou os curandeiros, apenas se apanham com alguma fortuna, transformam-se logo em Excellencias. É um titulo que não demanda exigencias. O tom geral do annuncio d'este *sargento* é, de resto, completamente militar, e, como se vê, não está disposto a perder o seu precioso tempo indo perguntar ao correio se Euphrasia lhe endereçou alguma carta; prefere ser avisado por ella. *Sargento* que não é tolo, mas um pouco exigente! Tambem não devemos suppôr que o qualificativo de sargento denuncie um velho rabujento, massador. Todo e qualquer mancebo imberbe que se aliste no exercito portuguez, ganha as divisas de sargento n'um abrir e fechar d'olhos, especialmente se pertence a familia de rasoavel posição, com tanto que escreva francez no genero d'aquelle de que estamos dando alguns excerptos, fielmente extrahidos dos annuncios amorosos, e que saiba escrever o nome.

26-7-78

IL y a une annonce qui j'aurai comme réponse, se par des raisons, que vous sa-

Que francez!...

A primeira phrase, offereço-a entre mil, aos mais abalisados Champollions, aos

vez très bien, je ne fusse forcé à croire le contraire. En tout cas, ma chère amie, il faut que je dise que je suis vraiment triste et malheureux; que je n'ai maintenant aucun de ces tendres adoucissements qui peuvent soulager dans si douloureux moments: et que la incertitude, principalement, me tourmente beaucoup, malgré ma résignation à outrance. Le temps me paraît horriblement long; et il n'est pas un moment où vous ne soyiez dans mes yeux et mon imagination comme vous êtes à jamais dans mon cœur.

mais experimentados hieroglyphistas, para que a decifrem.

E a segunda!... *Il faut que je dise que je suis malheureux!* Mas a quem é que elle diz que é infeliz? Ao publico, sem duvida. Que tem o publico com isso, que lhe importa? *É principalmente a incerteza que o atormenta muito, apesar da sua resignação «á outrance»*. Estamos vendo o desventurado empurrando *a sua resignação «á outrance»*, o que é para dar cabo dos nossos corações sensiveis. É impossivel que a mulher a quem se dirige permanneça indifferente a esta resignação guindada ao cumulo, tanto mais que a apaixonada creatura não tem por emquanto *aucun de ces tendres adoucissements qui peuvent soulager*. A que especie de *adoucissements* se refere o sugeito? Se esmerilhassemos, se profundassemos, embora muito ao de leve, este ponto obscuro, era caso que poderia inquietar a moral publica!

12-11-78

MA constance, malgré tout, ne se lassera jamais; s'avilirait-il votre fidèle ami lorsqu'il est embrasé de la plus noble et de la plus généreuse des passions? S'il homme faible ne montre pas cet courage, c'est qu'il n'aime pas, c'est qu'il est incapable d'aimer. Triste ou content, heureux ou malheureux, je suis toujours

Este confessa que soffre, mas *occulta a sua dôr*, e o silencio em que é obrigado a *envolver* os seus sentimentos, augmenta horrivelmente o martyrio do seu coração, e, mais apaixonado do que galante, pertence *todo inteirinho* á sua paixão! Que embrulhada, justo céu! O homem que declara a sua

le même. Je souffre, mais je cache ma douleur, et le silence où je suis obligé à envelopper mes sentiments pour vous, augmente horriblement les peines de mon cœur, et plus passioné que galant je suis tout entier à ma passion. 366

paixão por este modo, tem as melhores probabilidades para ser repellido.

Forget-me-not

HAVIA n'um jardim uma magnolia que prendia as attenções pela sua formosura e perfume. Muito perto um myosotis de singelas flores azues, parecia na melhor estação. Um dia, levaram-n'o para longe da sua companheira, tirando-lhe a sua vista e o seu odorifero ambiente, as pobres florinhas principiaram a desbotar, ameaçando perder-se. Então, condoída a mesma mão que as separára, de novo as juntou. E logo se reanimaram as florinhas azues, onde o zephyro perpassando as fazia murmurar: «Eu morria sem ti e se entendes a minha linguagem, amae-me sempre, não me esqueçaes.» 322

Se o annuncio n.º 1 é soldadesco, o annuncio n.º 2 é romantico, e sem duvida alguma desabrochou nas margens do rio da Ternura. É claro como agua que rebente de rocha, que é uma mulher que, sob a figura do myosotis, revela a doçura dos seus affectos a um bipede disfarçado em magnolia. Como é fino e delicado! Esta mulher deve ter cincoenta a cincoenta e cinco annos, o labio superior um pouco grosso e sombreado, e um peito de ama transteverina; porque se dá a singularidade de que as mulheres fartas e corpulentas se comparam com a maior sem-cerimonia ás mais delicadas flores. O amor dos contrastes! Semelhante idyllio merece um alentado envolucro. Estou tambem imaginando, — sem mesmo saber porquê — que, na realidade, a magnolia é mais novel do que o myosotis, e que não se reputaria de todo em todo ditoso se encontrasse mão abençoada que os unisse em santa paz. Depois d'isto, quem sabe se estarei illudida, é ainda possivel que o

author do annuncio seja uma mulher adoravel, ebria de poesia, e que aspire pela primeira vez na sua vida a pôl-a em acção. Assim seja.

Forget-me-not

Que a minha ausencia não prejudique o nosso amor. Separados constantemente na terra, reunidos seremos no céo.—2—7—78. R. M.

Lugubre, muito lugubre é muito triste. Propõe-se ao objecto querido, ao anjo dos affectos, um *rendez-vous* além da campa. O local é bem escolhido! Ao menos, d'esta vez, salvou-se a moral publica! Dante e Beatriz!... É impossivel ser mais platonico.

25-10-78

PERMETTEZ, cher amie, que je vous parle de mon amour en vous disant aujourd'hui qu'il n'est pas un instant où vous ne soyez dans mes yeux, et mon imagination comme vous étez à jamais dans mon cœur, et qu'il n'a pas une passion plus noble ni plus pure que la mienne. A bientôt, n'est-ce pas vrai?

Este faz-me abater o vôo sobre a terra. Ha ainda um cantinho de céu azul na imaginação d'este mancebo que suspira, mas unicamente na imaginação. Pois não é uma obra prima este: «*A bientôt, n'est-ce pas?*» desfechado á queima roupa depois da declaração da paixão nobre e pura? Ah! que bom bilhetinho no estylo de La Chatre! De resto, este traduz o verdadeiro espirito local; todo e qualquer portuguez se julga irresistivel.

Menina A.

TENHO diligenciado occasião de a tornar a ver depois que a acompanhei até ao L. P. se foram sinceros os olhares com que me correspondeu no C. P. no domingo indique-me como corresponder-nos ou fallar-lhe. Carta ao correio geral a S. S. S. 401

O author d'este annuncio não se peja de publicar que a menina A. o vê com bons olhos; mas parece que é habito inveterado n'essa graciosa creatura, e por isso elle lhe pergunta se é sincera. Eis um finorio que conhece bem o coração das mulheres!

17 — 12

Chalet

I FORGAVE you since I knew you have suffered, otherwise how could I laugh about the nonsense we all did! Tell me, where do you are? You know the way te write me without inconvenient, do it and I will answer you sincerely.

14—11—78

Honi soit qui mal y pense.

Por ser em inglez, o pensamento não é menos transparente, nem menos *schoking!* Que entende o bravo homem por tolices *que ambos fizeram?* Afinal, conclue por uma grande ingenuidade: *Honi soit qui mal y pense!*

Estas dez amostras do annuncio amoroso, ás quaes poderia addicionar mil outras (*), são sufficientes, parece-me, para dar a conhecer o que é o *Diario de Noticias*. É um commissario de mercadorias, que fez do amor uma das muitas cousas que constituem o seu commercio. Um homem de grotesca memoria, que foi uma

(*) Não ha dia em que o *Diario de Noticias* não regale os seus leitores com prosas d'este genero:

25-11-78

LES votres caressantes expressions m'ont séduit à l'un point qui je ne peu pas sans vous interroger, mais ch! j'etais toujours en al strait. Je vous prie pour me faire voir qui vous suis qui je désire, le

25-11-78

JE vous assure, chère amie, que je n'ai aucun mérite à vous aimer, je l'ai déjà dit, et que je vous adorerais encore quand me serait libre de choisir l'indifférence ou l'amour, mais cela ne me l'est pas; j'aime, ne pouvant faire autrement. Je crois, oui, je le crois du fond de mon âme, que nos cœurs étaient uniquement faits l'un pour l'autre. Vous seule pouvez me rendre constant, amoureux, et vous ne devrez pas croire que j'eusse jamais connu l'amour avant vous. Je vous serre tendrement la main en vous priant de profiter de votre charmant

especie de Barnum francez, o doutor Mimi Veron, tomou por divisa, se bem me recordo, este pensamento profundo que só as gerações actuaes pódem comprehender: «*Tomae um quasi nada de tudo, annunciae-o muitissimo, e vendereis enormemente*». Enriqueceu pondo a idéa em pratica e, uma vez aberto o caminho, a multidão convergio toda para essa estrada, no termo da qual estava a fortuna.

O *Diario de Noticias* é o jornal mais anodino de Portugal e suas conquistas; naturalmente é o que tem maior curso e mais publicidade. E comtudo, Deus sabe se a concorrencia o affronta, mas o *Diario de Noticias* responde a uma necessidade publica, aproveitada com tanta habilidade como *savoir-faire* pelo talentoso escriptor que o fundou, á semelhança de Adam Salomon, o eminente esculptor que creou em Paris um estabelecimento photographico. Este, tambem comprehendeu a sua época; as estatuas arruinavam-o, a photographia fez d'elle um milionario. Os romances, os artigos, as viagens de Eduardo Coelho nunca o teriam enriquecido; os annuncios do seu *Diario* converteram-o na miniatura d'um verdadeiro Cresus.

Sei de um dos meus amigos, jovialissimo e folião, que se creou uma occupação e um prazer com os annuncios amorosos. De manhã, tomando o seu chá, absorve-se na leitura da quarta pagina do jornal, e toma exactamente nota de todos os appêllos e invocações feitas pelos enfermos do mal d'amor; depois, travando da penna, responde a S... ou a X..., posta restante, para

---

designer les initials de non que vous savez bien par les deux lettres qui je vous avez écrit.

10

esprit pour me faire voir que je continue à être digne de votre adorable estime. Les doutes et les craintes étendent les maux à l'infini. N'oubliez pas, au profit de ma passion si pure, cette incontestable vérité.

12

lhe dizer que ficou impressionado e commovido com os seus sentimentos, que a chamma que crepita no peito d'ella arde egualmente no peito d'elle, e que no dia seguinte ás cinco horas deverá achar-se no passeio da Estrella, ou em qualquer outro sitio. Em geral, a indicação recae n'um sitio isolado, para que a farça seja completa. O author do annuncio, recebendo uma resposta tão lisongeira como convidativa, dirige-se apressuradamente para o local em que deve consagrar-se a união das almas, e durante duas ou mais horas faz de grou, esperando no *rendez-vous* a pessoa que não apparece. A outro, escreve que é esperado precisamente á meia-noite, e que deverá esperar na escada até que lhe abram a porta. Áquelle, que no domingo *ella* irá a tal theatro para *o* vêr; e assim successivamente, variando as epistolas e os locaes das entrevistas.

Suspeitei sempre que, aquelle cuja industria denuncio á vindicta publica, tinha taes ou quaes interesses no *Diario de Noticias*, ou pelo menos que recebia uns tantos por cento por cada annuncio amoroso que ia engordar as receitas da caixa, — exactamente como os jogadores de Monaco fazem áquelles a quem a banca paga para alliviar o publico e leval-os a despejar a bolsa nas azas tentadoras do azar.

E o que o impulsava a pensar d'este modo, é a habilidade, aliás muito conhecida, do estabelecimento em cujos negocios está perfeitamente iniciado.

Seria necessario todo um capitulo para relacionar os jornaes que inundam as ruas de Lisboa. Limitar-me-hei apenas a citar alguns.

O *Diario do Governo,* folha official, é um grande tagarella, que não diz senão o que o governo quer que elle diga.

Jornal do Commercio: um dos maiores jornaes portuguezes como formato, por vezes com accentuadas côres liberaes, pelas quaes de tempos em tempos quebra lanças.

Diario Popular: jornal de pequeno formato; vende-se avulso, a 10 réis. Opposição *quand même*! Faz guerra encarniçada, não só ao governo na pessoa dos ministros (*), mas ao rei accusando-o de se ingerir em politica, isto é, em cousas que não lhe dizem respeito. Escripto com grande mordacidade, com *verve*, e dirigido por um escriptor de talento notavel, Marianno de Carvalho, exerce influencia positiva. Um odio de mulher, de mulher formosa, segundo se diz, não é alheio á attitude hostil que esta folha tomou, nem aos dardos envenenados que por vezes se despedem das suas columnas.

Revolução de Setembro: fundada e redigida pelo meu illustre amigo Sampaio, e um dos jornaes mais habilmente escriptos de Portugal. Contam-se entre os seus collaboradores grande numero de escriptores de talento.

Diario da Manhã: opposição ministerial e orgão do grupo constituinte, que tem por chefe o ex-ministro José Dias Ferreira, politico de innegavel merecimento. A sua redacção é das mais acuradas e cuidadosas. Dizer que o seu redactor principal é Pinheiro Chagas, romancista, auctor dramatico applaudido e trabalhador infatigavel, é dizer tudo.

Jornal da Noite: era propriedade de Teixeira de Vasconcellos, recentemente fallecido em Paris. Escriptor de certo talento, embora não gosasse de grande consideração, occupava-se então, especialmente, dos anniversarios e nascimentos de tal ou tal pessoa, dando parte do facto aos seus leitores, e publicava a lista dos numeros premiados na extracção da loteria. Era o necessario para que o jornal tivesse exito e favor do publico.

(*) E' facil de comprehender que a politica do *Popular* (progressista) vareou com a queda do ministerio Fontes (regeneradores).

O Jornal da Noite podia viver satisfeito no meio da sua esphera. Mas, abrasado pela ambição, publicava por vezes artigos encantadores.

Democracia: bello titulo! Dizem alguns maldizentes que o corpo não corresponde á cabeça. É dirigido por um orador de talento, Alberto de Vasconcellos, auctor de um discurso a proposito da morte de Victor Manuel, muito espalhado em Italia.

Em quanto ao *Progreso*, não me atrevo a dar a minha opinião pessoal. E' seu redactor principal, o primeiro auctor dramatico portuguez, Antonio Ennes.

Diario Illustrado: dá uma gravura em madeira, de notavel execução, mas geralmente pouco parecida (*) Bem disposto, muito ao corrente de tudo, traduz muita vez o diccionario de Larousse.

Ha ainda outros, mesmo muitos, que se não deveriam esquecer. Cito ao acaso entre os de mais espirito.

Trinta Diabos: de pequeno formato, jornal de dez réis. E' um satyrico violento, de unhas ponteagudas e aceradas.

Fere muita vez justamente e com um chicote sangrento, não poupando grandes nem pequenos. Com muito espirito e bem redigido, sae uma vez por semana.

Pimpão: de pequeno formato, talvez o que de todos tem mais espirito. Se o *Trinta Diabos* arranha com as unhas, o *Pimpão* arranca com os dentes o que apanha! E' de leitura muito alegre. Os seus redactores que se occultam sob pseudonymos, são individuos de espirito, como o provam pelos artigos. O *Pimpão* sae uma vez por semana. Já tive occasião de citar alguns dos seus artigos, a proposito da creação de viscondes de moderna fabrica, e do marquez de Vallada. Por aquellas

(*) É uma queixa pessoal.

amostras se pode ver que as pennas d'aquella folha são todas de individuos de muito talento. (*)

Ia-me esquecendo de um dos melhores jornaes de Lisboa e do paiz a *Correspondencia de Portugal*, que sae duas vezes por mez para o Brazil, e publica tambem supplemento para a Africa, Açores, Madeira etc. Este jornal politico (regenerador) e commercial, tem como redactor politico o illustre Antonio de Serpa e gosa de uma singularidade; é redigido por *regeneradores* (o seu proprietario, entre outros, Philippe de Carvalho e Caetano de Carvalho seu filho), por progressistas (Miguel de Bulhões), e por republicanos (Rodrigues de Freitas), que se entendem perfeitamente sem se intremotterem uns com os outros.

Outro jornal de grande influencia em Lisboa é o *Commercio do Porto*, que se publica n'esta cidade. O seu correspondente diario é o espirituoso e incisivo João Chrysostomo Milicio, presentemente deputado. Ha alguns annos que as revistas politicas hebdomadarias do *Commercio do Porto* são escriptas por um jornalista e escriptor cujo raro merecimento se occulta modestamente sob as simples iniciaes E. L. Estas revistas politicas são escriptas n'um sentido liberal, e a sua imparcialidade no meio dos interesses partidarios, assim como a sua notavel redacção chamaram a attenção e a curiosidade geral sobre o seu auctor, que nem por isso deixa de persistir em guardar o incognito. Esta folha occupa-se de tudo o que diz respeito á administração e economia do paiz. E' o melhor que se publica no norte de Portugal.

(*) Appareceu este anno um novo jornal, o *Antonio Maria*. Desde o primeiro numero que andou a caminho : desenhos com muito espirito, redacção incisiva, teve um exito de venda, muito merecido.

CARTA DECIMA TERCEIRA

SUMMARIO

Atravez os campos — O clima de Portugal — Os tremores de terra — A agricultura — A sylvicultura — As oliveiras — A vinha — Os laranjaes — Os animaes — A cosinha.

Poucos climas ha tão encantadores como o de Portugal. O inverno é n'este paiz menos aspero que nos paizes do Norte, mesmo menos aspero que na região central da França. A neve só cáe nos cumes dos montes. Gozam-se dias admiraveis que rivalizam com os nossos mais amenos dias de primavera. No verão, a temperatura é muito mais elevada do que em Hespanha, e passam-se ahi ás vezes calôres de abrazar, mal moderados pelos ventos quentes do oceano Atlantico; mas encontram-se alli tantos sitios maravilhosos, onde reina uma primavera eterna!

M. Delavigne, no seu *Guia-diamante de Portugal*,

diz que todos se habitúam com facilidade ao clima. Sou do seu parecer. Accrescenta elle que *aqui e além* se encontram valles deliciosos, cuja frescura circula por gargantas cobertas de florestas do mais encantador aspecto; tem rasão. Não ha parte alguma no mundo, onde menos se sinta o calor do que n'este feliz clima; basta orientarmo-n'os. Por isso, graças a este maravilhoso clima, a mortalidade é menor que em qualquer outra parte; as ultimas estatisticas estabelecem a differença de 26 [illegible] contra 30, em Hespanha, particularmente.

A região dos planaltos apresenta inclemencias de frio e de calor. Por isso são ahi rarissimas [illegible] ções, e as que existem são muito miserave[illegible].

Uma coisa que não abona muito os Po[illegible] outros tempos, e que ainda menos abona os [illegible] o tremor de terra de 1755, e a impressão que deixou apoz si. E' evidentissimo que houve n'aquelle anno um terrivel terremoto, com que soffreu horrivelmente Lisboa. Affirma-o a historia. Voltaire tomou-o para assumpto de um poema e estão alli as ruinas, mais eloquentes ainda que a historia e a poesia para attestal-o. Por isso todas as gerações que se têem succedido ha cento e vinte e quatro annos, viveram e vivem ainda com esse receio, que não tem, pelo menos segundo o que eu julgo, como o temor do Senhor, a menor relação com a Sabedoria. O *Terremoto*, palavra bastante expressiva, é o papão dos Portuguezes. E quem sabe se esse medo inoculado no sangue e transmittido de geração em geração, não contribue de algum modo para a indolencia moral que registamos? O atavismo tem singulares e incontestaveis consequencias, que tanto recahem sobre os povos como sobre os individuos. E' um ponto de philosophia e de physiologia que deixo ás meditações da universidade de Coimbra.

Seja como fôr, ha ainda *terremotos* em Portugal;

simplesmente são mui pouco sensiveis, e não ha muitos individuos que dêem por tal. Sabem-n'o pelos jornaes na manhã do dia seguinte. Bem creados, menos brutaes que o seu ascendente, nada derrubam e não ferem pessoa alguma. Parece que têem apenas a dose sufficiente para manter aquelle receio secular que está na massa do sangue e que raciocinio algum é capaz de destruir.

Ha n'esta gente um costume singular que só pela influencia d'este atavismo se explica. Como previsão da repetição da terrivel calamidade, quando em Lisboa se construe uma casa, começa-se por levantar todo o emmadeiramento, depois sobre essa enorme gaiola de avestruzes colloca-se o telhado, e no fim de tudo é que se começam a levantar as paredes de pedra e cal. Tudo isto, porque está combinado que, em caso de terremoto, tudo ha-de cahir, menos o emmadeiramento se estiver bem disposto. Têem ou não rasão os Portuguezes? A estatistica que responda. Por mim, não tento experimental-o. Chega-se mesmo a dizer que ao primeiro signal de revolução subterranea, se deve abrir uma janella e montar-se no parapeito; n'esta excentrica postura e no caso em que se esteja em camisa, o mais a que se arrisca é a apanhar uma constipação. Acredito. Não serei eu quem se ria d'esta idéa portugueza; o instincto da conservação póde ser um excellente guia. Em caso similhante, eu preferiria estar em campo largo. Verdade é que a escolha não está nas nossas mãos.

Poucos paizes ha em que a agricultura esteja tão atrazada como em Portugal, e poucos, onde, pela natureza do solo, ella podesse estar mais prospera e mais fecunda. Mas além do pouco que se faz para lhe dar o desenvolvimento necessario, os capitaes do paiz não têem tendencia alguma para auxilial-o.

A agricultura, base da prosperidade futura do paiz,

é todavia alvo de certa sollicitude da parte do governo; ha uma secção de agricultura no ministerio das obras publicas, commercio e industria; está dependente da direcção geral do commercio e da industria. Em cada districto, ha dois funccionarios publicos, especialmente addidos ao serviço da agricultura: um agronomo, encarregado de dirigir, sob o ponto de vista technico, as estações agricolas experimentaes e fazer conferencias e cursos publicos; e um veterinario, cujas attribuições são a direcção das caudelarias, e ensino da zoologia, a intendencia do gado, e, além d'isto, tudo o que se relaciona com a sua arte profissional. Ha tambem, em cada districto, um conselho de agricultura subvencionado pela junta geral; estes conselhos têem a direcção das quintas regionaes e estações agricolas, organizam os concursos de gado, as exposições agricolas regionaes, e têem voto em todas as medidas tendentes a animar, desenvolver e aperfeiçoar a agricultura. Apezar de tudo isto, são muito lentos os resultados.

Já fallámos do estabelecimento superior fundado em Lisboa, com o nome de Instituto geral de agricultura, onde se ensina agronomia, sylvicultura, mechanica agricola e medicina veterinaria. Os cursos d'esta ultima parte do ensino constituem uma secção particular, cujos professores compõem o conselho especial veterinario.

Dependente d'este estabelecimento, está a bella quinta regional de Cintra, muito bem installada. Mencionemos tambem a util influencia de uma sociedade scientifica de Lisboa, a Sociedade real e central de agricultura, de que é presidente D. Fernando, pae do actual rei de Portugal; está destinada a prestar para o futuro grandes serviços.

A' enumeração que já fizémos das diversas culturas do solo, devemos juntar os prados e pastagens que oc-

cupam mais de dois milhões de hectares, e que se compõem de prados artificiaes, de pastagens e de terras em alqueives. Os prados artificiaes encontram-se quasi exclusivamente na provincia do Minho, onde se têem feito grandes trabalhos de irrigação; as melhores pastagens naturaes encontram-se principalmente nas provincias da Beira e Traz-os-Montes; no Alemtejo e Algarve, por causa da grande seccura das terras, só na primavera e principios de verão se encontram pastagens.

A criação dos gados occupa um logar importante na industria agricola do paiz. Representa um capital consideravel. Como o ultimo recenseamento se realisou em 1870, para se terem dados exactos, devia-se elevar com 11 por 100 as cifras por elle indicadas. Segundo um interessante relatorio devido ao conselheiro Moraes Soares, o numero de cabeças andaria por 5,786,610, avaliadas em 174,061,920 francos; se se quizesse, facilmente se poderiam decuplicar estas cifras.

A vinha é a riqueza principal do paiz; constitúe um elemento consideravel do seu commercio exterior, e a producção excede muito a que é necessaria para o consumo. «Portugal, diz o barão de Wildik na sua interessantissima estatistica, apresenta extrema variedade de terrenos para lavoura; o que procede do relevo muito accidentado do paiz, da multiplicidade das formações zoologicas, das grandes differenças que existem entre as constituições das terras araveis; da innumera diversidade na exposição dos vinhedos; como das multiplices podas, e dos diversos methodos empregados para a cultura da vinha e fabricação do vinho.»

A producção e venda do tabaco rendem ao fisco, nada menos de 15 milhões annuaes de francos, bem que o governo não monopolise a sua venda nem fabricação. A cultura do tabaco só nas ilhas é authorisada, mas a venda em todo o reino é livre. Em Lisboa e

Porto existem fabricas importantes. A mais notavel, a Companhia Nacional de Tabacos de Lisboa, têm uma producção annual que attinge 10 milhões de francos.

O milho é abundantissimo em Portugal. E' empregado com muita mais frequencia nas provincias do Norte, nas terras exclusivamente consagradas a essa producção, ou á cultura do linho, cuja colheita precede a do milho.

Os campos que acabam de dar centeio prestam-se ainda á cultura do milho; lavram-se e gradam-se; a sementeira faz-se á mão; aproveitam-se os intervallos para a plantação de couves, betarrabas, batatas, aboboras e outros legumes. Sacha-se o milho, rega-se pelo pé, e quando attinge o desenvolvimento completo, quebra-se a ponta da haste, para servir de alimento aos animaes. A palha destina-se ao mesmo uso, apezar das suas condições pouco nutritivas: as folhas que circumdam a espiga do milho servem para fazer esteiras, tranças, chapeus, papel e cobertores que são excellentes nos climas quentes.

A colheita é uma verdadeira festa para o povo. Depois de se ter apanhado o milho, juntam-n'o geralmente no campo pegado com a casa da fazenda: convidam-se os amigos e conhecidos para a noite, e ninguem falta ao convite do visinho ou do amigo. As mulheres entram n'esta festa em grande numero; assentam-se no chão, em linha e occupam-se em separar da palha a massaroca, que deitam para um cesto que têem á direita; estes cestos são levados para a eira ou para o celleiro por homens que têem o cuidado de pôr o milho ao alcance das mulheres.

Alegram este trabalho guitarras e outros instrumentos campestres, as canções que os homens e mulheres improvisam em quartetos, umas vezes benevolos, outras tambem satyricos. A's vezes tambem os parentes

ou amigos da mulher ridiculizada, julgam-se obrigados a tomar páreas por ella, e o audacioso cantor é, á sahida, castigado do seu atrevimento, com cacetadas. As cantigas na provincia do Minho têem um cunho de certa graça, espirito e alegria notaveis. Nas outras provincias repetem-se sempre as mesmas modas, ao passo que no Minho, como na Andaluzia, se improvizam segundo as circumstancias e os caracteres dos individuos. Estas festas abundam em variados e divertidos incidentes. A mulher a quem se apresenta uma massaroca vermelha, fica por esse facto obrigada a deixar-se abraçar deante de todos pelo homem que lh'a apresenta, se elle teve a felicidade de encontral-a. Diga-se de passagem que com esta brincadeira se faz ás vezes trapaça, e que as victimas nem sempre se queixam.

O vinho é á discrição, e apenas acabam o trabalho, vão dançar para a eira e cantar até que o crepusculo da manhã recorde a essa boa gente a necessidade de irem para casa.

Portugal pode dividir-se em duas regiões distinctas: a primeira, a do norte, é muito productiva, graças principalmente aos vinhos do Porto, e á divisão da propriedade que n'essa região é muito bem cultivada; a segunda a do sul, tem alguma analogia com o deserto de Sahara, chama-se Alemtejo; passam-se 6 horas de estrada sem encontrar casa nem alma viva e uma estatistica que tenho sobre a mesa dá a algumas partes deste deserto treze habitantes por kilometro quadrado. No emtanto ha ahi vastas extensões de terreno fertil, em que se poderia cultivar trigo em bastante quantidade para satisfazer as necessidades do paiz; preferem importar da Hespanha e mesmo da America o que falta, porque sae mais barato que aquelle que é cultivado pelo indigena.

N'essas regiões encontra-se a alfarrobeira, o euca-

lyptus, a palmeira anã, originarios da Africa. O cultivador portuguez está ainda nos rudimentos das primeiras edades, serve-se da charrua primitiva que mal aprofunda o solo, e transporta os seus productos em carros formados de uma grosseira caixa em cima de duas rodas maçissas de madeira, e tudo isto puxado por uma junta de bois. A maior parte das vezes chega ao fim do anno como estava no principio, ganhando apenas o que gastou; se pede emprestado para dar desenvolvimento á sua exploração, está perdido, porque os juros que tem de pagar são muito superiores ao que pode ganhar. E' a ruina e a miseria ao cabo de alguns annos.

A sylvicultura está, em Portugal, no ultimo logar. Os camponezes teem um horror pronunciadissimo pelas arvores, e não só as não plantam, mas aproveitam todas as occasiões para arrancar as que existem. Em todo o littoral se encontra o pinheiro em abundancia. A mais consideravel matta de Portugal, a de Leiria, é toda constituida por pinheiros; alimenta todavia, uma importante fabricação de resina, de alcatrão e de madeira para a marinha e administração dos telegraphos, O carvalho é a arvore que, depois do pinheiro, se encontra em maior quantidade em todas as provincias. A madeira de construcção vem quasi toda do extrangeiro e custa espantosamente caro. O remedio estaria ao lado do mal, se o governo quizesse dar o exemplo das plantações. Quanto a propôr semelhante negocio aos capitalistas, é inutil; desfechariam uma gargalhada no nariz de quem quer que tivesse tal idéa. E todavia, para só fallar do sobreiro, devo contestar que os seus productos se tornaram um dos principaes ramos da exportação do paiz. Um dos meus amigos agricultor, comprou ha quinze annos, me dizia elle no Alemtejo uma pequena propiedade plantada de sobreirinhos, que crescem sem cuidado algum como

hervas inuteis. Esta propriedade que elle comprou por 10,000 francos, dá-lhe hoje 8,000 francos *de rendal*

A cultura da oliveira está muito derramada em Portugal; mas a fabricação do azeite, é imperfeitissima. Podia ser de primeira qualidade; é quasi sempre vulgar e ás vezes nauseabundo. Um illustre escriptor, fallecido ha dois annos, Alexandre Herculano, quizera mostrar que o azeite portuguez bem fabricado, podia rivaisar com todos os da Provença e de Genova. O que elle fazia nas suas propriedades de Santarem era excellente. Mas o exemplo quasi que não foi seguido; os cultivadores preferem a velha rotina a todas as innovações, que elles vêem com maus olhos, e de que desconfiam sempre.

A vinha occupa um dos primeiros logares na cultura do solo, principalmente no norte, por que é d'ahi que saem os vinhos do Porto. Estes vinhos quando são naturaes, teem um gosto perfeito e um aroma delicioso, muito superiores ás misturas alcoolisadas que se exportam do Porto para todos os pontos do globo. Mas isto é unicamente o meu parecer e nada mais. De resto, parece que a massa geral dos consumidores julga de outro modo, visto que prefere a falsificação á natureza; e entre estes devem collocar-se na primeira plana os Inglezes, os que mais bebem, e que não vá isto offender a sua pretenção de conhecedores, só encontram os vinhos bons quando fazem arder a garganta e queimam o estomago. Depois d'isto, ouço dizer que os vinhos do Porto não podem supportar as viagens sem addição de alcool; e n'este caso, não encontro que responder.

Além dos vinhos do Minho, ha os do Algarve, de Carcavellos, de Collares e muitos outros, que são magnificos. Os vinhos ordinarios seriam muito melhores do que geralmente são, se fossem feitos com mais sciencia.

A laranja foi de grande producção em Portugal; o seu rendimento vae diminuindo todos os dias, o que se explica por causa dos invernos cada vez mais rigorosos que gelam o paiz. A arvore não resiste ao frio. Ha talvez trinta annos, encontravam-se ainda em Portugal verdadeiras mattas de laranjeiras; presentemente, são quasi arvores de luxo, e é necessario ir a Setubal, para vêl-as em certa quantidade. Mas, são pequenas, definhadas e tysicas; como um doente que procura um allivio aos seus males em um clima temperado, emigraram para os Açores e principalmente para S. Miguel, a mais consideravel ilha do grupo. Alli, crescem admiravelmente, e dão fructos cuja grossura e excellencia são afamadas. Para se fazer idéa do que póde render semelhante cultura, basta consultar a cifra de exportação do fructo d'oiro em 1877-78; os Açores forneceram, *só para a Inglaterra*, 532:000 caixas, ao passo que Portugal inteiro só exportava 165:000, e a Hespanha (Valencia principalmente) 860:000. Cada caixa vende-se, termo médio, por 5 francos, o que constitue para os Açores uma exportação que rende mais de 2 milhões e meio de francos. Isto vale a pena, tanto mais que, salvos os cuidados dados á arvore, a colheita não exige trabalho algum da parte do proprietario. Vende-a no pé e o comprador colhe, quando lhe convém, os fructos por sua conta e risco, depois de ter pago adiantadamente.

O limoeiro é muito pouco cultivado em Portugal. Em todo o caso os seus fructos não fórmam um ramo de exportação. Porque? É á rotina que devemos attribuir a causa, porque aquella arvore tem elementos para prosperar muito bem.

O milho é a graminea mais em voga; serve para alimento do gado.

Os animaes apresentam grande variedade de especies.

Os cavallos são vigorosos e prestam assignalados ser-

viços. A raça é um mixto do typo *gallego* e do typo *betico-lusitano;* o cavallo castelhano é uma variedade d'este typo. Os cavallos gallegos são pequenos, sobrios e energicos; encontram-se no norte principalmente.

A raça bovina é notavel; em trinta annos, o commercio dos bois, mais que decuplicou. Os toiros que são pequenos, muito mais pequenos que os de Hespanha, são espertos, ardentes e vigorosos; prefiro-os muito aos primeiros. Os bois poderiam prestar immensos serviços; nos campos não se conhece outro tiro para o arado e para as grandes conducções. Os bois do Minho, quasi todos de côr cinzento-clara, têem a cabeça ornada de magnificos chavêlhos; ha-os notavelmente bellos; aclimatou-se tambem a raça hollandeza, uma das raças que dá mais leite.

A raça suina indigena e a que se obteve com os cruzamentos inglezes, dão muito bellos e, sobretudo, muito bons productos. Os porcos do Alemtejo, alimentados com bolota verde, são... encantadores, no prato, desde os chispes até á extremidade do focinho. Não sei porque, enfeita-se aqui a carne de porco com os mesmos louros que servem para cingir a fronte dos heroes!

A raça canina está muito misturada; o que ha de melhor n'esta familia são os grandes galgos, ultimos descendentes da raça mourisca; entretanto, raros se encontram verdadeiramente bonitos.

Os machos estão em Portugal, como na Hespanha, na sua verdadeira patria. São muito bem cuidados, e remuneram com trabalho, o trabalho que custam. Vêem-se em Lisboa carruagens de muito boa gente, puxadas por machos. De resto, é necessario que nos não enganemos; um bom macho custa muito caro, mesmo mais caro que um bom cavallo.

Os jumentos são ainda mais abundantes que os machos; custam menos no preço, na creação, na alimentação e sobretudo na conservação. Não ha no campo familia pobre que não tenha o seu burrico; faz parte da

familia e tem o seu logar na casa. Mas tambem que serviços não presta elle, e como elle ganha largamente a sua alimentação quotidiana e alguns bocados mesmo da que o dono come! O jumento portuguez é um forte e um amigo. *Estupido e preguiçoso como um burro!* é um proverbio que só tem a significação de ser contrario á verdade. Digo mais, que o proverbio é tambem tolo em toda a parte onde ha jumentos. O burro não é nem estupido, nem preguiçoso; tem uma somma de intelligencia que sabe melhor e mais vezes utilisar do que aquelle que o emprega, intelligencia que elle proporciona á somma de força que a natureza lhe deu com o trabalho de cada dia, e se não os ultrapassa a um nem ao outro, é por que tem, mais do que o homem, consciencia das leis do equilibrio. Por isso dura mais tempo. *Chi va piano, va sano, e chi va sano va lontano:* axioma italiano, em que ha muita sabedoria, e que os jumentos transmittem de paes a filhos, como deveriam fazêl-o os homens, seus donos. Em Portugal, o jumento tudo faz; serve de cavalgadura, leva fardos, puxa a charrua, faz andar os moinhos, anda á nora, etc. Se o governo lhe confiasse postos importantes, estou certa que os occuparia, com satisfação geral.

Aqui, comprehendo eu M. Buffon, e perdôo-lhe os punhos de renda, pelo bem que disse dos jumentos.

MARIA RATTAZZI

PORTUGAL DE RELANCE

MARIA RATTAZZI

PORTUGAL DE RELANCE

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA

(AUCTORISADA PELA AUCTORA)

VOLÚME II

LISBOA
LIVRARIA ZEFERINO—EDITORA
87—Rua dos Fanqueiros—87

1881

PORTUGAL

DE RELANCE

CARTAS HUMORISTICAS

CARTA DECIMA QUARTA

SUMMARIO

Lisboa — O Tejo — O porto — As ruas — O systema de calcetamento — As praças publicas — As egrejas — Os palacios reaes — A torre de Belem — O mosteiro dos Jeronymos — Os passeios publicos.

Em testemunho de boa e leal verdade deve fazer-se justiça aos habitantes de Lisboa: o que entre elles ha de mais notavel não é á sua industria que o devem, é á natureza que se deleitou em benevolencias, que tudo lhes concedeu, entre outras cousas uma admiravel, — o Tejo, e que depois de os acariciar como filhos mimosos da fortuna, recolheu-se ao silencio do descanço para ver e observar o que elles fariam d'esses dons privilegiados. Sim, o Tejo é verdadeiramente bello e eu admiro-o com toda a sinceridade da minha alma: não porque o rio possua, como affirmam as lyras hyperbolicas dos poetas, ou como talvez possuisse em tempos prehistoricos, as famosas margens floridas, habitualmente cantadas em odes laudatorias; ou ainda

porque enrola e desenrola as suas aguas puras e transparentes em que se espelha, orgulhoso, o ceu azul: mas porque é grande, desafogado, aformoseado de amplos e luminosos horisontes e abriga um dos mais esplendidos ancoradouros do mundo.

Subir o Tejo, desde a barra até Lisboa, é um dos espectaculos que valem bem toda uma viagem. É simplesmente maravilhoso! Deixando-se o mar, onde o navio andou fluctuando na superficie immensa das aguas, e salva essa passagem, *a entrada da barra*, manobra laboriosa para as embarcações de grande lote em consequencia da accumulação e deslocação quotidiana das areias, seguimos rio acima. As margens estreitam-se, a massa de aguas contem-se sensivelmente n'um leito de menores proporções, entre a torre de Belem e o Lazareto; depois, conservando sempre na distancia de algumas centenas de metros uma largura média, desenvolve-se e dilata-se novamente no centro da propria Lisboa, entre o Arsenal da marinha, na margem direita, e o Barreiro e Aldeia Gallega, na margem esquerda, n'uma extensão superior a tres leguas; ostentando a mais admiravel bacia onde quotidianamente dão fundo centenares de navios, e onde todas as armadas e frotas do universo estariam perfeitamente, commodamente, podendo manobrar á vontade sem perigo dos abalroamentos.

Não ha espectaculo mais grandioso nem goso superior ao de aportar a Lisboa, vindo do Alemtejo, embarcando no Barreiro, e cortar o Tejo na sua maior amplidão. A cidade abre-se então como um leque aos olhos deslumbrados do *touriste*, com os seus milhares de casas disseminadas na espalda das collinas e nas cumiadas dos montes.

É profundamente attraente o prazer de bordejar, antes de pôr pé em terra, em volta dos navios de guerra ou de commercio, que de toda a parte vem ali lançar ferro; contornar a fluctuante floresta, desvian-

do-nos a tempo dos abalroamentos, sinistros habituaes dos portos e frequentes, especialmente ao domingo, quando a exhuberante e mobil floresta se anima, buliçosa e inquieta, vestindo os seus pavilhões e trajando todas as ridentes galas dos seus mastros empavezados.

Porque, forçoso é confessar, quando se desembarca, apenas pisamos o caes, como que nos sentimos transportados para um outro mundo! Tudo mudou, tudo desappareceu: o panorama deslumbrante das scenas maritimas vela-se de subito. As ruas, as calçadas, os passeios, as casas, tudo se repete monotonamente, perde o aspecto variado, a belleza insinuante e entra no dominio do feio. É como se descessemos do mundo encantado do sol para as densas brumas da noite.

Parece que não haveria modo de possuir um tal rio e ancoradouro sem lhe aproveitar as innumeras bellezas, sem tentar rivalisar assim com a generosidade da natureza. Em Portugal, porém, nenhuma probabilidade existe de que semelhante intuição se traduza em realidades. E para que, no fim de contas, para que havia de despertar a proverbial indolencia do indigena?

A verdadeira sabedoria consiste em deixar as cousas estacionarem e em fazer o menos que fôr possivel.

Este inalteravel estoicismo preguiçoso revela-se em toda a sua plenitude quando se examina o porto de Lisboa. Pela sua situação, que é a mais proxima das Indias occidentaes, pela sua bahia ampla e commoda que póde conter todas as armadas da Europa, este porto deveria ser, não só um dos primeiros do mundo, mas ainda um dos mais frequentados, e é precisamente o que não acontece.

Com um tal ou qual prazer maligno, afogaram tantos dons preciosos no mar revolto dos interesses mesquinhos e tudo se submergiu n'esse doce rio amollentado pela indifferença ou pela inercia, que é o traço distinctivo da maioria dos lisbonenses.

Enriquecei Lisboa com dókas, não d'essas dókas so-

nhadas pelos estonteados *blagueurs* parisienses de quarta ordem; mas dókas verdadeiras, protegidas por largas obras de defesa, consoante a arte e a sciencia, cuidadosamente estudadas e construidas, e tereis feito da cidade um dos mais opulentos emporios commerciaes, um vastissimo deposito de productos industriaes e naturaes.

Mas, como exigir-se dókas quando o porto não offerece o menor recurso á grande navegação e se por acaso um navio ahi entra acossado pelo temporal, desmastreado, mal ferido na luta com os elementos, apenas encontra, quando muito, o que indispensavelmente se torna necessario para reparar o desastre? (*)

Esta questão das dókas tem sido varias vezes trazida para a tela da discussão, na imprensa, nas associações commerciaes e maritimas, merecendo mesmo detidos estudos. Muitas companhias, — companhias estrangeiras, bem entendido, — enviaram a expensas suas engenheiros a Lisboa de proposito para explorar o terreno, fazer sondagens, levantar plantas e traçados. Em seguida a essa serie de estudos preliminares, apresentaram varias propostas que o governo, segundo se deprehende, poderia ter acceitado. O governo, porém, regeitou-as systematicamente. Abandonada, levantada do abandono, debatida hoje com mais ou menos energia, é certo que a questão subsiste inalteravel e não adianta um passo. A opinião publica, em geral, preoccupa-se pouco com essas cousas. Uma empresa, cujos trabalhos dependam de grande praso, não merece a approvação do paiz: o presente é a unica cousa que existe; o aproveitamento ou beneficio resultante da successão do tempo tem a seus olhos o valor da neve que choveu ha cem annos. Perguntei muitas vezes a mim mesma qual a razão porque Lisboa possuia pas-

(*) Escrevem-me de Lisboa informando-me que o governo tracta d'esta questão vital e estuda o meio da construcção das dokas.

seios lageados. Tomei sempre o facto á conta de milagre. Em compensação, o prodigio explica-nos o motivo porque se diz e proclama que se tem feito o sufficiente para commodidade e bem estar dos habitantes da feliz cidade...

Lisboa, com os passeios e calcetamentos angulosos, afigura-se-nos um alegrete de cardos e azevinhos symetricamente guarnecido de buxo. Dirse-ia que houve um prazer especial em reunir todas as pedras ponteagudas ou chanfradas que encontraram no paiz para adrede as semear sob os pés dos transeuntes. Alguem me disse: «Quando deixaremos de caminhar sobre escorias de bronze? Onde diabo iria a camara municipal buscar estes engenhos de tortura e destruição? Não ha razão para nos admirarmos que os pés femininos sejam aqui verdadeiros pés de estatuas!»

Afinal, tudo isto condiz perfeitamente com os estendaes de camisas, calças, cobertas de cama, cobertores esfarrapados, saias e outras variedades de trapos pendurados sobre as nossas cabeças na maior parte das ruas, balouçando-se nas janellas ao sabor da viração.

Muitas ruas, porém, constituem excepção e não offerecem aos transeuntes esses picarescos aspectos. Algumas são verdadeiramente notaveis. Infelizmente, figuram em minoria e como que parecem perdidas no labyrintho.

Os monumentos, as praças publicas, os passeios correspondem ao resto. A cada passo se nos deparam bellezas dignas de menção e quasi todas devidas á munificencia da natureza.

Os monumentos não abundam em Lisboa e aos estrangeiros que, desembarcando, pedem para os ver, faz-se *ouvidos de mercador*.

Como este livro não é escripto no intuito de servir de guia aos viajantes, nem pretende estabelecer o gráo de admiração que devam elles manifestar perante esta ou aquella pedra ou bronze, serei breve e concisa.

A *Praça do Commercio*, vulgarmente chamada *Terreiro do Paço*, é banhada ao sul pelas aguas do Tejo, apresentando nos tres angulos construcções de um andar, uniformes, com galerias e arcadas como a rua de Rivoli. As arcadas encerram a Bolsa, a Alfandega e todos os ministerios. Sobre a fachada voltada para o Tejo, eleva-se um arco triumphal, de um gosto architectonico bastante pesado e cujo effeito prejudica a construcção artistica e verdadeiramente elegante do conjuncto. Na orla da praça ha dois renques de arvores estiladas e rachiticas. Occupa o centro a estatua equestre de D. José I cujo aspecto, graças ao pedestal, é de um bello effeito. Esta praça, apesar do esplendido panorama que offerece o rio, crusado por numerosos navios, carece de animação em virtude da diminuta concurrencia.

A *Praça de D. Pedro*, geralmente denominada *Rocio*, é formosissima, alem de ser entre todas as que existem em Lisboa a mais movimentada. Possue duas alêas mais florescentes do que as da praça do Commercio e ao centro uma columna de marmore, de estylo corinthio, com o envasamento ornado de quatro figuras, ladeadas por uma sentinella da guarda municipal. A columna é coroada pela estatua em bronze do imperador D. Pedro IV. O monumento — comprehendendo a sentinella municipal — é pouco imponente observado da superficie da praça; comtudo é obra de um esculptor francez de verdadeiro talento, Elias Robert.

Com um dos angulos do Rocio defronta o theatro de D. Maria, edificado exactamente no mesmo sitio em que outr'ora existiu o palacio da Inquisição. Todo o centro da praça é empedrado a mosaico, de pedra preta e branca, collocada uma a par da outra sem o menor emboço. O effeito é agradavel e bonito, tendo a grande vantagem de absorver rapidamente as aguas das chuvas: duas horas depois de um aguaceiro a pra-

ça fica completamente limpa e secca. Só em Lisboa vi este genero de calceteria adoptado nas praças e passeios lateraes das ruas; é excellente, bonito e pouco dispendioso.

A *Praça de Camões*, muito menos espaçosa do que as duas precedentes, é irregular, corcovada e orlada de algumas pimenteiras cuja folhagem tristemente pendida lembra a do melancholico chorão. Ao meio eleva-se uma especie de bolo saboiano, ornamentado de alguns feios bustos. O cosinheiro que confeccionou o pastelão, com pretensões a esculptura, coroou o bolo espetando-lhe na base a estatua do Camões. Pobre grande homem!... Que mal fizeste aos teus concidadãos, para que depois de te deixarem arrastar vida miseravel e morrer de fome levantassem um monumento tão deploravel á tua nobre e gloriosa memoria? Merecias, de certo, muito melhor tratamento, e se por acaso encontrares nos Campos Elyseos o infeliz que te acantoou de semelhante maneira, é licito pensar, em vista do teu genio vivo e um tanto impetuoso, que lhe applicarás a merecida correcção...

O *Caes de Sodré*, á beira do Tejo, é uma pequena praça ao centro da qual se inaugurou, ha pouco mais de tres annos, a estatua em bronze do duque da Terceira, que foi um dos heroes da epopeia liberal de 1833 e um grande patriota. Falta á estatua, obra do sr. Soares de Almeida, artista portuguez de notavel talento, um sopro de vida e deixa por isso frio e completamente indifferente o observador. É possivel que ella retrate fielmente o homem que se pretendeu representar, mas não o heroe das liberdades nacionaes. Tal como está, afigura-se-nos que vai entrar n'um salão de chapeo armado debaixo do braço; as pernas estendidas acham-se de tal fórma embaraçadas na espada, pendida ao lado, e no correame do cinturão, que a certa distancia parece que o duque só difficilmente poderá andar, colhido em uma teia de ara-

nha! Desejariamos vel-o estreitando ao peito a bandeira da patria, pela qual combateu e que o conduziu á victoria. Parece-me tambem que falta á estatua o garbo marcial e o aspecto distincto de um general illustre. É preciso acrescentar que a fundição foi feita em Lisboa por individuos inhabeis e incompetentes. Não ha duvida que esta circumstancia prejudicou a obra de um artista de incontestavel merito.

Quizera fallar das estatuas de Vasco da Gama, de Bartholomeu Dias, de Fernão de Magalhães, de Albuquerque, etc., etc.; mas... é impossivel realisar o meu desejo, por isso que o governo ainda até hoje não pensou em honrar esses illustres mortos. E comtudo, bem mereceram da patria e na minha opinião deveria ella abrir subscripção publica, se o governo teimar em esquecel-os. O meu querido Portugal! desejaria um pouco menos de condecorações para os teus pequenos vivos e um pouco mais de homenagens para os teus grandes mortos.

A cathedral de Lisboa não tem nada de notavel, á excepção do aspecto. É tudo quanto posso dizer para lhe ser agradavel. As restantes egrejas são pouco mais ou menos como as da Italia, isto é um matiz de marmores de todas as côres, de estuques, de douraduras, de esculpturas, de um gosto quasi sempre contestavel. A differença, porém, é toda em favor da Italia, pois que em Roma, Napoles, Florença, Milão e Veneza encontram-se, na maioria das egrejas, verdadeiras obras-primas, tanto em pintura como em esculptura, em quanto que nas de Lisboa raro se nos deparam. Na egreja de S. Roque, que é a mais rica, ha alguns mosaicos, executados em Roma, copias de quadros de mestres, mas não produzem grande effeito.

Ha em Lisboa tres palacios reaes: *Ajuda*, *Necessidades* e *Belem*.

É no da Ajuda que reside o rei. Este palacio, espaçoso, quadrado, com uma das faces incompleta, está si-

tuado em uma eminencia, exposto aos ardores do sol e ás violencias do vento. Não tem jardins, nem arvores, nem o menor abrigo.

Cada vez que o rei vem a Lisboa é obrigado a aturar mais de uma hora de carruagem.

O palacio das *Necessidades* é um antigo convento transformado em habitação real. Afastado do centro da cidade, fica proximo do palacio da Ajuda; possue um magnifico parque arborisado, e digo arborisado porque não é vulgar encontrar-se arvores em Portugal. Serve actualmente de residencia ao rei D. Fernando, sua esposa, a condessa d'Edla e o infante D. Augusto, irmão do monarcha.

O palacio de *Belem* é situado na praça do mesmo nome, á beira do Tejo. É o mais pequeno mas em compensação é o mais bonito. Geralmente está devoluto.

A pouca distancia d'este palacio, na extremidade de Belem, demoram os dois mais notaveis monumentos que Lisboa possue.

Na orla de uma lingua de terra que se prolonga no Tejo destaca a *Torre de Belem*. É de mediana elevação e assenta sobre casamatas. A fórma quadrada é flanqueada de torrinhas, guaritas, oculos, canhoneiras e janellas ogivaes, ornadas de balcões esculpturados. A architectura, do mais puro gothico, é de um effeito admiravel. Quiz-me parecer que a conservação d'esta riquissima joia está longe de ser a que o seu complexo valor demanda e lamentei muitas vezes que não fosse possivel arrancar d'alli, collocar sob o abrigo protector de uma redoma e conservar n'um museu esse maravilhoso pequeno modelo de architectura e de bom gosto.

A *Torre de Belem* foi construida para defender o ingresso do rio n'um dos seus meandros mais estreitos; felizmente para ella é hoje completamente inoffensiva. Se um desalmado filho de Marte, soldado ou

marinheiro, mettesse uma balla n'esta obra-prima, creio piamente que não haveria supplicio que bastasse para expiar similhante vandalismo.

Proximo da Torre levanta-se o antigo mosteiro dos Jeronymos; a entrada principal e a fachada são um dos mais bellos especimens que nos legou o opulento estylo gothico. O interior da egreja é o puro estylo arabe e em tanta maneira harmonioso que o edificio se nos afigura pequeno. O côro é modelado pelo estylo grego.

O notavel monumento foi construido na praia do *Rastello*, onde Vasco da Gama embarcou para ir á descoberta das Indias. O convento, contiguo á egreja, é immenso. Os restos que sobreviveram, felizmente os melhores, são: o claustro, de estylo arabe, com rendilhados de esculptura tão perfeitos e formosos que de bom grado passariamos ahi dias consecutivos em contemplativa admiração. É uma maravilha! O refeitorio dos frades, que ainda hoje existe tal qual era ha dois seculos. O claustro e edificações annexas, que servem presentemente de asylo aos engeitados e orphãos de pae e mãe. (*)

A administração da Casa Pia é excellente e a este respeito não ha senão louvores a fazer sem restricções.

Chegou, porém, a occasião de conceder a palavra á critica, que está reclamando o seu logar e direitos.

Em 18 de dezembro de 1878 deu-se em Belem uma terrivel catastrophe que me obriga a fazer algumas considerações.

Parte do antigo mosteiro arruinado ameaçava desabar: havia annos que tinham resolvido reedifical-o. Era um corredor comprido e estreito que nos tempos primitivos deveria ter servido de passeio reservado

---

(*) É indispensavel que os expostos admittidos satisfaçam as condições formuladas no regulamento.

aos frades. A *Casa Pia*, que occupa, como já disse, o antigo claustro, destinava as novas construcções para augmento do seu pessoal. Parece que o mais rasoavel seria limitar as obras a edificações simples e harmonisal-as o mais possivel com o que já existia. Preferiram no entanto uma reconstrucção no estylo alternadamente gothico e arabe, que tinha sido adoptado na edificação geral do convento. Não se tractava pois de um simples trabalho de pedra e cal, mas de uma obra de arte architectonica, no que ella tem de mais transcendente e correcto e tambem de mais difficil. Importava confiar esse trabalho a um homem cujos estudos, passado e talento garantissem o bom exito da empresa. Em Portugal, porém, as cousas não se fazem como nos outros paizes.

A direcção dos trabalhos foi conferida a um pintor scenographo do theatro de S. Carlos, o sr. Cinati, sem duvida homem de talento, mas que, inexperiente no genero de trabalhos que era chamado a superintender, traçou um plano phantastico e deficiente e imaginou levantar na base d'esse organismo decrepito uma enorme torre quadrada, pesada, maciça, ornamentada de decorações incorrectas e absolutamente deslocada e alheia ás prescripções do bom gosto.

No dia 18 de dezembro, ás nove horas de manhã, desabou tudo com estampido identico ao do trovão subterraneo, soterrando e matando nos escombros do desmoronamento nove ou dez operarios. Se o sinistro tivesse occorrido durante o grande desenvolvimento dos trabalhos, o numero das victimas attingiria a cem ou cento e cincoenta. Acto continuo propalou-se o boato de que ia proceder-se a um inquerito. A noticia fez sorrir maliciosamente os que sabiam avalial-a e conheciam a indole do paiz. Se algum credulo teve a ingenuidade de acreditar que d'esse inquerito resultaria a punição dos culpados, ou mesmo a simples demonstração publica da sua incompetencia, responderei certificando

que não houve inquerito nem solução de especie alguma.

N'esta rapida descripção da Lisboa exterior quereria dizer algumas palavras acêrca dos passeios publicos. Mas por ventura ha passeios publicos em Lisboa?

O *Passeio publico* e o *Jardim da Estrella*, os melhores, ou por outra os unicos, são jardinsinhos que não excedem a craveira dos *squares* muito bonitos, mas realmente muito exiguos para uma população de 300:000 almas!

Nada mais facil do que fazer do caes que corre ao longo do Tejo um magnifico passeio,—talvez um dos mais bellos do mundo—empregando-se o fecundo capital do trabalho, do estudo e da sciencia. Tentou-se, é certo, por mais de uma vez, arborisar o terreno conhecido sob a designação de Aterro. Mas as pobres arvores vegetavam a medo e morriam pouco depois, obedecendo á fatalidade das condições a que estão subordinadas. Como o terreno, alem de naturalmente arido assenta sobre um fundo pantanoso, prejudicado ainda mais pelas infiltrações maritimas, as raizes apodrecem anemicas e os vegetais estiolam-se. Diga-se, de passagem, que durante a quadra ephemera de uma existencia periclitante as infelizes capricham em não concederem uma polegada de sombra. Acrescem ainda os miasmas que viciam o ambiente.

As arvores, como os passeiantes, aspiram as emanações infectas dos canos de esgoto e a fumarada asphixiante do gazometro. Os passeiantes fogem e não voltam; as pobres arvores, não podendo imital-os, succumbem victimas do seu destino.

Devo ao gazometro uns bons momentos divertidos. Imagine o leitor que o architecto, no intuito de dissimular o aspecto externo, concebeu a luminosa idéa de juxtapor á fachada uma parede guarnecida de janellas ogivaes, com vidros verdes, azues, amarellos, vermelhos. Afigura-se-nos que temos diante dos olhos um

templo presbyteriano carnavalescamente mascarado! Uma colossal chaminé de tijolo vomita jactos de fumo negro na serenidade do ceo lavado.

Esta concepção pyramidal corôa maravilhosamente o aspecto da Lisboa exterior, que veiu reflectir nos vidros da minha lanterna magica.

CARTA DECIMA QUINTA

SUMMARIO

Lisboa por dentro — As casas — Os quartos — As pias — Os parasitas — A alimentação — A cosinha — A questão da agua — Systema do esgoto — Primeiro os vivos, depois os mortos — Os enterros.

Como quasi todas as grandes capitaes da Europa, Lisboa divide-se em duas cidades: Lisboa antiga e Lisboa moderna. Em toda a parte differem; em Lisboa, porém, assemelham-se como a irmã mais velha á irmã mais nova de uma familia em que todos os congéneres se confundem. A parte moderna de Lisboa só tem de moderno a collocação das pedras, muito juntas umas das outras. O resto pertence ao passado: o systema de construcção, a disposição interna, portas, janellas, escadas, sem fallar na mobilia e na collecção de parasitas: insectos, ratos, gatos, que são como que a parte integrante da casa e do seu pessoal.

A feição commum mais caracteristica das construcções, tanto modernas como antigas, é a falta de um pateo interior, o que dá em resultado não receberem as casas luz senão pela frente e pela rectaguarda, de fórma que os compartimentos do centro ficam transformados em camaras escuras sem ar nem claridade.

As divisões da frente que dão para a rua utilisam-se para salas; as que recebem luz pela parte posterior servem para cozinha e casa de jantar; os compartimentos escuros do centro reservam-se para quartos de dormir.

Os portuguezes desprezam quasi totalmente a mobilia. Na sala, um canapé, dous *fauteuils* e cadeiras de palhinha. É notavel a indifferença que manteem com respeito a commodidades. Na maioria dos palacios reaes, nos clubs, nas assembleas, no elegante club Portuense e mesmo no casino das Caldas da Rainha, frequentado aliás por principes, não se vê senão a tradicional cadeira de palhinha! Por vezes, em casa de alguns portuguezes pertencentes á burguezia, amantes das bellas-artes, deparam-se-nos varios animaes de vidro, porcellanas modernas, abat-jours de papel recortado, relegios da Floresta Negra, conhecidos vulgarmente pelo nome de cucos, etc.

Nos quartos de dormir, um leito de ferro com dous colchões de palha batida, pizada e tão dura que quem n'ella se deita pela primeira vez fica durante muitos dias inteiriçado como uma taboa e privado de servir-se das articulações.

Do uso d'esses leitos conservo ainda dolorosas reminiscencias. Uma cadeira e uma mesa de cabeceira completam a mobilia.

Na casa de jantar, uma mesa de madeira ordinaria, algumas cadeiras de palhinha e um guarda-louça envidraçado.

Na cozinha, alguns fogareiros de barro, tachos, tambem de barro, como em Hespanha; poucos utensilios, mas uma pia, (especie de bacia de esgoto) onde se despejam as aguas das lavagens. E se ella servisse só para isso!!!

O meu dever de historiadora, exacta e veridica, obrigar-me-hia a entrar em certos detalhes, capazes de fazer recuar o proprio Zola, se, francamente, eu me

atrevesse a tanto. Prefiro enviar os meus leitores para o Balzac e Zola portuguez, o sr. Eça de Queiroz.

Exceptuando algumas casas particulares, não ha fogões nos quartos. Não senti a falta d'elles porque não gosto de lume; mas muitos estrangeiros ouvi eu queixarem-se de não terem um simples brazeiro (*) para se aquecerem.

É verdade que se existissem fogões grande difficuldade haveria em alimental-os, a menos que não servisse a mobilia para combustivel. Desconhece-se inteiramente em Portugal o uso da lenha e custa 300 réis cada kilo, o que torna o seu uso quasi impossivel para as bolsas menos abastadas. (*)

Se muitas casas, mesmo os grandes hoteis, estão mobiladas de maneira que falta quasi o indispensavel, poucas ha que não tenham capella. Entendamo-nos. Nos palacios a capella é quasi uma egreja, como em Cintra no palacio de D. Fernando. Os proprietarios assistem ás ceremonias religiosas n'uma tribuna e o povo tem entrada por uma porta que dá para a rua.

Nas grandes casas destina-se a esse emprego um aposento qualquer, que se adorna com um altar, lampadarios, imagens e grande profusão de ornatos dourados. Nas casas modestas a capella resume-se em uma especie de armario envidraçado, collocado em cima de uma commoda e que se abre sempre que se quer orar.

Entre o povo a capella resume-se a meia duzia de registos emmoldurados em caixilhos de madeira.

Sempre que o portuguez muda de residencia leva

(*) Brazeiro é uma bacia de cobre cheia de brasas que ardem sem deitar fumo e na qual se lançam algumas plantas odoriferas que simultaneamente vão perfumando e aquecendo o quarto. É o que se usa geralmente em Sevilha e em varias cidades da Andaluzia.

(*) Encontra-se, entretanto, madeira de pinheiro e cepa (tronco de videira) em excellentes condições. O que falta é o habito de utilisal-a.

comsigo os seus santinhos, no mesmo carro que o conduz a elle, á mulher, aos filhos, aos colchões e á modesta bagagem que possue.

As casas em Lisboa, como em todo o resto de Portugal, são habitadas, principalmente de verão, por um enxame de baratas que á noite sahem pelas fendas do sobrado, do tecto, das paredes, por todos os lados, ennegrecendo as casas; verdadeira invasão que dura desde o anoutecer até madrugada, mexendo, andando, formigando... Disseram-me que todos acabavam por habituar-se.

Eu não o pude conseguir!

Uma noite, fugi horrorisada do Hotel Gibraltar, convencida de que era inutil luctar, pois que quantas mais se matam mais apparecem. Uma *Saint Barthélemy* de baratas traz no dia seguinte uma recrudescencia de *herejes*, tanto que não duvidamos que as que sobrevivem á hecatombe vão chamar os visinhos e conhecidos para as auxiliar. As baratas são uns animaesinhos muito feios, que attingem o tamanho de um besouro adulto; o que vale é que são quasi inoffensivas.

Eça de Queiroz affirma, no *Primo Bazilio*, que em Lisboa não existem só baratas, que ha tambem persevejos.

Não o quero acreditar; mas visto que offerecem premios aos que descobrirem um meio de destruir o oidium e o phylloxera, porque é que não propõem um premio ao homem de genio, ao philantropo illustrado que inventar o modo de aniquilar a raça das baratas e dos persevejos e de limpar a terra d'estes parasitas?

O gato é o traste inseparavel de todas as casas portuguezas. Não ha no mundo paiz que tenha tantos gatos como Portugal.

Em alguns bairros de Lisboa veem-se as ruas cheias de gatos. Diga-se em verdade que são muito uteis, visto que a cidade está inçada de ratos, ás vezes tão

grandes que, não raro, vingam-se magestosamente devorando os gatos inexperientes... Parte d'estes gatos são nómades e livres pensadores.

Ha-os magnificos! Vivem de cabeças de peixe que atiram para as ruas. O que é singular, explicando-se unicamente pelos combates desesperados que sustentam com os ratos, é que, logo que nascem, cortam-lhes as orelhas e a cauda como aos bull-dogs.

Em Portugal desconhece-se completamente a arte culinaria. A cozinha é tão má como a de Hespanha, e já não é dizer pouco. Desde a sopa até á sobremesa nada se faz sem azeite. Não é só isto que a torna abominavel, são os cozinheiros (?) do paiz que podem alcunhar-se *estraga môlhos*.

Os elementos principaes da alimentação das familias constam de peixe, arroz e chá. Ás nove horas da manhã, chá com leite e pão torrado coberto de uma camada de manteiga salgada, impossivel! Ás tres horas, sopa, em que se deita um pedaço de carne acompanhado de couve e nabos; sardinhas ou bacalhau salgado e arroz. Ás nove horas da noite, chá e uma segunda edição de pão torrado com unto rançoso.

O povo, esse alimenta-se exclusivamente de sardinhas e bacalhau; de resto, as sardinhas são, como todo o peixe de Lisboa, deliciosas e muito baratas. Come-se em Lisboa uma quantidade prodigiosa de sardinhas e expedem-se todos os dias milheiros para o resto do paiz. Quanto a vinhos, o de Collares é excellente. Já não fallo dos outros vinhos de luxo que correspondem á sua merecida reputação.

A agua em Lisboa é uma das mais importantes questões, ainda não resolvida. Como todos os paizes quentes, Portugal carece de uma enorme quantidade de agua; de verão, principalmente, é uma necessidade de primeira ordem, de que dependem a saude dos habitantes e a hygiene da cidade.

Começaram em eras remotas a aproveitar os tra-

balhos executados pelos mouros, que foram os primeiros canalisadores do mundo e os mais habeis hydrophilos. Depois, no seculo passado, fizeram novos trabalhos e por ultimo o governo concedeu, ha alguns annos, a uma companhia a concessão para o fornecimento das aguas da cidade. Ignoro em que condições se realisou esse contracto. Mas supponho que não se estabeleceram regras bastante severas, ou antes, segundo ouvi dizer, não se executaram com a devida seriedade. O que é verdade é que os trabalhos caminham lentamente e que só estarão acabados quando metade da população tiver morrido de gosma. Queixaram-se alguns jornaes das irregularidades da companhia e chamaram a attenção do governo para que tomasse na devida conta o interesse das gargantas seccas; mas o governo parece ter razões particulares para não attender essas reclamações, porque não ouviu ou fingio não ouvir. (*)

Poucos paizes existem onde se consuma tanta agua e onde se encontre tão pouca. Julgo que não ha em toda a cidade de Lisboa tres estabelecimentos de banhos quentes e os que existem pertencem aos hoteis mais frequentados por estrangeiros. Em Lisboa tomam-se banhos unicamente por conselho dos medicos ou por motivo de doença. No outomno é que os portuguezes se desforram, banhando-se no mar durante os mezes de setembro, outubro e novembro; dizem que os banhos, n'esse tempo, são mais proveitosos. Qual a razão? Hippocrates e Galeno que respondam.

No inverno Portugal é excessivamente regado pelas aguas do ceu: por vezes, é mesmo demasiadamente; mas logo nos primeiros dias de maio desapparecem as nu-

(*) Tomaram grande desenvolvimento n'estes ultimos tempos os trabalhos do Alviela, cuja abundante e crystalina agua chegou a Lisboa no dia 3 de outubro de 1880.

vens e o firmamento adquire uma côr serena e igual, não tornando a chover habitualmente até outubro. É n'essa epocha que a cidade carece de maior fornecimento de agua; ora é justamente n'esta epocha que falta a agua para satisfazer as necessidades publicas. E effectivamente, os portuguezes, ou por que bebam por natureza ou porque sejam excitados pela grande quantidade de peixe de que se alimentam, absorvem agua como esponjas. Em todas as esquinas das ruas, em todas as praças publicas, em todos os passeios, em toda a parte emfim, deparam-se-nos vendedores de agua cujo estabelecimento consta de uma bilha e dous copos. Todos elles teem numerosa freguezia, que bebe com a avidez de quem sente dentro de si um incendio enorme. (*)

Sempre que um portuguez visita alguem a primeira coisa que faz é pedir-lhe um copo de agua; quando sahe de casa, quando entra, quando se deita, quando se levanta, sempre um copo de agua! Costume altamente prejudicial, porque sendo as aguas excessivamente calcareas arruinam o estomago e predispõem aos calculos na bexiga, muito vulgares em Lisboa. Que importa, porém, se a troco de cinco ou dez réis por copo satisfazem a sua paixão?

Alem dos inconvenientes que resultam d'este estado de cousas para a hygiene particular, outros existem attentatorios da salubridade publica. As nascentes exhaustas não dão aos chafarizes agua bastante para refrescar a atmosphera e expurgal-a dos miasmas perigosos; as sargetas, não recebendo gotta d'agua, deixam accumular nos canos toda a immundicia da cidade, o que torna alguns bairros inhabitaveis. Outra occorrencia gravissima: sempre que no estio se ma-

(*) O facto tem a sua natural explicação na circumstancia de quasi todos os portuguezes ; olecerem do figado

nifesta um incendio, os bombeiros, (corporação admiravelmente organisada, diga-se a verdade) não encontram um metro cubico de agua nos canos da companhia para extinguir o fogo; sendo necessario abater e demolir para cortar as communicações.

De todas estas anomalias resultam consequencias deploraveis e que se poderiam evitar empregando medidas energicas. Mas os que deviam fallar calam-se, e o povo portuguez deixa-se esfolar sem protesto. A companhia não se apressa na execução dos trabalhos e a população, as ruas, os canos e as bombas continuam a morrer á mingua d'agua. Parece, á primeira vista, que o governo e a camara municipal deviam patrocinar a causa dos contribuintes. Mas nada d'isto succede. Corre em Lisboa, a tal respeito, um boato que não referirei para não me tomarem por maldizente... (*)

Se o paiz passa, ás vezes, cinco, seis e mesmo sete mezes sem absorver um pingo de chuva, em compensação chove torrencialmente durante o inverno, segundo me affirmaram. Não é a chuva como a conhecemos em França; mas sim jorros de agua que se despenham em torrentes caudalosas, inundando a cidade e prolongando-se por espaço de muitos dias consecutivos. Não sabem então os habitantes onde hão de ir abrigar-se, em consequencia da humidade das casas onde nem sequer existe um fogão para combater as intemperies da temperatura; podendo considerar-se felizes quando o inverno lhes deixa apenas uma grande constipação ou algumas dôres rheumaticas. A maior parte das casas em Lisboa não teem goteiras; a agua que cahe nos telhados escorre d'ahi para a rua e sabe Deus de que maneira! A's vezes assemelham-

(*) Todas estas cousas melhoraram sensivelmente n'estes ultimos mezes.

se a catadupas enormes jorrando nos passeios, não bastando o guarda-chuva para nos abrigar. Quem tiver de sair em semelhante occasião deverá resignar-se a caminhar pelo meio da rua.

Acabemos de vez com esta resenha, um pouco humoristica talvez, mas que tem um grande fundo de verdade.

Montesquieu admirou os canos de Roma, construidos no tempo de Tarquinio, e foi por esse tempo que escreveu a magnifica antithese: «Já se começava a edificar a cidade eterna.» Lisboa está muito longe d'aquelles tempos primitivos. Os canos da capital portugueza só se podem comparar aos de Tarquinio... em não serem modernos. A sua construcção pertence effectivamente a uma epoca bastante remota. Poder-se-hia julgar que foram construidos por um povo barbaro, tão deficiente é a sua execução e o plano a que estão subordinados. Toda a cidade baixa, edificada sobre o Tejo, acha-se ao nivel do rio; os alicerces das casas chegam a estar abaixo d'esse nivel. Os canos da cidade alta ramificam-se com os da cidade baixa e estes ultimos desaguam no Tejo, se acaso o Tejo se digna recebel-os. De facto, quando a maré sóbe não só tapa a abertura dos canos como os enche, impellindo muito mais para dentro as immundicias e putrefacções; quando desce a maré o plano dos canos na cidade baixa não chega a ser tão inclinado como é necessario para arrastar o que já teem e o que lhes traz a cidade alta; o que podem conduzir deposita-se nas margens do rio, onde, como facilmente se imagina, exhalam emanações desagradabilissimas.

De inverno, com as grandes chuvas, ainda se póde tolerar, porque a agua que cahe nas ruas lava os canos, expellindo os miasmas. Porém, de verão, com um calor de 40 gráos, quando teem decorrido seis mezes sem chover e quando os chafarizes não dão agua bastante para ser vendida a cinco réis o copo, todas as

podridões da cidade ficam n'aquelles repositorios e accumulam-se ahi, corrompendo-se mais ainda e tornando-se um fóco perigosissimo para a saude publica, especialmente em relação a uma cidade que pela sua navegação está em contacto permanente com os paizes do cholera, do typho e da febre amarella.

Não se passa um dia em que os medicos não formulem queixas. Respondem ha muito e continuarão a responder ainda por longo tempo que ha projectos a estudar. O facto é que nada se estuda! A reconstrucção dos canos de Lisboa custaria grandes sommas e nem a cidade nem o governo teem recursos sufficientes. É verdade que os descontentes affirmam que logo que se trata de comprar o corpo eleitoral ou de adquirir aos inglezes couraçados impossiveis de manobrar e que servem unicamente para metter medo aos hespanhoes, apparecem milhões. Não me atrevo a manifestar a minha opinião a tal respeito.

É necessario acrescentar, para completar o quadro, que os canos, ainda os maiores, não são tão grandes que n'elles possam caber homens para proceder á limpeza. Tudo se opera por conseguinte n'estes subterraneos por graça de Deus, das marés e da chuva!

Em resumo, como se póde inferir do que acabo de expôr, a vida em Lisboa é uma serie de distracções. Em compensação, morre-se ali como em qualquer outra parte, mas com toda a especie de commodidades.

Nada de mais extraordinario para quem visita pela primeira vez Lisboa do que encontrar na rua os carros que conduzem os mortos á sua ultima morada. Ha varias classes de enterros, exactamente como em França; mas em Portugal nem mesmo os pobres prescindem para a sua ultima jornada de um vehiculo adornado de relevos dourados. Para os enterros vulgares servem as seges de duas rodas, no genero dos *cabriolets*, com varaes muito compridos e uma parelha mazellenta, sobre a qual monta um postilhão de

botas altas, trajando uma casaca á franceza e um chapéo mais largo em cima do que em baixo. Na testada da sege, qué defronta com o couce da parelha, dois varões de ferro servem para amparar o caixão. Os caixões são umas caixas compridas, com a tampa de fórma semi-cylindrica, cobertos com uma fazenda tecida com fios doirados e prateados. Dentro da sege vae o padre e o sachristão. A caixa d'esta sege antiga é dourada e adornada com os attributos symbolicos: fouce, ampulheta, cabeças de anjos, etc., etc.

Os ricos, como é de suppor, dão este ultimo passeio com mais pompa. O carro que lhes é destinado tem quatro rodas, columnas e docel dourado e prateado; no meio do tejadilho eleva-se um anjo com as azas abertas. É realmente muito bonito! Quatro cavallos ajaezados á Daumont e montados por jockeys, trajando *spencers* e gorras agaloadas, puxam este carro; na almofada senta-se um cocheiro, empoado, com tricorne e casaca de varias côres. Tudo isto apresenta um aspecto de alegria que agrada á vista: a primeira vez que encontrei um d'esses carros regressando do cemiterio julguei que se tratava de alguma mascarada. Para os convidados não ha vehiculos luctuosos; vão nas suas carruagens ou em *coupés*.

O cemiterio da parte occidental chama-se *dos Prazeres*.

Quando o enterro é de um par do reino ou de pessoa aparentada com a casa real, vae o corpo do defunto em um coche da côrte todo dourado e luxuoso. Colloca-se o caixão atravessado no interior do coche, sahindo as extremidades pelas portinholas.

Cousa curiosa! Ao passo que o pae acompanha ao cemiterio os filhos de menor idade, os filhos não acompanham os paes; não é costume! Só habitualmente o fazem os parentes mais afastados ou os amigos. Não me souberam explicar a rasão d'este facto que se me afigurou extraordinario.

Quando morre alguem é raro a familia mandar convites. Limita-se a participar pelos jornaes, terminando invariavelmente o annuncio com este chavão: «*Não se fazem convites especiaes em virtude do estado de consternação em que a familia se acha.*» (*) Comprehendo perfeitamente que a familia esteja consternada; mas visto que esta consternação lhe permitte fazer annuncios nos jornaes, parece-me que com um pequeno esforço poderia tambem enviar convites impressos ao domicilio de cada um, como nos outros paizes. O que póde resultar d'este estranho costume é que quem não lê os jornaes, ou antes os annuncios, expõe-se a que se enterre um tio, um primo, ou o seu melhor amigo sem que o vá acompanhar ao cemiterio. (*)

Em Portugal não se tira, como em França, o chapéo deante dos mortos. Quando passa um enterro, com as suas carruagens douradas, os seus postilhões, os seus jockeys e todos os seus estranhos ornamentos, os transeuntes seguem o seu caminho sem mesmo levarem a mão ao chapéo. Sem querer susceptibilisar os meus amigos portuguezes, parece-me que fariam melhor se imitassem para o effeito os costumes francezes, em vez de lhe traduzirem ou imitarem tantas peças detestaveis, tendo aliás escriptores de talento. E' profundamente commovedor o acto de saudarmos o desconhecido que passa e se dirige ao seu ultimo repouso: presta-se assim homenagem a alguma cousa superior á nossa essencia; e como que significaria isto, muitas vezes, o perdão para as faltas do que desce á sepul-

(*) A respeito de toda esta questão de enterros peço aos meus leitores que consultem o livro, cheio de considerações mordazes, *Historia e Historias*, de um escriptor de talento, homem espirituoso e erudito, o sr. Miguel Lobo de Bulhões. Para elle foram menos severos do que para mim, e ainda assim...

(*) Não é proprio dos costumes portuguezes acompanhar ao cemiterio os membros da familia, paes ou filhos. Um parente do defuncto, tio, primo, ou amigo intimo, é quem a vae representar e receber a chave do caixão ou do jazigo.

tura. Em todo o caso, é sempre um testemunho de respeito perante a magestade d'essa grande e terrivel rainha que se chama Morte. (*)

(*) Apresento aos meus leitores um annuncio da empreza funeraria. Para não enganar os clientes acompanha-o o desenho dos carros que offerece por preços commodos. Assevera mesmo que os carros da empreza são elegantes e proprios para funeraes.

NOVA EMPREZA FUNERARIA

14 — Largo da Abegoaria — 14

Esta empreza, já bem conhecida do publico lisbonense, possue trens dos mais modernos e elegantes, proprios para funeraes conforme o modelo da vinheta.

N'estes preços entram carros, offerta, armações, criados, fretes, etc., tudo por sua ordem.

As familias doridas não teem mais do que dar parte a esta empreza, que se acha aberta desde o nascer do sol até ás 9 horas da noite. Assim como se pede ás familias doridas, que quando mandarem alguma participação que mandem por pessoa de confiança, para evitar não serem logradas, visto alguem se ter apresentado a tratar de funeraes em nome d'esta empreza sem ella ser sabedora e em vista d'isso não poder tomar a responsabilidade. — O administrador, *A. F. Alves.*

CARTA DECIMA-SEXTA

SUMMARIO

Ainda Lisboa! — Lojas e lojistas. — Armazens de modas, pharmacias, mercearias, tabacarias, ourivesarias. — Hospedarias. — A tribu dos Burnays. — Os gallegos. — As ovarinas. — Modistas e cabelleireiros. — Os mendigos.

Nem na rua, nem dentro de casa, nem nas margens poeticas do Tejo se deve procurar a verdadeira capital do Portugal hodierno. Tudo é velho, tudo accusa o balbuciar de uma criança que envelheceu e que tenta largar a primeira pelle. Cafés, hospedarias, industrias modernas, quasi tudo existe no estado embryonario ou apenas esboçado.

Reparem primeiro para as lojas, — e não ha falta d'ellas! — Digam-me, não lhes causa impressão o seu aspecto melancolico, negligente, completamente estranho ás commodidades e elegancia? Á excepção de uma ourivesaria e de uma tabacaria, no Chiado, não ha um unico estabelecimento luxuoso. Os lojistas portuguezes, só pelo facto de mostrarem as fazendas, parece que fazem um favor; orgulhosos, expeditos, laconicos, não gostam de se incommodar e raramente se dignam satisfazer o desejo ou o capricho dos seus freguezes. O comprador tem de explicar minuciosa-

mente a qualidade do objecto de que necessita, aliás não consegue obtel-o.

Ha em Lisboa muitas lojas de modas, muitas pharmacias e um sem numero de mercearias; a vigesima parte da população vende tabacos. Entendamo-nos.

É escusado dizer que os armazens de modas não podem comparar-se aos do *Louvre* e do *Bon-Marché*; são todos modestissimos, procurando sempre vender por elevado preço o que compraram baratissimo. Pagam á alfandega direitos enormes pela importação dos objectos de luxo francezes. Um vestido de vinte libras, em Paris, custa em Lisboa quarenta e assim successivamente; entretanto, nem por isso deixam de fazer optimos negocios. Em Portugal, como em todos os paizes, as mulheres acham sempre recursos para arranjar dinheiro quando se trata de *toilettes*.

Se os armazens de modas se encontram a cada passo em Lisboa, as pharmacias pullulam: deparam-se-nos em todas as ruas, á direita, á esquerda, na frente, na rectaguarda. Terá este paiz mais doentes do que outro qualquer? Não. É uma necessidade do territorio. Se eu fosse portugueza e os meus instinctos me chamassem á vida industrial, preferiria sem hesitar a arte de Diafoirus: n'este paiz pode-se ter a certeza de enriquecer envenenando o proximo. Imaginem que rendoso commercio! Um sujeito compra por 2$400 réis um barril de 50 kilos de magnesia purgativa, que vende, a rasão de 10 réis cada gramma, n'uma elegante caixinha de cartão pintado. De uma parte 4$800 réis de despeza, metade na magnesia, metade nas caixas; da outra 50,000 grammas a 10 réis; receita: 500$000 réis. Não ha nada melhor!

As mercearias contam-se ainda em maior numero do que as pharmacias, e não admira; primeiro, porque é approximadamente o mesmo genero de commercio, — substituindo-se a magnesia pelo melaço —; segundo, porque os merceeiros vendem aos que teem saude

e que comem, sendo estes, apesar de tudo, mais numerosos do que aquelles, o que não impede que façam negocios vantajosos. É verdade que o portuguez, que tem vocação pronunciada para os negocios rendosos, destina os filhos, ainda nas melhores familias burguezas, á nobre carreira de Apicius.

As tabacarias, uma variante das mercearias, accumulam-se, agrupam-se ás cinco e ás seis, invadem mesmo os vestibulos, de maneira que quem quizer entrar em casa ha de pedir-lhes licença. Como é sabido, o povo portuguez fuma muitos charutos e ainda mais cigarros, a tal ponto que se lhes é prohibido fumar nas salas dos theatros, fazem-n'o com a maxima liberdade na caixa e nos corredores, como já o dissémos, tratando do theatro de S. Carlos. São raros os fumadores de cachimbo. Como todas as outras lojas, as tabacarias são servidas por homens. Além do toxico da nicotina vendem tambem bilhetes e cautellas das loterias. Os numeros antigos, que sairam *brancos*, servem para accender os cigarros e charutos. Verdadeira imagem da vaidade da loteria : muito fumo e uma pitada de cinza!

Merecem especial menção os ourives, porque não ha no mundo cidade, exceptuando o Porto, onde se encontrem tantos como em Lisboa. Todas as lojas do lado occidental da rua do Ouro estão occupadas por joalheiros e ourives e grande parte das do lado oriental pelas relojoarias. A maioria das lojas são acanhadas e pequenissimas e raras vezes se lhe veem freguezes. Como é que podem ganhar a vida todos estes negociantes?

O enigma explica-se perfeitamente logo que se saiba que vendem muito á gente do campo e ás ovarinas (peixeiras), e que taes negocios realisam-se quasi sempre de manhã muito cedo, depois das vendas na praça dos legumes, peixe e outros generos alimenticios. Os ourives brilham especialmente na fabricação

dos objectos de filigrana, de um trabalho delicadissimo.

O amor pelas joias é uma das grandes paixões do povo portuguez. Homens e mulheres sujeitam-se ás mais duras privações para comprar um objecto de ouro ou prata. Ha muitas ovarinas que nos dias de festa suspendem do pescoço e das orelhas um peso de oiro, equivalente a alguns centos de mil réis, adquirido com o sacrificio do estomago. Esta mania alcança todas as classes da sociedade; desde os representantes das melhores familias burguezas até ao mais infimo caixeiro, todos os homens usam cadeias de relogio com innumeros berloques, anneis em todos os dedos, alfinetes e botões de camisa de pedras preciosas; as mulheres, á força de adornos, parecem relicarios ambulantes.

Não admira por conseguinte que esteja tão desenvolvida a industria dos joalheiros e que existam tantos; o commercio é lucrativo!

A rua da Prata, parallela á rua do Ouro, é povoada de lojas em que se encontram serviços de meza e outros objectos de prata. Renderá tanto o negocio da rua da Prata como o da rua Aurea? E' provavel, visto que o numero dos estabelecimentos é quasi identico. Circumstancia digna de menção, quando se conhecem os costumes dos habitantes: um cidadão portuguez é capaz de privar-se, em casa, das cousas mais necessarias para comprar cadeia e relogio de ouro, comendo de boa vontade a sopa com uma colher de pau, se tanto fôr preciso; mas o que não lhe occorrerá de certo, á parte raras excepções, é comprar para a sua meza um serviço de prata.

O que tambem explica a multiplicidade d'estes industriaes em Lisboa é o facto de em vez de venderem comprarem pratas velhas.

O Porto é talvez ainda mais exagerado. Os camponezes e os pescadores do Minho morrem-se por este genero de enfeites. Ha certos dias em que se veem

as ovarinas e camponezas tendo ao pescoço tres e quatro cordões de ouro, enfiados em corações quasi do tamanho de um coração de boi. É a ultima moda e o *nec plus-ultra* do bom gosto... ovarino.

Hoje, que nas principaes cidades da Europa o luxo moderno fez dos cafés estabelecimentos semelhantes a palacios de fadas, póde affirmar-se que em Lisboa nada ha que se pareça com isso. Alguns vendedores de capilés mornos que existem quasi não teem consumidores, vendo-se obrigados a almoçar e a jantar os productos do armazem. Os portuguezes não frequentam os cafés; o gosto e caracter nacional é adverso a esse genero de passatempo.

As hospedarias pouco mais valem do que os cafés. Em Lisboa ha um enxame d'ellas, grandes, mediocres, pequenas, de todas as especies. Desde a primeira até á ultima, são todas caras.

O *Hotel Central*, situado nas margens do Tejo, passa pelo melhor como cozinha; entretanto, nada ha n'elle de extraordinario.

O *Hotel Bragança*, erguido n'uma das eminencias da cidade, com uma admiravel vista de mar, é excellente e muito bem administrado, mas carissimo; é incomparavelmente o melhor de todos. Todavia as camas são ahi tão duras como em qualquer outro; parecem cheias de rolhas de garrafas.

O *Hotel de Lisboa*, proximo ao Correio Geral, occupa um antigo palacio. Grande numero de ratos e morcegos alli celebram congresso todas as noites. Affirmaram-me alguns maldizentes que não só se come muito mal no hotel de Lisboa, como não se dorme. (*)

O *Hotel Alliança*, no Chiado, tem menos ratos mas muitos mais persevejos e persevejos bellicosos. N'este

(*) Parece que os alludidos maldizentes desfiguraram a verdade. O *Hotel de Lisboa* funcciona sob a superintendencia do sr. Matta, afamado cozinheiro e auctor de uma *Arte de cosinha* muito apreciada.

hotel cozinha-se uma só vez cada anno; durante os outros 364 dias ou 365, quando o anno é bissexto, come-se a reproducção da mesma sopa, do mesmo caldo e da mesma gallinha.

O *Hotel Universal*, tambem no Chiado, é administrado e frequentado por italianos, cantores ou dançarinas do theatro de S. Carlos. Se a comida não é salgada de mais, em compensação a conta é salgada, (segundo me affirmaram) como o bacalhau da Terra Nova. Mas alli ao menos desfructa-se o prazer de acotovelar celebridades como o sr. Naudin e outros jovens tenores de 72 a 75 annos.

O *Hotel Gibraltar*, ainda no Chiado, tem a apparencia exterior de uma egreja; foi-o n'outros tempos; a escada é magnifica, os quartos grandes, arejados; a cozinha é que é execravel, as camas ainda peiores do que a cozinha, parecendo além d'isso que todas as baratas do paiz escolheram este hotel para seu domicilio. Os preços são mais elevados do que os dos hoteis de primeira ordem e não tem vista para o mar. Dedicam-se ahi especialmente aos criados, gratificam-os com mimos, dão-lhes café tres vezes ao dia, como o melhor meio para se insinuarem no espirito dos amos. Processo realmente engenhoso. O hotel Gibraltar é geralmente frequentado pela tribu nómade dos *commis voyageurs*. Acceitam-se hospedes permanentes. Ha mesmo alguns que se conservam alli desde a abertura do estabelecimento, tendo arranjado um pequenino lar capitonado. (*)

O *Hotel Durand*, na rua do Alecrim, é mais inglez do que portuguez; aspecto, habitos, alimentação,

---

(*) Um pavoroso incendio devorou ultimamente os principaes aposentos do hotel Gibraltar, fazendo uma especie de auto de fé as minhas implacaveis companheiras de quarto, as senhoras baratas, que, felizmente, foram as unicas victimas.

tudo londrino! E' indispensavel até fallar inglez para ser admittido.

Figuram depois em escala descendente as hospedarias portuguezas, brazileiras, hespanholas, de frontarias denegridas, cheirando a azeite rançoso e habitadas por uma nuvem de insectos que esperam o viajante com a avidez dos naufragos da *Medusa*. Desgraçados dos que vão pedir a esses antros, apparentemente hospitaleiros, o repouso do corpo e o alimento do estomago... São bem dignos de lastima! É verdade que as victimas não levantam um protesto, habituadas de longa dacta aos incommodos inseparaveis d'estas habitações transitorias.

Não é possivel alludir ao commercio e industria sem fallar da tribu dos Burnays.

Ha entre os arabes varias tribus dos Ben Ahmet; os russos teem os cosacos do Don; Paris possue as carreiras da America; em Lisboa ha os Burnays. Mas soceguem, porque elles não assentam os arraiaes na rua nem cozinham ao ar livre. É uma tribu elegante.

O primeiro Burnay, que ha alguns annos pizou o solo portuguez, era um bom belga, perceberam?... e da boa Belgica, comprehendem?... Foi pae de muitos filhos, que foram paes de tantos outros, e assim se constituiu a tribu dos Burnays. Desde então começou a entrar, a infiltrar-se, a penetrar em toda a parte e acabou por encher Portugal com os seus membros. Lisboa, Porto, as outras cidades do reino, as ilhas, tudo está invadido pelos Burnays, que onde põem os pés deixam, como as borboletas da lagarta, milhões de ovos habilmente fecundados para a propagação da especie.

De quem é aquella tabacaria? do sr. Burnay. E aquelle hotel?— E aquella casa?— E aquelles navios?— E aquelles vapores?— E aquelles omnibus? —E aquella tinturaria?— A quem pertence aquella cervejaria?— Aquella fabrica de caldeiras?—Aquella fundição?—Esta mercearia?—Esta padaria?—Aquelle

armazem de modas?—Aquella casa de campo?—E aquella cordoaria?... Ao sr. Jacintho Burnay; ao sr. Mario Burnay; ao sr. João, Pedro, Paulo, Thiago Burnay; sempre a um Burnay; uma verdadeira parodia do conto de Perrault, o *Gato de botas!*

Afóra as industrias e commercio de todas as especies, a familia, ou para melhor dizer, a população dos Burnays, tem tambem, pelas suas ramificações, influencia politica; cria deputados, ministros, etc.; estes, uma vez no poder, enriquecem os pequenos Burnays embryonarios, conseguindo obter para elles fornecimentos do Estado, beneficios, concessões e outras doçuras identicas.

E' tão numerosa a tribu dos Burnays que não bastam os 365 nomes dos sanctos do calendario para os distinguir. Assim, ha tal, que tomou numeros de ordem como os soberanos. Ha Henrique XII Burnay, Vicente XXIV Burnay, Augusto II Burnay, Luiz XIV Burnay, Constancio V Burnay, João VII Burnay, etc., etc. Se os ovos continuarem a chocar receio bastante que a raça portugueza acabe por ser absorvida pela raça Burnay. N'esse dia a Lusitania dará logar á *Burnaisia*.

Mencionaremos a par dos Burnays, quando mais não seja como contraste, os Gallegos. Uns exploram, outros são explorados.

Em todas as esquinas das ruas de Lisboa deparam-se-nos moços de fretes e recados e aguadeiros, oriundos da Galliza. Os seus trabalhos aqui correspondem aos dos auvernianos e saboianos em Paris.

São montanhezes robustos, pacientes, corajosos, que não se recusam a nenhum trabalho penoso a troco de algumas moedas de cobre, augmentando assim o seu pequeno thesouro, que vão mandando para o torrão natal com o fim de comprarem algumas geiras de terra. Gozam da fama de honestos, merecidamente adquirida; muitos teem o encargo de cobrarem som-

mas importantes para os patrões, e é um facto extraordinario queixar-se alguem da probidade do gallego.

Laboriosos e honrados estão, ainda assim, sob a completa dependencia dos portuguezes. Basta a sua qualidade de hespanhoes para serem asperamente tratados pelas pessoas que os empregam. «É um gallego!» dizem. Isto é: um ente grosseiro, desprezivel, que não merece consideração nem delicadeza de especie alguma.

Um portuguez compra uma ninharia qualquer, um objecto pequenissimo; não querendo dar-se ao trabalho de o levar, chama um gallego, entrega-lhe o embrulho, que pesa ás vezes tres grammas, e é seguido pelo moço até ao seu domicilio. (*) Assim pratica elle um acto de soberania e de supremacia, e tudo isto a troco de 30 ou 40 réis! Só quem está em muito más circumstancias é que não goza tão modesto prazer.

Não ha para um portuguez injuria mais grosseira do que comparal-o a um gallego. É o *nec plus-ultra* da conjugação insultante. Permitta Deos que os meus leitores não cheguem nunca a semelhante extremidade! Aliás teriamos sangue derramado...

Nas casas em que ha guarda-portão, tem este estimavel funccionario ordem expressa de não deixar nunca que o sapato de um gallego pise o pavimento da escada confiada ao seu cuidado. Se uma pessoa manda um gallego com uma carta a casa de qualquer dos seus amigos que possuam uma d'essas escadas privi-

---

(*) Em França, quando um homem é condecorado, e isto vê-se a cada passo, póde sem inconveniente levar um embrulho debaixo do braço, até mesmo uma melancia; servindo apenas o facto para robustecer a boa opinião que possa haver com respeito a sua ordem e economia. Em Portugal, onde todos teem condecorações, parece mal levar embrulhos e por caso algum arrostariam semelhante ridiculo os homens de boa sociedade.

legiadas, é o guarda-portão quem a recebe das mãos do gallego, leva-a pessoalmente, trazendo depois a resposta. Verdade é que durante todo este tempo a porta não esteve guardada, mas pelo menos ficou salva a honra da escada.

O que ha de mais original em Lisboa, depois dos gallegos, são as ovarinas.

As ovarinas (peixeiras) formam com seus paes, maridos e irmãos a mais curiosa popalação d'esta cidade; população inteiramente á parte e com caracter e feição propria. São esses rudes operarios do mar que fornecem peixe á capital do paiz; os homens embarcam para ir pescal-o, as mulheres percorrem para vendel-o as ruas da cidade, levando á cabeça uma canastra de fundo chato, equilibrada com graça e habilidade. É original a sua maneira de trajar: na cabeça usam um chapéo redondo de feltro preto, de grandes abas reviradas; no peito um lenço de côr; acima da cintura uma larga facha de lã, que dá varias voltas á roda do corpo; saias curtas só até ao meio da perna; pernas e pés descalços. Encontram-se em todas as ruas, desde as mais novas, de 8 e 10 annos, até ás mais velhas, e apregoam o peixe com voz vibrante. Em Lisboa ha poucas bonitas; mas as do Porto são formosas e esbeltas; ha mesmo algumas verdadeiramente bellas.

As ovarinas teem um phraseado e expressão peculiares; fallam uma algaravia, que é necessario ter o ouvido afeito para a perceber. No mais, como todas as peixeiras do mundo, — parece condão do officio! — berram espantosamente e são corajosas e destemidas. Uma ovarina de 12 ou 15 annos é capaz de responder sem se perturbar ás provocações impertinentes de muitos homens, ficando sempre senhora do terreno. Os que cortejam as ovarinas não só demonstram que não receiam o cheiro do peixe, como provam que são susceptiveis de arrostarem qualquer revez: virtudes

ferozes respondem habitualmente a uma galanteria com uma bofetada. É brutal, mas emfim a virtude póde escolher as armas que lhe convenham e servir-se até do sôco e do pontapé.

Toda esta gente casa com individuos do mesmo tracto, contando-se rarissimas excepções. Como todos os ichtyóphagos em cujo sangue existe uma grande porção de phosphato de cal, os pescadores de Portugal teem um sem numero de filhos. Vê-se muitas vezes as ovarinas apregoar o peixe pelas ruas com a tradicional canastra á cabeça e um filho ao collo; quando a venda é boa e já não ha peixe na canastra, é o filho que vae para o logar do peixe, merecendo iguais attenções da parte da mãe.

Todos elles nascem, crescem, vivem e morrem a comer sardinha. Tomem nota d'isto os que fazem estudos physiologicos sobre o estomago do homem.

A ovarina tem um gosto muito pronunciado, uma paixão frenetica pelo ouro e pelas joias; não ha virtuosa sem senão... Priva-se de tudo e vae juntando real a real para comprar collares e grilhões, com tanto que uns e outros sejam grandes e attraiam a vista. Nos dias de festa cobre-se de ouro; experimentando de certo muita pena de não possuir em vez de duas quatro orelhas em que enfiasse as arrecadas, ou que não se estabeleça na Europa a moda de se usarem anneis no nariz.

Os defeitos d'esta gente são contrabalançados por uma grande qualidade; trabalham todos os dias: o homem arriscando a vida corajosamente e sem descanço para ganhar o pão quotidiano, a mulher correndo as ruas, descalça, quer chova quer vente, para trazer a sua parte do ganho para casa.

Se os camponezes em Portugal cultivassem a terra como os pescadores cultivam o mar, a agricultura estaria extraordinariamente desenvolvida. Mas a verdade é que lhe falta o estimulo.

As cousas modernas só tomam algum incremento na capital da Lusitania quando os estrangeiros lá vão apresentar as suas artes e industrias. Já vimos as tribus dos Burnays e dos Gallegos. Ha outras que devemos citar, figurando na primeira plana a corporação das modistas e dos cabelleireiros.

Todas as modistas de Lisboa e quasi todos os cabelleireiros são francezes. No Chiado, que é a rua mais elegante da cidade, contam-se as modistas ás duzias. Nem sequer ha tempo de as contar, porque todos os dias se multiplicam. Deve forçosamente haver uma numerosa clientela para occorrer ás despezas do estabelecimento de todas estas senhoras. Mas não ha motivo para que nos surprehenda mais em Portugal do que em outros paizes o grande numero de modistas e costureiras francezas; o genero fructifica em todos os paizes estrangeiros, porque, como se sabe, todas as mulheres, qualquer que seja a nacionalidade a que pertençam, querem vestir á franceza.

A tribu dos cabelleireiros é menos numerosa do que a das modistas; ainda assim ha muitos. É verdade que teem de arrostar a concorrencia das cabelleireiras hespanholas, que são muito habeis e penteam muito mais economicamente. É innegavel que não ha no mundo mulheres que mais graciosamente saibam arranjar o cabello do que as hespanholas; é um conjuncto de gentileza e *coquetterie* que arrebata.

Os cabelleireiros francezes desforram-se vendendo pomadas, tinturas milagrosas, espelhos, cabelleiras, chapéos, bengalas, joias falsas, etc., muito mais do que o que diz respeito ao seu commercio. Ha mesmo um que vende ramalhetes e rosas.

«Imagine-se, diz o auctor dos *Perfis portuguezes*, uns abundantes cabellos, quasi sempre pretos como um rio de azeviche, algumas vezes de uma côr mais clara, mas sempre (mesmo nas pessoas de condição humilde) penteados artisticamente em torno da cabeça. Morden-

do estas opulentas tranças um pente de costa alta, como um diadema, e sobre esta especie de coroa um lenço de cambraia de uma brancura irreprehensivel, collocado vaporosamente, de maneira que não occultando um unico annel do cabello resguarda ao mesmo tempo os cabellos e a testa dos raios do sol; como as fitas de um chapeo, mas muito mais leves e graciosas, as duas pontas do lenço cruzam debaixo da barba, presas com um alfinete de oiro. Com este penteado quasi todas as mulheres parecem bonitas.»

Os portuguezes teem naturalmente o dom das linguas; poucos ha que não saibam francez; fallam-n'o quasi sem a accentuação estrangeira. Será para explorar este instincto natural que existe aqui uma phalange de professores de linguas estrangeiras? Creio que sim. Todos os dias apparecem annuncios nos jornaes dizendo que os srs. fulano e sicrano dão lições de francez ou de inglez, fornecidas de empreitada, até que o alumno adquira a posse do idioma; é um diluvio de professores. Evidentemente, não haveria tantos se não houvesse muitos discipulos e se estes não acreditassem que os seus professores de linguas são pessoas muito competentes. Devemos desejal-o para honra do seu paiz, apesar da algaravia dos annuncios do *Diario de Noticias*, de que já demos algumas amostras. (*)

Em Lisboa é prohibida a mendicidade, o que não obsta que em toda a parte se peça esmola. De dia

---

(*) Aqui temos um professor allemão, como o nome indica, que vae dar cursos em francez e italiano. Parecia-me acertado que o pobre homem antes de ensinar francez aos outros estudasse elle mesmo um poucochinho... E se fosse só este!

«Le soussigné a l'intention de donner pendant le séjour qu'il fait à Lisbonne leçons d'allemand et de langues mortes (latin et grec). Les cours se donneront en français et en italien.

«Pour de plus amples renseignements, s'adresser entre midi et quatre heures á travessa de Santa Justa, n.º 95, 2.º

Dr. Carl. Quesner.»

encontram-se poucos mendigos; unicamente os principiantes. Os mais experientes sahem de manhã e passam o dia todo a subir as escadas e a bater ás portas. Cada pobre conta uma centena de assignantes dos quaes vizita dezoito a vinte por dia. Uma pessoa ouve puxar violentamente a campainha, cuja vibração a faz estremecer e involuntariamente pensa que é algum credor feroz ou alguma noticia desagradavel. Nada d'isso; é um pobre que pede esmola e que promette as suas orações se o soccorrerem. Depois de obter uma moeda de cobre sóbe ao andar superior ou desce ao inferior para renovar o pedido. É indubitavel que a vizita do mesmo mendigo repete-se cinco ou seis dias depois. A pessoa continua a trabalhar; decorre um quarto de hora, retine nova campainhada tão imperativa como a primeira; outro pedinte! Tive dias de vinte e trinta mendigos; e todos, segundo me affirmaram, são obrigados a soffrer o mesmo, porque poucas casas existem em Lisboa que tenham guarda-portão para oppor um dique áquella onda de pobres diabos que invadem as escadas.

Se durante o dia nos assaltam em casa, á noite perseguem-n'os e assaltam-n'os na rua. Apenas a noite, protectora d'este genero de especulação, cobre a terra, Lisboa é invadida por uma infinidade de mendigos de todos os sexos e feitios, que nos estendem a mão nas ruas, nas lojas, ás portas dos theatros, em toda a parte onde ha concorrencia. Não vão imaginar que se tenta sequer coarctar este abuso; ninguem pronuncia palavra. Seria injusto dizer que no meio d'estes desgraçados não ha alguns dignos de dó; ha muitos para quem a caridade da noite, quando chega, equivale ao pão do dia seguinte. Mas a par d'estes, e na proporção de cem por dez, ha um sem numero que pedem por preguiça, por vadiagem e sobretudo por um habito inveterado desde a infancia. Ensinaram-lhes a pedir como elles o ensinam aos filhos e estes hão-de ensinar

aos seus descendentes, e assim successivamente, *per omnia secula.*

Em Portugal, como na maioria dos paizes inundados de sol, existe uma infinidade de cegos. Infelizes bem dignos de commiseração, porque não ha no mundo infortunio maior do que a falta de vista. Quasi todos estes desgraçados tocam guitarra; percorrem as tabernas tocando e cantando fados e recolhendo alguns vintens de esmola.

Nota-se, a par d'este, outro genero de miseria não menos lastimavel, são os velhos. Encontram-se nas ruas de Lisboa uma immensidade de mulheres velhas, principalmente d'aquellas que pela edade e doenças não podem obviar ás necessidades da vida. Seria uma creação utilissima, uma verdadeira obra de caridade, a fundação de um hospicio destinado a receber os velhos desprotegidos : se eu fosse portugueza creio que já o teria conseguido ; mas até hoje vejo que a infancia inspira mil vezes mais sympathia do que a velhice ; um velho equivale, segundo se deprehende, a uma especie de diota de que toda a gente foge.

Mencionarei por ultimo os mendigos epistolares. Estes dirigem-nos cartas contendo a narração dos seus infortunios ; umas vezes é o pae que está preso, outras a mulher que está em vesperas de ser mãe, outras ainda são elles que desejam partir para o Brazil. Mandam a carta ao seu destino, tendo o cuidado de dizer aos criados que no dia seguinte irão buscar a resposta. Se a resposta é negativa exigem a carta e vão leval-a a outra pessoa.

Chama-se a isto a aristocracia da miseria.

CARTA DECIMA SEPTIMA

SUMMARIO

Os arrabaldes de Lisboa. — Cascaes. — Queluz. — Cintra. — Penha Verde. — D. Fernando — O novo chalet da condessa d'Edla. — Pena. — A casa do Inglez. — O jerico do Principe de Galles. — Mafra. — Batalha.

Os arrabaldes de Lisboa são quasi todos lindissimos, mas desgraçadamente inhabitaveis para o estrangeiro pela falta de hospedarias supportaveis. A civilisação ainda não chegou ás hospedarias limitrophes. Iremos unicamente ás localidades mais concorridas, especialisando Cintra, a oitava maravilha do mundo, segundo Byron.

Ha em torno de Lisboa uma cinta de aldeiasinhas, povoações e quintas que merecem algumas linhas descriptivas.

Almada, *Cacilhas*, *Cova da Piedade* (tres povoações tão pequenas que parecem formar uma só) demoram do outro lado do Tejo, quasi defronte de Lisboa. Visitei-as na primavera e pareceram-me encantadoras, exuberantes de vegetação e de poesia como succede em relação a quasi todos os arrabaldes da capital. Affirmaram-me, porém, que a temperatura de qualquer d'essas tres povoações, no verão, é capaz de derreter

bronze e que não se vê despontar uma unica folha verde onde a gente se abrigue; foi isto que me dissuadiu de lá voltar.

Poço do Bispo, *Perna de Pau*, *Olivaes*, *Sacavem*, outras povoaçõesinhas a oeste da cidade, ficam igualmente situadas na mesma margem do Tejo. Veem-se ahi muitas quintas pertencentes a negociantes.

Nota-se sobretudo uma grande abundancia de oliveiras, sempre oliveiras e só oliveiras de ramagem uniforme e melancholica.

O *Campo Grande*, ao noroeste, é tido como um dos passeios da capital. É um longo quadrilatero orlado de duas linhas de arvores esplendidas, cousa rara em Portugal. Infelizmente, a cultura do Campo Grande é deficiente, tornando-se muito sensivel a falta de agua. Ha quintas lindissimas nos arredores, principalmente a do *Lumiar* pertencente ao duque, ou antes á duqueza de Palmella.

Bemfica é quasi um bairro de Lisboa. É de todos os arredores o mais povoado. Consiste em uma comprida rua ladeada de casas, palacios e choupanas. Os jardins da quinta das Laranjeiras, dependentes do antigo palacio do conde de Farrobo, de faustosa memoria, são magnificos.

Bellas, a duas leguas de Lisboa, assenta em um fertilissimo valle muito afamado pelas suas nascentes ferruginosas.

Queluz, na mesma distancia approximadamente, é a residencia predilecta da rainha. É um sitio bonito. Maria Pia sente-se ahi mais á vontade, mais livre do que nas outras habitações reaes, porque possue um grande jardim, quasi um parque, onde póde passeiar, mesmo de carruagem, ao abrigo dos olhares curiosos.

De Queluz até Cintra é admiravel a paisagem: casas embuscadas em cortinados de hera, alcandoradas nas cumiadas das serras ou debruçadas para os precipicios, onde jorram aguas transparentes como crystal;

collinas illuminadas pelo sol; planicies cobertas de searas loirejantes; a brisa fresca e embalsamada, como as brisas do Oriente, eis o panorama que espera o viajante, ou antes o *investigador* e o recompensa da sua perseverança em querer achar na terra vestigios do paraizo. A recordação d'esta natureza tão fecunda e uberrima ficou gravada no meu espirito, como um diamante resplandecente illuminando as trevas com scintillações deslumbrantes.

Belem, *Pedrouços*, *Algés*, vão-se enfileirando na margem do Tejo, a uma legua de Lisboa. É alli que a burguezia toma os banhos de mar.

Cascaes, na foz do Tejo, é a Trouville portugueza. É de bom tom ir lá passar um mez ou seis semanas por occasião da residencia da familia real em Cascaes. É um pequeno porto sem passeios, sem arvores, sem hospedarias, n'uma palavra, sem commodidades de especie alguma. Entretanto, goza-se alli uma vista magnifica do oceano e da barra; mas mais nada! Tudo está ainda por fazer. Seria necessario um especulador francez para tirar partido d'esse deserto. «Vá ver o Casino,» disse-me não sei quem. O Casino estava fechado, servindo o pavimento inferior de armazem de retem a um carvoeiro, mascarrado e hediondo, que me informou que era escusado ir ver as curiosidades de Cascaes n'aquella estação e que alem d'isso o Casino era mais o tempo que estava fechado do que aberto. Agradeci ao avisado industrial e resolvi ir visitar o palacio da rainha, palacio que me tinham gabado muito e que necessariamente me havia de compensar os percalços d'aquella manhã.

O palacio real é um casarão mal mobilado e sem nenhuma especie de atractivos.

Serviu antigamente de quartel e conserva todas as apparencias de um edificio do Estado. Imaginem um grande pateo onde a herva cresce desafogadamente, rodeando um numero consideravel de quartos unifor-

mes como os que se dão aos soldados e officiaes inferiores. Quartos e pateo estão desertos e nada vem perturbar os echos, a não ser o passo monotono e lento da unica sentinella collocada alli para guardar o palacio. Observando-se mais de espaço, descobre-se uma casa pouco mais do que modesta; é a residencia real. Nenhuma especie de luxo; casas espaçosas e mais nada; tristeza tanta quanta póde alimentar um individuo atacado de *spleen*. Entretanto, a rainha dá dous ou tres bailes, durante a estação dos banhos, n'essas salas mobiladas escolasticamente! Pareceu-me isto inverosimil e só o acreditei quando o duque de Coimbra me explicou que os bailes teem logar no terraço e que são encantadores pela graça e gosto da rainha, que presidem á ornamentação. E depois, qual é a casa, por muito sombria e triste que pareça, que não se illumine de subito povoada de mulheres de olhares mais fulgurantes do que a irradiação das suas joias e de toilettes dignas da sua belleza?

Em resumo, voltaria completamente descoraçoada do meu passeio a Cascaes se não viesse prender-me a attenção um d'esses incidentes que o pintor tantas vezes deseja e debalde procura. Quando descia para a cidade, n'esse momento indeciso em que o dia e a noite parecem disputar a primazia, tive de passar pela frente de um arco ou antes de uma abertura praticada n'um muro arruinado. Essa especie de fresta rasgava em cheio sobre o mar. Pescadores bronzeados, de barrete vermelho, fumavam com a despreoccupação melancholica, quasi altiva, que caracterisa o homem que lucta diariamente contra os elementos. A areia fulva fazia-lhes um fundo de ouro no genero bysantino e na agua, mais lisa do que um espelho, passavam os navios e botes, esfumando-se levemente no céu transparente e fluido.... Poucos quadros tenho visto de um colorido semelhante!

Chego afinal á maravilha das maravilhas, cujos pro-

digios teem sido cantados em todos os tons. Byron chamou-lhe *Eden glorioso*, (glórious Eden) perpetuando-se a fama dos versos que o grande poeta inglez lhe consagrou.

«Lá apparece Cintra, diz elle, com as variadas ma-«ravilhas dos seus montes e valles! Ah! Qual seria a «mão que guiasse o pincel ou a penna e podesse se-«guir o vôo do olhar atravez de sitios ainda mais des-«lumbrantes do que as maravilhas descriptas pelo poeta «que ousou abrir ao mundo surprehendido as portas dos «Campos Elysios? As soberbas rochas coroadas por um «convento de cumieira inclinada, os velhos sobreiros «sombreando com os seus ramos um precipicio orlado «de tojos e abrolhos, o musgo das montanhas crestado «por um céo ardentissimo, os valles profundos cujos «arbustos parece chorarem a ausencia do sol; os fru-«ctos dourados da laranjeira suspensos das suas ver-«des folhas lustrosas; as torrentes que rumorejam na «cuspide das serras; as vinhas serpentiando pelas en-«costas; o salgueiro a embalar-se aos seus pés, tudo «contribue para aformosear e opulentar essa encanta-«dora paisagem!»

Cintra é o throno da primavera!

Não é exagerado o enthusiasmo do poeta, como soppuz primeiro. Cintra é um dos mais adoraveis cantinhos da Europa. A cinco leguas de Lisboa e na vertente occidental da cadeia de montanhas do mesmo nome, é o ponto mais bonito dos arrabaldes da capital portugueza. Encontram-se ahi arvores seculares cuja folhagem copada e densa dá sombras admiraveis; innumeras nascentes murmurando suavemente, orladas de flôres de matizes variados, desfolhando-se nas aguas ligeiras, ramalhete delicado colhido talvez do collo de alguma Ophelia campestre. Ao longe, avista-se o mar, esbatendo-se, como um nevoeiro azul, do qual immergem serras dentadas coroadas de nuvens, recortando-se no espaço e tendo disseminadas

aos pés, n'uma desordem graciosa, muitas quintas pertencentes na maior parte a capitalistas e negociantes de Lisboa, que alli passam o domingo e ás vezes o resto da semana.

Note-se que estes excellentes industriaes, á parte raras excepções, pouco se prendem com os preceitos da esthetica e mandam edificar as suas casas sem escolha de local, importando-lhe mais satisfazer a phantasia do que realisar prodigios de symetria nacional.

Por todos os lados resaltam propriedades pertencentes ás grandes familias, aos ultimos representantes de raças que vão desapparecendo, reduzidas as mais das vezes a trocar a dinheiro a sua antiga herança ou a desmembral-a em partes mais ou menos iguaes em favor dos senhores agiotas.

Ás vezes apparece uma d'estas quintas para alugar. Este anno era a *Penha Verde*.

Se me fosse possivel demorar-me um mez em Cintra, tel-a-hia escolhido para minha residencia.

Figure o leitor uma casa baixa, abrigada do vento, deitando para um jardim onde as roseiras e os pélargoniums attingem a altura das arvores, inundada de um sol intenso e claro. Grandes arvores entrelaçando os ramos formam como que uma abobada sombria, sobre a qual destaca, nitidamente desenhada, a habitação cheia de sol. Uma alêa arborisada convida os curiosos e os sonhadores a deleitar-se com a sua frescura e ameña tranquillidade. Desgraçado do que lá entra, se tiver cá fóra negocios importantes a esperal-o! É o labyrinto, onde nem o fio de Ariadna serviria para indicar a sahida; somos arrebatados por uma força superior, captivados por uma poesia infinita que nos envolve e inebria, fazendo-nos esquecer tudo para só contemplarmos o inimitavel quadro que se nos apresenta.

O sobreiro secular, o pinheiro, a oliveira formam

uma cupula impenetravel, que de espaço a espaço infiltra, quasi a furto, um timido raio de sol, suspensos do qual voam milhares de insectos de azas reluzentes como pedrarias animadas. As folhas estalam-nos debaixo dos pés, o espinheiro detem-nos na passagem, ao passo que as timidas avesinhas, atemorisadas, espreitam dos ninhos e começam a soltar as primeiras notas do seu hymno ao Creador. O terreno vae subindo. Deparam-se-nos uns degráus grosseiramente talhados na rocha, mas cobertos de um velludoso tapete de verdura. Nas fendas das pedras apparece de repente um lagarto destroçando um exercito de formigas. Ouve-se o murmurio indistincto de fremitos de azas, de zumbidos e gorgeios... Meu Deus! Como é admiravel o mundo dos *infinitamente pequenos* e que ignorantes da verdadeira poesia são os que o pintam sem o ver e fallam da natureza sem saudar os seus hospedes!...

De veredas em veredas, de alêas em alêas, chegámos a uma plataforma onde nos esperava um panorama maravilhoso, d'esses que deixam o espirito deslumbrado e os labios sem voz! Cintra, perdida na bruma dourada do sol poente; rochedos gigantescos que parecem levantados pela mão dos Titans; cabras penduradas da crista dos despenhadeiros, recortando o seu perfil hebraico, agarrando-se ás anfractuosidades ou saltando caprichosamente; ao longe, o fogo consumindo troncos de arvores e folhas odoriferas das quaes o vento nos traz o perfume, incenso vindo de paizes ignotos...

E em toda a parte aquelle profundo e magestoso socego que nada no mundo ousaria perturbar, que penetra e enche o coração, inundando-o de todas as harmonias do silencio...

Era no entanto forçoso ausentar-me! Subtrahi-me ao encanto da contemplação e saudei o tumulo do grande D. João de Castro, vice-rei das Indias, que

dorme ha muitos seculos com a face voltada para o sol, dominando esta maravilhosa paisagem. Outros tumulos, provenientes do seculo XVI, estão reunidos n'este sitio, na proximidade de uma capella onde de tempos a tempos vem um sacerdote estrangeiro celebrar missa.

Burros e burriqueiros tudo dormia a somno solto e foi só depois de noite fechada que entrei no *Hotel Victor*.

Nunca o tempo me parecera tão rapido!

Um pouco mais longe do que a *Penha Verde*, depois de se passar por baixo de uma ponte rustica d'onde cahem em grinaldas fetos colossais e gencianas, chega-se á *Casa do Inglez*, justamente célebre dez leguas em redor. Foi mandada edificar por um inglez rico como dous Rothschilds, creador d'esse grandioso capricho, tão auspiciosamente executado.

A distancia, com as suas esculpturas de uma alvura nitida, adornada de estatuas brancas, com jorros de agua cahindo em lagos de marmore resplandecente, parece uma penna de prata cahida do turbante de um sultão.

Ahi não se nos deparam alêas como na Penha Verde, nem nos sorriem os satyros esboçados em granito vermelho, immergindo das moutas de hera e amoreiras de fructos de ebano... Pisa-se uma areia fina e macia; os pinheiros, o lentisco, o aloes são individuos de boa companhia que não excedem os limites assignalados pelos arabescos de buxo recamados de roseiras amarellas. Seguindo por uma descida suave chega-se á quinta onde se expande todo o luxo indiano e japonez, subordinado ás leis do gosto europeu.

O estylo é eclectico, tendendo um pouco para o estylo arabe em virtude das paredes apaineladas e dos pateos interiores onde irrompe em repuxos a agua crystalina, cahindo depois nos tanques povoados de peixes encarnados.

Grandes janellas, com balcões arrendados, abrem

em molduras de flôres. Uma serie de arcarias arrendadas como filigrana delicadissima abrigam viveiros, bancos e mil outros accessorios da vida elegante que rejubilam o observador.

Tive occasião de visitar minuciosamente essa residencia privilegiada, onde estão amontoadas riquezas inauditas. Já disse que o branco era a côr dominante da construcção. Vinha agora aqui muito a proposito uma divagação a respeito da influencia das côres sobre o espirito humano.

É evidente que o deslumbramento causado por um luxo como o da Casa do Inglez extingue-se; mas a impressão, a alegria suave produzida por aquella côr lactea, subsiste gravada no fundo das recordações.

A entrada é arrebatadora! Candelabros antigos alternados com pyramides de flôres, portas artisticamente construidas dando para uma especie de galeria adornada de nichos, contendo estatuas de marmore e alabastro; salas em cujo vestibulo nos surgem Chymeras, fixando sobre os visitantes os seus grandes olhos de esmalte e enroscando as caudas escamosas em torno da cabeça; moveis indianos, obras primas de algum artista desconhecido, fructo talvez do trabalho de uma vida inteira; taças de esmeralda que parecem feitas de uma onda; objectos de marfim cinzelado; quadros raros de pintores notaveis; porcellanas de preço inestimavel; moveis antigos com um sem numero de gavetas incrustadas de pedras preciosas; uma bibliotheca escolhida e immensa onde se nos deparam a par de mumias antigas, armas e objectos raros de todos os paizes, encontrados em excavações... Tudo que póde captivar, seduzir, encantar encontra-se reunido n'esse Eden, visitado por todos os viajantes estrangeiros curiosos de ver a illustração palpavel dos contos maravilhosos das Mil e uma noites.

Agora vamos ao Castello da Pena.

Existe n'um canto do mundo um rei tão bom, tão

gentil, tão bello que parece dever pertencer a essas lendas douradas onde os nossos debeis dedinhos, guiados pelos dedos tremulos de nossas avós, seguiam as proesas phantasticas dos principes encantadores, ao passo que as nossas imaginaçõesinhas bebiam ahi os elementos do maravilhoso.

Este rei chama-se D. Fernando. É pae do actual soberano de Portugal e é adorado pelos seus subditos.

O povo, que encontra quasi sempre a palavra apropriada, chama-lhe o rei-artista. Eu dar-lhe-hei antes o nome de artista-rei.

É necessario vel-o no Passeio Publico, com os olhos semi-cerrados, meneando lentamente a cabeça, inebriando-se de musica, com muito mais gosto e criterio do que nenhum dos que o rodeiam. Este principe devia ter nascido nos tempos gloriosos de Athenas, quando as artes attingiam o cumulo do esplendor nas margens da Jonia. Porque é um amigo do sol, o sr. D. Fernando! Pagou ao paiz a sua divida de principe e vive actualmente á sua vontade, como burguez, como artista, como caçador, retirado no seu Castello da Pena.—um verdadeiro ninho de aguia — onde a sua mais agradavel distracção é a companhia da esposa e sobrinhas.

O moderno castello da Pena, (palacio acastelado,) é obra de D. Fernando; é uma construcção essencialmente original, caprichosa, idealista como um sonho.

O rei gastou ahi muitos milhões, de que não está arrependido, porque realisou uma phantasia unica; arrancou das margens do Rheno um dos seus velhos castellos feudaes e pousou-o na crista de uma montanha agreste, onde outr'ora existiam as ruinas de um antigo convento, sobre as quaes edificou torres, ameias, torreões, inscripções satanicas, pontes levadiças, portas secretas, finalmente, tudo que póde transportar-nos mentalmente á edade media. Aqui, uma janella abrindo sobre um açafate de flores colossais, am-

parada por um gigante de pedra, de musculos salientes e braços levantados, que parece succumbir sob o seu enorme fardo; alli uma extensa abobada que vae dar a um pateo, adornado de velhas columnas e cercado por uma galeria inteiramente moderna a que as faianças e os quadros dão um brilho intenso.

O quarto do rei é de uma simplicidade elegante. É forrado de um estofo da Persia e precedido de um *boudoir* encantador; perto de um piano, sobre o qual abundam as partituras, depara-se-nos um cavalete contendo muitos desenhos e esboços. Sua Magestade fez-nos notar uma especie de relicario da mais remota antiguidade. Offerecendo-se para ser nosso cicerone, visitámos juntos não só os seus aposentos mas ainda a capella do palacio. O altar-mór é como que uma apotheose de alabastro oriental, onde sobresai um Christo admiravel e varias passagens da vida dos sanctos, esculpidas com tal finura que reflectem a luz do sol que lhes empresta um colorido suave.

D. João III mandou vir de Italia um esculptor célebre que desempenhou com perfeição, superior a todos os louvores, este magnifico trabalho.

O castello da Pena domina as ruinas do castello dos Mouros, a que dá grande realce com o seu aspecto magestoso o soberbo panorama que se desenrola no plano inferior. O vento canta ahi invariavelmente as suas melopeas sonoras que ao passarem pelas grandes arvores assemelham-se ao estalar das ondas.

D. Fernando vive feliz. Passeia muito, caça, canta, pinta, acompanhado constantemente por sua esposa, a condessa d'Edla.

Conduziu-nos elle ao chalet mandado construir pela condessa, cerca da residencia real, um chalet delicioso, de um gosto inimitavel! É a Arcadia, uma Arcadia civilisada, onde, como na Mignon de Wilheim Meister, de bom grado se póde viver e morrer. Entre outras originalidades de exquisito gosto, vimos uma sala

de jantar forrada de cortiça recortada em arabescos caprichosos, de um effeito encantador!

Sente-se que a vida, a saude e a felicidade residem alli.

A Casa do Inglez, ainda que similhante a uma visão oriental, parecera-me um pouco deserta. Um rei que passasse incognito talvez a escolhesse para habitação; o que eu posso assegurar é que nenhuns amantes quereriam ir alli prelibar os favos da lua de mel.

No castello da Pena tudo é diverso. Os moveis sorriem-nos affectuosamente, utilisam-se, não são exhibidos unicamente a titulo de curiosidade; sente-se alli a mão de uma mulher intelligente dirigindo o governo da casa; no dia em que Sua Magestade se dignou receber-nos, encontrámos a condessa d'Edla fazendo burguezmente uns bolos deliciosos.

Todo o terreno annexo á propriedade contém enormes blocos de granito disseminados por entre troncos de pinheiro torcidos em corcovas e pendurados sobre o abysmo, de um effeito conjunctamente pitoresco e selvagem. Para lá chegar é indispensavel munirmo-nos de azas de corvo e pés de cabra. Sobem-se dez, vinte, trinta escadas de gigantes e chega-se offegante, semimorto, mesmo apesar dos jumentos que caminham com passo seguro e firme, mas que por vezes executam phantasias completamente intempestivas: e ainda assim nem sempre é facil encontral-os.

O anno passado realisei duas vezes esta ascensão acompanhada pelo espirituoso visconde de S. Januario e pelo seu ajudante de ordens, Gastão de Mesnier. Este anno foi pessoalmente Sua Magestade que me recebeu e me permittiu que andasse por onde quizesse no meu jumento.

A proposito de jumentos, quando o principe de Galles voltou em 1876 da sua viagem á India passou por Lisboa, onde foi recebido com grandes festejos. Entre outras diversões, D. Fernando conduziu a Cintra o

herdeiro da corôa de Inglaterra para lhe mostrar o maravilhoso castello da Pena, que o principe inglez desejava ver; alli, pozeram á sua disposição um bello e paciente burro. Parece que o principe não aprecia muito as ascensões a pé e que não desconhece a gratidão, porque, attendendo aos serviços prestados pelo excellente animal, levou-o para Inglaterra.

O castello antigo só tem de notavel a vetustez. Serve de residencia ao rei quando vae a Cintra, o que raras vezes succede. E' uma confusa miscellanea de construcções sem estylo grandioso, accusando sempre mais ou menos o estylo mourisco. Apresenta vestigios de magnificas esculpturas sarracenas. Como em todos os palacios reaes, tudo que diz respeito á ornamentação exterior é de uma grande riqueza, ao passo que a decoração interior é de uma simplicidade relativamente pobre. Nenhuma filha de burguez endinheirado se satisfaria com uma cama tão dura e duas cadeiras de palhinha como as que se veem na camara real.

O que especialmente seduz os lisbonenses, em relação a Cintra, é a frescura admiravel que alli se goza nas noutes de verão; comparada com a fornalha da capital constitue a mais completa de todas as antithesis. Mas será esta atmosphera muito saudavel? Tomo a liberdade de duvidar. Ouvi affirmar a muitos homens de sciencia, entre outros ao mais espirituoso dos medicos, (não tenho necessidade de publicar-lhe o nome, porque todos o conhecem) que se apanha n'estas transições repentinas o germen de doenças gravissimas. Depois de tudo, é bom que os prazeres se paguem, sobretudo os da vaidade; porque é talvez a vaidade um dos principaes attractivos de Cintra.

Depois de Cintra, Mafra!

O sr. Joaquim Gomes, auctor de uma noticia sobre Mafra, que elle chama o monumento de Mafra, começa por estas palavras:

«Situada 40 kilometros ao N. de Lisboa, e 20 ao

«N. E. de Cintra, fica a povoação de Mafra, onde foi «construido o maior edificio de Portugal, que se póde «tambem considerar um dos maiores e mais bellos da «Europa. Este monumento é obra de D. João V, que «perdendo a esperança de ter filhos fez voto á Virgem «Maria de edificar um convento para uma ordem men-«dicante, se Deus lhe concedesse um herdeiro.

«O edificio, que pertence ao estylo classico-romano, «occupa uma superficie de quatro hectares. Tem 4,500 «portas e janellas, 880 salas, duas torres de 68 metros «de altura, dous torreões collossaes e um rico zimbo-«rio de pedra. O conjuncto é magestoso, um pouco «pesado talvez, mas de uma execução perfeita e sobre-«tudo de um estylo severo e puro.»

Para dizer com tanta intimativa que Mafra é um dos mais bellos monumentos da Europa, é preciso não ter nunca visitado a Europa. Grande monumento de certo; quando um edificio occupa uma area de quatro hectares tem jus ao titulo de grande e mesmo ao de sumptuoso. Mas o que excede os limites da liberdade é dizer se que Mafra é de um estylo severo e puro. Como póde passar pela ideia de alguem alludir a estylo tratando-se d'este amalgama de edificios accumulados uns sobre os outros, como fragmentos de construcções cyclopicas, concebidas sem arte e executadas sem gosto? (*)

Se quereis Arte na sua plena accepção ide ver Alcobaça e Batalha. Estes dous nomes podem inscrever-se entre os primeiros que lembram os mais bellos vestigios da arte gothica.

(*) O collegio militar está actualmente estabelecido em Mafra.

CARTA DECIMA OITAVA

Summario

A grammatica portugueza — A grande epocha litteraria de Portugal — Grandeza e decadencia -- A arte dramatica e as artes — O idioma — A moderna litteratura portugueza — Bulhão Pato, o imperador do Brazil, A. Herculano e uma accussada.

Não ha nem uma grammatica nem um diccionario officiaes da lingua portugueza. A Academia real das sciencias, corporação conspicua, venerada pela sociedade illustrada, começou um diccionario que não passou da lettra A. Todos os pontos intrincados da lexicographia resolvem-se mediante a auctoridade dos escriptores do seculo XVI, reputados classicos.

A orthographia não obedece a nenhuma especie de regra definitiva; cada qual adopta a que lhe parece e ordinariamente, no texto dos livros, prevalece a orthographia dos compositores.

As differenças que se notam entre o castelhano e o portuguez proveem da ausencia, no idioma portuguez, de varias consoantes, asperas e gutturaes, que os arabes transmittiram á lingua castelhana. O portuguez é, como nenhum outro idioma iberico, suave, flexivel e harmonioso.

Essa doçura e harmonia valeu-lhe ser denominada

pelos hespanhoes lingua das flores. Depara-se-nos no portuguez o vestigio da influencia arabe, que o enriqueceu de grande numero de palavras de origem germanica e grega.

O portuguez, não obstante a sua opulencia e a graça da pronuncia, é uma lingua concisa e energica.

Menos aspera do que a castelhana e mais varonil do que a italiana occupa exactamente o termo medio entre esses dois idiomas.

A bella epocha litteraria de Portugal começa no fim do seculo XV e prolonga-se até meiado do seculo XVII.

Foi ella que produziu a obra immortal do grande poeta Luiz de Camões.

No periodo antecedente (1279-1325) a lingua formava-se nas trovas do rei Diniz, nas chronicas de Fernando Lopes, de Gomes Eannes de Azurara, de Ruy de Pina, etc.

Um filho natural de D. Diniz, o conde de Barcellos, cultivava a poesia; D. Pedro, o *Justiceiro*, cantava os seus amores com Ignez de Castro; D. Duarte escrevia estudos moraes; Affonso V formulava analyses sobre tactica e astronomia. A Universidade de Coimbra, fundada em 1292, contava no derradeiro periodo do seculo XV, entre os seus professores e discipulos, homens notaveis que illustraram a epocha litteraria subsequente.

Um dos traços distinctivos do grande seculo da litteratura portugueza foi o desenvolvimento assumido pela poesia bucolica e pastoril.

Os generos mais transcendentes foram cultivados por escriptores notaveis: Antonio Ferreira, Sá de Miranda, Corte Real e outros que adquiriram um renome merecidissimo. Camões destaca na vanguarda d'esses homens que constituem a gloria litteraria de Portugal. Sá de Miranda e Antonio Ferreira dirigem a phalange dos poetas lyricos d'essa epocha; a influencia que

exerceram sobre o aperfeiçoamento da lingua significa o seu mais bello titulo de gloria. Sá de Miranda é auctor de numerosas innovações metricas; foi elle que fixou as leis da cesura; é ainda á sua iniciativa que se deve a introducção do hendecasyllabo (verso de onze syllabas) na poesia portugueza. Ferreira, cognominado o Horacio portuguez, expurgou a lingua de muitas locuções orientaes que a desnaturavam.

Á semelhança de Sá de Miranda, compoz odes, sonetos, epistolas, elegias cujo principal merecimento é a elegancia e pureza de estylo. A sua obra mais importante, *Poemas lusitanos*, que saiu á luz no fim do seculo XVI, consta de poesias nacionaes que figuram entre as obras primas da lingua portugueza.

É indispensavel tambem mencionar as cartas portuguezas dirigidas pela freira, Marianna Alcoforado, a um official francez. Rescendem ellas a poesia natural e terna que lhes dá mais de um ponto de contacto com as cartas de Heloisa.

A arte dramatica permanecia ainda na infancia.

Aos divertimentos publicos, danças, torneios, exercicios equestres conhecidos sob a designação de *judiarias e mourarias*, herança do paganismo, succederam os *mysterios* christãos, scenas religiosas que reproduziam as ceremonias da egreja. Davam a estes dramas sacros o titulo de autos. Representavam elles os principaes episodios do Antigo e do Novo Testamento.

O espectaculo começava no dia da festa do SS. Sacramento e prolongava-se ás vezes por espaço de um mez, exhibindo um grande luxo scenico.

O drama profano principiou tambem por essa epocha a ser cultivado. Gil Vicente foi o primeiro poeta portuguez que se dedicou ao theatro. O romance da cavallaria andante predominava na idade media. Os portuguezes attribuiam-se a paternidade de muitos romances celebres, taes como o *Amadis*, o *Palmeirim de Inglaterra* e o *Palmeirim d'Olive*, paternidade impu-

gnada pelos eruditos. A verdade, porém, é que elles tinham invadido a Peninsula.

O portuguez não passava na primitiva de um simples dialecto de uma lingua, cujo idioma originario da Galiza, (provincia que antes da fundação da monarchia portugueza prolongava-se ao sul até ao Douro, comprehendendo assim o seu berço nativo) o castelhano e o catalão eram as principaes raizes. Muito antes do castelhano ser a lingua dominante da Hespanha, já o idioma portuguez, mercê da independencia politica que Portugal assumiu logo de principio, constituia-se á parte e ganhava rapidamente terreno nos districtos conquistados aos mouros. D'essa epocha data a fusão da nossa lingua com o arabe, que a penetrou tão fortemente como ás suas irmãs oriundas da Hespanha.

A suavidade das vogaes e das inflexões nasaes assemelhavam-n'a ao gallego, a poetica lingua da Galiza de que ao principio pouco ou nada divergia; approximava-se tambem do catalão pelas contracções e pela sobriedade nas formulas grammaticaes assim como no som das palavras.

As *redondilhas*, a mais remota de todas as formas rimadas popularisadas em Portugal e Castella, naturalisaram-se no paiz como um ecco dos cantares bellicos dos romanos, com os quaes offerecem uma analogia notavel. A partir do seculo XIV, porém, começou a influencia da poesia italiana que se traduz claramente em alguns sonetos portuguezes d'essa epocha. A protecção da corte não tardou a sanccional-a. O proprio infante D. Pedro, filho de D. João I, traduziu os *Sonetos* de Petrarcha.

Affonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, teve por preceptor um poeta, Egas Moniz, cujos versos e legenda heroica alcançaram grande nomeada.

A côrte recebia de boa sombra os sabios arabes ou judeus, protegendo-os constantemente e enchendo-os de favores excepcionaes.

Tanto o rei D. Diniz como seu filho natural, D. Pedro, conde de Barcellos, consagraram os seus ocios ao cultivo das bellas lettras.

A fundação da Universidade, (*) cuja reputação assumiu logo grande importancia, os privilegios que successivamente lhe concederam os monarchas, attestam o seu amor pela sciencia.

Os fundadores da Academia foram o botanico José Correa da Serra e o duque de Lafões.

A historia e o romance historico teem como principaes representantes Alexandre Herculano e Rebello da Silva, de quem mais de espaço nos occuparemos; a poesia lyrica recebeu o seu grande incremento de Castilho, João de Lemos, Antonio de Serpa, etc.; o drama caminha na vanguarda mercê do talento de José Freire de Serpa, Chagas, Ennes, etc., a poesia popular possue Palmeirim, o Béranger portuguez de quem analysaremos as producções; oradores taes como José Estevão Coelho de Magalhães, Manoel da Silva Passos, Fontes Pereira de Mello, o duque de Saldanha, o conde de Thomar, Rebello da Silva, Latino Coelho, o duque de Avila, Casal Ribeiro, Antonio Candido, etc.. etc., affirmam exhuberantemente os progressos da eloquencia portugueza no seculo XIX: Rodrigues Sampaio, na primeira plana, e Teixeira de Vasconcellos, Antonio de Serpa, Corvo, Bruschy e Lopes de Mendonça representam o jornalismo litterario portuguez.

O rei D. Pedro V instituiu, em 1859, o curso superior de lettras, dividido em tres cadeiras para a direcção das quaes nomeou Antonio Feliciano de Castilho, Viale e Rebello da Silva.

Desejaria occupar-me detidamente da moderna litteratura portugueza cuja originalidade é digna de menção; mas, infelizmente, não ha maneira de encer-

(*) A Universidade e a Academia funccionam completamente separadas.

rar em uma moldura forçosamente acanhada um quadro de grandes dimensões. Hesito, por conseguinte; porque, a par de um caracter assignalado e eminentemente nacional, a litteratura portugueza conta uma infinidade de nomes conhecidos, de reputação brilhante e merito incontestavel, mas cuja classificação apresenta difficuldades por ventura insuparaveis, em virtude do confuso enxame de personalidades que se lhe seguem. (*)

Mencionaremos a era de 1824 como o ponto de partida da moderna litteratura portugueza, isto é o momento preciso em que os homens intelligentes que tinham abraçado a idea politica da soberania nacional, formulada na carta de 1822, perseguidos tomaram a resolução de refugiar-se em França. Foi d'essa occorrencia que irradiou a luz para Portugal, como para muitos outros paizes.

Coube a *Almeida Garrett* a gloria de ter sido iniciador d'esse periodo evolutivo, que introduziu em Portugal o romantismo. Foi elle o explorador das tradições populares e um dos primeiros lyricos modernos. O theatro portuguez deve-lhe a existencia. Infelizmente, o exagerado catholicismo do auctor do *Fr. Luiz de Souza* annullou o philosopho. Almeida Garrett não deixou eschola nem discipulos.

Alexandre Herculano nasceu em Lisboa, em 1810. Emigrou em 1831, no reinado de D. Miguel, do qual fôra nos primeiros annos partidario. Visitou por essa occasião a Inglaterra e a França. Voltou a Portugal depois da revolução de 1836, redigindo durante algum tempo o *Panorama*.

Uma das suas primeiras obras, a *Harpa do crente*, (1838) inspirou-lh'a a emigração; sente-se ahi uma vaga imitação de Walter Scott e Victor Hugo.

(*) A realidade justificou plenamente as minhas apprehensões.

Escreveu em seguida os romances *Eurico, Monge de Cister*, o *Monasticon*, o *Bobo*, etc., em um estylo opulento e terso. Herculano brilha principalmente como historiador. A sua *Historia de Portugal* (1845), que deveria ser uma d'estas obras primas colossaes que glorificam uma nação, ficou incompleta, não contando senão 4 volumes que terminam no reinado de D. Affonso III. A sua *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal* (1854 — 3 volumes) denota profundos conhecimentos historicos e é um primor de estylo classico, tal qual poucos paizes no mundo possuirão.

Herculano foi um dos homens que em Portugal maior influencia exerceram na opinião publica e entretanto ninguem professou nunca um tão completo e absoluto desdem pelos suffragios d'essa collectividade poderosa. O grande historiador não quiz ou não soube dirigir a sociedade do seu tempo nem crear uma nova mocidade orientada pelas suas lições.

Temido pelos poderes publicos, suspeito á democracia por isso que nos vôos de um christianismo poetico e sentimental transluziam os vestigios da educação primitiva, recebida no convento das Necessidades; Herculano, não obstante o seu vasto e complexo talento, a sua obra genial e o ponto culminante a que attingiu, morreu em Valle de Lobos descontente de tudo e de todos e sem ter nunca marcado o caminho que a geração nova deveria seguir.

Castilho (visconde de). Classico convicto: imitou Ovidio, Virgilio, Horacio e todos os auctores modernos que professaram o culto da antiguidade. Foi inimigo declarado do romantismo e quando reconheceu que não podia oppor-se á evolução do tempo e das idéas, traduziu o *Fausto* de Gœthe e o *Sonho de uma noute de verão*, de Shakspeare. A maioria das suas obras teem uma forma pseudo classica que as prejudica em parte.

A sua agitada carreira litteraria deve muitos triumphos que a assignalaram ás traducções. Castilho traduzia constantemente; não conhecendo a fundo as linguas originaes contentava-se com um resumo equivoco que o seu talento naturalisava. (*)

Depois da morte de Garrett em 1854, e tendo Herculano renunciado á vida litteraria, Castilho ficou só na arena, vivendo até 1865 como um pontifice das lettras, isto é passando diplomas de talento a todos que se diziam seus discipulos. Foi n'essa epocha que despontou em Portugal a eschola do elogio mutuo, á qual pertenciam muitos escriptores que não fallavam senão das suas virtudes e talentos, divinisando-se reciprocamente.

Coimbra viu então agitar-se no seu seio um grupo de dissidentes, resolvidos a combater essa eschola e a implantar as bases philosophicas de uma nova era litteraria. A esse grupo pertenceram Rebello da Silva, Mendes Leal, Latino Coelho e Lopes de Mendonça. (*)

Rebello da Silva (Luiz Augusto). Nasceu em Lisboa em 1821 e morreu em 1871; escriptor e politico, fantasia ardente e imaginosa, Rebello da Silva foi um meridional legitimo. É notabilissima a todos os respeitos a sua *Historia de Portugal no seculo XVIII*. O

(*) Esta opinião não é minha. Não conheci Castilho senão pela leitura de alguns dos seus livros, dois admiravelmente illustrados pelo seu amavel e intelligente filho, o visconde de Castilho (João). E sim de um dos mais insignes escriptores de Portugal, Theophilo Braga. Ainda assim, pesando na balança os juizos antigos de Theophilo Braga e Camillo Castello Branco com respeito ao finado visconde de Castilho, tomaríamos a segunda muito mais severo.

(*) Esta opinião pessoal levantou varias objecções. Um escriptor autorisado comentou-me que nem Rebello da Silva nem os outros tiveram nunca a menor influencia na Universidade e nos estudantes: alguns nem mesmo foram academicos.

Rebello da Silva realisou varias reformas importantes durante a sua permanencia no ministerio da marinha; muitas d'essas reformas vigoram ainda hoje.

seu romance historico, *Odio velho não cança*, (1849) é uma tentativa de mocidade, opulenta de promessas, que se realisaram mais tarde brilhantemente no esplendido romance, tambem historico, *A mocidade de D. João V*. A narrativa, *Ultima corrida de touros em Salvaterra* é uma pequena joia facetada e reluzente que vale um thesouro. Todas as suas obras economicas, politicas e diplomaticas inspiram-se na preoccupação dominante de alcançar o poder. A sua actividade em relação á Academia das sciencias deixa muito a desejar. O periodo de tempo durante o qual exerceu o logar de commissario regio do theatro de D. Maria nada offerece do productivo. Deputado, par do reino, ministro da marinha (ambição para a realisação da qual não poupou sacrificios), Rebello da Silva, deixou esteril e maninho o terreno que o seu talento poderia ter convertido em solo feracissimo.

Mendes Leal (José da Silva), nasceu em Lisboa em 1820. Sem talento e sem vocação dramatica Mendes Leal escreveu alguns dramas e romances historicos. É talvez o litterato portuguez que tem perpetrado mais plagiatos. O seu theatro filia-se na eschola ultra romantica. Os *Dois Renegados*, reputados a fina flor da sua coroa litteraria, são um drama insipido, carregado de punhaes e venenos. O seu romance, *Calabar* é filho legitimo do *Batteur d'Estrade* de Paulo Duplessis; os seus versos formam um volume onde ha apenas uma poesia digna de menção, *A morte de Carlos Alberto*. Este fructo secco da litteratura é bibliothecario de Lisboa, foi ministro e é actualmente ministro plenipotenciario em Paris. O que prova que as mediocridades não deixam de ter as suas aptidões.

Latino Coelho (José Maria), nasceu em Lisboa em 1825. Latino Coelho é uma das mais brilhantes glorias de Portugal. A sua fama não tem declinado nunca no espaço de vinte annos. São admiraveis as suas traducções de Demosthenes!

O *Elogio historico de Humboldt*, devido á penna de Latino Coelho, é como que o desenvolvimento rhetorico de uma biographia de encyclopedia. O eminente estylista é coronel de engenheiros, professor de mineralogia e de geologia e ministro honorario. Os seus livros, escriptos com uma correcção pasmosa, denunciam por vezes uma certa affectação. E' incontestavel, porém, que Latino Coelho é um estylista de largos vôos.

Lopes de Mendonça foi talvez, entre todos, aquelle que mais talento possuiu, ou que pelo menos poderia ter possuido, graças ás qualidades naturaes da sua rara organisação. Entrou na vida dissipando loucamente a mocidade e colhendo alegremente as rosas do prazer. De repente parou, reflectiu e atirou-se ao trabalho. Infelizmente, era tarde. Estudos aridos que só a juventude sabe levar de vencida acabaram de gastar-lhe a deteriorada saude; o corpo recusou-se a manter um equilibrio harmonico com o pensamento. Os esforços sobrehumanos que empregou para erguer-se acima do que o rodeiava e conquistar a posição digna da sua intelligencia apagaram-lhe a razão. Lopes de Mendonça, que foi o iniciador do folhetim em Portugal, deixou um trabalho importante e scientifico que não desluz por isso todos os attractivos litterarios: *Damião de Goes e a Inquisição* e o livro *Viagem á Italia*, critica delicada, colorida, scintillante de observações picantes e de descripções formosissimas.

Camillo Castello Branco, que parece condemnado aos trabalhos forçados da litteratura portugueza, escreve, escreve, escreve incessantemente. Se essa tarefa implica uma obra util e duradoura, é questão controversa; que ella significa uma producção fecunda, ninguem ousará duvidar. A quantidade, segundo parece, suppre por vezes a qualidade. Dotado de uma actividade laboriosa, infatigavel, igual á de uma legião de formigas, Camillo accumula romances contemporaneos sobre romances historicos, com uma perseverança e

continuidade que desafiam a imaginação mais fertil. É uma especie de Quevedo com um certo sentimentalismo catholico. Particularidade curiosa! Todos os romances do solitario de S. Miguel de Seide conteem infallivelmente um typo de brazileiro, uma rapariga que se recolhe a um convento, um fidalgo de provincia e um romantico apaixonado e transparente. (*) É invariavel como a chuva e o bom tempo.

Lemos, por exemplo, o primeiro romance de Camillo Castello Branco, parece-nos interessantissimo, o segundo é a reminiscencia do primeiro, o terceiro a reproducção do segundo e assim successivamente. É uma galeria de personagens que raras vezes saiem dos seus logares, tal qual como as figuras de cera. Os principaes romances de Camillo são: *Onde está a felicidade? Doze casamentos felizes*, *A doida do Candal*, *Historia de um homem rico*, *Carlota Angela*, *Estrellas funestas*, *A caveira da martyr*, etc., etc.

Julio Diniz (Gomes Coelho), eclipsou um pouco o astro de Camillo Castello Branco.

Julio Diniz tinha em relação ao seu competidor a superioridade de conhecer melhor a vida, o seu estylo era mais natural e fluente e a elevação do seu espirito irradiava um fulgor identico ao do genio.

Fecundo tambem, mas menos superficial, as suas obras merecem uma attenção séria e resistem á leitura. Os romances de Julio Diniz, *Pupillas*, *Morgadinha dos cannaviaes*, *Familia ingleza* e *Fidalgos da casa Mourisca* constituirão sempre a leitura favorita da burguezia; não ha n'elles as audacias que assustam os espiritos timidos ou o imprevisto das grandes concepções artisticas que deslumbram. A classe media

(*) Camillo Castello Branco declarou publicamente que não figura nenhum brazileiro em dois dos seus romances. Registremos-lhe a declaração.

sente-se naturalmente attrahida para os quadros de costumes singelos que reflectem a sua existencia. É n'elles que póde exercer-se a sua critica; são como que o reflexo idealisado do seu gosto. E Julio Diniz tinha como poucos o segredo insinuante de se fazer comprehender pelas almas simples.

No Porto deparam-se-nos ainda *Soares de Passos*, a quem tenciono consagrar (assim como a alguns outros) um artigo especial no meu segundo volume. As suas poesias: *Camões*, *O Firmamento*, *A Escrava*, *A Partida.*, são verdadeiras obras primas. A elegia do grande lyrico, o *Noivado do sepulchro*, imitada das balladas do Norte, é popularissima; no Porto cantam-n'a nas ruas.

O Porto conta, entre outros escriptores notaveis, Licinio de Carvalho, que imitou o theatro de Garrett, *Coelho de Louzada*, *Pedro Ivo*, etc.

Luiz Augusto Palmeirim foi de todos os poetas portuguezes aquelle que maior popularidade alcançou. Carecendo de estudos litterarios mais profundos o seu talento salvou-se pela florescencia, pela espontaneidade e pela naturalidade que suppriam a ausencia de cultura intellectual. As suas trovas, *Guerrilheiro*, *Bandido*, *Veterano* cantam-se em todas as terras de Portugal; o enthusiasmo attingiu taes proporções que denominaram Palmeirim o Béranger portuguez. Inesperadamente, porém, o silencio apagou-lhe o nome. Provirá a indifferença do publico do facto do poeta, metamorphoseado em prosador, haver escripto um livro, *Defeza de Portugal*, inferior ás suas poesias?

É difficil assignalar-lhe a origem. Pela minha parte estimei conhecer o Palmeirim actual, que não me pareceu inferior á sua reputação. De vez em quando recita-se nos theatros a sua ode a *Luiz de Camões*, que foi como que a ultima vibração d'essa voz amada e harmoniosa.

João de Lemos, poeta legitimista, auctor da *Lua de*

Londres, uma bella poesia popularissima, gozou de grande voga, hoje quasi extincta. Publicou tres volumes onde colligiu os seus versos.

Bulhão Pato. É um peninsular, um sybarita, um camaleão! Como muitos rapazes que se inculcam artistas, pintores ou escúlptores para terem o direito de usarem grandes cabelleiras e adoptarem um vestuario e uma linguagem extravagante, Bulhão Pato fez da poesia uma especie de credencial que o acredita nos salões da alta vida lisbonense. Bulhão Pato é incontestavelmente um conversador delicioso. O seu poema *Paquita*, ainda hoje incompleto, é uma imitação dupla do estylo aggressivo de Byron e da finura de Musset; um urso bordando a ponto d'Alençon. O illustre poeta tem produzido alguns volumes de versos, satyras, novellas, etc. A verdade, porém, é que nenhuma d'essas obras dardeja o fulgor que illumina a sua linguagem quando conversa; parece que a penna indocil não consegue nunca reproduzir fielmente a imagem que elle tem no pensamento!

Concluirei o retrato acrescentando que Bulhão Pato é rabujento, irritavel, invejoso, que conhece pouco a vida, julga-a mal e por isso mesmo declara-se em guerra aberta com a humanidade, lastimando-se constantemente sem razão nem rima. (*)

(*) Tive a desventura de incorrer no desagrado do poeta da melena, em seguida a um facto insignificantissimo.

Durante a minha residencia em Lisboa lia muito, recebia ainda mais, escrevia todas as noutes as minhas notas de *touriste*, rapidamente e sem coordenação. Aconteceu receber no mesmo dia a collecção das *Farpas* e os livros de Herculano, que o grande historiador tivera a gentileza de me trazer de Santarem. Confundi innocentemente um artigo de Ramalho Ortigão com uma pagina satyrica de Herculano. Ainda hoje não comprehendo o engano, não existindo a menor analogia no assumpto nem no estylo. Quando Sua Magestade o imperador do Brazil me deu a honra de visitar-me em Paris, fallou-me de Ramalho Ortigão que conhecera em Lisboa. Acabavamos de con-

Bulhão Pato, planeta, tem um satellite. É o elegiaco *Eduardo Vidal*, que accumulou as funcções de poeta com as de verificador da alfandega. O auctor das *Mães* possue um talento delicado e melodioso.

Thomaz Ribeiro. É o ultimo lyrico ultra romantico. O seu poema, *D. Jayme*, é uma obra notavel a todos os respeitos. Thomaz Ribeiro possue a dupla physionomia do homem de mundo e do artista. Por educação e natureza pertence mais á sociedade dos ociosos do que á legião operosa dos trabalhadores intellectuaes. O auctor dos *Sons que passam* é o poeta das salas, a sua corôa de louro brilha especialmente á claridade das vélas e ao fulgor dos bellos olhos peninsulares que se emperlam de lagrimas escutando as estrophes velludosas do Lamartine portuguez. Thomaz Ribeiro é dotado de verdadeira inspiração; os seus versos gravam-se na memoria. Corajoso, franco, leal, enthusiasta, o homem vale o poeta.

Teixeira de Vasconcellos (Antonio Augusto). O Casanova portuguez. Não propriamente célebre — a qualificação seria exagerada — mas conhecido a muitos titulos. O principal em virtude de grandes escandalos que datam de Coimbra, quando Antonio Augusto era estudante; depois por uma serie de aventu-

---

versar acêrca da *Historia da inquisição* de Herculano, manifestando eu o desejo de traduzil-a. Não percebi que me equivocara attribuindo a um o que era escripto pelo outro. O imperador não percebeu igualmente ou não quiz advertir-me; em todo o caso, com a indulgencia peculiar ao homem superior, absteve-se de censurar o meu erro.

Toda preoccupada, quando escrevi o prefacio do *Divorcio*, com o que o meu amigo Nizardo chamava o meu primeiro enthusiasmo portuguez, cahi naturalmente no mesmo lapso. Um leitor benevolo faria mentalmente a correcção. O espirito atrabiliario de Bulhão Pato, porem, suggeriu-lhe uma carta pomposa que dirigiu aos jornaes, aggredindo-me violentamente e insinuando que eu calumniara um homem eminente, de quem tive a gloria da receber uma das ultimas, ou talvez a ultima visita, um principe illustre que respeito e admiro e Ramalho Ortigão que não mencionei, embora referisse um facto que lhe dizia respeito.

ras que provocaram simultaneamente sorrisos e lagrimas... Custaram-lhe ellas, por vezes, punições terriveis.

Teixeira de Vasconcellos deveria ter escripto as suas memorias; conteriam ellas elementos mais do que sufficientes para excitar a curiosidade do publico. Occorrer-lhe-hia alguma vez este alvitre? Talvez, é de suppor, porém, que lhe minguasse o tempo. Em todo o caso essas memorias só poderiam ser publicadas depois da sua morte.

Os seus romances *Ermida de Castromino*, *Prato de arroz doce*, *Papeis velhos*, são de um homem que leu muito, que adquiriu a sciencia do coração humano e soube imitar a fórma exterior do que lhe agradou, mas luctando com difficuldades que se traduzem em cada linha. O que falta especialmente a esses romances é a originalidade. Denotam elles os habitos elegantes que o auctor contraiu ao penetrar na alta sociedade, com as restricções inherentes a quem viu e estudou essa alta sociedade nas alternativas agitadas do segundo imperio. O talento de Teixeira de Vasconcellos estremava-se sobretudo no jornalismo. Escreveu tambem uma deliciosa comedia, *O dente da baroneza*, que alcançou um grande exito no theatro do Gymnasio. O distincto publicista mantinha relações intimas com grande numero de homens politicos, taes como Mendes Leal e outros e teria sido ministro se a opinião publica lhe fosse menos adversa. (*)

(*) Accusaram-me, a proposito do que acaba de ler-se, de ingratidão para com a memoria de Teixeira de Vasconcellos. A accusação não tem o menor fundamento. Nunca o brilhante escriptor pertenceu ao numero dos meus amigos intimos. Não o recebi senão em Lisboa. Meu illustre marido, que o conhecera em França, apresentara-m'o. Apreciei o fino espirito de Teixeira de Vasconcellos, colhi no seu livro varios esclarecimentos; mas nunca elle occupou o menor logar em o nosso lar burguez. Urbano Rattazzi que o recebera nos seus aposentos, duas ou tres vezes, de manhã, nunca o convidou para as minhas pequenas reuniões das quintas feiras, a que Saldanha assistiu algumas vezes.

Sousa Viterbo, é um lyrico que cinzela os versos com um buril engenhosamente manejado.

Pinheiro Chagas, ainda não chegou ao ministerio, embora caminhe ha muito em demanda d'esse Oasis no *Sahara* da politica militante. Os seus romances, de que anteriormente nos occupámos, brilham pela originalidade. Os versos de que consta o *Poema da mocidade* são faceis e sonoros. A *Historia de Portugal*, dividida em 8 volumes, é a obra de um trabalhador alliada á profundidade de um erudito. O seu theatro, de que tambem já tivemos occasião de fallar, contém entre outros tres dramas notaveis: *Morgadinha de Valflor*, *Magdalena* e o *Drama do Povo*.

Julio Cesar Machado, folhetinista intermittente. De dias a dias apparece-nos no *rez-de-chaussée* de um jornal, analysando as peças que se representam, os casos que occorrem ou as phantasias que lhe atravessam o espirito.

É uma penna ligeira e graciosa que tem o segredo de interessar o leitor. Julio Cesar Machado imita, quasi sempre com singular habilidade, o genero francez, lembrando por vezes Julio Janin.

Luciano Cordeiro. Espirito meditativo e grave; sabio que faz livros de critica artistica como um litterato, denotando conhecer a fundo os mysterios da metaphysica allemã.

Ernesto Biester, o grande magro litterario, de quem Castilho dizia: *É fructa do inverno*; *pódem apertal-o que não produz mais nada.*

É incalculavel o numero de peças traduzidas, arranjadas e chancelladas com o titulo de *originaes* que Biester tem despejado a plenas mãos nos palcos de todos os theatros! Os seus dramas originaes *Caridade na sombra*, *Nobreza d'alma* e *Moços e velhos* constituem uma galeria de manequins sem vida e sem nenhuma especie de attractivos. Affirma a chronica que Mendes Leal, cunhado de Biester, tem uma influencia directa

na elaboração d'essas peças. Se assim é lamentemol-os!... Biester foi um dos fundadores da *Revista contemporanea de Portugal e Brazil*, que durou cinco annos.

Luiz de Campos, deputado e poeta. Tem todas as apparencias de phtysico. Quando dá os bons dias a uma pessoa parece que entrega a alma a Deus. É uma organisação poetica e delicada, um coração de oiro, um adorador das rainhas ou das estrellas, com muito talento e inspiração.

Rangel de Lima. Grandes aptidões para o theatro, sabendo apropriar-se engenhosamente das peças francezas, italianas e hespanholas.

Sousa Bastos. O homem das revistas theatraes, commovendo e arrebatando, como nenhum outro, as plateias de terceira ordem.

Já alludimos á dissidencia manifestada pela geração nova da Universidade de Coimbra. A reacção pronunciou-se atacando a realeza de Castilho. O primeiro que levantou a voz foi *João de Deus*, por occasião de Castilho collocar o *D. Jayme* superior aos *Lusiadas* de Camões.

João de Deus é o primeiro lyrico portuguez do ultimo quartel do seculo XIX. Os seus versos, *Flores do Campo* são de uma frescura, de uma naturalidade, de um colorido e mesmo de uma paixão inimitaveis!

João de Deus é uma natureza indolente, apathica e sentimental que o torna incompetente para campeão do *grande combate moderno*, como lhe chamam. São notabilissimos, porém, os serviços que elle presta trabalhando na propaganda da instrucção popular por meio da vulgarisação da sua engenhosa e utilissima *Cartilha Maternal*, um methodo de leitura racional e instantaneo que honra as faculdades inventivas do insigne poeta.

Eça de Queiroz. Discipulo de Flaubert e de Zola. Idéas, fantasia e grande facilidade descriptiva. Os seus

romances, *O primo Bazilio*, *O crime do padre Amaro* e o *Mandarim* são obras de complexo valor e dignas de occupar a attenção da critica.

Ramalho Ortigão, espirito essencialmente moderno, dotado de um grande vigor expositivo: as *Farpas* são a historia humoristica da sociedade portugueza contemporanea. Esta obra de critica de costumes ha de resistir á acção demolidora do tempo. Ramalho Ortigão escreveu de collaboração com Eça de Queiroz uma novella ultra romantica: *O mysterio da estrada de Cintra*.

Oliveira Martins, um pensador que procura ha muito as formulas metaphysicas, encontrando-as por vezes. Transluzem ellas a cada passo nos livros *Camões e os Luziadas*, *O Socialismo*, etc.

Adolpho Coelho, o iniciador dos estudos philologicos em Portugal mediante a propaganda exercida pelos seus livros *Lingua portugueza*, *Questões da lingua portugueza*, etc. É um espirito intuitivo fortificado por uma boa coordenação de estudos praticos.

Guerra Junqueiro. Poeta de largos vôos, mas hesitando ainda no caminho que deverá seguir. O poema, *A morte de D. João* tem uma introducção magestosa e rendilhada como um portico manuelino. O eminente poeta possue, como poucos, todas as delicadas *nuances* do estylo infantil. A *Tragedia infantil* e o *Melro* são dois modelos.

Theophilo Braga, escriptor moderno na accepção da palavra, o mais estudioso e consciencioso de todos quantos trabalham em Portugal. Natural da ilha de S. Miguel, oriundo de uma familia pobre, veio aos quinze annos para Lisboa. Só, desprotegido, sem nenhuma especie de recursos, luctou tenazmente, fazendo-se typographo e adquirindo assim os meios para pagar os seus estudos em Coimbra. Theophilo Braga trabalhou e trabalha ainda de dia, de noute, continuamente. Em 1864, predominando no seu espirito a me-

taphysica universitaria, o arrojado poeta publicou: *A visão dos tempos*, *Tempestades sonoras*, *A ondina do lago*. Nos seus ensaios preadivinha-se já a larga esphera estudiosa que elle é chamado a percorrer. A investigação das tradições nacionaes attraiu-o para uma nova orientação positiva, pertencendo a esse periodo *O Cancioneiro*, *Romanceiro geral portuguez*, *Historia do direito portuguez*, etc.

Os estudos historicos produziram a *Historia da litteratura portugueza*, que começou a publicar-se em 1869, obra preciosa pela observação critica e multiplicidade de factos laboriosamente archivados. É a revelação da *critica comparativa*, absolutamente nova para Portugal.

Nomeado por concurso professor de litteratura no curso superior de lettras, Theophilo Braga tem estudado successivamente mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia, anthropologia, impellido pela curiosidade insaciavel da sciencia que devorava Goethe e dando testemunho do progressivo aperfeiçoamento do seu espirito nos livros ultimamente publicados: *Traços geraes da philosophia positiva* e *Historia universal*.

Theophilo Braga é, em resumo, um homem de grande talento que chegou, mediante um trabalho immenso e infatigavel, ao perfeito conhecimento do mundo physico e do mundo moral.

CARTA DEZENOVE

SUMMARIO

O exercito portuguez — Pequeno uniforme — A marinha — O arsenal — O couraçado «Vasco da Gama», vulgo «Pimpão» — O rei almirante — A justiça — Os advogados — Os litigantes — Os delictos e os crimes — A policia — As prisões — A pena de morte — Uma bella acção do rei D. Luiz.

Não me recordo se já fallei do pequeno uniforme do exercito portuguez.

Se effectivamente deixei de alludir ao assumpto, vou reparar o meu esquecimento. O soldado portuguez, no acto de flanar nas ruas para se distrair, veste uma fardeta justa como um espartilho e umas calças muito largas.

Comprehender-se-hia que Portugal despendesse com a marinha quantias importantes, visto que da marinha depende a manutenção e desenvolvimento das colonias votadas ao abandono.

O que ninguem é capaz de perceber, e muito menos aquelles que não estiverem identificados com o modo de ser dos portuguezes, é a preoccupação do militarismo, graças á qual o paiz mantem um exercito perfeitamente desproporcionado com os recursos do orçamento e até mesmo com a população. A soldadesca absorve assim uma enorme fonte de receita, preju-

dicando a agricultura, que é a principal origem das riquezas do paiz e roubando-lhe milhares de braços uteis.

É preciso estudar a fundo Portugal para chegar a descobrir o motivo que leva o governo a um tão extraordinario consummo de soldados: duas causas o impellem.

Primeira e principal a aversão dos portuguezes contra os hespanhoes, a qual exige um exercito numeroso que assuste o visinho e o conserve a respeitavel distancia.

Quando nos dias de parada brilham nas ruas de Lisboa milhares de espingardas, espadas e lanças e desfilam centenas de cavallos puxando algumas peças de artilheria, os indigenas experimentam uma grande tranquillidade feliz, abençoam instinctivamente o governo e adormecem convictos de que se a Hespanha ousasse arrebitar o nariz, espetar-lhe-iam um garfo e frital-a-iam em seguida n'uma grelha encandecente.

A segunda é que o exercito fornece ao governo uma legião de amigos, mais ou menos fieis, mas em todo o caso numerosos; o mesmo governo contemporisa com a ambição proverbial dos pais de familia que cobiçam para os filhos um logar á meza do orçamento.

O pequeno uniforme dos generaes consta de um casaco curto sem galões, com passamanterias pretas á hungara, bandado de astrakan, delicioso no inverno, mas no verão, com 30 gráos Reáumur, simplesmente insupportavel. Ainda assim, vi-os em pleno exercicio activo no mez de julho e pensei, talvez infundadamente, se seria uma punição infligida pelo ministro da guerra, descontando-se as infracções da disciplina na medida proporcional dos decilitros de suor.

É feito de tantas irregularidades o codigo militar de todos os paizes que não ha conjectura impossivel de realisar-se.

A organisação militar do paiz tem sido objecto de estudos serios por parte dos ministros que successivamente administraram a pasta da guerra. O marechal, duque de Saldanha, reorganisou o exercito em 1851; mas como lhe escasseassem elementos sufficientes para levar ao cabo uma reforma radical, os seus successores limitaram-se a reconstituir o pessoal do exercito e tudo que dizia respeito á superintendencia militar e á defesa da nação.

O recrutamento é feito, pouco mais ou menos, segundo a antiga lei franceza. Os homens são sorteados logo que attingem a idade dos vinte annos. O serviço militar é obrigatorio durante oito annos; mas decorridos tres annos depois de assentar praça, o soldado regressa aos patrios lares e fica fazendo parte do quadro da reserva, sem comtudo recuperar a liberdade senão quando expira o prazo dos oito annos.

O reino, comprehendendo as ilhas adjacentes, conta cinco divisões militares.

Entre as reformas mais importantes que assignalaram a politica do sr. Fontes Pereira de Mello, cumpre citar a que se occupou da justiça militar. O ministerio Fontes promulgou um novo codigo, extrahido do codigo das nações, cujas sentenças podem servir de modelos de disciplina e deu uma nova administração aos tribunaes militares.

A justiça militar é distribuida em primeira instancia pelos conselhos de guerra, que teem a sua séde nas cabeças de comarca das respectivas divisões, e em segunda e ultima instancia pelo tribunal superior de guerra e de marinha, composto de um presidente e seis membros, todos officiaes generais, sendo tres de marinha. Este tribunal funcciona mediante a assistencia de um juiz relator, de um official superior que faz as vezes do ministerio publico e de um defensor militar.

A marinha de guerra portugueza, dizimada por um

sem numero de vicissitudes, está muito longe de corresponder aos serviços que poderia prestar. A armada compõe-se de corvetas e canhoneiras a vapor, em numero restrictamente indispensavel para fazer face ás necessidades mais urgentes do serviço.

A eschola naval, que citamos entre os estabelecimentos de ensino especial, possue um quadro de vinte aspirantes. A admissão dos aspirantes supranumerarios é permittida segundo as circumstancias. Os discipulos que completam o curso recebem patente correspondente a alferes e formam a companhia dos guardamarinhas que consta de cincoenta e um individuos. Corre-lhes obrigação de fazerem um cruzeiro de tres annos e um exame naval, findo o que serão promovidos a segundos tenentes.

Annexas ao ministerio da marinha funccionam differentes commissões que auxiliam a administração superior: são as commissões consultivas de marinha, de hygiene naval, de artilheria aperfeiçoada, de instrucção e de administração.

O Arsenal do exercito é um vasto estabelecimento com muitas dependencias. Encerra uma collecção completa de armas e armaduras antigas e um grande deposito de armas brancas e de fogo. Os productos das officinas dependentes rivalisam com os melhores das fabricas estrangeiras. A fundição das peças de artilheria, abastecida de todos os apparelhos da mechanica moderna, fornece excellentes canhões raiados. Produz tambem carabinas e espingardas estriadas de diversos systemas e de optima qualidade. (*)

A Cordoaria nacional fabrica todas as cordas e velame necessarios para a armada, tendo introduzido

(*) Alem d'este ha ainda o Arsenal de marinha, situado no largo do Pelourinho. A Cordoaria, estabelecida na Junqueira, em Belem, é uma dependencia do Arsenal de marinha.

ultimamente grandes melhoramentos nos processos mechanicos.

Portugal não dá á sua armada a decima parte dos cuidados que consagra ao exercito. E no entanto a marinha vale por si só mais do que todos esses soldados inuteis. O exercito, porém, reveste-se aos olhos do governo de tres inapreciaveis attractivos: lisongeia o chauvinismo local, intimida os hespanhoes e defende a fronteira.

Assim, á falta de elementos indispensaveis para a construcção dos navios, os estaleiros limitam-se a calafetar velhos chavécos avariados que deslisam melancolicamente nas aguas do Tejo, sustentando mais ratos do que marinheiros.

Ha uma cousa notavel na marinha portugueza, é a extraordinaria quantidade de officiaes e o numero diminuto de marujos. É impossivel dar um passo nas ruas de Lisboa sem encontrar um official ou um aspirante de marinha; em compensação raras vezes vemos um marujo.

Se nos propomos visitar um navio de guerra portuguez, deparam-se-nos alguns; mas saltea-nos então uma idéa extravagante, lembra-se a gente vagamente se na camisola azul d'aquelles obscuros e rareados servidores não se occultarão as pelles dos srs. officiaes, ciosos de manterem iléso o amor proprio nacional . . .

O governo portuguez comprou ultimamente á Inglaterra um grande e monstruoso couraçado, que lhe custou os olhos da cara. O couraçado fundeou no Tejo e não se mexe senão para ir até á barra, alem da qual não passa nunca. Se eu não receiasse acarear inimisades referiria, a proposito, as palavras de um portuguez, muito satyrico, que me asseverou que a tripulação do couraçado, tomada de um enorme receio, procede com elle como certos cavalleiros com os seus cavallos, obedece em vez de se fazer obedecer. No ponto de vista economico a acquisição é simples-

mente absurda; com o dinheiro despendido pelo governo comprar-se-hiam tres grandes transportes á véla, bem mais uteis para a superintendencia e incremento das colonias e para mantel-as em correspondencia directa com a metrópoli, em quanto que esse caldeirão couraçado subsiste inamovivel como um magistrado aposentado.

Trabalho perdido! Nunca taes razões conseguirão demover o governo portuguez.

«Não se trata de colonias, responderia elle; não percebe que são indispensaveis os couraçados para defender o Tejo contra a invasão hespanhola?»

Deram a essa massa pesada e compacta, que não serve absolutamente para nada a não ser para lisonjear o amor proprio da burguezia patriota, o nome pomposo de *Vasco da Gama*. Tomei sempre o nome á conta de irrisorio e antithético e os lisbonenses tambem assim pensaram chrismando-a em *Pimpão*, (ferrabrás).

E todavia, o actual rei, D. Luiz, foi official de marinha e conserva ainda as predilecções da sua primeira carreira. Logo que um navio de guerra estrangeiro dá fundo no Tejo o rei não falta a visital-o.

Será porque o mar o attraia ou porque lhe soam agradavelmente aos ouvidos as descargas que a titulo de homenagem saudam a sua apparição? . . .

O que é certo é que poucos paizes existem no mundo onde se queimem tantos tiros de peça como em Lisboa: absorvem elles quantias importantes, mas em compensação demonstram aos contribuintes que em caso de necessidade o murrão está prompto á primeira voz. . .

É facil a transição das armas para a toga, subordinada quasi á mesma orientação administrativa.

A authoridade judiciaria gosa de uma certa independencia relativa, visto que os magistrados, nomeados pelo rei, não podem ser destituidos senão em virtude de uma sentença tambem judiciaria.

Os juizes são inamoviveis. A hierarquia do fôro

comprehende os tribunaes limitrophes compostos de juizes eleitos, as justiças de paz, os tribunaes intermediarios, os tribunaes de primeira instancia, os de appellação e o supremo tribunal.

O supremo tribunal revê os processos, analysa os delictos perpetrados por algum dos seus membros ou pelos juizes criminais, julga em ultima instancia os conflictos de jurisdicção e de competencia e tem a sua séde em Lisboa. Ha duas salas de audiencia, uma em Lisboa, outra no Porto. O numero de tribunaes não é inferior a 142 de primeira instancia e 26 intermediarios, contando-se para mais de 800 juizes de paz e 3:900 juizes eleitos.

O jury partilha com a magistratura o poder judiciario. A sua competencia comprehende os negocios civis sempre que as partes requeiram a sua intervenção.

A lei é igual para todos. Ao abrigo da lei a imprensa gosa de uma liberdade que poderá ser invejada pelos Estados mais liberais da Europa e que é quasi illimitada. O domicilio é inviolavel. Uma authoridade, qualquer que ella seja, não póde ahi penetrar senão de dia e só depois de ter cumprido as formalidades prescriptas pela lei. Nenhum cidadão portuguez póde ser encarcerado definitivamente senão em virtude de uma intimação judicial entregue no praso de vinte e quatro horas, a qual intimação deverá mencionar os motivos que a determinam, os indicios que pezam sobre o supposto criminoso, o nome dos accusadores e o das testemunhas. Só no caso de delicto flagrante poderá ser recolhido á cadeia qualquer cidadão sem uma ordem rubricada pela respectiva authoridade. A confiscação dos bens não existe. A pena de morte, exceptuando o codigo militar, foi revogada, em relação aos crimes politicos, por decreto addicional de 1852. (*) Os funccionarios são res-

(*) A abolição da pena de morte para os crimes de direito commum foi decretada em 1867.

ponsaveis pelos seus actos. A nobreza não tem actualmente senão prerogativas honorificas.

O direito de petição é absoluto. O commercio, a agricultura e o trabalho são livres e protegidos pela lei.

A carta reconhece uma religião do Estado, que é a religião catholica, apostolica, romana, mas tolera livremente o exercicio de qualquer culto. Ninguem póde ser perseguido por questões religiosas. Não se exige senão o respeito do culto do Estado e da moral publica.

Dissemos que o jury superintendia em causas crimes e tambem ás vezes em causas civis. O jury compõe-se de nove ou doze membros, segundo o maior ou menor numero dos duzentos que comporta a pauta. Para ser jurado é indispensavel pagar decima e exercer as obrigações concernentes á idade ou á posição social. Um jury especial de quatro a doze membros, escolhidos entre os mais respeitaveis negociantes, funcciona nos tribunaes do commercio. Um facto digno de ser notado é que os magistrados, alem do ordenado pago pelo ministerio da justiça, percebem emolumentos, tarifados pela lei, provenientes dos auctos.

São as propinas da nossa antiga jurisprudencia franceza anterior á Revolução.

As numerosas leis que regem Portugal exigem apenas uma coordenação mais cuidada. A jurisprudencia é muitas vezes contradictoria, o que se explica pelas variadas origens do direito portuguez, que se inspiram nas ordenações formuladas por diversos monarchas, conhecidas sob a designação de *Affonsinas*, *Manuelinas e Filippinas*. O codigo Napoleão produziu tambem numerosas leis. É opinião geral que a accumulação de tribunaes e de juizes não só tolhe a inicitiva do governo em relação ao recrutamento, como não lhe permitte exigir da parte dos magistrados, e especialmente das authoridades inferiores, garantias sufficientes de capacidade e instrucção.

É indispensavel convir que a justiça em Portugal

é claudicante e morosa, segundo dão testemunho as pessoas mais authorisadas. Nos processos civis pode-se mesmo affirmar que é estacionaria. Ha demandas que caducam nos tribunaes durante muitas gerações, sem esperança de chegarem nunca á desejada conclusão.

Os advogados em Portugal, como na maioria dos paizes, associados aos procuradores e escrivães, formam, salvo raras excepções que confirmam a regra, uma corporação solidaria, cujos principaes intuitos consistem em tosquiar os litigantes.

Uma questão susceptivel de ser resolvida no espaço de dois dias consomme dois annos, e ás vezes o duplo, simplesmente para alimentar a raça dos chicaneiros.

Se, por fatalidade, os nossos negocios deparam com alguma contrariedade em Portugal é mil vezes preferivel transigir com o adversario e, em caso de necessidade, atravessar as Forcas Caudinas, do que recorrer aos tribunaes, na certeza de que se tal fizessemos sacrificariamos não só as rendas como o capital.

Fugi da justiça como da peste, convictos de que os portuguezes são ainda mais finos e astuciosos nos negocios do que os normandos.

A applicação da lei em Portugal é rapida e inexoravel para os pobres, modificando-se sensivelmente quando se trata de burguezes abastados e completamente, a ponto de não exercer o seu predominio senão constrangida, sempre que se dirige a pessoas de elevada condição.

Citarei um exemplo.

No mez de abril de 1878, achando-me eu então em Lisboa, o conde de P . . ., descendente de preclara linhagem, parente de D. Ignez de Castro, foi accusado de fabricar moeda falsa e preso a requisição formal e directa do Banco de Portugal. No primeiro interrogatorio o accusado confessou tudo, depois do que a justiça achou em sua casa todos os materiaes indispensaveis aos falsos moedeiros.

Pois bem, a despeito das provas accumuladas, proseguem ainda as inquirições e não se falla de julgamento! (*)

A policia, filha da justiça, parece-se com a senhora sua mãe. Especialmente em Lisboa a policia é inflexivel com o povo; isto é, se nos apresentarmos bem vestidos, bem calçados e enluvados permittir-nos-ha de boa sombra o que não toleraria a um maltrapilho. Com este ultimo a severidade attinge proporções lamentaveis e não é raro vel-a passar a vias de facto. A primeira prisão preventiva é no governo civil. Permanece-se ahi ás vezes um ou dois dias, se fôr preciso, e, o que é deveras singular, é que se póde morrer de fome n'esse espaço de tempo. A policia, que entendeu dever encarcerar-vos, julga-se dispensada de vos sustentar e se não prescindirdes de alimento é forçoso que appelleis para os amigos ou conhecidos. É pouco christão, mas é verdadeiro. Só depois de instaurado o processo é que os presos, tanto em Lisboa como no Porto, teem direito ao sustento fornecido pelo Estado. Nas pequenas cidades deixam-nos morrer á fome. Em compensação permitte-se-lhes que peçam esmola aos transeuntes, para os quaes elles estendem as mãos atravez dos varões de ferro.

A policia em Lisboa é indolente e inactiva: em completa transgressão ás leis vigentes deixa as casas de jogo—segundo tivemos occasião de observar—funccionarem publicamente em todas as ruas; consente que os cocheiros illudam a lettra da tabella; permitte aos mendigos qne exerçam livremente a sua profissão e invadam as lojas e escadas. E emquanto todos estes factos se produzem passeia nas ruas dandinando-se e sus-

---

(*) Chega-nos de Lisboa a noticia inesperada de que o conde de P... acaba de ser absolvido!!

pirando amorosamente em frente das janellas das criadas de servir.

Officialmente e legalmente ha muito que a pena de morte foi abolida em Portugal, o que significa um titulo de gloria para esta pequena nação. Nem por isso a estatistica criminal augmentou e talvez mesmo que diminuisse. Entretanto, a pena de morte subsiste ainda no codigo militar e a esse respeito deu-se ha quatro annos um facto que merece ser contado.

Um soldado de infanteria 2 apontou um dia a espingarda ao peito de um alferes, contra o qual nutria sentimentos de aversão, e matou-o em pleno quartel. Julgado em conselho de guerra foi unanimemente condemnado á morte. A sentença, porém, não podia ser executada sem a approvação e assignatura do rei. Mas o rei, resistindo aos pedidos do ministerio e ás solicitações dos generaes que invocavam as leis da disciplina e o mau exemplo impune, recusou energicamente sanccionar com o seu nome um documento que, fosse qual fosse o gráo de culpabilidade e as exigencias da disciplina, nem por isso deixaria de arrancar a vida a um homem.

Este facto honra sobremaneira o rei D. Luiz.

Poz elle o coração de homem em um dos pratos da balança e a espada de soldado no outro; o coração pesou mais do que a espada.

Em Hespanha, onde existe ainda a pena de morte, o numero dos crimes é relativamente muito mais avultado do que em Portugal.

O garrote, a guilhotina, o machado ou a corda não curam nem regeneram aquelles que a indole ou os maus instinctos arrastam para o crime.

A pena de morte foi substituida em Portugal pelos trabalhos forçados na Africa; é uma imitação de Botany-Bay ou do Sidney dos inglezes. Os condemnados não podem voltar; mas muitas vezes diminuem-lhe a pena ou amnistiam-nos totalmente; alguns regressam

á metrópoli excellentes cidadãos e mesmo ricos colonos. Porque não? se após a expiação do crime o arrependimento e o trabalho constituem os mais poderosos agentes da rehabilitação? Quanto a mim, o systema adoptado é mil vezes mais moral e christão do que a pena de morte.

CARTA VIGESSIMA

SUMMARIO

A instrucção em Portugal — A Universidade de Coimbra — A escola polytechnica de Lisboa — O conde de Rio Maior — Um extracto das «Farpas,» de Ramalho Ortigão.

Se se devesse julgar uma instituição pelas exterioridades, pelos grandes nomes pomposos que a ornamentam e pelos intuitos dos seus fundadores, é força confessar que nenhuma instituição da Europa rivalisaria com a da instrucção nacional portugueza. O decreto de 20 de setembro de 1844, que é a carta do ensino em Portugal, contém excellentes cousas. Chamando á barra as familias negligentes e as crianças inconsideradas que recusam desalterar-se nas caudais fecundas e puras que a cada passo se lhe offerecem, o decreto impõe-lhes o ensino obrigatorio, acrescentando que todo aquelle que tres annos depois da sua promulgação não saiba ler nem escrever será escolhido de preferencia para servir no exercito ou na armada. Infelizmente, esse decreto modelo parece-se com o burro de Roland que tinha todos os merecimentos, á excepção da vida que lhe faltava; com a differença que o burro de Roland nem sempre esteve morto e que o

decreto nunca esteve vivo, não passando os seus merecimentos do periodo embryonario e latente.

Produziram-se posteriormente algumas tentativas serias. Em 1870, o gabinete presidido pelo duque de Saldanha creou um ministerio especial de instrucção publica e decretou uma larga reforma de ensino; mas o parlamento demoliu o edificio antes mesmo de lhe levantarem os alicerces. A reforma ensaiada pelo dictador morreu com a dictadura.

O ministerio do meu illustre amigo, Rodrigues Sampaio, diligenciou tambem fazer alguma cousa, mas não logrou o exito desejado. O espirito clerical que predomina nas Camaras e na Constituição abortou todos estes projectos.

Para disseminar a instrucção e transmudal-a de apparencia em realidade são indispensaveis bons mestres e bons programmas; duas cousas das quaes uma é facil e a outra muito difficil. Obteve-se a facil: nada se organisou para alcançar a segunda.

Os programmas de instrucção primaria, instrucção secundaria e instrucção superior são optimos; os professores, mesmo nas Universidades, pondo de parte rarissimas excepções muito notaveis, são absolutamente mediocres.

Comprehende-se que assim seja. Os professores de instrucção primaria, nomeados pelo governo, percebem 150$000 réis annuaes nas cidades taes como Lisboa, Porto e Funchal e 100$000 réis nas restantes localidades. É perfeitamente irrisorio, sendo mil vezes preferivel a profissão de cocheiro ou mendigo. Esta ultima, como já tivemos ensejo de apreciar, não é das peores e dá a independencia associada ao *farniente*.

Propondo-se organisar uma classe de professores e professoras o decreto de 1844 fundou as escolas normaes para os dois sexos. Qual foi o resultado? Existem escolas normaes para os rapazes em Lisboa, Porto, Coimbra, Evora e Vizeu; ha tambem em Lis-

boa uma escola normal de raparigas, mas não chega a contar vinte discipulas. E sabe Deus quantos não se habilitam na loteria, no dia immediato aquelle em que saiem da escola, tentando assim subtrairem-se á carreira ingrata que abraçaram.

Não levamos em mira escrever um livro acêrca da instrucção publica em Portugal. Limitar-nos-hemos pois a uma simples menção e para isso transcreveremos o quadro da instrucção superior, tal qual existia na Universidade de Coimbra e na Escola polytechnica de Lisboa em 1872 e a estatistica da instrucção primaria feita e publicada pelo governo:

Annos, 1872-73

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Alumnos examinados:

Faculdade de theologia	48
Faculdade de direito	583
Faculdade de philosophia	248
Faculdade de mathematica	80
Faculdade de medicina	81
Curso administrativo	3
Curso de desenho	111

Annos, 1872-73

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA

330 alumnos examinados, comprehendendo as seguintes disciplinas:

Exercito	153
Marinha	30
Civis	147

Annos, 1872-73

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Portugal conta approximadamente 4,500,000 habitantes e 292 comarcas, subdivididas em 3,975 parochias.

Existem 1944 escolas do sexo masculino e 395 do sexo feminino.

Matriculados:

Rapazes, menores de 10 annos	50,266
Raparigas, idem	16,377
Rapazes, idade de 10 a 12 annos	25,674
Raparigas, idem	7,142
Rapazes, idade de 12 a 14 annos	14,739
Raparigas, idem	3,400
Adultos	6,121
Raparigas	967

Total, rapazes	96,800
Raparigas	27,846

Frequentam as escolas regularmente:

Rapazes	56,059
Raparigas	18,402

737 rapazes e 51 raparigas obtiveram diploma de approvação mediante o qual serão admittidos no lyceu depois do tirocinio da escola. (*)

Pesando o valor dos algarismos e extraindo-lhe a significação correspondente ver-se-ha que não excede de 1,300 o numero dos individuos, verdadeiramente instruidos, que as escolas de ensino superior transmittem á circulação de Portugal e das colonias, na guerra, na marinha, na administração, nas profissões liberaes, no clero, etc. O que dá um individuo por cada mil habitantes durante a existencia de uma geração. Não fallo dos resultados da instrucção primaria, os quaes estão em parallelo com o numero dos alumnos.

(*) Colhi estas notas no *Annuario estatistico do reino de Portugal para* 1875. São pois officialmente exactas.

Não era isto de certo o que esperava a nação portugueza quando adoptou o regimen constitucional.

É que as constituições nada valem separadas do espirito que as anima; ora os fundadores da constituição portugueza insufflaram-lhe, ou por outra permittiram que lhe insufflassem o espirito catholico com a orientação restricta e exclusiva que lhe adveio do ultramontanismo.

Este espirito governa e inspira as mais altas regiões do Estado; é sobretudo em presença da instrucção do povo que elle se manifesta.

Occorre-nos, a proposito, um trêcho notavel das *Farpas*, de Ramalho Ortigão, que se refere a uma sessão da camara dos pares onde se discutiu a lei sobre a instrucção primaria:

«Em Portugal os homens e as mulheres das cidades, os homens e as mulheres do campo acham-se inteiramente ao abrigo das suggestões de idéas e de principios que possam inferir-se das eloquentes palavras de Tyndal e de Jacquemin. Em Portugal todas as palavras que exprimem fortes e sinceras convicções de sciencia ou de simples bom senso são consideradas perigosas e banidas das discussões publicas. Debalde a historia da civilisação ingleza n'este seculo nos demonstra que a tolerancia absoluta na manifestação do pensamento é a primeira garantia da ordem na sociedade, que a maxima latitude na controversia das idéas mantem sempre os problemas dentro da esphera especulativa, evitando assim que a orbita das applicações praticas seja invadida pelos principios que não foram de antemão sanccionados na opinião e pelas reformas que ella não exigiu em nome de novas necessidades provenientes de um mais alto estado do espirito ou da consciencia publica.

«Tal é o methodo que tem preservado a sociedade ingleza das perturbações graves que a impaciencia dos reformadores, não experimentada na pedra de to-

que de uma discussão liberrima, lançou na vida pratica de outras nações, como succedeu em França depois do segundo imperio, que corrompia todos os debates intellectuaes, e em Hespanha depois do reinado de Izabel, que esmagava todas as tentativas publicas de livre raciocinio.

«Em Portugal essa importante lição tem sido absolutamente esteril.

«Quando as conferencias democraticas inauguradas na sala do Casino mostraram uma ligeira tendencia para produzir idéas, o governo sem nenhuma outra fórma de processo supprimiu as conferencias.

«Quando depois d'isto alguns individuos suspeitos de atheismo resolveram manisfestar posthumamente as suas idéas solicitando para os seus cadaveres o enterro civil, o governo interveiu ainda, restringindo por todos os meios ao seu alcance — meios tumultuarios, illegaes, vexatorios—a vontade do atheu menos perigoso que se conhece,—o atheu morto.

«Se nas escolas superiores se encontram professores benemeritos que expõem impunemente nas aulas das sciencias physicas algumas doutrinas positivas, experimentaes, estando por esse facto em desaccordo manifesto com os dogmas e com as concepções theologigicas impostas ao espirito pela carta constitucional da monarchia, a impunidade d'esses professores, dizemos, não se deve attribuir á tolerancia philosophica do poder. Ella é simplesmente o resultado—n'este caso benefico — da indisciplina geral dos negocios publicos.

«Ha professores que affirmam principios scientificos, exactamente como ha professores que manteem no espirito da mocidade os erros mais vergonhosos e mais crassos, alheios á doutrina dos programmas. Ha lentes que estão acima da lei pela mesma razão que ha outros que estão abaixo d'ella:—por falta de inspecção e de policia.

«Um facto recente dá-nos a prova mais cabal de

que o governo não é solidario nos progressos scientificos da nação, e que estes se operam não sob o favor ou sob a tolerancia dos governos, mas sim apezar da intolerancia que elles assumem e dos meios correctivos de que elles se armam.

«Veja-se o modo como foi discutido e como foi emendado na camara dos dignos pares o ultimo projecto de lei sobre a instrucção primaria!

«Eis as palavras proferidas sobre este assumpto por um dos legisladores mais moços e mais instruidos d'aquelle sabio congresso:

«*O sr. conde de Rio Maior, (copiamos o extracto da sessão, publicado no Jornal do Commercio) não é adversario do desenvolvimento da instrucção primaria, porque não deseja que continue a subsistir o estado de ignorancia do nosso povo, onde a proporção dos que sabem ler é de 1 para 25, emquanto na Allemanha, Hollanda, Belgica, etc., é de 1 para 6. Mas não deseja que se vote o estabelecimento do ensino obrigatorio. Prefere a liberdade do ensino, porque julga mais conveniente que os paes tenham a liberdade de darem aos filhos o ensino que lhes parecer mais proprio. Póde haver um individuo analphabeto mas que seja homem de ordem e temente a Deos, que não queira mandar o seu filho a uma escola cujo mestre ensine doutrinas perigosas. Lembra que nos tempos das nossas maiores glorias, embora a instrucção estivesse pouco diffundida, a nação portugueza attingiu um alto grau de prosperidade; não pretende dizer com isto que deixe de se derramar a instrucção, por que tambem é apostolo d'esta idéa, mas quer que essa instrucção seja ao mesmo tempo moral e religiosa.*»

«A affirmativa de que a nação portugueza attingiu um alto grau de prosperidade no tempo das nossas maiores glorias, *embora a instrucção estivesse pouco diffundida*, é um erro de historia que o nobre conde quiz commetter, de certo intencionalmente, para o fim

de nos persuadir que não é pelo excesso de instrucção em S.ª Ex.ª que a gloria e a prosperidade deixaram de nos sorrir. O sr. conde de Rio Maior não podia realmente ignorar que o periodo mais prospero e mais glorioso da nacionalidade portugueza, o periodo das nossas conquistas e dos nossos descobrimentos, foi tambem o periodo da nossa maior cultura intellectual. Esse periodo principia com o advento da dynastia de Aviz. Se o sr. conde quer achar a differença que distingue esse tempo do tempo actual, compare o mestre de Aviz com qualquer dos soberanos da casa de Bragança. D. João I era ao mesmo tempo um cavalleiro, um phylosopho e um litterato. Teve a honra de hospedar na sua côrte o grande pintor Van-Dyck e edificou a Batalha, (*) um monumento de arte mais efficaz elle só para formar a educação esthetica de um povo do que dez universidades e vinte academias.

«Hoje edifica-se a penitenciaria (*) e o ultimo dos artistas celebres que recentemente veiu a Portugal, o illustre pintor Palmarolli, hospedou-se em uma estalagem e apenas conheceu da corte portugueza um dos seus fidalgos, que o chamou da janella do seu palacio, em Cascaes, para lhe comprar agulhas e alfinetes, por ter supposto, ao vel-o passar com uma caixa de tintas, que era um bufarinheiro.

«Dos filhos de D. João I um é o infante D. Duarte, o creador da primeira bibliotheca que existiu em Portugal, o eximio litterato auctor do *Leal Conselheiro*. Outro era o infante D. Pedro, o que viajou *as sete partidas do mundo*, auctor da *Vertuosa Bemfeitoria* e um dos homens mais profundamente eruditos da Europa no seu tempo. Outro era D. Fernando, o captivo de Fez, o que teve por secretario Fernão Lo-

(*) Famoso convento, a que já alludimos.
(*) Construcção de moderna data, mais dispendiosa do que util.

pes. O ultimo finalmente e o maior era D. Henrique, o iniciador das nossas navegações, o fundador da chamada *Escola de Sagres*, o mais poderoso, o mais grave, o mais austero centro de estudo de que ainda foi objecto a sciencia do ceo e a sciencia do mar. Hoje o infante de Portugal é o senhor D. Augusto, conhecido de todos nós por o termos visto passar no Chiado.....

«Da escola de Sagres sairam Pedro Alvares Cabral, Vasco da Gama, Bartholomeu Dias, Fernando de Magalhães, Diogo Cão, Pedro da Covilhã, Gaspar Côrte Real, os mais intrepidos viajantes e os mais valorosos exploradores. Foi da influencia d'elles e dos sabios que o infante D. Henrique e seus irmãos souberam attrair a Portugal, que procederam escriptores como Fernão Lopes, Gomes Annes de Azurára, Gil Vicente, João de Barros, Damião de Goes, Jeronymo Osorio e Luiz de Camões, talvez o mais instruido e o mais sabio de todos os grandes poetas.

«Das escolas de hoje, a não ser por influencia de alguns professores precitos e apostatas que commetteram o sacrilegio de se libertarem do jugo official, saem apenas bachareis, que sabem quando muito bacharelar, e que vão para administradores de concelho ou para amanuenses de secretaria.

«No tempo da nossa prosperidade e da nossa gloria o povo era extremamente instruido. É certo que não sabia ler. Mas saber ler não constitue propriamente instrucção, mas sim um dos meios de instrucção. Ora o povo dispunha então de outros meios superiores á leitura. O marinheiro e o soldado educavam-se nas grandes viagens, os operarios educavam-se na confecção das mais bellas obras de arte, como o convento de Thomar, os Jeronymos, as capellas imperfeitas da Batalha, a Torre de Belem.

«O povo de então não sabia ler os livros, mas sabia mais do que isso: sabia fazel-os. Foi o povo que ditou

as narrativas sublimes da *Historia tragico maritima*, o mais admiravel, o mais bello, o mais dramatico, o mais commovedor, o mais eloquente livro de que se póde gloriar a litteratura de uma nação.

«A isso chama o sr. conde de Rio Maior, achar-se pouco diffundida a instrucção! E conclue d'esse absurdo que um povo póde attingir a prosperidade sem sair da estupidez! Apezar d'esta singular theoria e das accumuladas contradicções do seu texto, em que S.ª Ex.ª ora é apostolo da instrucção, ora é apostolo da cousa contraria, o sr. conde de Rio Maior seria apenas inoffensivo. S. Ex.ª, porém, conclue a sua nonotavel falla mandando para a meza o seguinte additamento á lei que se estava discutindo:

«*O professor ou professora que no exercicio do magisterio primario ensinar ou inculcar doutrinas contrarias á religião catholica, á moral, á liberdade e á independencia patria será demittido nos termos d'este artigo, independente da acção criminal que deva ser intentada. Os paes, tutores ou pessoas encarregadas da sustentação e educação das creanças, podem requerer collectivamente ou individualmente contra o professor ou professora que tiver commettido as faltas indicadas n'este artigo.*»

«Eis ahi o que se não admitte, porque esta disposição legislativa, proposta por S. Ex.ª, produz a fixação legal dos seus principios a respeito da instrucção, isto é: que deve haver instrucção e ao mesmo tempo que a não deve haver. Não é outra cousa senão eliminar a instrucção, depois de a ter decretado, o submettel-a por lei, sob pena de processo e demissão immediata do professor, aos principios da religião catholica. A egreja abriu, n'este seculo principalmente, um tão profundo abysmo entre a concepção theologica e a explicação scientifica dos phenomenos do universo, que toda a conciliação é hoje impossivel entre o mestre e o padre. Não duvidamos que o christianismo possa

ainda reassumir o seu antigo papel de sanccionador supremo de todas as grandes e definitivas conquistas do entendimento humano. O que é certo, porém, é que a direcção reaccionaria que elle tem recebido do pontificado romano, desde a Reforma até hoje, o inhabilita presentemente para realisar essa aspiração de todas as almas piedosas. Ou o Estado sustenta o padre ou sustenta o mestre. Constituir-se o defensor simultaneo d'esses dois interesses oppostos é impossivel. Pedimos licença ao sr. conde de Rio Maior para lh'o provar.

«Supponhamos que o alumno pergunta ao seu professor o que é o diluvio universal, que lhe pergunta qual é a idade da terra, que lhe pergunta o que é o homem pre-historico, o que são as florestas carboniferas, o que é o arco iris, o que é o pára-raios, o que é transformação das especies, o que é a Torre de Babel, o que é o Eden; supponhamos que o alumno faz ao mestre qualquer das centenares de perguntas d'este genero faceis de formular acerca das affirmações da Biblia ou dos conhecimentos do homem. A essas perguntas o mestre não póde responder senão com o erro ou com a heresia. O sr. conde de Rio Maior e os dignos pares que adoptáram a sua emenda á lei da reforma da instrucção portugueza desejam que o mestre responda pelo erro.

«Mas isto é peior do que pôr de parte a sciencia; isto é recebel-a para a contradizer e para a destruir; isto é converter a ignorancia publica em uma instituição de Estado.

«Diderot conta o caso do homem que procurava o seu caminho á luz de uma lanterna, no meio da espessura tenebrosa de uma floresta. Alguem disse-lhe: Queres saber o meio de achar o caminho? eu t'o ensino... E apagou-lhe a lanterna.

«Quem foi que deixou no mundo esta lição?

«Foi o theologo.

«Um povo ignorante é um povo em trevas, cuja lanterna é a instrucção. O legislador portuguez que tomou o encargo de apagar a luz é o sr. conde de Rio Maior.

*
* *

«Notemos porém, um facto consolador:

«O sr. conde de Rio Maior attesta sobre os theologos que o precederam uma sensivel diminuição de força. Elle mostra o ardor arrefecido e impotente de um velho sangue que se decompõe e se dessora. A idéa que elle tem no cerebro é uma idéa que se extingüe. Ha cem annos S. Ex.ª teria proposto o carcere, a tortura, a fogueira, para o mesmo crime para que hoje pede apenas, gaguejadamente, a demissão do professor e o processo pelos tribunaes civis.

«Inclinâmo-nos deante de tão manifesta mansidão!

«Nos fins do seculo XVI o *pendão da santa doutrina*, um lugubre pendão negro, era levado pelas ruas de Lisboa, ao toque de uma campainha, por fr. Ignacio de Azevedo. Fr. Ignacio era então o professor idealisado pelo sr. conde de Rio Maior: *era o homem de ordem, temente a Deos*, argumentando a doutrina christã a este povo. Todas as mulheres e todas as creanças saiam ás portas a ajoelhar, sobre as immundicies, aos pés do tenebroso frade, que levava comsigo a sciencia ecclesiastica, amortalhada de negro, de cruz alçada, tangendo uma campainha, como quem leva um morto. Fr. Ignacio invadia as casas particulares, invadia os pateos da comedia, expulsava os comediantes, e subia elle mesmo ao tablado a explicar os differentes modos porque se pecca e os diversos methodos porque se mortificam os impetos da carne.

«Ainda no seculo passado Pina Manique obrigava os professores a levarem os estudantes á missa, do que colhiam nas sacristias uma certidão sobre a qual se pagavam mensalmente os respectivos ordenados.

«Hoje a parte disciplinar da nossa educação religiosa caiu com o pendão negro da santa doutrina. Resta a parte doutrinaria, resta apenas a cartilha de Padre Mestre Ignacio.

«E é sobre essa cartilha solitaria, em torno da qual cairam dissolvidas a uma por uma todas as energias sociaes que a mantinham na altura de uma instituição civil, é sobre a cartilha do Padre Mestre Ignacio que um sabio legislador portuguez, acompanhado de varios outros legisladores portuguezes egualmente sabios, procura reconstituir no anno de 1878 o ensino publico de uma nação!» (*)

Nada temos que acrescentar a estas palavras onde resaltam, tão nitidamente accusados, os contrastes do espirito moderno e do espirito antigo, influenciando a constituição politica do reino. Só desejariamos que o espirituoso escriptor ampliasse a sua demonstração com uma observação susceptivel de calar no animo d'esses representantes do passado.

O portuguez, sempre que falla no brazileiro, revela na inflexão da voz um ligeiro desdem mal dissimulado.

É um brazileiro!

Estas palavras tomam na sua bôca a expressão de superioridade que distanceia o amo do creado. Ás vezes, vae mais longe, chama-lhe *macaco*, sendo este verdadeiramente, em relação á phraseologia portugueza, o synonymo equivalente ao subdito americano.

E no entanto, todos os jornaes, livros e publicações portuguezas que se occupam do Brazil, não só o qualificam de *nação irmã* como lhe prodigalisam as mais perfumadas flores da rhetorica lusitana.

Não é, porém, esta contradicção apparente que me impressiona: a minha estranheza provém do orgulho

(*) *Farpas*, fevereiro a maio de 1878.

desmedido que ella revela. Os titulos de preeminencia de antiga raça conquistadora pertencem ao passado; mas é preciso que não esqueçam que a victoria foi consequencia da superioridade intellectual havida em relação aos vencidos.

Estas reflexões não deixariam de suscitar a attenção do conde de Rio Maior.

Encerrando a nossa breve resenha acêrca da instrucção em Portugal, diremos que os gráus conferidos pela Universidade são o de bacharel e doutor de capello.

O reitor da Universidade tem a prerogativa de usar o titulo de *prelado* embora seja secular. Esse alto ministerio universitario é actualmente exercido pelo visconde de Villa-maior, antigo professor da Escola polytechnica e socio da Academia das sciencias de Lisboa. A Universidade conta 74 lentes e 21 substitutos e possue uma typographia que fornece os livros classicos aos estudantes.

CARTA VIGESIMA PRIMEIRA

Summario

Coimbra—Visita á Universidade—Impressões—Os estudantes (os estudos, estatistica)—O gabinete de physica—A sala dos exames secretos—O theatro dos estudantes—O jardim botanico—O Mondego—Passeios no rio—A Lapa dos Poetas—«A la belle étoile» Um almoço de contos de fadas—A corôa de hortensias—A quinta das Lagrimas—O convento de Santa Clara—Festa da rainha Santa Izabel—A célebre procissão de 3 de julho—Os pescadores—Os remos—O hotel Mondego—José Macaco—O mirante da Quinta.

No tempo dos romanos e dos mouros Coimbra foi uma praça forte que representou um papel importante. É a cidade universitaria por excellencia. Foi capital do reino de Portugal e residencia de monarchas wisigodos, mouros e christãos até 1433. Situada sobre a encosta de um monte d'onde desce em amphitheatro até ao Mondego, apresenta um physionomia pitoresca e originalissima.

Coimbra é propriedade exclusiva dos senhores estudantes. É curiosissimo observal-os trajando, como no tempo de Gil-Braz, sotaina curta, grande capa, (*capa e batina*) e meias de cadarço preto, de caminho para a Universidade, passeiando nas ruas estreitas e accidentadas ou parando, com um interesse que não esmorece nunca, diante das velhas egrejas de architecturas fantasiosas, como se a pedra, cedendo ao capricho do artista, se fundisse ao contacto do cinzel.

A Universidade merece a reputação que alcançou na Europa e se nos fosse possivel de bom grado consagrariamos longas paginas á analyse da sua organisação, importancia e aspecto geral.

Mercê da amabilidade dos senhores professores e do sabio vice-reitor, o sr. Castro Freire, que fazia as vezes do visconde de Villa Maior, então enfermo, pude visital-a minuciosamente e assisti aos exames, acompanhada pelo talentoso doutor Bettencourt.

A Universidade ergue-se sobre uma eminencia e domina a cidade que se desenrola aos seus pés até ás margens do Mondego. Uma extensa galeria de columnas serve de passeio aos estudantes antes das classes e nos intervallos. É conhecida pela designação de *via latina*. A vasta sala, (*sala do capello*) destinada ás theses e ás ceremonias de tomar o grau de doutor, abre para essa galeria. É cheia de luz e o tecto tem uma elevação consideravel. Decoram as paredes retratos, em pé, dos reis de Portugal. O do actual rei occupa o logar de honra e domina a cadeira do reitor. Em torno da sala collocam-se os lentes e no centro da mesma os estudantes.

Um viçoso jardim, excellentemente cultivado, com alêas sombreadas por grandes platanos, prolonga-se em toda a extensão do corpo principal do edificio. No mesmo pavimento existe a bibliotheca, estabelecida em tres salas que se succedem umas ás outras, a qual contém 52:000 volumes e 901 manuscriptos; havendo alem d'isso o deposito dos livros das ordens religiosas, confiado á sua vigilancia, que eleva o numero d'esses volumes a 102:000. Columnatas de capiteis doirados, tecto muito alto, admiravelmlente pintado, um immenso quadro formando perspectiva, encaixilhado em moldura antiquada, livros a esmo guarnecendo as paredes, emmoldurando as portas e as janellas, empilhados por todos os lados, produzem uma sensação estranha que permanece indelevel na memoria. Uma galeria que

attinge meia elevação da sala facilita a approximação das estantes collocadas a grande altura. Ao longo d'essa galeria corre uma balaustrada trabalhada no mesmo estylo originalissimo das columnas e das molduras. Não é facil deparar-se-nos uma decoração interior disposta com tão esmerada elegancia. Sobre varias mezas, construidas no mais puro estylo, vêem-se infolios, missaes preciosos, uma biblia contemporanea das primeiras tentativas de Gutemberg, albuns, velhos manuscriptos com o texto latino illuminado de arabescos que parecem brotar de uma penna etherea e que são formados pelos caracteres gregos microscopicos, de uma regularidade surprehendente.

Na extremidade da *via latina* depara-se-nos a porta que conduz ás *geraes*, especie de classes onde se reunem as faculdades de direito e theologia. O resto do edificio é destinado para residencia do reitor, typographia e archivos.

A typographia representa um capital consideravel. Todos os seus productos teem um destino especial. Os estudantes não podem matricular-se sem possuirem de antemão os livros adoptados nas classes que se propõem frequentar. Os quartos do reitor estão collocados de maneira que lhe permittem presenciar os exames das janellas que abrem para todas as aulas, sem ser visto.

O vice-reitor, Castro Freire, apresentou-me uma notavel collecção de moedas antigas, contendo exemplares de epochas remotas, digna de captivar a attenção do mais exigente numismatico.

No pavimento inferior á bibliotheca, descendo a escada de Minerva, encontra-se a prisão academica, destinada aos estudantes presos á ordem do reitor ou de um juiz especial, (conservador) que a lei concedia ao pessoal da Universidade. O regimen constitucional aboliu o privilegio. A prisão converteu-se em arrecadação de livros. Os estudantes que incorrem em penalidade são mandados recolher ao Aljube.

Trinta estudantes, pouco mais ou menos, divagavam nas salas e no jardim. Envolvidos nas suas grandes capas, tendo a cabeça descoberta, passavam diante de nós reunidos em grupos, lendo, discutindo, meditando ou trabalhando, apresentando todos uma expressão intelligente e satisfeita.

Camões foi o mais illustre discipulo da Universidade de Coimbra.

Da bibliotheca passámos a uma sala que contrastava em tudo com o que acabavamos de ver.

Imagine-se um sonho de Goya ou de Gustavo Doré: tecto baixo, decorado de molduras azues extravagantemente pintadas, assemelhando-se na penumbra a animaes fabulosos, enroscados em attitudes aggressivas; retratos de monges lividos como fantasmas, prolongando-se ao longo da sala e como que erguidos das campas para aconselharem a renuncia da vida; no plano inferior, bancos de carvalho adherentes ás paredes, uma vaga claridade esbatida penetrando a furto pelas frinchas da porta, e ter-se-ha uma idéa approximada do que é a *sala dos exames secretos*.

Era alli que antigamente os lentes interrogavam os discipulos, conferindo-lhe ou recusando-lhe os seus alvarás de capacidade.

Segundo se deprehende, a solemnidade da sala influia directamente sobre os candidatos: renunciaram, porém, a essa extravagante formula de exame; a porta carunchosa demonstra evidentemente que a sala não serve ha longos annos senão como objecto de curiosidade, visitado pelos peregrinos.

Estamos emfim em pleno dia! O numero dos estudantes augmentou. Era um batalhão, é agora um regimento.

Penetramos n'um vasto aposento de construcção moderna. Um respeitavel professor occupa a cadeira. A toga encarnada que o reveste accusa a disciplina que lecciona, *direito*. Um rapaz, assentado defronte

d'elle, discute varios artigos intrincados do Codigo. Falla com desembaraço e convicção e é assim que replica aos tres lentes, collocados á esquerda, um dos quaes argumenta com syllogismos essencialmente francezes.

Quero ver tudo: infelizmente o tempo é que não me sobra; temos agora a faculdade canonica e theologica, (toga branca.) D'esta vez interrogador e interrogado parecem de mutuo acôrdo. Escuto alguns instantes, atravesso rapidamente a sala das *mathematicas*, digna de especial apreço, a de *philosophia* e chego á porta do gabinete de *historia natural*. É immenso! Leões empalhados, crocodilos, ichneumons, tartarugas cuja concha poderia servir de escudo a dez homens, garças empoleiradas nas suas compridissimas pernas, mochos destacando entre as cores alegres e vivas das aves dos tropicos. Todos os animaes do globo: amphibios, pern'altas, oviparos, viviparos, coleópteros, todos ali teem os seus representantes.

Desgraçadamente, parece que os empalhadores não estavam á altura da sua missão porque a maioria dos animaes esfarela-se a olhos vistos! Entre outros, indicaremos um grande leão de Atlas pelado como um miseravel gozo.

O laboratorio pharmaceutico nada tem que invejar aos mais completos laboratorios. Retortas, alambiques, fornalhas de alchymista formam uma especie de quadro de magica. A *geologia* occupa tambem um espaço assignalado. Reune exemplares de todas as pedras conhecidas, quartz-hyalinos concrecionados ou simples, anhydros, lapis contemporaneo do diluvio, malachites russas, em resumo, um mosaico variado e multicor, um verdadeiro *bouquet* de flores de pedra.

Que diremos do gabinete de physica, um dos mais notaveis da Europa? No seu recinto agrupam-se todas as curiosidades da sciencia, todos os modernos machinismos: pilhas de Volta, garrafas de Leyde, machinas electricas, etc., etc.

Fizeram-se successivas experiencias por meio dos apparelhos reflectores e dos espelhos convexos, taes como a scentelha produzida pelo attrito da machina, a attracção do iman suspendendo um peso enorme, a emissão da voz humana reproduzida em differentes angulos da sala e com inflexões diversas mediante a compressão do ar. Cada uma d'estas experiencias foram acompanhadas de demonstrações theoricas prestadas com inexcedivel delicadeza.

É triste que em um paiz tão notavel como Portugal e no seio de uma instituição de tão elevados intuitos, os professores não recebam senão uma retribuição deficientissima. Resta-lhes, é verdade, a reforma, ao cabo de trinta annos, mas essa mesma extremamente modesta! A reforma é conhecida sob o nome caracteristico de jubilação.

São verdadeiros apostolos esses homens que votam a mocidade e a vida inteira ao estudo e á vulgarisação da sciencia.

Como facilmente se infere, os estudantes teem os seus habitos de vida perfeitamente organisados e desde o primeiro até ao ultimo associam em commum, orientados pela mesma bandeira.

Em geral demoram-se cinco annos na Universidade.

Activos, buliçosos, interessam-se por todas as questões que se debatem no paiz; pareceu-me que mais de uma batina escondia o petulante *Figaro* ou o *Gaulois*... Os estudantes teem á sua disposição um café e um theatro onde a flor da mocidade imberbe, de fórmas alvas e roliças, traja as saias de Lisette ou maneja o leque de Célimène.

As pinturas do tecto do theatro (antigo collegio de S. Paulo concedido pelo governo), foram feitas pelos estudantes.

São elles tambem que escrevem as peças e que compõem as symphonias de abertura, distribuindo,

consoante as aptidões de cada um, os differentes empregos annexos ao theatro. Os lentes não se oppõem a este genero de divertimento, partilham-o tambem, intercalando assim os estudos com distracções mundanas. Essas distracções desenvolvem consideravelmente o gosto das bellas artes. Um jornal, excellentemente impresso em papel assetinado, faculta as suas paginas ás tentativas litterarias da mocidade academica; completa elle a serie de instituições que denotam o grande valor transcendente d'esta Universidade, quasi sem rival na Europa. Entre muitos artigos publicados na *Revista Academica* li um admiravel estudo doutrinario de Gastão Mesnier, um dos melhores discipulos da Academia, e uma espirituosa novella de Antonio Vianna de Carvalho, que realisava n'esse anno a sua formatura.

É digna de menção a fraternidade que reina entre os estudantes.

Os que estão alem do promontorio dos exames estendem a mão aos que se acham áquem, auxiliam-nos e não faltam nunca, no dia da terrivel prova, a animal-os com a sua presença.

Parte dos rapazese elevados ao grau do professorado eram ainda hontem discipulos. D'essa circumstancia nasce o laço familiar que raras instituições possuem.

O observatorio da Universidade foi construido por iniciativa do marquez de Pombal.

O jardim botanico merece uma analyse muito especial. O director quiz mostrar-m'o em todos os seus variado aspectos minuciosos e confesso que fiquei encantada ao notar a disposição engenhosa da arte alliada á natureza.

Todas as opulencias dos tropicos esmaltam esse jardim encantador. As estufas de Wilhelma desafiam as suas competidoras. Flores de todas as zonas transmittem-lhe o intenso brilho dos seus matizes e aromas. O

eucalyptus bemfazejo entrelaça os seus copados ramos com a palmeira das Antilhas, as magnolias evolam torrentes de perfumes, os pinheiros alastram o saibro das avenidas com as suas pinhas fantasiosas, a agua, agitada pela viração, emperla as folhas rendilhadas da arvore predilecta dos estudantes, a arvore das ferias, o platano que annuncia o tempo do repouso e á sombra do qual se escrevem os primeiros versos ou se suspiram as primeiras melancolias.

Uma ponte, lançada atravez do espaço, desenha os seus angulos no azul do ceo, em quanto que uma palmeira emmoldurando um dos arcos e dominando uma casa branca como a aza de uma gaivota lembra vagamente um aspecto pitoresco da Africa afogado em sol.

Paulo e Virginia encontrariam alli as suas bananeiras gigantescas; o selvagem a *arvore de ferro* cuja madeira serve para o fabrico das suas frechas. Colhi um raminho de oliveira, de um verde tenro e suave, e saudei as avenidas grandiosas, os vastos atrios onde as refracções do sol punham grandes manchas irregulares.

A cidade de Coimbra assemelha-se a um fato de arlequim onde a par dos farrapos grosseiros brilha a purpura recamada de ouro, digna de vestir uma rainha.

As hospedarias são detestaveis. As casas infectas e medonhas elevam-se, ou por outra rastejam ao nivel de monumentos admiraveis e de sitios deliciosos. O contraste é picante,—de longe sobretudo.

Fallemos do Mondego, o rio de margens florentes que mereceu a Camões a denominação de rio das musas. A poesia quer que o Mondego seja um lago. A verdade é que ao precipitar-se no mar o lago é realmente um rio, o que não lhe rouba nenhum dos seus attractivos.

Diz-se que os selvagens do Mississipi deixam-se

muitas vezes vogar durante dias inteiros, desapercebidos do tempo que passa, fitando o ceo, colhendo aqui e alli uma flor e abandonando ao vento o cuidado de guiar a sua embarcação.

Desejaria tambem deslisar por longo tempo indefinido n'esse espelho argenteo listrado de azul, afagando os ramos dos salgueiros e vendo as estrellas accenderem-se á noute e immergirem ao romper da manhã, como perolas caindo no abysmo...

Realisei tres deliciosos passeios em horas desencontradas, desejando contemplar sob todos os aspectos esse lago formosissimo.

Os estudantes offereceram-me um almoço no Choupal, que me deixou indeleveis recordações.

Choupal é uma pequena ilha acantoada entre duas montanhas de areia de ouro e pinheiros gigantescos, uma paizagem de *keepsake*, com um abysmo em miniatura no fundo do qual rumoreja a agua escura e opaca como aço polido. Uma casinha, ou antes um chalet, abre graciosamente para o jardim que se prolonga a perder de vista, florido, balsamico, residencia constante de uma primavera inalteravel.

Embarquei pois de manhã com destino a esse sitio privilegiado. Juntas de bois atravessavam a vau, banhando os focinhos na agua clara e luminosa; mordido pelas faiscações do sol o pello dos animaes, doceis e mansos, irisava-se e os seus chifres pareciam de ouro fulvo. Robustas aldeãs, direitas e desempenadas como todas as mulheres habituadas a carregar grandes fardos á cabeça, de pernas nuas, cobertas em parte com umas calças de baeta escarlate ou azul, arrostavam destemidas a corrente traçando um sulco no crystal limpido.

Era a apothéose da luz e da vida a que emprestava um duplo encanto a celeridade da navegação.

A pouca profundidade do rio dispensa o auxilio dos remos. Substituem-nos varas manejadas por pes-

cadores bronzeados e ageis, que percorrem automatimente o barco de uma á outra extremidade. Por vezes encalhavamos na areia. Então, deixando fluctuar as mãos pelo fundo macio e ondulante sentiamos escorregar entre os dedos pequenas enguias, seixos redondos e polidos como lagrimas crystalisadas e instinctivamente diligenciavamos reter a agua dourada que ondulando fugia para o infinito...

Todos, mais ou menos, tinhamos lido contos de fadas, as nossas narinas dilatavam-se tentando aspirar o aroma dos festins homericos, brotando da terra servidos por uma legião de genios, com um *menu* composto pelo Brillat-Savarin d'esses tempos lendarios.

Chegando ao Choupal a primeira cousa que se nos deparou foi uma meza scintillante de crystaes cheios de vinhos generosos, facetados e lampejantes de cores vivas como uma dissolução de pedras preciosas, erguida alli, como por encanto, em pedestal de verduras recamadas de flores exuberantes de matizes e perfumes, circumdada de um tapete de areia zebrado de filetes de prata!

Enormes ramalhetes de hortensias entretecidos em coroas suspensas das agulhas dos pinheiros, joias fornecidas pela opulenta natureza, despertaram-nos o instincto da *coquetterie*: não tardou que as arrojassem sobre as nossas cabeças, enchendo-nos os cabellos, as algibeiras e o fato de petalas desfolhadas.

Uma alegria cordial e franca animava todos os convivas. Os passarinhos volteavam em torno da meza cantando, debicando e ousando mesmo participar das migalhas do festim. Um enorme cão, gravemente assentado, erguia para mim uns olhos brilhantes e humidos de ternura e reconhecimento pelas iguarias que eu lhe offerecia.

A natureza recebia-nos munificentemente afagando-nos os ouvidos e rejubilando-nos os olhos com a sua musica divina e com as suas tintas gloriosas.

No regresso do passeio as aguas obscurecidas espelhavam o ceo brumoso, destacando nos longes afogueados pelos reflexos do poente, luzes accendiam-se nas margens, bustos de mulheres de pescadores desenhavam-se no caes branco como alabastro.

Um rapaz e uma rapariga, dois namorados talvez, curvados para a agua contemplavam-n'a attentamente. A rapariga, córando, fitava os seus grandes olhos azues no espelho fiel, em quanto o seu companheiro lhe dizia estas palavras que por acaso ouvi: «Vês a madona do lago?»

Realisei mais dois passeios de tarde.

Contraste perfeito com o espectaculo do dia: o repouso era tão profundo que sulcando o rio receei que o ruido do barco perturbasse o concerto silencioso cuja harmonia penetrava o mais intimo do meu ser. Encaminhei-me á «Lapa do Poeta.»

A Lapa do Poeta é uma casa pendurada de um outeiro que domina o rio, não deixando ver por entre o cortinado da folhagem senão o telhado e as janellas que abrem, como olhos curiosos, para o mais bello panorama do mundo.

De que circumstancia provém o nome significativo inseparavel d'essa casinha privilegiada? Ignoro-o, mas não ha sitio que melhor favoreça os devaneios da meditação e as melancolias dos idyllios.

Alêas sombrias affestoadas de rosas que se enroscam aos troncos das oliveiras; pedregulhos enormes formando como que um banco vestido de hera que no inverno, quando o rio cresce, apparece, não raro, coberto de flores de espuma; pedras chumbadas ás paredes, eternisando versos melancolicos, quasi todos assignados por poetas que dormem ha muito á sombra dos cyprestes.

É preciso ter visitado esse logar para comprehender que não ha ninguem que o veja e não deseje tornar a vel-o, ambicionando o goso ideal de scismar

vagamente n'essas margens encantadas, thuribulo que evola como uma fragrancia divina o *infinito na eternidade*.

A quinta das Lagrimas é a homenagem consagrada pela tradição á formosa e desventurada Ignez de Castro, cujo tumulo existe em Alcobaça, a 85 kilometros de Coimbra.

Á sombra dos cedros centenarios murmura um regato, (as lagrimas de Ignez, conforme affirma a legenda) que serpentiando vae lavar um bloco avermelhado, gotejando ainda o sangue da martyr, segundo reza a tradição. Em toda esta região portugueza que Deus fecundou como á sua esposa bem amada, as flores desatam-se em prodigios de vegetação, o ceo contorna o seu zimborio infinitamente puro e azul; tudo são harmonias, scintillações, florescencias e a quinta das Lagrimas é sobre todas privilegiada. Uma lapide perpetua alli a admiravel estancia de Camões, inspirada por esses poeticos e mallogrados amores. (*)

(*) Camões, depois de ter consagrado muitas estancias á narração do célebre crime, perpetrado a 7 de janeiro de 1335, crime que lançou uma sombra no reinado de Affonso IV, termina assim:

Canto III, estancia CXXXIII. «O soleil, tu aurais bien pu, à ce sepectacle, reculer d'épouvante, comme à celui de cet horrible festin où Thyeste mangea ses fils, préparés par la main d'Atrée. Et vous, ô profondes vallées, qui avez pu recueillir les derniers mots de sa bouche inanimée, vous, qui lui avez entendu prononcer le nom de son Pedro, vos échos l'ont répété pendant long-temps.»

CXXXIV. «Comme la fleur des champs, candide et pure, qui, coupée avant le temps et maltraitée par les mains lascives de la jeune fille qui l'a placée dans ses cheveux, a perdu tout son parfum, tout son éclat, telle est Ignez, pâle, inanimée. Les roses de son front se sont séchées, et avec sa douce vie elle a perdu ses blanches et vives couleurs.»

CXXXV. «Les nymphes de Mondego se souvinrent long temps, les yeux en pleurs, de cette mort; et pour que la memoire s'en gardât éternellement, elles transformèrent en une fontaine pure les larmes qu'elles versèrent. Elles lui donnèrent un nom qui subsiste encore; elle

Uma rola mansa, perdida sem duvida das suas companheiras, largando a voar de uma mouta de rosas veio arrulhar nos aos pés. É inutil acrescentar que a aprisionámos, como uma recordação viva e poetica que nunca mais nos deixou.

O convento de Santa Clara conserva a sua physionomia original e caracteristica.

Coube-me a boa sorte de visital-o a 3 de julho, dia da festa annual da rainha santa Izabel, cujos restos mortaes alli repousam.

Quando digo «visitar» amplifico.

Parte do edificio é habitado por cinco ou seis freiras, fieis á perpetuidade dos seus votos, mas que não deixam substitutas quando partem d'esta para melhor vida.

Eis o que pude descortinar d'essa clausura solitaria e austera, tão curiosa e interessante.

Depois de penetrar na egreja fizeram-me subir setenta ou oitenta degráos. Achei-me em seguida em uma capella gradeada de alto a baixo e avistei, curvando-me, uma especie de grande sala ornada de quadros, segundo parece magnificos, e de numerosos bancos que rodeiam o relicario de prata da santa, objecto das adorações do paiz inteiro.

Só ao rei cabe a primazia de entrar no côro.

Particularidade curiosa! Uma cadeia de ferro pende da porta do convento. Em epochas remotas o criminoso que conseguisse tocar-lhe, no acto de fugir, era perdoado. Hoje jaz abandonada, escondida pela herva e abrigando entre as argolas enferrujadas uma tribu de aranhas, gryllos e gafanhotos.

---

rappelle les amours de Ignez dont ses rives avaient été temoins. Voyez quelle claire fontaine arrose les fleurs! son nom ce sont des amours, son eau des larmes.»

O general inglez, N. Trant, mandou gravar esta ultima estancia em uma grande pedra collocada por iniciativa sua perto da fonte.

As festas religiosas reflectem sempre as tendencias peculiares aos paizes onde se celebram. A procissão de Santa Izabel resuscita, durante uma hora, as velhas tradições e conduz-nos mentalmente á existencia retrospectiva, de que nos separam longos seculos.

Toda a população acotovela-se na azinhaga estreita, orlada de sebes floridas, que conduz ao convento.

Raparigas de pelle queimada pelo sol e olhos negros como estrellas de azeviche assomam á porta das choças de um aspecto sordido. Velhos de camisa alva como a neve cruzam com rapazes de gravata encarnada a apertar-lhes o pescoço robusto, e mendigos passando atravez dos grupos enchem abundantemente os alforges de moedas de cinco réis.

Ao longe as tochas brilham, resoa o som estridulo do pifaro, a procissão caminha, serpente ondulante, por entre a multidão curiosa. O sol irradia, como uma grande custodia rubra, no ceo polido e sereno.

Chega a Universidade precedida pelos guardas e alabardeiros de fardas azues e encarnadas, agaloadas, e chapeo de tres bicos, preto, marchando atraz da musica assobiada pela nota aguda dos figles.

Os professores, trajando magnificas togas cuja côr indica as diversas faculdades, seguem gravemente, rodeiados de estudantes de cabeça descoberta, embrulhados nas suas amplas capas, meditando e observando.

A procissão chega á egreja. Os sinos repicam festivamente, sabendo no entanto velar os sons que se insinuam na alma sem arranharem o tympano, enlaçando-se, como um ecco celeste, ás melodias do orgão.

Os lentes tomam os seus logares deante do altar mór; a egreja enche-se de povo; cada santo tem os seus devotos e muitas vezes os devotos de padroeiros differentes mutuam amenidades que se chegassem aos

ouvidos dos santinhos, suscitar-lhes-iam um conceito desfavoravel ácerca da phraseologia terrestre...

Os quadros, esculpidos em relevo, brilham na penumbra da nave, o incenso confunde os seus aromas com os dos ramalhetes sylvestres amontoados diante da fundadora do convento; a orchestra, composta de instrumentos de vento e de cordas, orgão e vozes, preludía.

Primeiramente, pergunta a gente a si mesma qual a razão porque essa orchestra, profuga de algum theatro de provincia, vem lançar a sua nota discordante na grande melodia sonora que parece descer do ceo. Um afina o violino, outro arranca algumas escalas preliminares a uma flauta constipada, um terceiro, no acto de trepar ao estrado, derruba a estante que se desconjuncta, arrastando a do visinho e espalhando as paginas da musica que fluctuam no ar como pombas espavoridas. Silencio! O ruido cessa: um cantico eleva-se, uma melopêa extatica, rythmo de uma estranha melodia suave e originalissima e corre como um fio de ouro bordando arabescos caprichosos, cambiantes, imprevistos, em que os tons maiores e menores succedem-se fundindo-se, como um sorriso emperlado de lagrimas, produzindo-me impressões verdadeiramente indefiniveis! Fecho os olhos. O culto feudal, a idade media com o seu cortejo de santos presididos pela Virgem, apparece evocada pela minha fantasia. Afigura-se-me que penetrei n'um paiz ignorado e luminoso e comprehendo a influencia que Mahomet exercia sobre os seus sectarios. No seu paraizo não vibrou nunca uma harmonia mais idealmente fascinadora.

Quando saimos da egreja o sol fugia dardejando as suas ultimas flechas de ouro no alto campanario de telhas reluzentes como escamas de reptil adormecido. A solemnidade durára tres horas, tantas quantas levei a sonhar.

O patriarcha prohibiu o canto das mulheres: nem

mesmo Santa Cecilia seria exceptuada e teria de resignar-se a lições de acompanhamento.

Foi pois extraordinaria a minha surpreza ao ouvir uma voz extensa e argentina elevar-se a espaços e dominar os córos. Lembrei-me da interdicção do patriarcha e julguei-a transgredida.

Enganara-me: o possuidor d'esse orgão vocal, melodioso e puro, não era nem soprano nem tenor da capella Sextina. Era um honesto portuguez, pae de tres filhos, um dos quaes, segundo parece, aspira á prerogativa de baixo profundo.

Os homens ou as mulheres que renunciam ás cousas terrestres dedicam-se em geral apaixonadamente ás affeições que lhe são permittidas.

A imagem de santa Izabel, coberta de flores e de fitas, é conduzida todos os annos da capella do convento para a cathedral, onde se demora quinze dias. Não se imagina a angustia que punge as boas monjas! Todo o tempo que a santa está ausente do seu relicario passam-n'o ellas na oração e nas lagrimas. Quando regressa a casa, o seu jubilo só póde ser comparado á dôr que experimentaram no momento da separação.

É commovente este sentimento ingenuo e enthusiasto e a quem quer que o repute exclusivo dos pobres de espirito responderei: *Beati pauperes spiriti.*

Toda a medalha tem reverso. Coimbra desfructa sitios deliciosos, possue uma Univêrsidade que merece occupar um logar assignalado entre as capitaes da Europa; lastimo, porém, os estomagos difficeis que ahi se aventurem. Só um asceta reduzido á mais completa abstinencia poderá elogiar Coimbra sem acrescentar o mas... Não ha nada peior do que as hospedarias!

O *hotel Mondego* que aloja, segundo reza a fama, as testas coroadas e as excellencias que passam por Coimbra, é simplesmente insupportavel! Nem mesmo um

modesto caldo é possivel ahi obter-se! Um rapaz, conhecido pelo nome significativo de *José Macaco*, de uma feialdade socratica, accumula simultaneamente as funcções de criado de quarto, gerente, despenseiro e porteiro. Não tive a honra de agradar ao Cérbero, resultando d'ahi que nunca fui tão mal servida nem tão barbaramente envenenada.

Castelar occupara o mesmo quarto onde eu residia; foi do alto d'aquella janella que descobre a collina arborisada e o lago vaporoso que elle dirigiu a palavra aos estudantes deslumbrados, fanatisados pelo Demosthenes hespanhol.

Mas, ai de nós! O homem não vive unicamente de recordações e bem que esta seja uma das mais poeticas não conseguiu oblitterar o rancor gastronomico que fiquei votando ao *hotel Mondego*, aos seus proprietarios e a José Macaco.

Antes de me ausentar de Coimbra dedicarei uma lembrança á avenida dos suspiros, sombreada de oliveiras argenteas e de aloes colossais que inclinam os grandes ramos folhudos sobre moutas de rosas e flores sylvestres, semeadas pelo vento e fertilisadas pela terra, a vigorosa e boa mãe adorada pelo sol.

Quando nos encostamos a algum tronco centenario ou a alguma sebe recortada de pequenas frestas naturaes vemos desenrolar-se o vasto e accidentado panorama do valle e das montanhas. Estas gravam no céu azul o perfil ondulante e altivo. Grandes nuvens envolvem o horisonte afigurando-se-nos braços de gigante amparando as serras. Casas disseminadas, como que perdidas n'um oceano de verdura, parecem folhas de um livro arrebatadas pelo vento. Não se descobre nem um regato em que as estrellas possam mirar-se, nem uma cabra pendurada dos rochedos, nem um canto longiquo... É a vida, sem duvida, mas a vida no estado latente, ou antes é o infinito que o homem respeita e cuja magestade silenciosa não ousa perturbar.

Um pobre diabo estava ali, com as pernas pendentes para o abysmo, com os olhos fitos no céu.

Passámos junto d'elle sem que elle nos visse e sem que fizesse o menor gesto. Parecia de pedra e como unico ente vivo no seio d'essa profunda solidão realçava-lhe ainda o encanto mysterioso e calmo.

CARTA VIGESIMA SEGUNDA

SUMMARIO

A industria e o commercio em Portugal—As importações—As colonias—A concessão Paiva de Andrada em Moçambique—A maioria dos pares no pelourinho—As alfandegas—Exposição universal de 1878—As notas do Banco de Portugal—O orçamento—Caminhos de ferro—Telegraphos—Correios.

Na idade media a industria de Portugal nivelava-se pela da Hespanha. A actividade fabril do paiz circumscrevia-se quasi exclusivamente a Lisboa, onde o rei Diniz e o seu successor, Affonso IV, tinham desenvolvido por todas as maneiras a tecelagem do linho, da lã e da seda. Mas, a partir do seculo XVI, e durante o predominio hespanhol, a industria portugueza retrogradou e entrando n'um periodo de decadencia declinou ainda mais do que a agricultura. A Inglaterra, a Hollanda, a Hespanha e a Italia partilhavam então o abastecimento de todos os productos exigidos pelo consummo da metrópoli e das colonias. Genova, em particular, monopolisou, a partir de 1644, o commercio das sedas, em seguida á prohibição do assucar e tabaco brazileiros nos portos de França, que determinou a dos artigos francezes em Portugal. Entretanto, reinando D. Pedro, terceiro rei da dynastia bragantina, e graças á vigorosa

iniciativa do ministro Ericeira, a industria nacional e especialmente o fabrico das lãs readquiriu novo incremento. Convencido o ministro de que um paiz que produz póde manufacturar mandou vir tecelões de Inglaterra e fundou as fabricas da Covilhã e Portalegre. O resultado foi tão satisfactorio, que reputando-se os productos nacionaes sufficientes para abastecerem o paiz prohibiu-se em 1664 a importação dos pannos estrangeiros.

A Inglaterra não recebeu de boa sombra esta decisão que lhe prejudicava a avultada extracção dos seus pannos. Aproveitando uma occasião favoravel, o ministro inglez em Lisboa, Methuen, alcançou realisar em 1703 o famoso tractado mediante o qual o governo consentiu em deixar entrar as lãs inglezas, pagando os anteriores direitos de 23 por cento e obrigando-se a Inglaterra a importar os vinhos portuguezes com a diminuição de um terço dos direitos pagos pelos outros paizes.

São evidentes as tristes consequencias d'este tractado para Portugal, embora lhe exagerassem o alcance.

Lesou elle uma industria nascente em virtude da incompetencia do paiz, devorado pelos vicios e desequilibrios do seu organismo e impossibilitado por esse facto de lutar em condições vantajosas.

Ora, sempre que uma nação rica, activa e intelligente supplanta uma população indolente mediante a concorrencia de uma industria importante, não lhe é difficil apossar-se da mesma fórma de outras industrias annexas.

A tecelagem desenvolve-se lentamente, mas não deixa de desenvolver-se; entretanto, está ainda longe de satisfazer ás necessidades do consummo indigena.

Os tecidos de linho, panno de diversas qualidades, toalhas, velas de navio, riscados, etc., permanecem ainda sob a iniciativa dos pequenos industriaes.

Em Santarem (*) funcciona uma grande fiação que emprega para cima de duzentos e cincoenta operarios, sendo metade do sexo feminino, tendo os seus productos obtido distincções em todas as exposições.

Guimarães fabrica pannos e cambraias cujas amostras foram notadas em Paris. Em 1876 a exportação dos linhos, avaliada em 14:130$000 de materia prima, rendeu a somma de 20:394$000, tendo sido a importação equivalente a 893:502$000.

As rendas portuguezas são apreciadas e merecem-n'o por muitos titulos. Essa industria pertence exclusivamente ás mulheres de Vianna, Villa do Conde, Setubal, Lagos, Horta, Fayal, (Açores) e Peniche, especie de ilha situada ao norte do Tejo. A retribuição d'esse trabalho é diminuitissima. São verdadeiramente interessantes os esclarecimentos concernentes ás rendas de Peniche, publicados no catalogo especial da exposição portugueza em Paris. Vê-se ahi que ensinam ás creanças o fabrico da renda em oito escholas, onde são admittidas desde a idade dos quatro annos e onde aprendem alem do mais leitura e doutrina. É assim que adquirem de muito pequenas uma tal destreza de mãos que chegam a manejar cincoenta duzias de bilros, distraindo ao mesmo tempo a attenção para outras cousas. As rendas de Peniche imitam a *guipure* e *chantilly*; os debuxos são feitos pelas mulheres, que ignoram totalmente os mais elementares preceitos do desenho. A manufactura faz-se mediante o auxilio de emprezas: os emprezarios, homens e mulheres, são conhecidos sob a designação de *rendeiros*; são elles que adiantam dinheiro, vestuario, comestiveis, etc. e que naturalmente recolhem a melhor parte dos lucros.

Sóbe á quantia de 19:980$000 a producção annual

(*) Não é positivamente em Santarem, mas sim no districto d'esta cidade.

das rendas de Peniche. As rendas de Setubal são igualmente apreciadas.

Os tecidos de algodão assumem uma importancia progressiva, multiplicando-se o numero das fiações nos districtos de Lisboa e Porto. Favorece esta industria o largo consummo das possessões coloniaes da Africa.

A producção da cortiça, fornecida em grande parte pelas provincias do sul, desenvolve-se tambem extraordinariamente. Segundo se lê em um relatorio consular a exportação annual attinge a somma de muitos milhões de francos. As cortiças portuguezas são inferiores ás nossas em qualidade mas superiores ás da Italia. Só a capital da Inglaterra consomme por dia mais de dez mil libras das primeiras; o resto vae para França, para a America e para os paizes do norte da Europa.

Uma das mais importantes industrias em Portugal é a da pesca que emprega a população maritima. As especies de peixes que abundam mais são a sardinha, o atum e a pescada. É sabido quanto são piscosas as aguas que banham Portugal. Não se encontram ahi menos de 127 especies de peixes. Uma população de mais de 30:000 pescadores, possuindo 4:000 barcos, exerce esta industria que em 1876 exportou em peixe um valor approximado a 320:940$000.

Os cereaes e o armentio são as riquezas exteriores, assim como as minas constituem a riqueza interior. Com respeito a estas Portugal possue — pelo menos tal é a crença dos seus habitantes—thesouros de cuja exploração redundariam para o seu futuro economico vantagens incalculaveis. O regimen a que está submettida a exploração das minas começou a vigorar no fim do anno de 1852. Anteriormente a esta epoca reputavam-se as minas propriedade do Estado. Abolido o monopolio foram obrigados os exploradores a pagar ao thesouro o fôro annual de 5 % do producto liquido.

As typographias e livrarias rivalisam, tanto nos trabalhos vulgares como nas edições de luxo, com o que as industrias similares podem produzir de mais completo em outros paizes. Grande numero de obras enviadas á Exposição attrahiram todas as attenções. Constituiam uma selecção valiosa, digna da especial analyse dos bibliomanos e bibliographos. A imprensa nacional de Lisbaa occupava ahi um logar digno do seu passado.

Na classe das artes liberaes a photographia figurava na primeira plana, revelando verdadeiras aptidões artisticas. Esta industria caminha na vanguarda dos successivos progressos provenientes da evolução scientifica.

Mencionámos já os aperfeiçoamentos que assignalam a gravura, especialmente a dos mappas geographicos. N'este ponto póde dizer-se que Portugal entrou n'um periodo florescente.

A par das industrias mais antigas conta-se a da fabricação do papel, que emprega cerca de dois mil operarios e produz annualmente perto de dois milhões de kilogrammas de varias qualidades. Entretanto, para fazer face ao consummo é preciso importar annualmente uma media de 530:000 kilogrammas, no valor approximado de 216:000$000.

A mobilia não occupava na Exposição senão um pequeno espaço muito restricto. Notava-se entretanto um bello movel antigo de ebano incrustado de marfim, proveniente da casa Coutinho, de Lisboa, e um magnifico bufete da casa Oliveira Silva & C.ª, do Porto.

A ceramica attingiu n'estes ultimos annos um grande desenvolvimento á medida que vai melhorando os processos da manufactura. Fabrica-se louça e faianças em todos os pontos do paiz; a mais afamada é a louça preta de Moléllos; as porcellanas mais estimadas são as da Vista-Alegre, no districto de Aveiro,

onde se acha estabelecida desde 1826 a importante fabrica do sr. Domingos Ferreira Pinto Basto, que emprega um pessoal de duzentos operarios. São dignos de menção os productos d'esta fabrica, entre os quaes se incluem objectos de arte e decorativos, notaveis pela finura do desenho e vivacidade do colorido.

A manufactura dos crystaes póde collocar-se ao nivel da ceramica; bastará citar a grande fabrica da Marinha Grande, no districto de Leiria, que occupa oitocentos operarios e cuja fundação conta mais de um seculo. Figurou vantajosamente em Paris, expondo uma variedade de artefactos entre os quaes sobresaiam verdadeiros primores artisticos.

A joalheria e ourivesaria absorve um numeroso pessoal; alguns dos seus productos brilham pela originalidade. Os mais notaveis são os trabalhos em filigrana.

Portugal conta um numero consideravel de marinhas de sal. A exportação do sal sobe a 546 milhões de kilogrammas por anno. Portugal não é menos fecundo em marmores e granito; produz tambem em larga escala a ardósia, encontrando-se por vezes pedras de um tamanho colossal. É igualmente fertil em argilla, que suppre a todas as exigencias do fabrico nacional.

Quanto ás aguas mineraes são numerosas e servem para diversas applicações therapeuticas. Nomeiam-se 108 nascentes, quasi todas ferruginosas, onde concorrem muitos doentes.

No ponto de vista do futuro economico de Portugal, a exploração de todas as riquezas que encerra o seu torrão vulcanico assume uma grande importancia; sendo dignos de especial louvor os esforços do governo tendentes a favorecer-lhe o desenvolvimento.

Realisam-se actualmente novas explorações agricolas empregando as charruas a vapor. (*)

Actualmente a principal fonte de receita de Portugal provém das Alfandegas, especialmente das de Lisboa e Porto. São ellas que fornecem o capital necessario para fazer face ás despezas. Poucos generos entram no paiz sem pagar direitos; grande parte d'elles estão submettidos a taxas enormes. Não é facil introduzir uma caixa, uma mala, um embrulho pequeno ou mesmo um canario empalhado sem que o voltem, examinem, farejem e esquadrinhem por todos os modos e feitios.

A Alfandega de Lisboa é o monumento mais consideravel e considerado entre todos os da cidade; povoam-n'a uma multidão de guardas fardados que se nos afiguram á primeira vista officiaes de marinha; ha guardas de todas as idades e graduações. Um dos gerentes occupa uma gaiola de vidro, (de que ignoro a utilidade) no centro da qual abriga a sua dignidade. Como é bem de crer exhibe maior numero de galões doirados do que os outros.

O interesse que naturalmente me inspira este funccionario induz-me a pedir-lhe que empregue a influencia que deve exercer na sua administração para supprimir a gaiola em que o encerraram; a gaiola tem o inconveniente de o fazer parecer um macaco de conserva, collocado ao abrigo das variantes da temperatura.

É extraordinario o movimento da Alfandega de Lisboa, o que não admira em vista da consideravel exportação e importação do seu porto de mar.

(*) Ultimamente o sr. Braamcamp Freire, sobrinho do presidente do conselho, dirigiu-se á imprensa e demonstrou, mediante a logica dos algarismos, que o trigo para a cultura do qual elle emprega as novas machinas poderia vender-se a razão de 180 reis o alqueire, sendo o seu preço habitual 540 e mais!

Lisboa poderia ser uma das cidades mais florescentes da Europa se disposesse e gosasse dos seus rendimentos que são sufficientes. Mas não acontece assim; o governo absorve-os, apropria-se d'elles e não lhe dá annualmente senão uma parcella tão restricta que chega apenas para mandar varrer as ruas principaes e pagar aos calceteiros. Os deputados nomeados pela cidade para advogarem os seus interesses acham o facto naturalissimo, e por caso algum incommodariam a sua rhetorica de reformadores hypotheticos. Assim se nos explica porque é que o governo empenha geralmente todos os esforços para obter entre os deputados de Lisboa e Porto um grupo de amigos dedicados.

Voltando de novo ás colonias. Disse, não sei aonde, que Portugal poderia auferir das colonias consideraveis beneficios. Demonstra-o o passado. O paiz desfructou então um periodo de vitalidade, conforme justamente se ufana; hoje morre aniquilado. Consome-o um cancro gangrenoso que o esphacela lentamente e acabará talvez um dia por devoral-o se lhe não acudirem a tempo. Antigamente as colonias portuguezas enriqueciam a metrópole: actualmente é pelo contrario o paiz que se vê obrigado a sustentar as colonias; e como os cabedaes não chegam para se alimentar a si proprio o resultado é jejuarem ambos. E que jejum!...

Desde que o Brazil, que era a melhor joia da corôa, ficou sendo imperio independente, que resta a Portugal de productivo? As suas possessões da costa d'Africa que se parecem com os palacios do rei de Italia pela proveniencia dos lucros e que o forçam a manter um pessoal de marinha que os productos das colonias estão longe de pagar: as colonias da Asia, da India e China destituidas de valor e que não servem senão para marcar o logar da bandeira.

Diz-se e repete-se que n'estes ultimos cincoenta an-

nos Portugal deu um passo immenso no caminho da civilisação; que anterior a 1830 este canto da Europa era tão desconhecido e selvagem como a Patagonia; que as idéas modernas conseguiram afinal, depois de bastantes lutas e difficuldades, obterem ahi as suas cartas de naturalisação e que se Portugal não é dos paizes que marcham na vanguarda do progresso, é de certo aquelle que usufrue mais ampla liberdade, invejada pelas nações que debalde a ambicionam.

Tudo isto é verdadeiro no conjuncto; mas melhor seria se se aproveitassem não só as excellentes disposições do povo, como a experiencia proveniente do exemplo de outros paizes.

Portugal poderia estar muito mais adiantado; todavia é preciso convir que a partir de 1852 é consideravel a distancia percorrida, o que significa um verdadeiro triumpho especialmente para o sr. Fontes.

Por entre a severidade exigente, que é o caracteristico da boa amisade, cumpre não esquecer que ha pouco menos de trinta annos Portugal não possuia um caminho de ferro nem uma unica diligencia, que as estradas reaes eram de tal ordem que os viajantes recuavam aterrados, receiando despenhar-se em precipicios medonhos e que os atalhos só eram accessiveis aos animaes. O paiz poderia, repito, ter feito mais, mas o que fez é muito e é exactamente no subido conceito que elle me merece que fundamento as minhas exigencias.

São 421 as industrias mencionadas no recenseamento, segundo a affirmativa do barão de Wildick.

Desgraçadamente, grande numero d'ellas param nas mãos dos estrangeiros. Fiações de lãs e de algodão, minas, typographias, construcções mechanicas, fundições, saboarias, fabricas de vidros, de pannos, de vinhos, pertencem ou estão sob a jurisdicção de estrangeiros. Alem d'isso lutam com uma importação enorme, em presença da qual não raro succumbem.

Resumamos.

A Inglaterra manda para Portugal objectos de luxo, navios de guerra que não lhe servem para nada, (sem contar que hostilisa a navegação portugueza a ponto de quasi a reduzir a zero;) inunda o paiz de lãs, de algodões, de ferro, de carvão de pedra; explora as suas minas de cobre no Alemtejo, arranca-lhes o mineral, leva-o para casa e devolve-o depois em barras para a cunhagem da moeda de cobre; alem d'isso as libras sterlinas e meias libras correm em todo o reino como moeda nacional. Ainda mais, consomme-lhe grande parte do gado e da colheita das batatas. E por ultimo, a divida de Portugal, cujos juros absorvem annualmente metade do orçamento, está em poder dos inglezes.

Por occasião da minha visita á Casa da Moeda de Lisboa, reparei em tres grandes toneis de proveniencia estrangeira que vi no pateo; perguntei o que continham. Responderam-me que era colla ingleza para os sellos... De maneira que Portugal é tributario da Inglaterra até na colla!... Como este ha mil exemplos.

A França importa para Portugal lãs de fantasia, pannos de algodão, grande porção de sedas, licores, bebidas alcoolicas, vinhos generosos, uma espantosa quantidade de modas, modistas, chapéos, frandulagens, joias, em geral mais bonitas do que as nacionaes e incomparavelmente mais baratas; livros de sciencia, nuvens de romances, machinas de imprimir, perfumarias, cabellos postiços, cabelleireiros e luveiros.

A Allemanha importa vidros, drogas, tintas, chitas, brinquedos para crianças e os canhões Krupp que, segundo parece, são os brinquedos dos homens.

Os Estados-Unidos importam trigo, visto que o trigo nacional não basta para sustentar metade da população, petroleo, tabaco e madeira para construcções.

A Russia importa trigo, madeira, potassa, licores e couros.

A Hollanda inunda Portugal de genebra e queijos.

A Suissa importa relogios e objectos de madeira esculpida.

A Hespanha, muito mais esperta, não importa como os outros paizes; evita os direitos da alfandega preferindo-lhes um contrabando activo, mercê do qual introduz chocolate, tabaco e lãs.

Marrocos importa bois para o matadouro.

O Brazil importa assucar, café, pelles, lãs cruas e muitos brazileiros medonhos e usurarios.

Em compensação chama a si a maioria da mocidade portugueza, attraida pela ambição de ganhar dinheiro e largamente devastada pela febre amarella. (*)

Ha cerca de cincoenta annos o Brazil era tributario de Portugal; hoje succede exactamente o contrario.

A China importa chás, sedas adamascadas, leques, porcellanas, etc.

A Italia importa pasteis e pasteleiros mediocres, cantores e cantoras ordinariamente mais industriosas do que artistas.

O principado de Monaco importa roletas e jogadores, não sendo estes os productos menos florescentes.

Portugal poderia, de novo o repito, ampliar muito mais a sua esphera industrial se soubesse ou quizesse utilisar as colonias; possue-as admiraveis; mas esbanja-as como patrimonio de filho prodigo. Não é necessario investigar a fundo o passado para adquirir a prova.

Não houve ninguem, politicos e não politicos, que não ficasse verdadeiramente assombrado perante a concessão dos cem mil hectares de terreno obtida pelo sr. Paiva de Andrada. O caso não era para menos. O facto parecia simultaneamente inopportuno e absurdo.

(*) Não se percebe o motivo de similhante preferencia, quando era muito mais natural que escolhessem a Africa ou as colonias portuguezas, onde encontrariam as mesmas vantagens, quasi sem nenhum dos inconvenientes climatericos.

Eis aqui, pouco mais ou menos, como as cousas se passaram. Portugal possue na costa oriental da Africa um immenso territorio, Moçambique, que custa muito dinheiro e não rende nada, mas emfim cuja posse integral se acha garantida pela Carta.

O sr. Fontes, presidente de conselho, incapaz pela elevação do seu caracter de prever ou suspeitar certas consequencias, fez uma importante concessão d'esses terrenos ao capitão Paiva de Andrada, joven militar addido á legação de Paris,—uma legação onde geralmente se occupam muito de negocios, ou pelo menos onde o nome d'elle figura periodicamente á testa de todas as emprezas exploradoras. O sr. Fontes, dotado de extrema benevolencia e de animo impressionavel e enthusiasta, tomou-se de sympathia pelo encantador official, que não conhecia antes da sua primeira viagem a Paris, e escreveu para Lisboa solicitando do ministro da guerra licença para o conservar junto de si na qualidade de ajudante de ordens, durante a sua residencia na Europa. Foi com esse titulo que o apresentou ás diversas côrtes que visitou por essa occasião, e foi durante essa viagem que Paiva de Andrada obteve do eminente estadista a promessa da desejada concessão.

Apenas o ministerio Fontes subiu de novo ao poder, o capitão Andrada invocou em seu auxilio a promessa feita e alcançou a doação dos terrenos. Partiu em seguida para Inglaterra com o intuito de vendel-os aos inglezes mediante uma somma consideravel. A noticia agitou profundamente Portugal; houve uma especie de sublevação; a indignação subiu de ponto accusando o escandalo e antevendo já os inglezes no acto de se apropriarem de parte das colonias. (*)

(*) A bonança succedeu de prompto á tempestade. O novo ministerio não poude annullar as concessões que tinham sido feitas dentro dos li-

O ministro que procedera sem reflexão e não quizera depois faltar á sua palavra foi alvo das maiores injurias. O proprio rei, a quem não cabia a menor responsabilidade, viu-se objecto das mais violentas accusações. O sr. Fontes, obstinando-se em manter os seus compromissos, appellou para o beneplacito das côrtes sem o qual a concessão não teria a menor validade. Na camara dos deputados levantou-se uma pequena discussão convencional que não tardou a ceder o passo a assumptos de maior ponderação... A camara dos pares, da parte da qual se esperava uma opposição séria, dominada pela superior influencia do Bismark portuguez e não querendo reprovar uma decisão sanccionada por elle, embora a condemnasse no seu fôro intimo, approvou.

Alguns jornaes tomando o negocio a peito registraram os nomes dos pares que votaram affirmativamente, expondo-os á execração publica. É preciso convir que se houve imprudencia de um lado, houve tambem do outro extraordidaria exageração.

Transcrevo, como amostra, um artigo do *Pimpão*, que reflectia precisamente a opinião publica n'aquelle momento:

.....

«Suffocaram na camara hereditaria a importante questão da concessão Paiva d'Andrada, mas não suffocam na opinião publica a indignação justissima com que o povo recebe os homens do poder e a vós que lhe estaes servindo de capachos.

Ahi ficam dependurados no pelourinho da vindicta popular esses commerciantes da honra e riqueza da nossa patria: Martens Ferrão, marquez de Monfalim, conde de Avilez, conde de Bomfim, conde de Farrobo, conde de Fonte Nova, conde da Louzã, conde de Paraty, conde de Porto Côvo, conde da Torre, bispo de Bragança, bispo do Porto, visconde de Almeidinha, visconde de Alves de Sá, visconde da Asséca, visconde de

---

mites das leis vigentes. O capitão Andrada partiu para a Zambezia afim de estudar os terrenos e trata de organisar em França uma companhia poderosa para exploral-os.

Bivar, visconde de Monforte, visconde da Praia, visconde da Praia Grande de Macau, visconde de Seabra, visconde da Silva Carvalho, visconde de Soares Franco, D. Affonso de Serpa, Agostinho Ornellas, Mello e Carvalho, D. Antonio José de Mello, Barjona de Freitas, Cau da Costa, general Palmeirim, Silva Torres, Gonçalves Mamede, J. Lourenço da Luz, Camara Leme, Martins Dantas, Ferreira de Novaes, Montufar Barreiros.»

E' para mim ponto de fé que em toda esta questão houve mais fumo do que fogo. O esbelto capitão Andrada não vendeu a concessão zambeziana, o que deve collocal-o n'um dilemma terrivel.

Como Midas o infeliz succumbe sob o peso das suas riquezas. Entrevira elle um bello sonho aureo que o acordar protestou como uma letra invalidada. Diz-se que certa dama, semimundana, ainda que marqueza, suggeriu ao moço official addido a tentação de ir morrer á Zambezia enterrado em milhões... Caluda!... Não sejamos indiscreta!...

Portugal, que não possuiu durante cincoenta annos outro Banco alem do de Lisboa, conta hoje mais de cincoenta bancos.

Fundado em 1821, com o fim especial de acabar com o papel-moeda, o Banco de Lisboa atravessou em 1846 uma crise funesta, que originou a sua dissolução. Das ruinas do Banco de Lisboa e com os elementos sobreviventes nasceu o actual Banco de Portugal.

Este Banco é ainda hoje o primeiro estabelecimento do paiz. Um decreto de 10 de maio de 1876 autorisou-o a emittir notas de 2$000, 5$000, 10$000, 20$000 e 50$000 réis em ouro e de 10$000 e 25$000 em cobre.

Ha em Portugal alguns Bancos de credito agricola, cuja fundação data da lei de 22 de junho de 1867, lei que dimana da de 1866, que permittiu que os estabelecimentos de beneficencia formassem com os seus capitaes Bancos de credito agricola ou industrial, cujos fundos de garantia ou reserva constariam dos valores resultantes do desamortisamento.

Em 31 de dezembro de 1875 contavam-se em todo o reino onze Bancos com estatutos approvados pelo governo, quarenta Bancos commerciaes ou sociedades commerciaes fazendo transacções bancarias e tres Bancos agricolas e industriaes.

O Banco de Portugal não emitte senão notas de duas especies: de 20$000 e 10$000 réis. E' uma anomalia sem precedentes. Se o Banco tiver de fazer um pagamento de 18:000$000 em papel ser-lhe-ha necessario contar 900 notas de 20$000 réis, uma verdadeira carga de mula!

As notas de 20$000 réis são pagas em oiro pelo Banco; mas salvo uma pequena emissão, muito recente, as notas de 10$000 pagam-se em cobre, *todas* em cobre, note-se bem.

Ora 10$000 réis em cobre portuguez constituem a carregação de um transatlantico da força de 1:200 cavallos. Avalie-se por isto a facilidade das transacções monetarias, reputadas excellentes pelo Banco de Portugal que ainda até hoje não se dignou alteral-as. Instinctivamente, occorre-nos a proposito Sparta e o governo de Lycurgo.

O estado financeiro de um paiz é o thermometro que indica mathematicamente os graus da sua prosperidade. Todavia illudir-se-hia completamente a pessoa que avaliasse Portugal pelo seu orçamento.

Porque este paiz que se desenvolve de anno para anno, onde ha trinta annos não existiam estradas, nem caminhos de ferro, nem telegraphos, onde a instrucção primaria era letra morta, que tinha uma marinha decadente e um commercio paralisado e onde actualmente todos os ramos da administração funccionam e progridem rapidamente, este pequeno paiz não conseguiu ainda equilibrar a receita com a despeza.

A divida publica, que data de 1796, eleva-se á cifra importantissima de 385.817.817$060 réis; o que equivale a 90$000 réis por cada habitante.

A divida da França, que a ultima guerra avultou consideravelmente, pesa muito menos sobre o paiz.

No orçamento correspondente a 1877-1878 a divida é de 11.376.293$940 réis, muito mais do que o terço do total das despezas. O orçamento das receitas é de 25.402.860$000 réis e o das despezas de réis 28.162.083$780; o *deficit* é pois de 2.759.223$780 réis.

Esta situação implica um perigo permanente.

Portugal, como um paiz recem-nascido, precisava de uma organisação inteiramente nova. Seria esse o unico meio de multiplicar as suas fontes de receita, de ampliar a sua producção, de desenvolver o seu commercio. Para chegar a esse resultado era indispensavel contrair emprestimos e gastar largamente. No periodo que mediou de 1856 a 1876 a divida publica augmentou dez vezes mais. Poder-se-ha formar uma idéa approximada do que urgia fazer sabendo-se que o ministerio das obras publicas dispendeu, desde 1852 até 1876, em trabalhos de toda a especie, mais de 540 milhões. As receitas do Estado, como consequencia natural, duplicaram, visto que as despezas effectuadas foram na maior parte despezas productivas. Pode-se prever a epocha, não muito distante, em que receitas e despezas se equilibrarão e aquella em que desapparecendo o *deficit* as receitas consigam exceder as despezas. N'esse dia Portugal começará então a amortisar gradualmente a divida contraida.

O seu credito tem melhorado consideravelmente á medida que se evidenceiam as prosperidades do paiz. Depois de atravessar os annos difficeis de uma gestação laboriosa gosa actualmente os beneficios da paz, graças á qual se desenvolvem os seus recursos.

E' uma nação que se levanta, que ha de engrandecer-se e que triumpha corajosamente dos obstaculos inherentes á sua reorganisação.

Portugal poude já em 1875 renunciar um impos-

to iniquo, expediente desesperado de um orçamento agonisante: consistia elle em exigir dos empregados o desconto de 30 por cento dos ordenados. Mediante a venda dos bens do clero, adrede secularisados, poude fazer face a necessidades urgentes. Entretanto, restam ainda um sem numero de impostos que necessitariam ser modificados, reformados ou supprimidos.

Quanto aos caminhos de ferro apresentam na actualidade o numero consideravel de 1:135 kilometros dos quaes 906 estão inteiramente construidos e 229 em construcção. Temos ainda 116 kilometros de linhas intermediarias. Parte d'estes caminhos é administrado pelo Estado, que possue 627 kilometros, parte pela companhia real dos caminhos de ferro portuguezes que conta 508 kilometros explorados pelo mesmo Estado.

Convém não esquecer uma magnifica ponte sobre o Douro, recentemente edificada, e uma outra de madeira e ferro de 160 metros de extensão, a mais grandiosa e arrojada de todas as construcções modernas; e as novas linhas ferreas que não tardarão a ligar a Hespanha a Portugal.

Os caminhos de ferro dividem-se em quatro ramificações: as de norte e leste, do sul e sueste, Minho e Douro. O rendimento kilometrico que na linha do Minho foi em 1876 de 2:934$000 réis, foi na do Douro de 1:756$800 réis. As receitas totaes dos caminhos de ferro de norte e leste elevaram-se, em 1876, a 1.931:286$000; sendo as dos caminhos de ferro de sul e sueste de 413:514$000 réis; as dos caminhos de ferro do Minho de 158:490$000 réis e as do Douro de 80:874$000.

Estas linhas estabelecem communicações entre treze cabeças de comarca, sessenta districtos e uma grande quantidade de localidades menos importantes.

A primeira linha telegraphica de Portugal começou a funccionar em 1855. O serviço, administrado por uma direcção geral, conta hoje 147 estações ligadas

por uma ramificação de 3:506 kilometros. A somma dispendida pelo Estado com este ramo de serviço tem sido de 849.798$000 réis. O producto das taxas rendeu em 1876 a quantia de 102.240$000 réis. O numero dos telegrammas expedidos durante esse anno foi de 1:055:061. Em 1865 o numero dos telegrammas não excedeu a 141:007.

Os mesmos progressos teem reflectido successivamente no serviço postal, que anteriormente a 1852 era irregularissimo.

As taxas, completamente arbitrarias, não obedeciam a um regulamento uniforme.

Todavia, a organisação actual está ainda longe de attingir a perfeição, porque a par das expedições quotidianas nos centros populosos, ha localidades que não gosam esse beneficio senão tres vezes por semana. N'estas ultimas o serviço das cartas registradas é pessimo; não raro, extraviam-se ou não chegam ao seu destino senão vinte dias ou um mez depois de terem sido expedidas, sendo inuteis todas as reclamações. (*)

(*) Mercê da actual administração, dirigida pelo conselheiro Guilhermino de Barros, o serviço do correio tem ultimamente alcançado sensiveis melhoramentos.

CARTA VIGESIMA TERCEIRA

SUMMARIO

A provincia.— Porto.— Caracter dos habitantes.— Aspectos.— Os cemiterios — As egrejas.— A Bolsa.— As hospedarias.— A senhora Hardy.— O porto.— Passeio ao porto.— O encontro do caixão.— A morte entre os meridionais.— A «villa» de Carlos Alberto.— Eugenio Pinto Basto.— O hospicio dos alienados.— O hospital.— O quartel.— Palacio do Freixo.— Os premios.— A rua Santo Antonio.— Theatros.— O palacio de Crystal.— Evora.— Setubal.—Os habitantes dos campos.— Ovarinas.— Ainda os portuguezes.— Os «ss» e os «ão».

Não é nunca á primeira vizita que se póde fazer uma idea exacta e definida do que é uma cidade e dos recursos que offerece ao *touriste* curioso. Lembro-me que chegando a Madrid e atravessando a *Puerta del Sol,* tão justamente afamada, achei exagerada e emphatica a inflexão de orgulho que vibrava na voz do meu *cicerone* ao nomeal-a.

Mais tarde, tendo lá voltado, e avistando-a no seu movimento pittoresco e nas suas cambiantes variadas, afigurou-se-me que a admiração do meu guia deixara muito a desejar.

Quando se chega ao Porto, impressiona-nos logo o espectaculo admiravel e grandioso que offerece a cidade elevando-se magestosamente sobre duas collinas graniticas, a *Sé* e a *Victoria,* bordadas pelas duas

margens do Douro, ligadas por uma ponte magnifica de um comprimento e altura incriveis.

De uma banda casas brancas, artisticamente edificadas, enfeitadas, como uma rapariga *coquette*, de *bouquets* de arvores floridas e perfumadas, põem na paizagem uma exuberancia de vida; da outra, a velha cidade mira-se na agua, espelhando os seus telhados achatados pelo tempo, o seu formigueiro de habitantes trabalhadores e intelligentes, semelhante a uma boa ama que não se preoccupa senão com o bem estar da creança que amamenta.

A illusão, porém, desvanece-se quando ao sairmos da gare penetramos nas ruas tortuosas e accidentadas que conduzem ao interior da cidade.

Só no dia immediato, depois de termos repousado das fadigas da jornada, é que notamos que se as ruas são ingremes, em compensação quasi todas possuem passeios lageados, que a calçada não é desagradavel e que a illuminação a gaz é propria de uma grande cidade.

O aspecto do Porto assemelha-se ao de Lisboa.

As duas cidades teem as mesmas collinas juxtapostas. Lisboa ergue-se no vertice dos montes; o Porto pendura-se das serras. É preciso subir, descer e tornar a subir, como no jogo denominado *montanha russa*. Não ha cidade no mundo mais difficil de percorrer.

Os montes Montmartre de Paris, não passariam no Porto de uma planicie reles. Ha dois Portos assim como ha duas Lisboas.(*) A antiga cidade demora na margem direita do Douro, e a nova na margem esquerda. Esta ultima contém o deposito dos afamados vinhos que constituem a riqueza do paiz. Tomou o nome de Villa Nova de Gaia e reduz-se quasi exclusivamente a uma

(*) Villa nova de Gaia está em relação ao Porto pouco mais ou menos nas mesmas condições de Almada em relação a Lisboa.

serie de vastos armazens, arrecadação dos vinhos, realisando-se ahi mesmo as expedições. A maioria dos negociantes são inglezes. O seu commercio, a sua presença, a sua acclimatação reflectem na organisação interna da cidade. Grande parte das hospedarias são inglezas, um numero consideravel de indigenas desposaram inglezas; é positivamente uma cidade anglo-portugueza.

Os arrabaldes do Porto recommendam-se pela belleza e variedade e offerecem uma physionomia completamente differente da dos arrabaldes de Lisboa. Exactamente ao inverso do Tejo, tão merecidamente decantado pelos poetas mas tão pobremente emmoldurado, o Douro é pittoresco e marginado de povoações encantadoras. De resto, todo o norte de Portugal é tão verdejante e povoado quanto o sul me pareceu inculto e quasi deserto. Ainda que a temperatura do Porto e dos seus arrabaldes seja muito mais fria do que a de Lisboa, (frio relativo, bem entendido) é difficil a cultura das camelias em Lisboa, mesmo em vasos, ao passo que no Porto produzem abundantemente, havendo alguns pés de cincoenta metros de altura. A cidade do Porto é dotada, como a de Lisboa, de uma Alfandega que constitue um dos mais pingues rendimentos do Estado. Os portuenses distinguem-se pela independencia de caracter; são altivos e energicos e repetidas vezes Portugal teve de curvar-se ás suas ideas e opiniões. Não se accommodam facilmente e não perdem nunca occasião de hostilisar o governo. Não raro, teem sido elles os motores das revoltas, justificando a fama que indigita o Porto como a *cidade buliçosa*.

O sentimento nacional concentra alli toda a sua vivacidade e energia; os ministros que se succedem no poder manteem sempre acerca das eleições do Porto um receio enorme e justificado.

Os primeiros symptomas de crise ministerial partem de ordinario da cidade invicta.

Se nos permittem o simile, diremos que o Porto é a Barcelona, ou antes o Lyad de Portugal.

A burguezia do Porto é mais activa, esclarecida e independente que a das outras cidades do reino. Representa o elemento liberal. Foi no Porto que pela vez primeira se promulgou a Constituição e que a Carta reappareceu victoriosa em 1833, durante o longo cerco em que a constancia e valor dos habitantes triumphou dos combates empenhados pelo exercito de D. Miguel.

Os portuenses não morrem de amores pelos lisbonenses. De nenhuma forma e por titulo algum acceitam o que estes deixaram. Se uma companhia de comediantes ou de cantores vier a Portugal e não honrar o Porto com a sua presença senão depois de ter *debutado* em Lisboa, mesmo com grande exito, raro deixará de naufragar nos recifes da pateada. Os applausos da capital não se impõem de nenhuma forma á espectativa dos portuenses. Vangloriam-se elles, e com razão, de uma extrema independencia não só na configuração intima da sua individualidade, mas em todos os seus juizos e apreciações.

O Porto attingiu n'estes ultimos annos um grande desenvolvimento. As novas construcções em que entra a cantaria fornecida pelas inesgotaveis pedreiras dos arrabaldes, agglomeram-se, levantam-se a par das antigas, respeitando a sua vetustez, protegendo-as, conservando-as mesmo como paginas preciosas e classicas da historia do paiz. As novas ruas são largas e aceiadas; a canalisação é excellente; um pequeno rio que serpenteia em algumas ruas contribue para o saneamento da cidade. Para os que pretendessem dedicar-se exclusivamente a estudal-a seria objecto de especial interesse seguir diariamente os progressos d'esta cidade, collocada entre o antigo e o novo mundo, saindo pouco a pouco, lentamente, do casulo, amada pelos filhos com tanta idolatria que a maioria d'elles não se apartou nunca do seu regaço, não havendo para os que vão longe,

ao Brazil ou á China, senão um objectivo: tornar a ver aos trinta annos a patria que deixaram aos quinze e construir com o dinheiro, laboriosamente adquirido, uma vivenda onde lhes seja dado acabar o resto dos seus dias. São estes, no fim de contas, os privilegiados. Compram um titulo de barão, arranjam uma existencia de fidalgo lavrador, no goso da qual relembram com a mesma satisfação os primeiros annos trabalhosos e difficeis e a doce tranquillidade dos ultimos.

Recommendo aos curiosos a rua das Flores. Occupam-n'a exclusivamente de um lado os mercadores de pannos, do outro os ourives.

Não constituem elles a sua *great attraction*. As casas teem o aspecto typico proveniente das sacadas de madeira, arrendadas como um *bibelot* de Nuremberg; as janellas baixas infiltram a medo o sol — e os sorrisos. As portas apresentam em relevo escudos heraldicos curiosissimos, pertencentes ao seculo XVI.

N'este paiz pittoresco, n'este emporio commercial que avassalla os dominios da fantasia, nada é futil ou ocioso; a menor parcella de terreno é utilisada com mais escrupulo do que empregou Semiramis para aproveitar a pelle do boi. São frequentes as casas de um unico andar e as lojas no terceiro pavimento inferior. A proposito, quando uma d'estas pequenas habitações muda de proprietario, não se segue os trámites usuaes. Transformam simplesmente a porta em uma janella a meia altura, sem curarem de lhe apagar o numero. Ha ruas em que todas as portas e janellas são numeradas. O luxo, genuinamente francez, das cortinas brancas peneirando a demasiada claridade, é desconhecido no Porto, onde os vidros parecem olhos sem palpebras. As hospedarias estão longe de ser o que haja de mais notavel no Porto.

Visitei tres sem conseguir alojar-me convenientemente. No *Hotel do Louvre*, o de melhor apparencia, não encontrei um unico rapaz ou rapariga que fallasse uma

lingua conhecida. A dona da casa estava ainda recolhida e ninguem soube prestar-nos os esclarecimentos necessarios... Afinal, a senhora appareceu. Era uma boa ingleza gorda, de physionomia placida e rechonchuda, que alinhavava soffrivelmente algumas phrases francezas, mas não comprehendia uma unica! Impaciente e fatigada repeti a pergunta por mimica. Mas não obtive melhor resultado. A ingleza limitou-se a dizer-me uma duzia de vezes, com o mesmo sorriso beatifico, que seu filho tinha saido. Só aquelles que atravessaram um lance igual ao meu poderão comprehender a impaciencia com que eu esperava esse personagem! Fitava anciosa as altas portas, cuidadosamente fechadas, e perguntava a mim mesma que especie de «*Sezame abre-te*» poderia invocar para obter o desejado repouso.

Cançada de uma longa espectativa infructifera, encaminhei-me para o *Hotel de Francfort*, acêrca do qual me fallara com louvor o conde de Paraty. Ordenei que conduzissem para ahi a minha bagagem, resolvida a não dar nem mais um passo. A primeira impressão foi atroz! Imagine-se uma rua descalcetada, invadida por uma nuvem de operarios esfarrapados e sujos, portas ennegrecidas, casas agglomeradas; em vez de aposentos espaçosos uns simples quartos de collegial; emfim, a apparencia de uma hospedaria de provincia de terceira ordem.

Resolvi partir no dia immediato, persuadida que a cozinha corresponderia ao resto e que o habito e o monje eram dignos um do outro.

Tomando posse do meu modesto quarto, cujo principal ornamento consistia em um pequeno leito de ferro embrulhado em uma cortina de paninho de pregas angulosas, disse a mim mesma:

Demoremo-nos o tempo indispensavel para examinarmos a cidade e banhar-mo-nos n'este ambiente fluido que assemelha o ceo a uma saphira diluida, e partamos em seguida!

Oito dias depois ainda eu estava no Porto!

Exporei em poucas palavras os motivos que determinaram em parte o meu reviramento.

Não se prevê nunca os pequenos detalhes da vida e sobretudo as suas consequencias. Adormecera decidida a abandonar, logo no dia subsequente, esse tecto que soppunha pouco hospitaleiro. Quem teria esperado um acordar tão delicioso como o que me favoreceu!.. O sol erguendo-se desenhava a sua orbita de fogo por entre um véu ligeiro de arvores rendilhadas e cobertas de flores, a viração impregnada de finissimos aromas perfumava o quarto que me parecera horroroso; uma primavera translucida, authentica, visitava-me em grande uniforme, rodeiada de um brilhante estado maior de insectos multicores, de effluvios balsamicos, de poesia alada.

O convite era verdadeiramente irresistivel. Deixei-me convencer, fascinada não só pela amabilidade da natureza como pelo bom acolhimento dos portuenses.

Manda a verdade que se diga que o *Hotel de Francfort* valia mais do que á primeira vista apparentava.

Em Lisboa o ex-*Hotel Gibraltar*, com a sua entrada esplendida, abobadada como uma egreja, com a sua escada sonora e grandiosa como a escada de um palacio, suggerira-me o conhecido proverbio: «*Nem tudo que luz é oiro*», illustrado pelos lapis espirituosos de Cham e Gavarni. Os tauxiados luxuosos, as balaustradas envernizadas, os espelhos colossais presuppunham um estabelecimento modelo; a illusão, porém, é de pouca dura.

Serviço impossivel, colchões de caroços de pecego, cosinha inverosimil, vinhos falsificados, constituiam a antithese do falso rótulo. Junte-se a isto nuvens de baratas, uma verdadeira praga do Egypto!.. Logo que a noite estendia a sua sombra protectora, cortinas, moveis, tapetes convertiam-se em theatro de suas aventurosas emprezas.

Estes hediondos animaes inspiram-me uma repugnancia invencivel; não se imagina o que eu sentia quando via as mais audaciosas marinharem tranquillamente pelas minhas cortinas, agitando as suas compridas antennas pretas! Ouvia o susurro das suas patas correndo ao longo das paredes, ou passeiando sobre os meus vestidos e os meus estojos, onde uma vez achei duas alojadas, como ornamentos de superior valia, em cima de uns brincos de perolas.

Tentaram consolar-me explicando-me que as madeiras do Brazil gosam o especial privilegio de abrigarem as senhoras baratas.

A razão não se me afigurou das mais convincentes, além de que nunca soppaz que os seus instinctos viajantes attingissem semelhante desenvolvimento, nem poderia resignar-me a que os objectos do meu uso lhe servissem de transportes de emigração.

Em quanto o *Hotel Gibraltar* frustrara as suas promessas, o *Hotel de Francfort*, que não promettera cousa alguma, reservava-me bastantes surprezas agradaveis. Uma vez habituada ao vestuario dos creados com a barba por fazer, ao lustre da casa de jantar estranho aos mais elementares processos da limpesa, á excellente proprietaria de camisola de banho, mourejando no meio dos seus tres cães, ás gravuras ingenuas representando o rapto de Dejanira, sob o aspecto mais pittoresco do que classico de um hussard francez conduzindo a váo uma fresca aldeã normanda, não foi pequena a minha admiração descobrindo que se as janellas eram acanhadas e mal construidas, emmolduravam em compensação um céo magnifico e descobriam um panorama que me deteve no Porto, a despeito do meu itinerario. Não era destituida de encanto esta habitação primitiva, dotada de uma cozinha excellente, sem iguarias exquisitas, mas composta de bons pratos burguezes, succulentos, onde o prazer dos olhos era sacrificado ao conforto do paladar e do estomago. Bril-

lat-Savarin, de pantagruelica memoria, o poeta das gallinhas gordas e tenras, dos rostbeefs apropositadamente crus, não duvidaria approvar estes *menus* simples e hygienicos. A minha surpreza diminuiu sensivelmente quando soube que o marido da nossa hospedeira era um antigo director dos Irmãos Provençaes.

O meu quarto, cuja mobilia desmantelada me produzira uma impressão repulsiva, appareceu-me sob outro aspecto. Entrei então n'um periodo de descobertas. Reparei que o papel que o forrava era de um azul claro delicado e bonito. Notei que as minhas tres janellas, sobre as quaes os pardaes vinham pipilar e chupar as flores, prestavam-se em virtude da ampla cimalha e dos caixilhos portateis ás minhas velleidades de jardins suspensos. Não tardou que tudo se transfigurasse!

A casa, em resumo, parecia mais um *cottage* inglez do que uma hospedaria, e merecia a muitos respeitos a sua boa fama e numerosa freguezia. Não irei nunca, se voltar ao Porto, senão para o Hotel de Francfort. A senhora Hardy deixou-me em definitivo uma boa impressão indelevel, identica á que me produziu a segunda capital do reino, proveniente da physionomia original e nitida dos habitantes, que reflecte nas suas construcções, no seu espirito e na sua organisação social.

Mas é preciso que lhes apresente a minha hospedeira, a senhora Hardy. Na sua mocidade a senhora Hardy foi creada de quarto da princeza Oronzoff, uma d'essas *grandes dames* russas que emprehenderam privar-nos da possibilidade de alcançar uma creada de quarto, triplicando-lhe os ordenados, permittindo-lhe usar vestidos de folhos e plumas e dando-lhe substitutas que sob a designação de *raparigas de quarto* desempenham todo o serviço.

Cortemos, porém, pelas divagações que nos leva-

riam longe e voltemos a esse modelo das hospedeiras que fez tão distinctamente a sua «campanha da Russia», que alcançou desde logo o prazer suave de poder meditar tranquillamente sobre o repouso da sua velhice, realisando mais tarde o sonho de todas as pessoas do seu sexo em identicas condições: ser tratada por *patroa* e ver figurar o nome como representante de uma firma social. Ao cabo de alguns annos, achando-se na posse de um pequeno peculio, a senhora Hardy veio ao Porto com o marido, alugou uma casa modesta, adquiriu uma freguezia que se desenvolveu tanto ou tão pouco que a habilitou a comprar a casa que primeiramente alugara, e em seguida mais quatro.

Hoje o numero das suas propriedades eleva-se a dez, um terço da rua, pouco mais ou menos. É certo que a mobilia não lhe absorveu um grande capital; mas hospedou o duque de Montpensier e outros personagens illustres, que se deram por satisfeitos, sendo esta a melhor justificação que a senhora Hardy possa allegar para se subtrair ao encargo dispendioso de renoval-a.

Que as bacias estejam rachadas, que os potes disputem primazias com o tunel das Danaides... que importa? A circumstancia de haverem gloriosos hospedes utilisado esses humildes objectos conferem-lhes o privilegio de moradia illimitada, a menos que não se aproprie d'elles algum colleccionador emerito, que em virtude dos seus numerosos serviços e respeitaveis annos os destine aos invalidos. A senhora Hardy conta approximadamente sessenta annos; é uma mulher baixa, gorda, agil, esperta, trabalhadora infatigavel, o typo caracteristico da sua especie. Antigos locatarios habitam a sua casa ha quinze annos. Todos os quartos andam alugados com antecedencia. A excellente hospedeira conhece a cidade em peso, e parece que um telegrapho invisivel lhe leva instantaneamente todas

as noticias dos quatro cantos do Porto. O nome da senhora Hardy acorda sempre uma idéa ou uma lembrança. Ou se esteve em casa d'ella ou se tenciona estar. Assim, dedico-lhe gostosamente estas linhas e concluo repetindo que ou por influencia da sua boa estrella ou das liberalidades da princeza Oronzoff, a senhora Hardy soube juntar uma pequena fortuna, demonstrando assim a sua atilada penetração e provando que a sorte favorece mais facilmente os pacientes do que os audaciosos.

Que direi do ancoradouro do Porto?... Quereria pintal-o tal qual o vi n'uma opulencia gloriosa de tintas, de scintillações, de belleza fulgurante e magestosa. Aqui o Douro desenrola-se a perder de vista, serpeando entre duas margens picadas de casas risonhas, alcandoradas, perdidas na espalda das collinas ou sobresaindo em relevo e recortando nitidamente os telhados no ceo limpido. Alli, o crepusculo envolve a paizagem em veos diaphanos, esfumando-a suavemente e deixando no olhar o reflexo de uma visão melancolica e poetica. Alem, as pulverisações de ouro do sol que foge accendem o oceano que brilha como uma joia reluzente. As ondas espumantes veem despenhar-se de encontro ás ilhotas pretas similhantes a corvos gigantescos adormecidos. O dia declina vibrando as suas frechas de fogo. Na tela intensa e rubra do horisonte desenham-se navios, barcos, canoas esguias e longas como patins de gigante.

Não pude resistir á tentação de repetir os versos do poeta, vendo um pescador, sosinho na sua barca, vogar no seio d'essa apothéosi opulenta de irradiações infinitas:

... Battant le flot vermeil,
Il fait autour de lui rejaillir le soleil.

Em todos os caminhos, sombreados de arvores seculares, encontram-se aldeàs com vestuarios pittores-

cos, mais carregadas de collares, annéis e cadeias de ouro do que o relicario de um santo. Não raro, deparam-se-nos grupos animados de rapazes e raparigas, dançando ao som de uma rabeca fanhosa ou de uma guitarra constipada. Entre parenthesis, é indiscriptivel o andar desempenado e altivo e a physionomia intelligente dos homens, bem como a natural gentileza das mulheres, proveniente em parte do costume que ellas teem de trazer as bilhas á cabeça. A necessidade de manterem o equilibrio da bilha obriga-as a caminharem direitas e firmes.

Notei que uma rapariga de pés descalços, conduzindo uma junta de bois, tinha o que nós chamamos um porte de rainha. As casas, situadas nas visinhanças do porto, teem um aspecto gracioso não obstante a sua velhice. Para as preservar dos ardores do sol a maioria dos telhados são cobertos de cal viva, sendo originalissimo o effeito produzido por esta neve artificial. As vinhas substituem os ninhos de andorinhas, correm em festões ondulantes, engrinaldando as janellas e emmoldurando assim de folhas e fructos os olhos scintillantes e a cutis morena das raparigas portuguezas.

S. João da Foz, que prolonga o porto, é o passeio da moda. Está admiravelmente situado: pertencia antigamente a uma população de pescadores e de pilotos; actualmente principia a attrair os banhistas, tendo os inglezes ahi mandado edificar risonhos *cottages*, rodeiados de jardins symetricos, que contrastam notavelmente com as casinhas adjacentes occultas entre grandes vegetações sombrias e desordenadas e os velhos muros altos e denegridos.

Apraz-me essas humildes moradas dos aldeões, simples, robustos e sãos, que mantecm os antigos usos, as remotas tradições do paiz, povoadas de legiões de creanças de carnes rijas e sazonadas pela luz do sol.

Retrocedendo ao longo da praia anoutecera; as es-

trellas brilhavam no ceo sombrio como pregos de diamantes em velludo azul, a lua melancolica caindo em cheio no banco de areia que corta o porto, tornando-o perigosissimo, fazia-o parecer de longe uma immensa linha luminosa.

Não ha espectaculo grandioso inseparavel de uma estranha melancolia; nem é possivel contemplarmos face a face o infinito sem meditarmos no mysterioso problema da eternidade. Pensava eu pois que tudo passa; que perante esse ceo, esse oceano, esses rochedos, milhares de creaturas tinham saudado o Creador, que nem uma unica ficara e que nenhum ecco despertaria relembrando os sonhos, a poesia, as aspirações d'aquelles que haviam occupado successivamente o logar onde eu me achava hoje. Pensei tambem que o homem não passa de um pygmeu, e que bastaria uma d'essas ondas para tragal-o com todos os seus vicios, fraquezas e riquezas materiaes; contemplei o tumulo ondulante no qual repousam tantos entes de todas as idades e nações, sem que nenhum d'elles, por muito poderoso que houvesse sido na terra, podesse inscrever ali um nome que perpetuasse a sua memoria. Existe entre a alma e a natureza uma correlação intima. O acaso pondo-se em harmonia com as minhas sensações offerecia-me um espectaculo verdadeiramente extraordinario. Havia alguns instantes que eu via brilharem, como pyrilampos, luzes que desciam da collina para a margem. Os portadores das luzes eram os membros de uma irmandade revestidos de capa encarnada. Que singular procissão! A irmandade caminhava atraz de um velho ecclesiastico que seguia uma cruz levada por um acolytho.

O cortejo parou defronte de uma bonita casa mourisca, de vidros de cores e paredes de azulejos azues. Acompanhavam-o alguns curiosos, sem vislumbres de tristeza ou de saudade, attraidos como para um espectaculo onde os actores eram substituidos, permane-

cendo sempre o mesmo auctor, isto é a implacavel ceifeira.

Ao cabo de alguns instantes, vi sair o padre e os irmãos conduzindo um caixão coberto com um panno preto cujos bordados de prata faiscavam mordidos pela luz das tochas.

Parei opprimida por uma serie de reflexões que me levaram a encarar este encontro como a representação visivel do meu proprio pensamento.

Quando quiz continuar o caminho, não podendo passar adiante do enterro, tive de seguil-o. Uma hora, pouco mais ou menos, percorremos juntos, lentamente, a vereda estreita, batida de um lado pelas ondas que se desenrolavam na praia, onde dormiam, immoveis, grandes bois confundidos com os botes de remos inactivos, e orlada do outro pelas casas, que ha pouco alegres e floridas e agora veladas de sombras saudavam silenciosamente o que passava arrebatado pela morte. Era indescriptivel este quadro grandioso e melancolico. Seis homens conduziam o caixão, revezando-se de espaço a espaço: durante os rapidos momentos de descanço os homens voltavam-se para o oceano e fitavam-o com olhares simultaneamente curiosos e pensativos.

Os sinos da parochia dobraram; o cortejo descreveu uma curva á esquerda e metteu-se por uma azinhaga muito estreita e accidentada onde longo tempo ainda, absorta e immovel, segui com a vista as scintillações dos cirios subindo e ondulando como uma serpente luminosa.

Foi só então que prosegui o meu caminho, scismando vagamente e como que impregnada d'essa poesia mysteriosa. As vagas afagavam-me o ouvido com os mesmos murmurios que tinham adormecido pela derradeira vez o morto, a brisa agitava da mesma forma as arvores, a noite desenrolava os seus habituaes esplendores, vibrando as mesmas notas secretas e harmoniosas... Que differença havia pois entre a vida e a mor-

te? Não seria o meu proprio corpo que levavam n'aquelle estreito caixão bordado de arabescos de prata? Se com effeito assim era, a minha alma ficara para me fazer experimentar a suprema saudade d'essa vida que eu deixava!...

Foi preciso um beijo de minha filha para me chamar á realidade.

Os enterramentos nocturnos são frequentes no Porto. Os meridionaes, ou porque não tenham acêrca da morte uma noção exacta, ou porque não signifique para elles senão uma mudança de planeta, tratam-n'a sem ceremonia, quasi alegremente. Dão aos cemiterios a designação dos *prazeres*.(*) Os seus carros funebres são muito altos, carregados de doirados, e é facil vel-os voltar a galope deixando fluctuar os pannos pretos e os pennachos amarellos. Ha-o quer que seja dos contos de Edgard Pöe n'esse galope fantastico e lugubre.

Presenciei em Coimbra o enterro de uma creança. O pequeno caixão, collocado em uma carruagem de aluguer, ia coberto de tulle branco e cor de rosa e raminhos de flores; o fundo da carruagem era forrado de panno branco: o caixão parecia uma *corbeille* de nupcias de cores ridentes, exuberante de esperanças e promessas.

O cemiterio da *Lapa*, o mais importante do Porto, é formosissimo e muito espaçoso. Cada tumulo está piedosamente ornado, desde o mais opulento até ao mais humilde. Contém alem d'isso carneiros com disticos e numeros, cujas divisões formam um taboleiro funebre, com lousas deslumbrantes de alvura. Como é de estylo, as commemorações evidenceiam-se em periodos sono-

(*) Incorri a este respeito, segundo me explicaram, n'um erro capital. A vertente occidental de Lisboa foi levantada sobre um terreno chamado de Nossa Senhora dos Prazeres. É d'ahi que provém o nome dos prazeres dado ao cemiterio.

ros e pomposos e é de suppor que nem os santos da côrte do céo ousassem penetrar, senão a medo, n'esse areopago de virtudes mirificas. Na occasião de sair a barra d'esse porto onde naufragam todas as vaidades mundanas, voltei-me pela derradeira vez e avistei um tumulo que attraiu a minha attenção. Dominava-o uma columna quebrada meia occulta pelos cyprestes e chorões. Quatro palavras commoventes, resumindo uma elegia, serviam-lhe de epitaphio: «Aqui repousa a minha amiga.» Depuz no marmore discreto e eloquente duas ou tres rosas e dirigi-lhe a saudação da estrangeira que levando uma recordação agradece ao sitio que lh'a inspirou.

A egreja da *Lapa*, onde entrei depois, é bonita e está bem ornamentada. O altar mór, entre outros, apresenta uma pyramide de cirios que, depois de accesos, devem produzir grande effeito. No adro jaz o coração do rei D. Pedro, segundo reza um bem redigido epitaphio latino. Alem d'esta, o Porto conta outras egrejas notaveis por sua antiguidade e valor archeologico. S. Francisco e a Cathedral, onde se vê n'um caixão de prata o corpo de S. Pantaleão, são verdadeiros monumentos; a pequena egreja da Cedofeita é excepcional; a casa dos expostos, que visitei de fugida, é digna de rivalisar com a Misericordia de Lisboa.

Um monumento moderno importante, não só em relação a Portugal mas á Europa, é a Bolsa do Porto. A Bolsa assim como o hospital honrariam as cidades de Londres ou Paris. A mole imponente ergue-se sobre uma eminencia, rodeiada de casas velhas e de terrenos desaproveitados. Uma serie de salas espaçosas, uma bibliotheca franqueada ao publico, uma admiravel sala mourisca incompleta, mas de um trabalho curiosissimo, demoraram-me ahi longas horas. O perystilio é de grandes dimensões; duas largas escadas de granito conduzem ao edificio completando lhe o aspecto magestoso.

Vi apenas de relance o hospital dos alienados, vasta e magnifica construcção como todas que proveem da caridade publica, — virtude theologal muito exercitada no Porto onde o dinheiro dos capitalistas, diga-se para honra da classe, não escasseia nunca tratando-se de qualquer fundação piedosa e caritativa.

O quartel de Santo Ovidio, situado quasi defronte dos jardins do conde de Rezende, occupa uma grande extensão de terreno e pareceu-me capaz de rivalisar com os nossos quarteis francezes onde reinam o bem estar, a saude e a alegria. O hospital militar que visitei minuciosamente é vasto, commodo e bem ventilado.

Sente-se que aquelles que vão pedir-lhe a saude não serão illudidos na sua espectativa. Amplas salas *parquetées*, com duas fileiras de leitos de ferro de uma brancura immaculada, communicam com galerias cobertas de grandes janellas rasgadas que deixam penetrar em jorros a luz e o ar puro. Nada se poupa para o bem estar dos doentes. O resultado é que elles não experimentam, o que é bem natural, a repulsão que inspira á maior parte da gente a palavra hospital.

O Porto conserva ainda um costume extravagante, o de passear os doentes em cadeirinhas iguaes ás que se usavam em epochas remotas. Os conductores trajam capa de bandas encarnadas apanhadas no hombro e grande chapeo. Vistos a distancia, caminhando atravez do arvoredo com um passo monotono e igual, parece que um sopro do seculo passado evoca um luzido sequito de fidalgos e nobres damas, frisadas, empoadas, paramentadas, resvalando no declive da decadencia, no aparato espectaculoso das liteiras e outros meios de locomoção, hoje banidos.

A rua de S. João, consagrada aos armazens francezes, ás brilhantes inutilidades, ao passeio dos ociosos, dos estrangeiros e dos *flâneurs*, é extraordinariamente ingreme. Parece que não tem fim tanto a subida como a descida. Observada do plano superior afi-

gura-se-nos um formigueiro inundado de sol, por entre o qual sóbem difficilmente bois doceis, conduzindo cargas enormes.

O theatro lyrico, um bonito theatro, segundo me afiançaram, não estava aberto quando eu fui ao Porto; não posso por conseguinte occupar-me d'elle: entre os theatros que vi um d'elles, o *Principe Real*, é como o unico criado de uma numerosa familia, obrigado a vestir successivamente differentes librés. Consoante as exigencias da occasião, o *Principe Real* ora é Circo ora theatro onde se representam comedias burlescas ou dramas descabellados.

Marcando um furo acima do seu confrade, o theatro *Baquet* nem por isso é excessivamente brilhante.

Uma commissão viera procurar-me e offerecer-me um camarote reservado para assistir á representação de um drama interminavel. A despeito dos meus bons desejos de corresponder á gentileza do offerecimento, não pude ficar até ao fim.

O palacio de Crystal é pouco mais ou menos para os portuenses o que é para nós o zimborio dos Invalidos. Orgulham-se elles d'esse monumento, similhante de longe a uma balcia á flor d'agua.

É esplendido o jardim que rodeia o palacio de Crystal: grandes alléas saibrosas prolongam-se a perder de vista, bancos rusticos, sombreados de pimenteiras floridas, desapparecem por entre moutas de catos e aloes; a agua deriva em repuxos cantantes que transmittem ao jardim uma deliciosa frescura. D'esse ponto de vista admiravel descobre-se o mar, a cidade e as estradas adjacentes.

A escada do bispado é uma verdadeira maravilha.

A cidade conta dois gremios: a *Feitoria ingleza* e o *Club Portuense*. O ultimo pertence a um proprietario abastado e excentrico. É vasto, bem construido e possue uma bibliotheca limitada mas escolhida com raro bom gosto. Os inglezes transmittiram-lhe a sua in-

fluencia *caracteristica*, como a transmittiram a tudo que existe no Porto. Nota-se a cada passo as suas tendencias e habitos e depara-se-nos o *at home*, que encerra para elles tantos attractivos.

A *villa* onde morreu Carlos Alberto fica a pequena distancia do palacio de Crystal. Na epocha em que o desgraçado rei a habitava, a *villa* estava longe de apresentar o aspecto confortavel que tem hoje. O regio hospede, escrevendo a um dos seus amigos, descrevia-a e indicava a somma diminuitissima paga pelo aluguer... Mas a morte avisinhava-se do principe, que obedecia talvez á tristeza inseparavel da approximação da eternidade, a visão do infinito!...

Logo á entrada impressionou-me a magestade e belleza do panorama que se desenrolava a meus pés. O Douro limpido e calmo, beijando as vagas atormentadas do oceano, um enxame de casas brancas pendurando-se das collinas das duas margens, massas de arvoredo de folhagens verde bronze, cruzando as suas frondes copadas com as mimosas estrelladas de bagas de oiro... A natureza opulenta e fecunda, reunindo n'um espaço, relativamente acanhado, um mundo de flôres, de arbustos, de palmeiras confundidas com o carvalho vigoroso e a oliveira de um verde luminoso e suave. Inebriou-me a poesia d'essa encantadora residencia! Acompanhada pelo erudito doutor Ricardo Costa e pelo sr. Pinto Basto, seu respeitavel proprietario, que se prestou amavelmente, o que de bom grado registro aqui, a mostrar-me a casa, demorei-me duas horas, descobrindo a cada passo um novo attractivo. Ora se me deparava uma vereda estreita, serpenteando como um fio de prata atravez das sebes coroadas de pampanos enlaçando festões de amoras e cachos de sabugeiro e espinheiro; ora me surprehendia um bloco enorme, como que arrojado pela mão de um titan, coberto de musgo e amparando um *cottage* em miniatura, e por todos os lados essa

musica que nenhum som humano póde reproduzir e que os poetas chamam «harmonia da natureza», musica que se compõe do murmurio da viração, da palpitação das folhas das arvores ou talvez do vôo de uma alma saudando a belleza da terra antes de librar-se no ether... Milhares de flôres ondulando nas hastes, thuribulos perfumados, espargiam em torno de mim os seus mais suaves aromas. Nunca a solidão e a melancholia revestiram um aspecto mais encantador.

A casa tem uma physionomia triste que desperta a meditação e o recolhimento. Percebe-se perfeitamente que o rei moribundo a escolhesse instinctivamente como um breve repouso antes de partir para a grande viagem de que se não volta. As janellas são altas e estreitas. Do fundo dos aposentos não se vê senão o vacuo azul; é preciso debruçarmo-nos da sacada engrinaldada de glycinas de cápsulas roixas para avistarmos o panorama cujo esplendor estou gosando retrospectivamente. A alcova real é pequena, o sol inunda-a até ao momento em que desapparece no horisonte. Uma placa de marmore, fixada na parede, indica a data e a hora da morte do grande vencido. *Sic transit!...*

O proprietario reside ali com seus filhos, dois bellos moços que illuminam com as irradiações da sua adolescencia a solidão do velho. Não obstante a sua enfermidade e idade avançada o sr. Pinto Basto recebeu-me com uma cordialidade verdadeiramente captivante, e a despeito das minhas recusas insistiu em acompanhar-me durante todo o tempo do passeio, não me deixando partir senão depois de ter decotado o jardim em meu proveito.

Singular coincidencia que augmenta ainda a melancolia da residencia; uma arvore recentemente lascada pelo raio ergue-se defronte da porta principal. O tronco, cujas feridas foram pensadas por mãos habeis, levanta-se mutilado, destroço de um cataclysmo

medonho, no meio dos seus companheiros exuberantes de vigor e opulenta verdura. Alguns ramos tentam ainda reverdecer. É possivel que na proxima primavera consigam abrigar um ninho de passarinhos... Mas tal qual se nos apresenta, esse cedro crestado pelo fogo do céo significa o mais eloquente discurso que se possa imaginar acêrca do nada da vida e das suas pretendidas grandezas. Os seus ramos despojados e mutilados deveriam pender sobre o marmore de um tumulo. Elle é o digno guarda d'essa casa e merecia ter insculpido no tronco devastado o epitaphio do rei morto a dois passos.

Estranha analogia do acaso! Havia trinta annos que meu marido batera a essa mesma porta e viera receber as derradeiras confidencias de Carlos Alberto.

Para lá do Porto, no sitio onde o Douro fórma uma especie de lago, existe o palacio do Freixo. É a residencia mais original e elegante que se póde encontrar. Os sobrados são em mosaico feito com madeira das ilhas, e entre outras curiosidades depara-se-nos uma galeria de azulejos em relevo e a côres, representando aves, fructos, flôres e personagens da idade media. O palacio tem o quer que seja de fantastico e é de suppôr que o habitem as ondinas quando a lua, velando-se no manto das nuvens, lhes permitta entrarem sem serem vistas pelos mortais.

A cidade de Setubal desfructa o melhor ancoradouro de Portugal logo depois dos de Lisboa e Porto; a entrada, porém, é que é difficilima em virtude dos bancos de areia que mudam de logar muitas vezes de um dia para o outro. É excellente porto de refugio para os costeiros, mas não se presta á grande navegação. Setubal offerece aos estrangeiros o attractivo das larangeiras e possue-as em numero superior ao de qualquer outra terra; desgraçadamente, o frio que augmenta de anno para anno tortura as pobres arvores, que não são hoje mais do que o espectro dos seus antepassa-

dos. Fabrica-se em Setubal um moscatel delicioso que tem o nome da terra e representa um dos seus melhores ramos de commercio; Setubal conta tambem grande quantidade de salinas.

A cidade de Evora constitue uma excepção em relação ás cidades excessivamente accidentadas que acabamos de vizitar; offerece uma superficie quasi plana; o aspecto geral, porém, é defeituoso, pouco aceiado e triste a ponto de parecer que a morte adeja sobre todas as casas. As mulheres não saiem senão ao domingo para irem á egreja. Existem em Evora as ruinas de um templo de Diana que deixam antever a elegante construcção que deveria ter esse monumento. Ha tambem um pequeno passeio publico muito recente e muito bem desenhado. A cultura dos campos circumvisinhos recommenda-se pela boa apparencia.

A cidade de Beja é uma cova medonha cavada no meio de uma planicie devorada pelo sol. Os bejenses ignoram o que seja um arvoredo frondoso; a maioria d'elles não viram nunca uma arvore. Durante a semana as ruas estão desertas; toda a gente dorme.

É um estudo curioso e interminavel o que offerece o povo portuguez. Por vezes afigura-se-nos que Portugal é uma colonia ingleza: o povo conservou da sua antiga soberana, a Africa, a côr de pelle atirando para achocolatada; esse mesmo povo, porém, é frio, grave, compassado, quasi tanto como o fleumatico habitante das margens do Tamisa. D'ahi provém o seu aspecto taciturno; é um tronco arabe enxertado de um arbusto inglez. O que é incontestavel é que o portuguez é bom, caritativo, tolerante, sincero, affectuoso, independente, digno, corajoso e tão dedicado á patria como á familia e aos amigos. É tambem francamente hospitaleiro.

Um escriptor allemão, que depois de ter percorrido o paiz publicou com respeito a Portugal dois volumes notaveis, tratando dos portugueses exprime-se da se-

guinte maneira: «O portuguez, escreve elle, parece «bem formado, de uma musculatura robusta e de «uma perseverança rara... Em geral, pouco vivo, «tranquillo, e gostando das suas commodidades, é ao «mesmo tempo benevolo, obsequiador, hospitaleiro, «modesto, desambicioso, obediente e fiel... Experi«menta em subido gráu o sentimento da propria di«gnidade... embora reconheça a differença das con«dições sociais... O portuguez é attencioso... Nas «provincias do Minho os homens, as mulheres e mes«mo as crianças que têem por costume assentar-se á «porta, levantam-se dos seus logares e comprimentam «qualquer estranho que passe a cavallo, mas não se «afastam nunca do que lhes prescreve a dignidade. O «portuguez não é nem humilde nem bajulador.»

Actualmente os portuguezes são sobretudo indolentes. Nas cidades, os empregados do governo que constituem uma população, não fasem nada; bastaria um para dar conta da tarefa confiada a meia dusia. Nas provincias, exceptuando o Porto, e nos paizes montanhosos, o *far niente* é a suprema lei. Entregam-se á Providencia que alimenta as avesinhas e veste os lyrios dos valles. D'ahi um systema de vida circumscripto a uma sobriedade inverosimil. Sardinhas, bacalhau, nabos, resumem o principal alimento dos estomagos portuguezes.

Não sei se já o disse, mas não ha inconveniente em que o repita, o caracter portuguez é um conjuncto de superficie material: prefere as apparencias ás realidades. Contenta-se com o sustento acima indicado, não ambiciona outro; a mobilia da casa está na mesma proporção: um mau leito, de uma dureza incrivel, cadeiras de palhinha, louça mediocre. Porém, se se trata de apparecer em publico, veste-se á ultima moda, (refiro-me ás cidades) sua mulher ostenta chapéos mirabolantes e vestidos cuja cauda varre as ruas; uma vaidade extrema, um orgulho ainda maior e uma fa-

tuidade infantil são os seus principaes defeitos; mas quantos dotes superiores e preciosos não os resgatam, tornando-nos indulgentes e desvanecendo-nos qualquer impressão menos favoravel.

Nas provincias ruraes o caso muda um tanto de figura; mas no fundo o caracter subsiste o mesmo. Quanto ao vestuario nacional e typico é indispensavel penetrarmos nos confins remotos das aldeias para o encontrarmos. Os verdadeiros camponezes usam calções, meias brancas e sapatos atados no peito do pé, cinta de lã encarnada, azul ou preta que lhes cinge o corpo em muitas voltas, e jaqueta sem abas, com botões de metal. Cobrem habitualmente a cabeça com um barrete de lã grossa, encarnada, verde, azul ou preta, que se parece com os nossos barretes de algodão, mas que os portuguezes usam de uma maneira graciosa. O luxo dos domingos consta de um chapéo de feltro de grandes abas reviradas e copa machucada. Pesam arrobas estes chapéos que demandam cabeças habituadas a usal-os. E' raro ver os aldeões de gravata. O vestuario das aldeãs e das mulheres do povo não se recommenda por nenhuma especie de originalidade. Tanto de inverno como de verão usam um grande capote que lhes chega aos calcanhares, e na cabeça um lenço de algodão de cambraia ou de seda atado debaixo da barba. Só as ovarinas, de quem já tratei, usam um trajo caracteristico.

Tirante as mulheres do Minho, é preciso andar muitos kilometros para encontrar uma portugueza verdadeiramente formosa. É justo acrescentar, a titulo de compensação, que raras portuguezas deixam de possuir bonitos olhos, dentes brancos e miudos e cabellos longos, lustrosos e assetinados. Infelizmente, vestem mal, sem gosto, exagerando de uma maneira insolita as modas parisienses. Como todos os meridionaes, propendem para a ostentação de côres vivas; um vestido encarnado com um chale verde e um cha-

pêo amarello ha de sempre attrail-as como o principal objectivo das suas predilecções. É claro que ha numerosissimas excepções. Em geral os homens possuem melhores dotes physicos do que as mulheres; a cutis morena realça a expressão energica e varonil das suas feições correctas e accentuadas.

Um viajante illustre, que é alem d'isso um escriptor distincto, o sr. de Minutoli, consul geral da Prussia em Portugal e Hespanha, escrevendo acêrca dos portuguezes mostra-se muito mais favoravel ao povo das provincias e campos do interior de Portugal do que á população das grandes cidades, e lisongeia menos, nos seus retratos, as classes superiores da sociedade portugueza. Partidario das idéas do inglez Forrester representa-nos o povo como o verdadeiro nucleo de affabilidade, hospitalidade, civilidade e beneficencia, e profundamente imbuido do espirito monarchico não obstante as successivas revoluções a que tem assistido. Religioso, catholico fervoroso, observando escrupulosamente todos os deveres e ceremonias do culto, o portuguez está longe ainda assim de ser beato ou intolerante; exprobram-lhe o seu exagerado amor proprio nacional que degenera em orgulho.

Afigura-se-me que o verdadeiro laço que approxima as classes em Portugal, independente do odio contra a Hespanha, que é a grande paixão nacional, é a lingua, e particularmente a pronuncia.

Em todos os paizes ha certas inflexões, a despeito da uniformidade do vocabulario e da grammatica, que distinguem o homem instruido do ignorante, ou simplesmente o habitante da cidade do dos campos.

Portugal é a excepção d'esta regra: ha na pronuncia um traço commum que reune elementos apparentemente divergentes; este traço de união é a vocalisação dos *ss* e do *ão*.

Tome-se um jornal ou um livro portuguez; mesmo que não se comprehenda uma unica palavro, ver-se-ha

que entre vinte palavras dez ou doze acabam em *s*. Ora todos estes *ss* pronunciados dão á lingua portugueza, fallada, uma especie de assobio perpetuo. O silvo é apenas substituido pelos sons *nasaes*. Os finaes das palavras em *ões* e *ão* pronunciam-se *ouenche*, *anhão*, com uma violenta inflexão nasal inimitavel, a qual só se poderá contrafazer apertando o nariz com os dedos e repetindo os monossyllabos em questão.

Coimbra passa por ser a localidade onde o povo falla um portuguez mais correcto e sem as inflexões do Porto, de algumas provincias do norte e especialmente do Algarve. As relações constantes entre a população, os estudantes e os professores, a circumstancia de se facilitar aos naturaes o exigirem um curso de ensino de qualquer especie, contribuem decerto poderosamente para a superioridade alcançada pelos conimbricenses em relação ao aperfeiçoamento da lingua nacional. O timbre puro e sonoro da voz é uma das qualidades dos habitantes de Coimbra, e a sua pronuncia é tão harmoniosa como é esmerada a escolha das palavras.

CARTA VIGESIMA QUARTA

Summario

Caldas da Rainha.—O caminho.—Os banhos.—O hospital.—As piscinas.—O passeio.—O club.—O theatro e a zarzuela hespanhola.—S. A. o duque de Coimbra.—Ausencia de hospedarias.—Alojamentos das familias durante a estação dos banhos.—Alcobaça.—Deslumbramentos.—A temperatura em Portugal.—O claustro.—Ignez de Castro.—Os tumulos.—A bibliotheca.—A torre.—A cozinha.—O cofre das reliquias.—Quatro palavras francezas.—Batalha.—Alfeite.—As corridas de cavallos.—O *sport* nautico.—Os srs cocheiros portuguezes.—Os estabelecimentos de beneficencia.—Associações e clubs.

Ignoro se todas as minhas resoluções teem sido boas e se valeria a pena de as levar a effeito. Em todo o caso nunca precisei de muito tempo para as pôr em execução, e a prova é a minha jornada ás *Caldas da Rainha*.

Imparcialidade e exactidão são as duas qualidades essenciaes no jornal de um *touriste*. Não imponho o meu gosto a ninguem; noto as minhas impressões á medida que as experimento e digo aos convencidos assim como aos incredulos: «Ide e vê-de! Dar-me-hei por bem paga se conseguir attrair-vos para essa viagem.»

A diligencia que conduz os passageiros do *Carregado* ás *Caldas da Rainha* é puxada por cinco

mulas detestavam. As mulas fazem cabriolas incriveis de que resultam interminaveis solavancos. De vez em quando, nas subidas, quando o passo afrouxava, permittindo-nos fechar os olhos, eramos violentamente acordados pelo conductor que espreitando pela portinhola, com a cara alegre e a voz grossa e rouca, perguntava: «Se estavamos contentes, se iamos bem acondicionados.» A civilidade é de certo uma cousa excellente; é inquestionavel, porém, que nos conviria muito mais alguns momentos de repouso e que as attenções do pobre homem nos pareciam verdadeiramente intempestivas. Entrámos nas *Caldas* ás seis horas da manhã. Todas as ruas das aldeias parecem-se umas com as outras: sempre as mesmas pedras agudas e hostis, as mesmas creanças bronzeadas pelo sol, esfarrapadas, correndo atraz das gallinhas; um cão que ladra com toda a força dos pulmões, uma diligencia que chega, branca de poeira, arrastada por uns cavallos lazarentos e phtisicos. E pelo caminho, frescas aldeãs com cestos á cabeça, com bilhas de leite nos braços, fazendo meia e parando para dar os bons dias aos compadres. A vida rustica exerce-se ao ar livre; as casas não passam de telheiros destinados a guardar os objectos uteis, e como as mulheres possuem de ordinario um vago instincto de poesia, as camponezas preferem ás suas quatro paredes denegridas e estreitas, onde o sol não penetra senão atravez das vidraças de papel oleoso, o ar puro e livre.

«Mas as *Caldas da Rainha* não são uma aldeia, são uma estação balnearia, vizitada todos os annos pelo infante D. Augusto.»

Perdão, Caldas, a velha Caldas, a primitiva Caldas, aquella que não mudará provavelmente nunca, não passa de uma aldeia que não deve absolutamente nada á civilisação das elegantes vivendas que se lhe agrupam em torno. Está situada na margem direita do rio Arnoia, cerca das collinas da Serra da Beira,

n'um terreno arenoso. As suas aguas mineraes são as mais frequentadas em Portugal.

A sua reputação data do fim do seculo XV; mas é provavel que fossem conhecidas em tempos mais remotos, visto que nas escavações que se realisaram por occasião de se construir o hospital fundado pela rainha D. Leonor, appareceram vestigios de banhos romanos.

O actual estabelecimento de banhos foi reconstruido pelo rei D. João V. É espaçoso, sabiamente administrado e os doentes apresentam um aspecto tão satisfactorio que faz gosto vel-os.

Vizitámos os dormitorios e encontrámos sempre muita luz, muito accio e cuidados minuciosos attestando o zelo e actividade das pessoas incumbidas do serviço interno. Os banhos são admiravelmente organisados: tinas de marmore, muito baixas, estão constantemente cheias de excellente agua, e as piscinas, grandes, ventiladas, teem um fundo de areia tão fina que parece que se pisa velludo.

A proposito, succedeu-me uma d'essas pequeninas catastrophes que fazem as delicias dos narradores de anedoctas.

Não devendo passar senão tres dias nas Caldas, quiz aproveital-os para tomar um ou dois banhos sulfureos.

Cheguei pois muito cedo ao estabelecimento. Parece que era a hora propicia, segundo se deprehendia da affluencia dos banhistas e do facto de não haver uma unica tina disponivel, conforme julguei perceber ao empregado que me fallava uma linguagem inintelligivel. Cançada de esperar, pedi a uma das mulheres encarregadas do serviço dos banhos que me conduzisse á piscina. Ella obedeceu de má catadura, tentando primeiro dissuadir-me por meio de uma pantomima expressiva. Foi só então que reparei para o tapete de areia ondulante depositado no fundo da tina. Tomei o

banho em companhia de duas ou tres mulheres que não me pareceram modelos de distincção e graça. Mas não se deve ser demasiado exigente, e de resto nem só a belleza constitue titulo de recommendação.

Começava a experimentar o encanto de uma temperatura doce e egual e calculava mentalmente o bem que deveriam fazer estes banhos, mesmo tomados em pequena quantidade, quando ouvi de repente uma voz aspera dizer: «Vamos, vamos, é preciso sair, são horas da sopa!»

Immediatamente, as boas velhas precipitaram-se para a escada em vez de voltarem altivamente as costas, como eu esperava. *Horresco referens!* Eram doentes do hospital, o banho era gratuito e eu tinha confraternizado com pobresinhas, que tornei a ver descalças, quando fiz a minha vizita official da tarde, e que me olharam familiarmente... Imagine-se a extensão do meu infortunio!..

Para o esquecer percorri o passeio e o club acompanhada pelo marquez Ginèr de la Fuente, pae do celebre philosopho e professor hespanhol.

O club defronta com o estabelecimente dos banhos. É como que a alma d'essa pequena villa. É frequentado por todos os estrangeiros e dá magnificas soirées. Tudo ahi é moderno, excepto a bibliotheca que contém muitos livros antigos. Dança-se todas as noutes; uma amavel e encantadora menina de Lisboa canta algumas vezes e é sempre applaudidissima. Nota-se, porém, que todas as preferencias são para a conversação. Formam-se grupos de tres, quatro, dez meninas ou senhoras que palestram, riem, divertem-se, em quanto as mamans, assentadas a pequena distancia, conversam mais seriamente. A sociedade masculina, ou por timidez ou por qualquer outro motivo, mostra-se reservada; vi quadrilhas formadas exclusivamente por formosas meninas, em quanto os rapazes as contempla-

vam não parecendo dispostos a renovarem o menor episodio da historia dos romanos e das Sabinas.

O duque de Coimbra, irmão do rei D. Luiz, adora as Caldas. S. Alteza dança excellentemente e faz as delicias do club, onde passa todas as noutes uma ou duas horas.

Habita, durante a sua *villegiatura*, uma grande casa quadrada, rodeiada de um bello jardim, e não vai nunca a Lisboa senão para ver a familia real. A sua vida é das mais simples, tendo muitos pontos de contacto com a dos fidalgos lavradores.

O theatro é um mytho. De tempo a tempo uma companhia qualquer, parenta em terceiro gráu da de Chariot de Thespis, chega e dá uma representação n'uma especie de alpendre onde os camarotes parecem bahús e as cadeiras, completamente desconhecidas, são substituidas por uns bancos claudicantes. Se a gente quizer assentar-se tem de levar cadeira de casa. Todos se riem, mas todos lá vão! Dois candieiros fumegantes allumiam a scena, em quanto que no fundo do theatro destaca o camarote real forrado de damasco de lã encarnada. Fiz o que todos fizeram e fui ver uma *zarzuela*. A actriz que representava o papel de ingenua era gorda, baixa, tinha o nariz arrebitado, os cabellos desgrenhados e de um preto sujo.

A verdade, porém, é que o publico é uma boa creança que não liga demasiado valor á qualidade de generos que lhe apresentam. Ri, sem saber se é da peça se dos interpretes. A chaga de Portugal é a falta de hospedarias. É facil de prever quantas febres devoram os viajantes que percorrem as margens longiquas do Senegal, as serpentes e animaes nocivos que infestam varios pontos da America. O que se não prevê, porém, é a fome, a fome que não permitte outra alternativa senão a de um envenenamento quotidiano. Caldas não tem uma unica hospedaria, ou por outra possue uma, o *Hotel Paulo*, que deveria servir de alojamento ao

diabo quando elle viajasse. Ignora-se ahi totalmente a existencia do caldo e dos mais elementares productos da arte culinaria. Os unicos alimentos consistem em ovos e chá, e esses mesmos temos de cozinhal-os. Se Brillat-Savarin não deixou aqui discipulos, em compensação Barême conta muitos.

Embora demonstremos mathematicamente que tal ou tal dia não almoçámos nem jantámos, pouco importa! Poderiamos ter comido, temos por conseguinte de pagar a gallinha que nos deviam ter servido e que se acha no choco, o coelho que se esqueceram de adubar e que tasquinha tranquillamente a sua folha de couve, longe de imaginar os conflictos em que o envolveram!... E com o estomago vazio e cara de palmo e meio temos de pagar uma conta interminavel, digna de Lucullo, se acaso elle se houvesse alojado em nosso logar.

O resultado é que as familias que vem a banhos hospedam-se em casas particulares, com os seus creados e habitos quotidianos. É o unico meio possivel. Cada uma d'essas casas tem uma pequena quinta e um jardinzinho e demora perto do Club, sendo então facil residir alli tres mezes n'uma especie de viver semi campestre semi mundano.

Das Caldas fiz uma excursão a *Alcobaça*. Os meus amigos portuenses tinham-me recommendado com particular insistencia que não deixasse de vizitar essa interessante villa, onde os tumulos de Ignez de Castro e D. Pedro, em virtude da dramatica legenda dos dois amantes coroados, attraiem uma multidão de curiosos ou de peregrinos.

Partimos ás oito horas da manhã em carruagem, d'esta vez tirada por vigorosos cavallos. A estrada é um encantamento perpetuo, um deslumbramento para o qual concorrem em grande parte as bellezas da paizagem e as irradiações do sol. Precipicios suavemente inclinados, tapetados de arbustos delicados, de flores e

de hera, na espalda dos quaes desenham se casinhas embuscadas em cortinados de folhagens, collinas cingindo com uma fita de prados verdejantes os valles, as habitações em torno das quaes pastam rebanhos doceis, as azinhagas estreitas e sinuosas como serpentes descendo em curveteados do alto dos montes e banhando-se no azul do ether e na claridade intensa e luminosa; tal foi o espectaculo que se nos deparou por espaço de tres horas approximadamente.

Entra-se em Alcobaça por uns deliciosos caminhos arborisados e bordados de enormes platanos, que parecem avenidas de algum castello grandioso, tanto a solidão, interrompida apenas pelos gorgeios das avesinhas e pelo rumorejar das folhas, é completa e magestosa. Alcobaça é fertilisada por dois rios, o *Alcoa* e o *Baça*. A villa, em plena decadencia do seu esplendor primitivo, não offerece nada de notavel senão o mosteiro. «Os claustros parecem povoações, a sachristia uma egreja e esta uma basilica» disse, com razão, um auctor portuguez.

O mosteiro foi fundado em 1148 pelo rei Affonso Henriques, em testemunho de reconhecimento pela victoria de Campo de Ourique, que assegurou a fundação da monarchia portugueza. Os religiosos da ordem instituida por S. Bernardo foram chamados. O rei fez-lhes doação de todos os terrenos que se avistavam do alto da egreja n'uma extensão consideravel.

A frontaria está admiravelmente conservada. A egreja é do mais puro estylo gothico. Tem tres naves que se communicam por arcadas de uma elevação pasmosa. A humidade gotejando atravez das pedras ennegreceu-as e a acção do tempo desconjuntou-as; o edificio está quasi votado ao abandono; mas é magnifico no seu conjuncto e nos detalhes que subsistem intactos.

Portas carunchosas e fendidas introduzem-nos na sachristia e nos claustros. Parte do edificio serve de

quartel, a outra que tractavam de restaurar está destinada para uma eschola ou seminario, a terceira jaz em ruinas. Todavia,o aspecto geral é grandioso. A herva cresce em liberdade; cobras assobiam enroscando-se nas columnas que amparam as abobadas circulares; tumulos de frades confundem-se com as lages contendo inscripções que guarnecem as paredes; por uma fenda, engrinaldada de festões de hera e trepadeiras avistava-se os fragmentos de duas azas gothicas que ligavam dois andares do mosteiro. Afigura-se-nos que vemos apparições fantasticas e estremece-se ao menor ruido, como se sombras mysteriosas adejassem em torno de nós ao perpassarem no seu voo aerio. Quasi todos os altares das capellas particulares estão carregados de decorações. Defrontando com os tumulos de Ignez de Castro e D. Pedro nota-se uma scena da morte de S. Bernardo, rodeiado dos seus discipulos, trabalho de um gosto delicado e originalissimo.

Por detraz do altar mór ha um sem numero de capellas particulares destinadas ao culto de varios santos e santas. Na sachristia existem dois moveis antigos do mais elevado preço. Cerca da sachristia ha uma sala circular que recebe a claridade pela cupula do tecto, dividida em pequenos nichos, e que se chama o *cofre das reliquias*. Cada um d'esses nichos dourados contém uma cabeça de santo ou santa de tamanho natural e uma ambula de vidro encerrando reliquias. Por occasião das guerras civis perderam-se a maior parte d'essas reliquias.

Os tumulos de Ignez de Castro e do seu regio esposo são simplesmente maravilhosos. É pedra, marfim ou renda? Os dois sarcóphagos estão unidos pelos pés, afim de que no dia do juizo final, segundo reza a tradição, «quando a trombeta do archanjo acordar os dois amantes, o seu primeiro olhar seja um olhar de amor.»

A estatua de Ignez está deitada, amparada pelos an-

jos que a contemplam lacrimosos, suspendendo sobre a sua cabeça uma corôa. Com a mão direita segura um collar de perolas. Aos seus pés notam-se ainda os fragmentos de cães, que foram quebrados ou arrancados, e que provavelmente representavam o symbolo da fidelidade. Nos quatro angulos da urna destacam relevos admiraveis. Seis esphinges de cabeças achatadas pela curiosidade inquieta dos vizitantes amparam a urna. O sarcóphago de D. Pedro o Justiceiro repousa sobre seis leões. A sua nobre physionomia respira doçura, a mão direita empunha a espada; aos seus pés está deitado um cão de caça. Aos cantos da capella, collocados sobre peanhas, veem-se tres pequenos cofres de pedra, cujo trabalho surprehendente o tempo deteriorou em parte, e que encerram as cinzas dos tres filhos de Ignez de Castro. Os nichos lateraes, modestamente rebocados a cal, conteem caixões de reis, de rainhas e infantes, provenientes do principio do seculo XIII.

Desgraçadamente, os tumulos de Ignez de Castro e D. Pedro foram roubados e mutilados. A estatua de Ignez está completamente damnificada. O guia, presenciando a minha indignação perante esse acto de vandalismo, com voz sonora peculiar aquelles que vivem nas solidões que repercutem eccos profundos, disse-me estas palavras, as unicas que sabia do idioma francez: «*mutilés par les français!*» sem acrescentar um unico commentario na sua propria lingua. Confesso que me senti encommodada.

Percorremos a egreja e os claustros, mas nem um só momento se apartaram do meu espirito essas quatro palavras que se erguiam como uma exprobração e uma ameaça.

A bibliotheca é uma immensa sala que contém 100$000 volumes, tendo sido transportados uns para Lisboa, outros para Braga. Foi restaurada, pintada e ampliada com uma galeria circular completamente doirada. Pode-se calcular o tamanho da sala sabendo-se

que o convento era habitado por 999 frades que se reuniam n'essa sala para trabalhar e estudar. (*)

Proximamente ficavam os quartos do superior e a sua capella, consagrada a santa Constança. As cellas são pequenas e absolutamente eguaes; grande numero d'ellas estão arruinadas.

Quanto á cosinha, é gigantesca!.. No forno, que occupa o centro, sobresaindo de longe por cima do edificio como o solideo de um bispo, cabem á vontade dois bois inteiros. Ha varias mezas de pedra destinadas a cortar a carne e o pão e um lavadouro monstro provido abundantemente de agua encanada. Uma cozinha de Titan!..(*)

A torre é relativamente menos elevada do que parece á primeira vista. É possivel que o monarcha, achando imprudente o voto que fizera, pensasse em restringil-o. O que é certo é que depois de subir 72 degráos cheguei a uma plataforma admiravel, d'onde avistei os sinos aos meus pés e a villa disposta como um leque aberto.

Atravessei n'essa occasião os celleiros. José poderia ter ahi guardado, não a colheita de sette annos, mas a de um seculo!

Continuei o meu caminho presa da admiração e do encantamento. Que homens eram pois esses que deixavam semelhantes traços na sua passagem?.. Ao cabo de muitos seculos o seu poderio affirma-se ainda em monumentos impereciveis que subsistem de pé como os archivos de um povo de gigantes.

(*) A ordem de Santa Maria de Alcobaça prohibia que o numero dos monges chegasse a 1:000, tanto assim que não existiam senão 999 cellas. Que quantidade!!!

(*) Conta-se, a proposito, que ha cerca de dez annos o juiz encarregado de inventariar os bens dos frades de Alcobaça foi accusado de se ter apropriado de um dos enormes caldeirões da cozinha. Esse facto serviu de base ás successivas accusações formuladas contra o ex juiz, sempre que elle era ministro, e ás replicas em contrario.

O sol esmorecia: era sempre o mesmo quadro formosissimo, mas esfumado; ligeiras nuvens deslisavam tingindo-se de purpura no horisonte e afagando a lua, que se erguia pallida e melancolica por entre a matta de pinheiros de troncos desempenados e flexiveis. As violetas perfumavam o ambiente, as boas noutes dilatavam a corolla delicada e embrulhavam-se modestamente na folhagem; trabalhadores recolhiam, cantando, aos seus lares coroados de um fumo azulado, onde os esperavam as mulheres e os filhos... Aldeãs de pelle queimada e grandes olhos negros caminhavam alegremente, levando á cabeça feixes de espigas picadas de papoulas e malmequeres; rapariguinhas, ajoelhadas ao longo da estrada, pediam esmola, sorrindo, mau grado seu, por entre a melopea pungente do peditorio.

Doces esplendores de Portugal!... Que clima vale o teu? O teu ceo irradia banhado pela luz do sol; o teu hymno é o da primavera; os teus ditosos filhos não conhecem nem o desalento, nem a doença, nem a tristeza.

No meu regresso occorreu um incidente cheio de pittoresco. Um bonito burrinho cinzento, de pello lustroso e nitido, largando a correr da argola a que estava preso e saltando uma sebe, veiu cantar-nos o seu melodioso *in an*, voltando para nós as ventas rosadas e arrebitando as orelhas. Offerecemos-lhe pão e assucar, que se dignou acceitar, e afagamol-o, ao que, segundo parece, estava habituado. Seguiu-nos por muito tempo galopando e quando nos deixou lançou um *in an* tão sonoro que instinctivamente todos levaram as mãos aos ouvidos. Era incontestavel que adquiriramos um amigo.

Como já disse, o caminho da Batalha é formosissimo: a Batalha, tanto ou mais do que Alcobaça, evoca periodos luminosos da arte gothica; como esculptura é a arte e a arte transcendente. A Batalha possue um

convento menos espaçoso mas de um estylo ainda mais puro do que o de Alcobaça. Este mosteiro foi fundado pelo rei D. João I, que ahi repousa. São dignos de menção especial o claustro e a sala do Capitulo, verdadeiramente magestosa.

Decididamente, os senhores frades d'essa epoca possuiam habitações magnificas e é pena que não se construam hoje outras identicas, não para serem exclusivamente povoadas pelos cenobitas, mas para encantarem o olhar do *touriste*.

Voltando aos arrabaldes de Lisboa, citarei a residencia real do Alfeite, não pela vivenda em si, — que consta apenas de tres ou quatro colles de areia fina plantados de uma infinidade de pinheiros, com uma grande casa nua e fria, sem o menor distinctivo — mas porque ella me fornece ensejo de alludir ás distracções venatorias dos portuguezes.

O que nós chamamos em França o prazer da caça é uma cousa quasi desconhecida em Portugal. O caçador de profissão não existe. O rei de Portugal vai todos os annos caçar durante uma semana á tapada de Villa Viçosa. Encommenda-se por esta epoca para Inglaterra ou França um veado competentemente encaixotado, que se colloca adrede na espessura da floresta... Finda a caçada os jornaes annunciam pomposamente que el-rei matou um gamo, tres coelhos e duas gallinholas. Divide-se o gamo em varios quinhões que se distribuem pelos differentes dignatarios da corôa. Se o rei convida um estrangeiro de elevada cathegoria, é elle sempre que mata o veado. (*)

Instigado um dia pelos portuguezes, que me gaba-

(*) Não faço o menor sacrificio declarando que o amigo que me forneceu estes esclarecimentos abusou completamente da minha credulidade. As duas ultimas caçadas, realisadas em honra dos principes austriacos, demonstram a inexactidão do que escrevi. Em Villa Viçosa matou se um numero consideravel de veados e corças.

vam as bellezas do Alfeite, dizia-me um dos meus amigos, resolvi atravessar o Tejo. Depois de ter penetrado nas avenidas que conduzem á propriedade e de me ter enterrado em areia até aos tornozelos, perguntei ao guarda o que fazia o rei quando por acaso alli vinha.

— Caça, respondeu elle.

Involuntariamente espalhei a vista em torno de mim, procurando descobrir a caça e convenci-me de que o homem me escarnecera. Elle estava serio como um diplomata.

— Então ha caça? acrescentei.

— Ha muita: o anno passado sua magestade matou 11 coelhos, 2 pombos e uma gallinhola.

A caça mais frequente em Portugal são os coelhos, que fornecem abundantemente os mercados. Encontram-se alguns perdigotos vermelhos, poucas codornizes, poucas lebres e nem um unico faisão. Não ha terrenos defesos: pode-se caçar livremente em qualquer sitio.

Os portuguezes entregam-se a outro genero de distracções.

A' parte a equitação, a mocidade cultiva pouco os exercicios corporaes. Não ha gymnasios para a infancia, nem salas d'armas accessiveis ao publico. Um professor de esgrima em Portugal morreria de fome.

Ignoram-se completamente os exercicios do pau, do sabre e do pugilato. Em compensação cultivam o *sport* e possuem yachts.

Portugal tem, como Paris e Londres, corridas de cavallos. Supponho mesmo que não ha povo sufficientemente espirituoso para subtrair-se á influencia d'essa mania ingleza, invenção que representa a meus olhos um dos maiores disparates que teem brotado do cerebro do homem.

Que interesse haverá em educar, gastando para isso quantias avultadas, cavallos esgalgados, que não teem

senão a pelle e o osso, fazendo-os galopar ao longo de uma corda, conduzindo um homem vestido de macaco? Para que e a quem aproveita isto? Affirma-se que ha amadores que enriquecem mediante esta industria, recorrendo a expedientes que não são absolutamente honestos. Acredito, mas qual a utilidade para o publico?

Por ventura servem os cavallos das corridas para outra cousa que não seja galopar, ganhar ou perder o premio? Fornecem elles a remonta do exercito? Se os garanhões de sangue puro exercem algumas vezes as funcções de reproductores, é indispensavel pagar cara a sua intervenção. O *sport* hippico não aproveita senão a uma certa classe de individuos; enriquece alguns espertos e arruina muitos idiotas. Além d'isso creou uma nova especie de jogo do azar, que substitue vantajosamente a roleta, assemelhando-se a todos os jogos que só enchem a algibeira dos velhacos á custa dos tolos.

As corridas de cavallos acclimataram-se em Portugal como nos outros paizes. Este bello cantinho do mundo não escapou ao contagio. Ha em Lisboa e Porto hippodromos, onde os cavallos disputam magros premios offerecidos pelo rei e pelo municipio. Não vi o do Porto, mas faço idéa pelas descripções dos jornaes.

As corridas de Lisboa realisam-se em Belem; salvo uma duzia de carruagens particulares, a maioria dos trens que ornamentam esta festividade constam de coupés de praça. Todos os rapazes ahi concorrem munidos de esporas que podiam servir a um couraçado; alguns a cavallo, o maior numero a pé, outros empilhados em um caleche alugado em commum; mas todos com esporas.

Digamos em louvor do povo portuguez que as corridas não encerraram para elle o attractivo que se esperava. Os portuguezes, verdadeiramente portuguezes, deixam as melhores corridas pelas peores touradas. Partilho a sua opinião e a sua preferencia.

Tendo o *sport* hippico penetrado em Portugal por uma porta, era natural que o *sport* nautico entrasse pela outra sob o aspecto de regatas de yachts. Comprehendia-se que esse genero de passatempo se desenvolvesse em Lisboa, dotada de um passeio fluvial tão bonito como o Tejo. Parece que não haveria modo dos portuguezes modernos deixarem de votar ao mar o amor, o espirito de aventuras, o desejo de vencer, que fizeram a gloria de seus antepassados, outr'ora os primeiros navegadores do mundo. Nada d'isso. O *sport* nautico é tão pobre como o *sport* hippico; ha effectivamente regatas, mas que regatas e que yachts! O maior pertence ao duque de Palmella, cuja fortuna, isto é, a de sua mulher, excede um milhão de francos de renda, e que foi official de marinha; a sua tripulação compõe-se de tres homens, e foi comprado em Inglaterra; pode valer approximadamente 3:600$000 réis. O mais reles commerciante de Londres tem um yacht superior a este, ou não tem nenhum, o que é mais racional. Todas as embarcações de recreio, depois d'esta, uma duzia pouco mais ou menos, são barquinhos de quatro a cinco metros de comprimento, pertencendo em geral a caixeiros ou empregados que se reunem aos cinco, seis, oito ou vinte para fazerem a acquisição. Embarcam aos domingos na sua casca de noz, acompanhados por uma sociedade de mulheres, amigos, salchichões, vinho e cerveja. Passeiam no rio até á barra, ao sabor do vento e da maré. Nos dias das regatas todos estes *pseudo-yachts* correm uns atraz dos outros e o vencedor recebe um premio que vale approximadamente 9$000 réis. Mas, em todo o caso, imitaram a Inglaterra e muitos suppõem mesmo que a excederam.

São numerosos os estabelecimentos de beneficencia em Portugal. Pertencem a esta cathegoria os asylos para os velhos e creanças e as confrarias religiosas que exercem a caridade individualmente ou á custa alheia.

São raros os estabelecimentos pios subsidiados pelo governo. O recenseamento de 1861 eleva o numero das instituições de beneficencia a 9:861.

Os meios de transporte e de locomoção, indispensaveis em uma cidade notavelmente accidentada e batida pelo sol, são raros e deficientes. Ha pouquissimas carreiras de omnibus em Lisboa e os que existem, destinados a conduzir os passageiros aos arrabaldes, não passam de verdadeiros chorriões dos seculos passados. As linhas dos tramways á americana, recentemente estabelecidas, valeriam mais se fossem melhor administradas. Os trens numerados, que se nos deparam nas ruas e nas praças, merecem menção especial e talvez mesmo menção de honra. Em primeiro logar, são em geral muito acceiados, tirados por cavallos pequenos que evocam a reminiscencia d'esses famosos cavallos lusitanos, fecundados pelo vento, consoante a lenda de um historiador antigo. Cada trem é puxado por uma parelha magra, angulosa, mas de um vigor extraordinario. E' maravilhoso vel-a trepar as ruas ingremes da cidade (e sabe Deus de que genero ellas são!) a trote regular e descel-as a trote largo. E' uma velocidade vertiginosa! A primeira vez que uma pessoa confia os seus dias a estes filhos de Eolo, experimenta o arrepio inherente ao aspecto do abysmo hiante. Não tarda, porém, que nos tranquillisemos, notando a firmeza dos animaesinhos que caminham com o passo egual e seguro do camelo galgando a crista das montanhas. O resultado é que raras vezes suçcedem os desastres de carruagens, tão frequentes em Madrid.

Os cocheiros teem varios pontos de contacto com os animaes que conduzem. Como elles, possuem tambem grandes qualidades. Os cocheiros portuguezes não valem menos do que os inglezes, tantas vezes citados como modelos. Cruzam as ruas com uma destreza pasmosa e fazem-n'o em silencio, sem gritos, sem trocarem as grossas injurias habituaes aos cocheiros de Pa-

ris. E' verdade que a medalha tem reverso. Se nos mettemos em uma carruagem que encontramos na rua ou em qualquer estação, o cocheiro, depois de perguntar-nos o sitio para onde desejamos ir, estipula a somma que exige, a qual é inutil discutir.

N'esse caso não ha regulamento nem tabella, dirá o leitor. Ha, mas se nos dirigirmos a um policia para que este obrigue o cocheiro a submetter-se ao preço da tabella, o cocheiro responde simplesmente que tem o trem alugado e que não pode conduzir-nos. O policia aperta-lhe a mão e acabou-se. Aos domingos e dias santos a mais insignificanto corrida custa réis 1$800 e 2$000. E' um privilegio que desfructam os senhores cocheiros. Em qualquer outro paiz vinte e quatro horas bastariam para cohibir semelhante abuso. Em Portugal ninguem se queixa; todos curvam a cabeça e a camara municipal não se preoccupa com o fazer cumprir as posturas. Nenhuma carruagem em Lisboa tem affixada a tabella, cuja leitura deveria servir de guia aos estrangeiros. Provavelmente os cocheiros accendem com ella os cigarros.

Não condemno, como se vê, os senhores cocheiros. A culpa não é d'elles; a responsabilidade pertence unicamente ao singular e absurdo systema que faz regulamentos e leis só de papel e tinta: «muralhas de papel», como diria o sr. de Bismark.

Os cocheiros de Lisboa não são assiduos leitores de jornaes como os de Paris; a sua educação litteraria resente-se de varias lacunas. Entretanto, contam-se alguns admiradores da sciencia e dos sabios. Acontece, não raro, que se um cocheiro nos conduz ao Gremio, uma associação litteraria das mais consideradas em Portugal, refere-nos a seu modo as occorrencias que dizem respeito aos mais illustres socios do Gremio.

Os clubs e particularmente as lojas maçonicas representaram, até 1842, um grande papel importante e activo em quasi todas as revoluções internas de Por-

tugal, figurando entre os iniciados um numero consideravel de funccionarios civis e militares. A primeira loja maçonica foi fundada em Lisboa, em 1742, pelos inglezes ahi residentes.

Em 1797 abriu-se a loja *Regeneração* e em 1800 a do *Grande Oriente Portuguez.*

Em 1822 esta ultima recebeu uma nova organisação e ramificando-se por todo o paiz creou grandes meios de influencia, devidos aos chefes de partido e aos agentes incumbidos de fazer a propaganda da associação. (*)

(*) O conde de Paraty, par do reino, é actualmente grão-mestre dos franc-maçons de Portugal e Hespanha: ha cerca de dois annos o conde foi recebido no Porto com significativas provas de apreço, offerecendo-lhe as lojas maçonicas um banquete que se realisou no Palacio de Crystal.

CARTA VIGESIMA QUINTA E ULTIMA

SUMMARIO

A carta. — A camara dos pares. — A coroação do edificio. — A carta constitucional de 1826. — As eleições. — A venalidade eleitoral. — A opposição para obter a posição. — O voto nas egrejas. — A verificação dos poderes. — A politica do *Delenda est*. — Os partidos. — O partido progressista. — Braamcamp. — Fontes Pereira de Mello. — Perfis politicos.

A carta constitucional, outorgada em 1826 pelo rei D. Pedro IV, é a lei fundamental da monarchia portugueza. O acto addicional de 5 de julho de 1852 serviu para modificar ou interpretar alguns artigos.

A forma do governo é a monarchia hereditaria e representativa. A dynastia reinante, a partir de 1640, epoca da gloriosa restauração do reino, sessenta e quatro annos depois do dominio hespanhol, é a bragantina.

A religião do Estado é catholica, apostolica, romana.

Ainda que a carta só aos estrangeiros conceda o livre exercicio de outros cultos, a tolerancia religiosa mantem-se inalteravel, exigindo apenas que os edificios onde se celebram não tenham nenhuma apparencia exterior de templo, desfructando-se em Portugal a mais ampla liberdade de consciencia.

A carta reconhece como cidadãos portuguezes todos os que nascem em Portugal, embora sejam filhos de estrangeiros, a menos que seus paes não desempenhem algum emprego da nação a que pertencem; os filhos de paes portuguezes e os filhos naturaes de mãe portugueza, nascidos no estrangeiro, que venham estabelecer o seu domicilio em Portugal; os filhos de paes portuguezes nascidos no estrangeiro, quando seus paes ahi rezidam para o serviço de Portugal, ainda mesmo que não rezidam no reino; os estrangeiros naturalisados, qualquer que seja a sua religião.

É indispensavel ser maior, possuir meios reconhecidos de subsistencia e contar pelo menos um anno de permanencia no territorio portuguez, para obter carta de naturalisação. Os estrangeiros oriundos de sangue portuguez por seu pae ou mãe, que vierem fixar o seu domicilio em Portugal, podem ser dispensados da rezidencia preliminar. Essa isenção, total ou parcial, permitte-se igualmente aos estrangeiros casados com portuguezas, e a qualquer individuo que tenha prestado, ou que seja chamado a prestar, um serviço importante ao paiz.

O poder legislativo é exercido pelas camaras, que fazem as leis, cuja iniciativa pertence igualmente aos seus membros e ao governo. E' o rei que promulga as leis votadas pelas duas camaras; assiste-lhe o direito de se recusar a sanccional-as, com tanto que nos trinta dias que precedem o voto definitivo faça publica a sua decisão.

A camara dos deputados compõe-se de 149 membros, divididos da seguinte maneira: 127, pelo continente; 10, pelas ilhas adjacentes, Madeira e Açores, e 12 pelas restantes possessões da Africa, Asia e Oceania.

O suffragio é directo mas não universal. Os eleitores devem ter vinte e cinco annos de idade e uma renda annual de 100$000 réis, pelo menos, pagar

uma contribuição directa de 1$000 réis ou uma contribuição financeira de 5$000 réis. Os peritos eximiram d'essas condições os cidadãos que possuem graus universitarios, os officiaes de mar e terra, os ecclesiasticos e os funccionarios; além d'isso, para essas diversas cathegorias de eleitores, a idade fixada passa de vinte e cinco a vinte e um annos.

Para ser elegivel é indispensavel possuir uma renda annual de 400$000 réis, pelo menos, e pagar uma contribuição directa de 4$000 réis ou uma contribuição financeira de 20$000 réis.

São da mesma forma isentos d'esta condição forense as cathegorias de cidadãos acima mencionados e que destructam os direitos eleitoraes em virtude das suas qualidades.

As sessões annuaes da camara dos deputados prolongam-se por espaço de tres mezes; mas o rei pode convocar as camaras sempre que o julgue necessario ao bem do Estado.

A camara dos pares compõe-se de um numero indeterminado de membros, nomeados pelo rei. Os pares devem contar trinta annos feitos e pertencer a qualquer d'estas diversas cathegorias: antigos ministros ou altos funccionarios de Estado, proprietarios ou capitalistas, possuidores de uma renda annual de 800$000 réis, e industriaes ou commerciantes que tenham pago contribuições no valor de 1:400$000 réis. O pariato póde tambem ser concedido a um talento superior ou premiando serviços excepcionaes e acções brilhantes. O pariato é hereditario; transmitte-se por direito de primogenitura, unicamente na descendencia varonil, sem comprehender os ramos collateraes. O herdeiro do pariato deve possuir as condições monetarias ou cathegorias correspondentes aos pares nomeados. Ha, alem d'isso, pares de direito natural: são os filhos do rei, que podem entrar no exercicio do pariato aos vinte e cinco annos, e os bispos e arcebispos.

A camara dos deputados dispõe de poderes especiaes applicaveis á iniciativa da legislação interna e do recrutamento militar. Só a ella pertence discutir os actos dos ministros e dos membros do conselho de Estado. A camara dos pares tem o direito de constituir-se em tribunal supremo para julgar os membros da familia real, os ministros, os conselheiros de Estado e os pares e deputados suspeitos de qualquer crime. É ella tambem que julga os ministros e conselheiros de Estado, accusados pela camara dos deputados.

Em caso de conflicto entre as duas assembleias, uma commissão mixta, composta de um numero identicó de pares e deputados, incumbe-se de congraçar os adversarios.

As duas camaras reunem-se formando uma unica assembléa, sempre que se trata de receber o juramento de fidelidade que o soberano ou regente tem de prestar á constituição, por occasião de subir ao throno ou na menoridade do principe. O presidente e vice-presidente de qualquer das duas camaras são nomeados pelo rei; mas a camara dos deputados reserva-se o direito de apresentação, e o rei é obrigado a escolher entre cinco candidatos designados por ella.

O orçamento em Portugal, como facilmente se comprehende, não se equilibra nunca senão por um *deficit*.

Contrae-se todos os annos um pequeno emprestimo, que se repete em larga escala sempre que ha eleições geraes de deputados. O resultado é que é indispensavel pagar enormes juros, e que o thesouro está sempre esgotado.

Segundo o que fica dito, vê-se que o governo de Portugal é uma monarchia como todas as monarchias constitucionaes das nações catholicas, pelo menos na generalidade. E todavia aquelle que se limitasse a ler a Carta *decretada e dada pelo rei de Portugal e dos Algarves, D. Pedro IV, imperador do Brazil*, a 29

de abril de 1826 *e o acto addiccional da rainha D. Maria*, que tem a data de 5 de julho de 1852, poderia facilmente illudir-se e julgar-se transportado á ilha encantada onde Montesquieu foi buscar o seu modelo de bom governo. Mas o seu sonho dissipar-se-ia depressa, logo que abrisse os olhos e examinasse em torno de si.

Não ha em parte alguma, creio eu, governo que apresente uma tão consideravel distancia entre a letra e o espirito de uma constituição. Dir-se-hia que uma fada maligna, igual á que figura nos contos infantis, concedeu de proposito a este bello paiz um dom precioso, privando-o ao mesmo tempo da faculdade de se servir d'elle. Ha em Portugal, como em todos os paizes constitucionaes, um rei que reina e não governa; ha uma camara de pares e uma camara de deputados que legislam livremente, mas cuja vontade pode ser completamente annullada pela do monarcha, (artigo 58 da Carta). A camara dos deputados é eleita por maioria da nação, reunida livremente em comicios, e devendo funccionar independente das influencias governamentaes, em plena soberania; mas as influencias governamentaes existem, apparecem e dominam quasi sempre.

Para julgar um governo é indispensavel examinal-o no periodo eleitoral. É a sua pedra de toque. O assumpto eleições tem n'este capitulo o seu logar reservado.

O *Pimpão* inseria no seu numero de 12 de janeiro de 1879 as seguintes linhas:

«O throno declara que se sente feliz ao ver-se rodeado dos representantes da nação, *livremente eleitos*. Lá isso é verdade; nunca houve eleições mais livres... de liberdade. Entre a vinhaça e o carneiro com batatas da opposição, e as ameaças e dinheiro dos regedores, o livre eleitor não sabia para onde se voltasse

que não visse suspenso sobre a cabeça, qual espada de Damocles, ou uma libra ou uma perna de carneiro.»

Era a expressão fiel da realidade sob uma forma humoristica. N'esse ditoso Estado constitucional, a venalidade exhibe-se ás claras, com uma ingenuidade susceptivel de arrancar sorrisos aos Mephistopheles da politica. Os candidatos não vestem a tunica branca, emblema da pureza. Adoptam pelo contrario um singular genero de pugilato, atirando ás cabeças uns dos outros moedas de oiro e prata, pertencendo naturalmente a victoria aquelle que tiver melhor fornecimento na *burra*.

Os candidatos governamentaes caminham sem difficuldade no terreno eleitoral, o mesmo que lhes succede na camara; basta-lhes para isso approvar sempre e achar tudo optimo. O governo, que em cada nova legislatura contraie um pequeno emprestimo para auxiliar os seus amigos, cobre de oiro e de promessas os districtos eleitoraes onde presente que haverá luta, e o seu candidato accumula promessas sobre promessas. Uma vez ganha a eleição, as promessas ficam de remissa para figurarem no futuro escrutinio. O candidato da opposição não póde prometter sem cumprir, e é preciso que pague da sua algibeira, comprando publicamente cada voto que póde apanhar por 2$700, 3$600 até 10$000 e 12$000 réis. Todos os jornaes indicam o facto, que é, segundo me asseveram, absolutamente verdadeiro. Mas admitte-se, com a mesma phrase invariavel que Portugal tem para todas as cousas, mesmo as mais extraordinarias: «*É costume!*»

É preciso tambem dizer, salvo raras excepções, que a maioria dos politicos filiam-se na opposição unicamente para celebrarem mais tarde qualquer alliança vantajosa com o poder. Ha immensas personalidades que me seria facil nomear, que foram outr'ora

oppositores ferozes, e que adoram hoje apaixonadamente o mesmo que antigamente odiavam.

Tudo rezide n'este systema. O leitor imagina talvez que o escrutinio se realisa na *mairie!* Illusão: não havendo estado civil em Portugal, tambem não ha *mairie*. As certidões de baptismo, casamento e obito pertencem exclusivamente á alçada do clero; o governo, entendendo que o voto eleitoral podia ser considerado entre o numero das cousas santas, ordenou que se votasse... nas egrejas. Colloca-se uma urna entre dois santos, guardada por dois municipaes, e cada cidadão póde no acto de depor a lista rezar ao mesmo tempo o Padre Nosso. Não tinha eu razão de dizer que nos achavamos em presença de uma simples interpretação da carta?

O exercito, naturalmente, vota, como um só homem, a favor do governo. Por occasião das eleições os coroneis fazem-se agentes eleitoraes; e desgraçado d'aquelle que não se mostrar affeiçoado ao ministerio. Deportam-os, segundo me affirmaram, para as ilhas, para a Africa, para a India e China. Prefiro acreditar que o boato não passa de uma calumnia. (*)

Se passarmos dos comicios para o resultado das eleições, encontraremos um sem numero de illegalidades. Basta lembrar-mo-nos o que se passou por occasião da chamada dos deputados na penultima legislatura, (1879). Revelaram-se muitos factos anormaes, que não obstante a sua importancia e a culpabilidade de que se revestiam passaram sem levantarem protestos. A esse numero pertenceu a approvação da eleição do

(*) Os ministros da guerra officiam ás divisões ordenando que se mantenha a liberdade do voto: acontece, porém, ás vezes que o zelo dos superiores exorbita alem das suas attribuições, provocando conflictos que são muitas vezes punidos com transferencias de corpos, mas nunca com a deportação para as colonias.

candidato pelo districto de Ceia, onde a pressão do governo foi tão violenta que a força armada invadiu a egreja durante a votação, não se acceitando senão as listas do candidato official, as quaes tinham sido compradas a peso de oiro. É o *nec plus ultra* da candidatura patrocinada.

É ocioso acrescentar que a politica é aqui, como de resto em toda a parte, um terreno que se cultiva laboriosamente, á custa de desgostos e sacrificios, regando-o de suor e lagrimas, aonde se deixa muitas vezes em proveito alheio o melhor que se possue, colhendo-se apenas em troca ingratidões, suspeitas, calumnias, injurias, e peor do que tudo isso, o esquecimento!..

Mas as dedicações, em Portugal, como em todos os paizes, são raras; cada qual procura apenas a sua conveniencia.

A politica é um officio delicioso, especialmente para aquelles que o não exercem, e que, com os pés ao sol e o estomago replecto, criticam os outros.

Entretanto, e arriscando passar por demasiadamente obstinada nas minhas opiniões, julgo poder affirmar que toda a sciencia politica em Portugal resume-se, na presente occasião, n'este conhecido axioma: «Cuidado com a Hespanha!» Qualquer homem de Estado ou aspirante a estadista tempera-o com o molho que mais appetite possa despertar áquelles que teem de molhar a sopa. O guizado continua a ser sempre o mesmo. Como se vê, nada mais simples e mais commodo. E' como que o poema comico da *Delenda est Carthago* da velha Roma!...

Diremos agora algumas palavras dos partidos e dos seus respectivos chefes.

O partido progressista é o partido liberal mais antigo que existe em Portugal. Data da revolução de setembro de 1836, e nasceu tres annos depois do restabelecimento da carta constitucional, outorgada aos

portuguezes a 29 de abril de 1826, por D. Pedro IV, imperador do Brazil.

Pertenceram a este partido os vultos mais notaveis do liberalismo, tomando todos parte, mais ou menos directa, como instigadores ou partidarios da revolução liberal de que o Porto foi theatro, a 24 de agosto de 1820, e que rebentou depois em Lisboa a 15 de setembro.

O Brazil era uma colonia portugueza, quando, em 1807, os francezes invadiram Portugal. D. João VI, regente do reino por sua mãe, a rainha D. Maria I, fez-se de vela para o Rio de Janeiro no momento da invasão, seguindo-o a flor da sociedade portugueza.

Depois da revolução liberal, (24 de agosto, 1820) o rei quiz regressar a Portugal no intuito de combater a influencia ingleza, que tomava um ascendente progressivo, e arrancar o paiz metropolitano á posição secundaria que elle occupava em face do Brazil, que, elevado durante a residencia do monarcha á importancia de uma corte, recusou-se a acceitar a denominação de colonia depois da sua partida.

Logo que a familia real saiu do Brazil, os brazileiros proclamaram a sua independencia e escolheram para chefe da nação D. Pedro, que nomearam imperador em 1822 (o que trouxe a constituição de 1822). (*)

Tres annos depois, D. João VI, aconselhado pela Inglaterra, consentiu em reconhecer a independencia do Brazil e nomeou D. Pedro, seu filho, imperador do novo Estado.

A 10 de março de 1826, D. João VI morreu, em resultado de um envenenamento, segundo constou.

D. Pedro, logo que recebeu noticia da morte de seu

(*) Em virtude da revolução que rebentara no Porto a 20 de abril de 1820, e posteriormente em Lisboa a 15 de setembro, os seus partidarios eram conhecidos sob a designação de vintistas.

pae, doou uma carta constitucional aos portuguezes e abdicou em favor de sua filha D. Maria da Gloria, impondo como condição que a princeza desposasse seu tio D. Miguel, o qual a partir de 1823 organisara um partido importante.

Em seguida ao restabelecimento da carta constitucional, isto é desde o fallecimento de D. João VI até 1833, epoca da terminação da guerra civil, os liberaes viveram associados, sem dissensões dignas de menção, ligando-se unanimemente contra o inimigo commum, isto é, contra os realistas ou partidarios de D. Miguel, que tinham no paiz uma maioria consideravel.

Restabelecida a paz e tranquillisados acerca da possibilidade de novos combates com os miguelistas, dividiram-se em dois grupos. Uns fraternisaram, formando o resto um segundo partido. Mallogrado o casamento de D. Maria da Gloria com o infante D. Miguel, este, que primeiro reconhecera a auctoridade do irmão, fez-se acclamar rei de Portugal em 1828, convocando para esse effeito as potencias estrangeiras que nunca mais se tinham reunido desde a deposição do rei D. Affonso VI e da transferencia da coroa da cabeça d'este monarcha para a de seu irmão D. Pedro II.

D. Pedro, pouco sympathico aos brazileiros que o expulsaram do throno, regressou á Europa e quiz a seu turno desthronar D. Miguel em proveito de sua filha D. Maria. Declarou-se a guerra civil para a qual contribuiu a influencia da politica europea. O resultado foi a derrota e exilio de D. Miguel e a implantação definitiva da carta constitucional. O partido progressista declinou então sensivelmente.

Os realistas tinham opprimido os liberaes durante muitos annos (*)

(*) Os miguelistas, depois da partida de D. Miguel, foram objecto de repetidas represalias ou vinganças por parte dos liberaes. Organisa-

Em 1836, por occasião da revolução de setembro, os liberaes estremaram-se em dois partidos, *conservadores* e *progressistas*, designados tambem pelo nome de *cartistas* e *setembristas*.

Os progressistas emprehenderam reformas rasgadamente liberaes, sendo essa a base do partido progressista em Portugal.

As sympathias da rainha D. Maria II inclinavam-se para os *cartistas* ou *conservadores*. Manteve-os no poder desde 1842 até 1846, negando-se a acceitar os setembristas, até que uma revolução popular, que rebentou no Minho, conhecida sob o nome da *Maria da Fonte*, constrangeu-a a chamar ao poder o duque de Palmella e o partido progressista.

Os conservadores designavam os progressistas por alcunhas extravagantes, taes como *Pé fresco* e *Patulea*.

Uma segunda revolta restituiu o poder aos conservadores e expulsou os progressistas que revolucionaram o Porto. Seguiu-se uma lucta encarniçada que só terminou no mez de abril de 1847, depois da rainha recorrer á intervenção da Inglaterra, da França e da Hespanha no intuito de pacificar o reino. A revolução cessou, mas subsistiram os germens que a provocaram.

Em 1851, o marechal Saldanha, então presidente do conselho, ateiou-a e deu-lhe um aspecto militar. Antigo conservador, revoltou-se contra os seus correligionarios politicos.

Um *acto addicional á carta constitucional* (5 de julho de 1852) reuniu os corypheus de todos os partidos sob a bandeira da *Regeneração*.

Os primeiros annos passaram-se sem agitações, mas em 1855, uma questão financeira provocou a queda

---

ram-se então algumas guerrilhas no Algarve, commandadas pelo celebre Remechido, o qual foi fuzilado em 1840.

do gabinete e uma nova e definitiva desorganisação do partido liberal, que se dividiu em duas facções, *regeneradoras* e *progressistas*. A sua alliança durara cinco annos.

Os progressistas associados aos antigos *cartistas*, occuparam o poder desde 1856 até 1859, tendo por chefe o marquez, depois duque de Loulé. A 16 de março de 1859, um gabinete regenerador, formado sob a presidencia do duque da Terceira, fallecido a 26 de abril, foi substituido, no fim do mesmo mez, por Joaquim Antonio d'Aguiar, que dirigiu os negocios publicos até 4 de julho de 1860, sendo pela sua vez substituido pelos progressistas, tendo á sua frente o marquez de Loulé. Conservaram-se no ministerio até 17 de abril de 1865.

Uma scissão dos antigos progressistas, dividiu-os em dois partidos: progressitas chamados de *unha branca*, tendo por chefe o marquez de Loulé; progressistas de *unha preta*, sob as ordens de Lobo d'Avila, conde de Valbom, o mesmo que figurou tão desastrosamente como ministro de Hespanha em Portugal, por occasião do fuzilamento de um portuguez.

Este ultimo partido, em virtude de um interregno do conde de Valbom, viu-se obrigado a reunir-se ao partido regenerador, o que operou a *fusão*, presidida por Joaquim Antonio d'Aguiar. Esta fusão manteve as redeas do poder desde 4 de setembro de 1865 até aos primeiros dias de 1868.

Novos impostos, reformas administrativas que provocaram revoltas, constrangeram o rei a mudar de ministerio.

Foi então que se declarou a situação chamada *janeirinha*, (janeiro de 1868), presidida por Lobo d'Avila e substituida em julho do mesmo anno pelo ministerio Sá da Bandeira. O ministro do reino era o bispo de Vizeu, o qual exercia uma grande influencia sobre os reformistas.

Desde então, uma fracção do antigo partido progressista chamou-se *progressista historico* ou simplesmente *historico*, e todos os portuguezes quizeram ser progressistas. O gabinete *reformista* teve por successor um ministerio *progressista historico*, não totalmente independente da alliança com os regeneradores. A crise politica de 19 de maio de 1870 derrotou o ministerio presidido pelo duque de Loulé, de que faziam parte Braamcamp, Luciano de Castro e outros progressistas notaveis. Loulé governou pela ultima vez de 11 de agosto de 1868 a 19 de maio de 1870. Os regeneradores Sampaio e outros, associaram-se a Saldanha e bandearam se na politica *Saldanhista*, destruindo por esse facto a fusão dos dois partidos.

Desde então, o partido progressista e o partido regenerador viveram separadamente. A situação, creada pela crise de 19 de maio de 1870, prolongou-se até 29 de agosto do mesmo anno. Ministerios semi-progressistas, ou pelo menos apoiados pelo partido progressista, occuparam o poder até 13 de setembro de 1871, epoca em que a presidencia do gabinete foi confiada ao sr. Fontes.

Os regeneradores governaram desde 13 de setembro de 1871 até 15 de março de 1877, e de 25 de janeiro de 1878 até 16 de maio de 1880.

Depois da morte do duque de Loulé, chefe do partido progressista, foi escolhido por unanimidade para o substituir o sr. Anselmo José Braamcamp.

Em 1876, o partido reformista, dirigido pelo bispo de Vizeu, reuniu-se por commum acordo ao partido progressista, acceitando o seu programma. O pacto dos dois partidos celebrou-se cerca do Porto, na Granja.

D'ahi o epitheto de *granjolas* dado pelos *conservadores* ou *regeneradores* aos *progressistas*.

O seu chefe, Anselmo Braamcamp, descende de uma familia nobre e abastada. E' excessivamente modesto

e dotado de um caracter frio, liberal por temperamento, incapaz de transigir com a consciencia ou de renegar as suas convicções. Conhece perfeitamente a organisação interna do paiz. Se não é orador, na plena acepção da palavra, nem por isso valem menos os seus discursos, notaveis pela correcção e pela concisão. Não se afastam da orbita traçada nem vão nunca alem do que querem exprimir. A sua probidade é não sómente incontestavel, mas incontestada; é por assim dizer proverbial. E' leal com o rei e com os seus amigos politicos e particulares. Alheio a ambições pessoaes, tem recusado as mais altas distincções, entre outras a de par de reino.

A sua unica ambição é a felicidade do paiz. E' um homem de bem em toda a extensão da palavra. (*)

Diremos agora algumas palavras acerca do penultimo presidente do conselho, chefe, ou para melhor dizer, dictador do partido regenerador.

Antonio Maria Fontes Pereira de Mello possue o traço distinctivo do moderno estadista, simultaneamente meditativo e laborioso, passando quasi sem transição da idea ao facto; as suas palavras são acções, e as acções caminhos de ferro, tratados de commercio, de legislação, de fazenda e de igualdade civil, destinados a ampliar o engrandecimento de uma nação, alargando os horisontes aos seus habitantes. Antonio Maria Fontes de Mello, como Cavour e Bismark, é um aristocrata. Seu pae, o almirante Fontes, foi ministro da marinha. Todos os seus parentes teem pertencido ao exercito ou á armada; é uma familia de marinheiros e soldados.

Ainda muito moço, Fontes deu provas de tanta bravura que figurou tres vezes na ordem do dia, du-

---

(*) Anselmo Braamcamp foi presidente do ultimo ministerio progressista.

rante a batalha, merecendo ao general Saldanha este elogio: «Combate como um leão!»

Tendo o posto de coronel, encetou a vida politica em 1848. Eleito deputado, passou sem hesitar para a opposição, guerreando ahi o gabinete ultra-conservador, presidido pelo conde de Thomar.

Por occasião de novas eleições, coube a victoria ao partido conservador, ficando os progressistas em minoria. Fontes sustentou então, quasi isoladamente, o ardor dos debates.

Os seus discursos sobre a liberdade da imprensa tiveram uma resonancia extraordinaria, que vibrou alem das fronteiras, repetindo o nome do orador aos homens politicos da Europa.

O talentoso militar applicou-se á construcção das estradas, como um meio de transmittir facilmente as suas idéas. No mez de julho de 1852 estava no ministerio da marinha, e, alguns dias depois, no da fazenda, onde permaneceu quatro annos. Um dos seus collegas no gabinete foi Rodrigo da Fonseca Magalhães, uma das individualidades mais illustres do presente seculo.

Durante quatorze annos, Fontes governou Portugal, sendo oito vezes ministro, e presidente de conselho por espaço de sete annos.

O que caracterisa a obra politica de Fontes é a dupla faculdade de creação e organisação. Os ministerios das obras publicas, agricultura e commercio não existiam antes d'elle. Portugal deve-lhe os seus centros agricolas e industriaes, as construcções dos caminhos de ferro e dos telegraphos, a applicação do systema metrico aos pesos e medidas, a regularidade do pagamento da divida publica e dos ordenados dos funccionarios, a reforma monetaria, o primeiro passo dado no caminho da liberdade das tarifas e da direcção da instrucção publica no ministerio do reino, o novo codigo penal militar e o augmento do material de guerra, absolu-

tamente indispensavel para collocar o exercito portuguez ao nivel dos acontecimentos europeus.

Cada um dos ministerios presididos por esse homem de acção, laborioso e perseverante, foi assignalado por um d'esses grandes melhoramentos : caminhos de ferro, codigo penal, codigo civil, codigo de processos civis, abolição da pena de morte, lei eleitoral, lei de recrutamento, lei sobre a imprensa, uma das mais liberaes da Europa.

A iniciativa da construcção dos caminhos de ferro em Portugal é uma das maiores glorias do ministerio Fontes, a quem o paiz deve esse poderoso elemento de progresso e civilisação.

Os ministerios que succederam aos de Saldanha e Fontes continuaram a obra delineada, e não recuaram diante de nenhuma especie de sacrificio para ampliar a rede dos caminhos de ferro portuguezes; essa rede liga as cabeças de comarca de treze districtos administrativos e de sessenta districtos communs, sem contar um grande numero de villas ou aldeias importantes.

Não existe nenhum ramo de serviço dependente do ministerio da guerra que não tenha sido sensivelmente melhorado durante a administração de Fontes Pereira de Mello. O exercito portuguez deve a este estadista, de um merecimento absolutamente incontestavel, reformas importantes, especialmente no que diz respeito á organisação, armas scientificas, administração militar, serviço sanitario e escolas de instrucção para o exercito. Fontes consagrou avultadas sommas á acquisição de novos materiaes de guerra e sobre tudo ao augmento da artilheria. Um tal estado de prosperidade, determinado por successivos melhoramentos, tem merecido repetidas vezes os elogios espontaneos da imprensa estrangeira, que louva unanimemente o bom aspecto e excellente armamento do exercito portuguez.

Fontes comprehende a monarchia constitucional á maneira de Montesquieu e dos constituintes de 89. O partido de que elle é chefe ha vinte annos, conta nas suas fileiras os homens mais notaveis de Portugal: Andrade Corvo, Rodrigues Sampaio, Casal Ribeiro, Antonio de Serpa, Barjona, Avelino, Thomaz Ribeiro, alem da nova e brilhante phalange regeneradora a que pertencem Hintze Ribeiro, Julio de Vilhena, e muitos outros, publicistas, economistas, homens de letras e de tribuna, que representam simultaneamente a gloria e a força de um paiz. Energico, conciso, tão decisivo nos meios de acção como prudente e habil na forma, Fontes emprega para attingir o alvo da sua politica a coragem do soldado, a unidade medidativa do philosopho e o talento do estadista. Uma nação visinha da Hespanha e mais pequena, conseguiu realisar, graças ao impulso vigoroso do atilado ministro, o duplo ideal das monarchias constitucionaes: ordem e liberdade. Fontes restabeleceu o credito nacional, tornando Portugal um dos mercados publicos mais universalmente conceituados.

O ex-presidente de conselho applica ás questões do paiz os dotes de um orador politico de primeira ordem, alliando á eloquencia a lucidez da argumentação.

Voz sonora, palavra ardente e imaginosa, vigor na replica, fazendo sobresair extraordinariamente a placidez e correcção da attitude. E' um homem do mundo que leva para o parlamento o seu bello ar palaciano. Calumniado um dia pelos seus adversarios que o increpavam de atacar uma administração na qual occupava um emprego, Fontes respondeu friamente: «Pedi hontem a minha demissão.»

O ministerial é superior n'elle ao opposicionista; o poder, impondo-lhe a moderação, dá um novo prestigio ao seu talento. Ha todavia um ponto em que o habil parlamentar é inabalavel, é quando se trata da união iberica. Nunca sonho politico teve um adversa-

rio mais ardente, mais convicto e sobre tudo mais implacavel. Fontes é condecorado com a maioria das ordens da Europa, comprehendendo a Annunciada e o Tosão d'ouro. E' alem d'isso conselheiro de Estado e par do reino, tendo por conseguinte esgotado todas as honras.

Alludimos ha pouco á sua qualidade de homem do mundo. Fontes é musico de primeira ordem, cantor como o principe Poniatowski, brilhando nas salas, depois de brilhar na tribuna. Nenhum outro ministro, depois de lord Palmerston, foi recebido com tanta distincção em França, Allemanha e Italia, como o estadista portuguez.

Viuvo de uma formosa e adoravel senhora, apaixonadamente amada, que morreu de parto, um anno depois de casada, Fontes perdeu em seguida o seu unico filho, não tornando a casar-se.

Depois da apologia, exige a imparcialidade historica a critica, que de resto, e a par de tão brilhantes qualidades, não pode senão exaltal-as ainda mais, imitando n'isso as sombras que longe de attenuarem o effeito e de offuscarem a luz de um quadro, não servem senão para realçal-o.

Fontes é um espirito scintillante de *verve* e um caracter emprehendedor e activo; não tem só admiradores e partidarios; conta um sem numero de amigos, e, ao inverso de Socrates, a sua casa não chegaria para os alojar. Mas..., quem deveremos admirar mais, aquelles que se prendem á gloria do general, trahindo qualquer interesse, ou aquelle que inspira taes affeições que póde divertir-se com ellas sem receiar perdel-as ou alteral-as? Fontes professa um principio de que raras vezes se afasta. Cultiva pouco a intimidade dos amigos, politicos, bem entendido, deslembra as suas promessas, esquece-os, e certo do encanto que possue, como uma mulher bonita, não é raro ouvir-lhe dizer: «Disponho da sua vontade, da

sua obediencia absoluta, elles são meus, não tenho necessidade de empenhar esforços para conquistal-os. Se, pelo contrario, um inimigo carece de protecção, apoio ou ambiciona um favor qualquer, o filho de Machiavel concede-lh'o immediatamente, alimentando a esperança de reconduzir ao aprisco a ovelha tresmalhada, lembrando-se de certo que Deus prefere o peccador que se arrepende, aos justos que perseveram, e tudo isto com a franquesa que o caracterisa e a ingenuidade do egoismo inherente ás innumeras paixões que inspirou.

Amigos dedicados viram, em virtude d'esse systema, aniquilada a sua carreira, e entretanto, o que é deveras assombroso, não os perdeu todos!

Os grandes homens são um conjuncto de contradicções, de qualidades e defeitos, perfeitamente equilibrados e semelhantes no seu aspecto cambiante a um mosaico variegado. Citemos um exemplo. Fontes foi casado, como já disse, com uma encantadora mulher, que morreu phtysica pouco tempo depois do seu enlace. Este acontecimento encerra uma recordação commovedora. Chegando ao derradeiro periodo da doença, os medicos declararam que a pobre criança só poderia salvar-se se viajasse durante um inverno ou dois nas costas de Portugal ou se fosse ao Cairo. Cheio de uma enorme esperança, sem nada calcular, sem discutir, esquecendo que não era rico, Fontes gastou grande parte do seu patrimonio dispondo, preparando e aformoseando o navio, a casa fluctuante, que ia conduzir a pobre agonisante. No dia em que devia embarcar, falleceu! Desde então, e durante muito tempo, tudo o que por qualquer titulo lhe pertencera, avivando-lhe a memoria d'esse infortunio, commovia-o profundamente: o tempo, os triumphos, as agitações da vida publica, não apagaram no fundo do seu coração a lembrança poetica e melancolica da sua joven companheira: excessivo em tudo, não houve desejo formulado pelos parentes de sua esposa que elle não satisfizesse; en-

che-os de favores, nada lhes recusa e faz d'essa religião do coração um verdadeiro sacerdocio. Este culto é tanto mais notavel quanto reza a historia que Achilles foi sempre bem succedido junto das deusas.

Ainda um contra senso, sempre proveniente da exuberancia de qualidades brilhantes e generosamente dotadas.

Fontes, que atira aos quatro ventos as riquezas do seu espirito, bravura, genio, inspirações grandiosas e uteis, ignora positivamente que se esses capitaes são illimitados para elle, o opulento, as rendas do Estado não ultrapassam uma certa medida fatal, podendo applicar-se-lhe as palavras do gascão a Luiz XIV: «Cem escudos! não chega a ser um soldo por cada victoria!»

Difficilmente Portugal poderia dar em dinheiro contado o equivalente ao que o seu faustoso ministro dispende em espirito, actividade e concepções multiplices; mas o paiz não desgostaria que este soubesse o valor do metal sonante e não continuasse a exclamar: «Não posso governar sem dinheiro.» Falsearíamos a verdade se dissessemos que Fontes é derrotado, politicamente fallando; o que elle faz, de vez em quando, é resignar o poder e ir descançar, lançando mão para o effeito do primeiro pretexto, uma dor de dentes, por exemplo, ou afastando-se, intencionalmente, talvez, só para ser desejado, como as mulheres bonitas. Os politicos são sempre, mais ou menos, caprichosos.

O que é incontestavel, é que Antonio Maria Fontes Pereira de Mello é o primeiro estadista de Portugal.

Em resumo, e referindo-nos á epocha actual, a politica dividiu a sociedade portugueza em quatro partidos absolutamente distinctos:

Progressistas.
Regeneradores.
Republicanos.
Legitimistas.

Occupemo-nos dos ultimos.

Os legitimistas são os antigos *miguelistas* chrismados.

Sonham a restauração monarchica do direito divino com todas as suas prerogativas, erros e velhas tradições. A morte tem dizimado profundamente as suas fileiras; os velhos desapparecem e os descendentes, ou por necessidade ou por falta de convicção, abraçam pouco a pouco o regimen constitucional. Contam poucos representantes no Parlamento. O seu chefe moral — se acaso este titulo pode ser empregado — é o sr. Antonio Daun e Lorena, conde da Redinha. O seu verdadeiro chefe é Antonio Ribeiro Saraiva, que reside em Londres ha mais de quarenta annos. Depois d'elles, poder-se ha citar como os mais notaveis: Manuel Maria da Silva Bruschy (já fallecido), Silva Ramos, Antonio Pereira da Cunha, Pinto Coelho, etc. O jornal *Nação*, orgão d'esse partido, conta alguns redactores de elevado talento, taes como Fernando Pedroso e D. Jorge de Locio.

Os *republicanos* representam em Portugal o grupo formado pelas idéas liberaes avançadas, desde os republicanos moderados até aos socialistas. Este partido, cumpre declaral-o, é o menos numeroso e o mais moderno. Não começou realmente senão a partir de 1870; conta no seu gremio intelligencias de primeira ordem e na sua imprensa militante pennas como as de Latino Coelho e Theophilo Braga. Tem apenas um representante em côrtes, o sr. Rodrigues de Freitas. Latino Coelho e Theophilo Braga escrevem no *Partido do Povo*, *Vanguarda* e outros periodicos. Elias Garcia redige a *Democracia*, que perfilha as idéas modernas, tendo por collaborador Teixeira Simões. Poder-se-ha tambem citar Oliveira Martins e Anthero do Quental, que dirigem o partido socialista.

Collige-se d'esta breve analyse historica que em Portugal o partido legitimista tende a desapparecer, á

medida que o partido republicano nasce e desenvolve-se.

O poder pertence pois, em parcellas pouco mais ou menos identicas, ora aos *progressistas*, ora aos *regeneradores*. Debate-se uma lucta politica entre esses dois partidos, mas lucta cortez; e se fosse licito aventurar gracejos a proposito de um assumpto de tanta ponderação, poder-se-hia dizer que os primeiros occupam o ministerio um anno, cedendo-o no anno immediato aos seus adversarios, e assim reciprocamente.

O duque d'Avila e de Bolama.

O duque é d'estas figuras que destacam do fundo sombrio das paixões politicas que agitam o seculo, sobresaindo por tal forma acima de tudo que as rodeia que parecem formadas de uma essencia diversa. A voz do povo, essa grande voz de Deus, assignala-lhes um logar privilegiado na estima dos contemporaneos, perpetuando-lhes a consideração publica atravez das fluctuações dos thronos e dos Estados.

Tal era o duque d'Avila e Bolama. Tanto a sua existencia privada como a sua vida politica distinguiam-se pela mesma invariavel divisa: *Patriotismo, trabalho, honradez.*

São esses os degraus pelos quaes elle chegou á elevada posição que occupou em Portugal. Quando a uma intelligencia excepcionalmente lucida se reune uma vontade energica, não ha obstaculos que de antemão não sejam vencidos.

Deve-se á iniciativa do duque d'Avila grande numero de leis, adoptadas pelas camaras; entre outras, a que prohibiu a agiotagem do papel moeda, em 1849; as que melhoraram a cobrança dos impostos das alfandegas, etc.

Todos os actos do duque revelam um grande amor pelo povo e pelos seus legitimos interesses. Notavel orador em face de qualquer questão politica, a sua dicção, nem sempre absolutamente nitida, não prejudicava to-

davia a sua argumentação, profundamente logica. Logo que o duque tomava a palavra, o seu auditorio escutava-o respeitosamente; essa homenagem era especialmente devida á extrema consideração que elle gosava em todos os partidos. Um dos pontos salientes do caracter do duque d'Avila era a elevação do seu espirito e uma generosidade natural que o impellia a perdoar as offensas; dotado de uma tolerancia inexcedivel, o illustre estadista respeitava as opiniões dos seus adversarios, mesmo as mais extremas, com tanto que fossem sinceras.

Entre as diversas fracções que disputam reciprocamente o poder em Portugal, o duque d'Avila soube conquistar amigos dedicados e partidarios convictos. Sustentado a principio unicamente pelo prestigio da sua honradez tão incontestavel como incontestada, conseguiu ainda assim fazer adoptar pelas camaras reformas importantes e levantar o credito financeiro do seu paiz. A sua intelligencia e estudos habilitavam-no a desempenhar as missões mais difficeis, não faltando nunca com o seu valioso auxilio, sempre que os interesses do paiz o exigiam. Foi elle o encarregado, em 1865, de estudar a questão da propriedade da ilha de Bolama, de que a Inglaterra se apoderara á viva força.

Não era facil de resolver essa questão erriçada de innumeras difficuldades. A Inglaterra não abandona a presa de que uma vez se apoderou, entretanto, graças ao estudo profundo que o duque d'Avila applicou a este importante negocio, de tal maneira provou elle os direitos de Portugal, que o governo americano, nomeado como arbitro para decidir a questão, resolveu-a a favor de Portugal, affirmando os seus direitos imprescriptiveis á posse da ilha de Bolama, que a Inglaterra lhe restituiu. O titulo de duque de Bolama foi-lhe dado em recompensa d'este triumpho diplomatico.

O duque d'Avila, depois de abandonar a presidencia do conselho em 1871, foi de novo encarregado da organisação do ministerio, em fevereiro ou março de 1877, substituindo Fontes. Esta mudança, ou antes esta permutação, é conhecida em Portugal sob a designação de *dor de dentes do sr. Fontes*.

Fontes possuia a confiança da corôa e uma grande maioria nas duas camaras; mas o ministro da fazenda, Antonio de Serpa, via-se reduzido á expressão simples da sua voz para defender e sustentar as suas medidas financeiras. A maioria votava sempre a favor do governo presidido pelo sr. Fontes. Entretanto, nenhum orador pedia a palavra para apoiar o seu voto, de sorte que Antonio de Serpa, fatigado de lutar sosinho, tendo de affrontar a opposição nas duas casas do Parlamento, quiz absolutamente retirar-se. Ao mesmo tempo Fontes continuava, segundo se dizia, a soffrer dores de dentes, e as maiorias, em vista da prolongada ausencia do seu chefe na camara, esfriavam sensivelmente. O ministerio pediu a demissão. O marquez d'Avila organisou um ministerio, que foi apoiado pelos regeneradores e progressistas em nome da *moralidade* e economia. No anno seguinte, 1878, os regeneradores, reunidos de commum accordo, combateram o ministerio Avila e determinaram a sua queda em seguida a uma votação que teve logar ás 8 horas da noite. O duque desceu da presidencia pela escada da camara. É extremamente curioso notar que no voto que decidiu a sorte do gabinete Avila, dez ou doze empregados de confiança votaram contra os seus ministros! Este facto é frequente no parlamento portuguez, mas nem por isso é menos original. O ministerio Fontes subiu ao poder para cair de novo no anno immediato, 1879, a despeito de possuir, facto realmente extraordinario, uma maioria esmagadora e a confiança absoluta do rei. Esquecia-me dizer que em 1878, tendo o principe real attingido a idade de quatorze annos, (artigo

79 da carta) prestou juramento, na qualidade de herdeiro presumptivo da coroa, e em presença do marquez d'Avila, presidente da camara dos pares, a quem o monarcha conferiu, por essa occasião, o titulo de duque. Avila assumira a presidencia da camara dos pares em seguida á demissão do fallecido duque de Loulé. (*)

Esboçamos a vida politica do duque d'Avila, consagremos agora algumas palavras ao seu lar, foco de todas as aspirações nobres e elevadas.

Nada de mais alegre e patriarchal do que o *at home* do duque. A duqueza d'Avila era mais do que a sua companheira, era o seu collega; e não será este o melhor elogio que se possa dirigir a uma mulher, em relação a uma epocha tão frivola como a nossa? A sua caridade é proverbial. A preoccupação dominante da duqueza é praticar o bem sem ruido nem ostentação. O seu culto pelo marido era tão commovente como respeitavel. Dotada de uma simpli-

(*) Eis o que reza a historia a tal respeito. Parece que se preparara uma revolução que deveria rebentar no dia 24 de julho, por occasião dos festejos commemorativos de 24 de julho de 1833. Fizeram-se varias prisões, entre outras a de um pobre diabo a quem attribuiram um officio extravagante, exercido ordinariamente pelas velhas hetairas, retiradas da circulação. Esse homem tinha a alcunha do *Casacão*. Ao mesmo tempo procurava-se por todos os lados o marquez de Angeja, par do reino, ministro em 19 de maio de 1870, já fallecido. O marquez desapparecera. O governo quiz intentar-lhe um processo por contumaz. Era preciso para isso convocar a camara dos pares. A lei, porem, não era sufficientemente explicita com respeito á convocação das côrtes para julgar um dos seus membros; o duque de Loulé sentiu escrupulos constitucionaes, que Avila parecia partilhar, instigando-o esse facto a resignar o poder. O rei acceitou a demissão e chamou o duque d'Avila. Este, dominou os seus escrupulos pessoaes e decidiu-se a presidir á camara convocada e constituida em tribunal. Depois de algumas sessões infructiferas, feitas na ausencia do corpo de delicto, a camara encerrou os seus trabalhos que não attingiram nenhum resultado senão o de alimentar por alguns dias a curiosidade do povo e a bacharelice dos novelleiros.

cidade extrema e de uma benevolencia encantadora, a duqueza tem o segredo de não despertar nunca a emulação das mulheres, que lhe perdoam de bom grado as sympathias e amisades que inspira. Não será essa a sua mais completa apologia? A sala dos duques d'Avila era uma das primeiras salas diplomaticas de Portugal. (*)

Anthero do Quental, nasceu na ilha de S. Miguel em 1840, e formou-se em direito pela Universidade de Coimbra.

Publicou, em 1863, um poema ultra-idealista com o titulo de *Beatriz*, e mais tarde as *Odes modernas*. Tem collaborado em grande numero de jornaes, advogando invariavelmente o principio socialista. Anthero do Quental symbolisa na opinião publica as idéas mais avançadas.

Casal Ribeiro (José Maria, conde), bacharel em direito pela Universidade de Coimbra. Pouco tempo depois de concluir os seus estudos, nascia em Portugal o partido da *regeneração*, no qual se filiou.

Por occasião das eleições de 1851, foi eleito deputado, distinguindo-se logo pelos seus discursos sobre questões de fazenda, questões que n'essa epocha agitavam vivamente a camara, terminando pela sua dissolução. Em 1856, os eleitores de Lisboa mandaram-n'o á camara, filiado no grupo opposicionista, confiando-lhe a missão de derrotar o ministerio presidido pelo duque de Loulé. O novel deputado justificou plenamente a confiança que inspirara, revelando durante essa legislatura os dotes brilhantes do seu espirito.

Casal Ribeiro é um homem de talento tão original como incontestavel. O seu physico tem o defeito iden-

---

(*) O duque d'Avila falleceu no dia 3 de maio de 1881, depois de escriptas estas paginas.

tico ao que prejudicava Thiers; é tão baixo que desapparece em parte por detraz da tribuna. Resgata todavia a pequenez do corpo pela elevação do espirito, pela nitidez das inflexões, pela attitude e pela palavra accentuada e sarcastica. A sua eloquencia sem ser grandiosa, é sempre correcta, despretenciosa e isenta de recamos superfluos. Falla lentamente, pausadamente, mas tem uma facilidade extrema na replica, e é adversario perigoso, porque os golpes que vibra ferem sempre e são por vezes envenenados. Casal Ribeiro collaborou no jornal a *Civilisação* e em varios outros.

Actualmente é embaixador em Madrid, onde foi recebido com grandes testemunhos de sympathia.

Antonio de Serpa, depois de estudar mathematica em Coimbra, deixando memoria brilhante nos fastos da Universidade, veiu residir em Lisboa, redigindo, juntamente com Latino Coelho, o jornal *Pharol*.

Assentando praça no regimento como simples soldado, se me permittem o *simile*, saiu general. Em 1848 foi nomeado por concurso professor de mathematica da Eschola Polytechnica.

Escrevendo com singular facilidade, o seu estylo é brilhante e humoristico. Fundou o jornal o *Paiz* e foi mais tarde redactor principal do *Portuguez* e da *Opinião*. Publicou igualmente um volume de poesias, contendo algumas notaveis, embora, por vezes, um pouco amaneiradas. Entre as primeiras, que Voltaire ou Parny não engeitariam, indicarei o dueto de amor entre um joven pagem e uma maliciosa castellã.

Antonio de Serpa cultivou tambem o genero dramatico, escrevendo uma imitação da *Dalila* de Feuillet, e pouco tempo depois uma interessante comedia original em 3 actos, intitulada *Casamento e despacho*. Antonio de Serpa falla francez como um parisiense do *boulevard*, o que succede de resto á maioria dos seus compatriotas. Em 1856, Serpa foi eleito deputado.

Não obstante possuir uma voz fraca, mal sustentada por um gesto contrafeito e hesitante, tem todavia o seu logar marcado como orador, visto que não falta vigor á sua argumentação, transmittindo por isso facilmente a quem o escuta o ardor das suas convicções. Uma das qualidades inapreciaveis d'este orador é a impassibilidade. Nas discussões mais violentas conserva o sangue frio e não perde nunca a presença de espirito.

Nomeado ministro das obras publicas, em 1859, Antonio de Serpa tem feito parte de quasi todos os ministerios regeneradores.

Antonio Rodrigues Sampaio.

É um dos homens cujo nome póde figurar no alto do catalógo dos estadistas portuguezes. Sampaio nasceu em S. Bartholomeu do Mar, no dia 25 de julho de 1806. É pois um veterano das lutas politicas do seu paiz. Encetou os estudos em 1821, no convento dos frades carmelitas de Vianna, em virtude de o terem destinado á carreira ecclesiastica. Atirou-se denodadamente ao latim e terminou as suas *humanidades* em 1825. Antonio Rodrigues Sampaio conservou d'esse tempo a predilecção latinista. Conhece o latim admiravelmente, adora Horacio e não cessa de o ler. Em 1828, suspeito de liberalismo, prenderam-no na sua terra natal. Renunciando mais tarde á tonsura, estudou direito, podendo ter sido um habil jurisconsulto. Esses estudos auxiliaram-no em muita maneira durante a sua carreira politica.

Em 1832, Sampaio, tanto por convicção como pelo rancor que nutria contra a tyrannia de que fora victima, alistou-se no Porto no batalhão dos voluntarios da rainha, servindo até á conclusão da guerra. A carreira militar, porém, não lhe sorria mais do que o sacerdocio; solicitou por conseguinte um logar modestissimo na administração das alfandegas, o qual obteve. Era preciso viver. Entrou então na redacção da

Sentinella da liberdade, jornal que se publicava no Porto, onde o encarregaram da traducção dos jornaes estrangeiros. Sampaio aprendera na prisão, francez e inglez. Mais tarde occupou o logar de redactor principal, creando um jornal de opposição verdadeiramente temivel.

Este facto attraiu para elle a attenção do publico, e em 1836, triumphando a opposição que elle sustentara, Sampaio foi nomeado secretario do governador civil de Bragança.

Em 1839 recebeu a nomeação de governador civil de Castello Branco, sendo pouco tempo depois exonerado á ordem do ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, de quem mais tarde foi amigo e collaborador intelligente e utilissimo.

Sampaio regressou a Lisboa e entrou para a redacção da *Revolução de setembro*, fundada por José Estevão. Quando este se exilou voluntariamente, depois dos acontecimentos de 1844, Sampaio ficou á testa do jornal, dirigindo-o com superior talento. É d'ahi que data a sua reputação, a fama que o indigita como o primeiro escriptor politico de Portugal.

Em 1846, o duque de Palmella, encarregado de organisar ministerio, offereceu a Sampaio o logar de secretario geral do governo de Lisboa. Não querendo elle separar-se dos seus amigos, recusou. De 1847 a 1851 combateu successivamente todos os gabinetes.

Em 1859, acceitou do ministerio presidido pelo duque da Terceira o titulo e o logar de conselheiro do tribunal de contas. Desde 1851 até á epoca actual, Sampaio tem sido sempre eleito deputado, representando por vezes na camara a India portugueza. Alem d'isso tem exercido repetidas vezes o logar de ministro do reino, e ultimamente o de presidente de conselho. Escreve com extraordinaria facilidade e sempre com irreprehensivel correcção. Não é um orador; a pen-

na é muito superior á palavra; mas é um homem politico de uma experiencia infallivel.

Bernardo de Sá, marquez de Sá da Bandeira.

Começou a sua carreira militar em 1810, como cadete em um regimento de cavallaria. A partir de 1828 poz a sua espada ao serviço das idéas liberaes e foi ao Brazil offerecer os seus serviços ao imperador D. Pedro, a proposito da expedição de que estava dependente o triumpho do partido liberal. Nomeado barão da Bandeira, recebeu em 1838 o titulo de conde, por occasião de dirigir a pasta da marinha. Enviado em 1839 a Londres, na qualidade de embaixador extraordinario, incumbido de representar o governo portuguez na ceremonia da coroação da rainha de Inglaterra, desempenhou ahi um papel militar e politico importantissimo, especialmente em relação aos acontecimentos de 1846. Era um caracter estimavel e estimado.

Joaquim Antonio d'Aguiar. — Nasceu em Coimbra em 1792, distinguindo-se ahi pelos seus triumphos escolares. Durante os annos de 1808, 1809 e 1810, tendo-se alistado como voluntario, combateu contra os francezes que invadiram Portugal. As suas opiniões liberaes suscitaram-lhe perseguições durante o periodo movimentado de 1820 a 1833. Em 1832 pelejou a favor das liberdades nacionaes, sendo nomeado ministro da justiça em 1834, logar que exerceu de novo em 1836. Reeleito deputado em 1841, assumiu em seguida a presidencia do conselho, dirigindo a pasta do reino e resignando o poder em 1842. Successivamente honrado pelo mandato dos eleitores até 1851, foi n'essa epocha elevado á dignidade de par do reino.

Costa Cabral. — Nasceu em 1803, na provincia, da Beira e foi agraciado com o titulo de conde de Thomar, em 1842. É um homem de grande merecimento, mas de uma ambição ainda maior.

Eleito membro da camara dos deputados em 1835,

estreiou-se — como a maioria dos politicos portuguezes — guerreando vivamente o governo de D. Maria II. (*)

Chamado ao ministerio em 1839, e de posse do poder, mudou de tactica, mostrando-se incomparavelmente mais reaccionario do que esses que combatera anteriormente. Desde então, senhor da situação, submetteu o paiz a uma serie de medidas vexatorias, infringindo mesmo as liberdades garantidas pela carta e restabelecendo a censura. Os rigores foram de tal ordem que o povo sublevou-se, o sangue correu e Costa Cabral foi expulso do poder em 1846, refugiando-se em Hespanha.

Apesar d'isso, decorridos tres annos, Costa Cabral subiu de novo á presidencia; mas dois annos depois d'essa restauração da sua fortuna, declarou-se rivalidade entre elle e Saldanha; o duque provocou uma insurreição terrivel, que deu em resultado a queda do ministerio. Banido definitivamente da politica militante, só muito tarde regressou á patria, occupando o seu logar na camara dos pares, mas abstendo-se de intervir na lucta dos partidos. Costa Cabral foi o chefe do partido dos cartistas, vulgarmente conhecido pela designação de *cabralistas*.

Manuel Maria da Silva Bruschy. — Espirito cavalheiresco e coração dedicado. Bruschy nasceu dois seculos depois da epocha em que deveria ter vindo ao mundo. Deslocado entre os homens do seu tempo, possuindo um caracter elevado, appareceu em 1820, mas só em 1830, e especialmente em 1831, é que a sua individualidade destaca brilhantissima na Universidade de Coimbra. A revolução que desthronou D. Miguel, atacando o principio da legitimidade, de que elle era partidario ardente e convicto, obrigou-o a expatriar-se.

Em 1837, Bruschy achava-se em França e seguia

(*) Costa Cabral conquistou a popularidade em consequencia de pertencer a um club que detestava a rainha.

um curso na faculdade de medicina. Mas os acontecimentos que occorriam então em Hespanha, obrigaram-o a abandonar os estudos, correndo a alistar-se nas fileiras dos carlistas, cujas idéas e opiniões partilhava. Envolvido na peleja, combateu ao lado d'elles até ao derradeiro instante, sendo ferido gravemente e não regressando a França senão com Cabrera, quando a prolongação da lucta se tornou impossivel. Recolhendo mais tarde á patria, Bruschy voltou para a Universidade. Em 1849 deu no *Gremio litterario* um curso de historia de direito romano, onde revelou todos os recursos da sua vasta erudição. Manuel Maria da Silva Bruschy occupou na imprensa legitimista um logar distincto.

José Estevão. — Nasceu em 1811. Contando apenas 26 annos, isto é, em 1837, foi eleito deputado e assignalou o seu logar na camara. Mas só nos debates parlamentares de 1839 e 1840 é que teve occasião de manifestar a superioridade dos seus recursos.

O discurso patriotico e humanitario pronunciado por occasião da questão *Charles et Georges*, illuminou-lhe o nome com os prestigios de uma popularidade merecidissima. A elevação e clareza do pensamento, a lucidez da opinião, o alcance do raciocinio, os raptos da eloquencia attingiram n'esse dia o zenith, onde não chegou sempre, bastando todavia um momento supremo para consagrar um orador.

Em 1840, José Estevão sustentou contra Garrett um debate parlamentar violentissimo, levando-o de vencida, triumpho tanto mais glorioso quanto o adversario era temivel. Toda a sua vida combateu armado d'este principio: que tudo deve fazer-se para a nação e pela nação.

Taes são em resumo e de relance, consoante o plano adoptado, as principaes individualidades pertencentes aos quatro partidos que representam a politica em Portugal.

FIM.

INDICE DO VOLUME PRIMEIRO

Dedicatoria
Prefacio da edição portugueza.....
Prefacio da edição franceza..... **LXVII**

CARTA PRIMEIRA

A familia real.—As distracções da côrte.—A rainha Maria Pia—As suas creadas—Os seus filhos—Um traço symptomatico do caracter do joven principe D. Affonso—D. Fernando—A condessa d'Edla — D. Augusto, duque de Coimbra—A libré de grande gala—Instituição dos titulos em Portugal..... 1

CARTA SEGUNDA

O clero—Seus costumes—As ostentações piedosas—As procissões—Os cyrios—S. Jorge e Luiz XIII, rei de França—S. Pedro—As grandes exhibições nacionaes—Campanarios e vendilhões—A religião do Estado..... 17

CARTA TERCEIRA

A nobreza—Perfis, tres quartos, camapheus—O marquez de V...—O conde de...—A duqueza de P...—O reverso da medalha—A ordem de Santa Izabel—O beija-mão—O conde de... e sua familia—O duque de Saldanha—O marquez de Castello Melhor 34

CARTA QUARTA

A cavallaria antiga e a cavallaria moderna em Portugal .. 52

CARTA QUINTA

O povo—Caracter do povo—Costumes—Usos—Divertimentos—Praticas de devoção—A lingua popular—O amor em Portugal—As tres paixões fundamentaes do paiz..... 67

CARTA SEXTA

O amor em Portugal—Paixão e olhadellas—Os salões e o corpo diplomatico—Os jesuitas—O padre Miel—Os Inglezinhos 83

CARTA SEPTIMA

Uma tourada em Lisboa—Touros embolados—O conde d'Arcos—Os *cavalhas* portuguezes—Os lidiados—Tourada de amadores—As *mozas*—O emprezario Victorino—Casa da Misericordia—Cavallos e touros 90

CARTA OITAVA

Os espectaculos—Theatro de D. Maria II, Gymnasio, Principe Real, Recreio, Vaudeville, Lua dos Condes, Variedades—O circo Price—As patinadas—Usos e costumes theatraes—O actor Santos—Emilia das Neves 99

CARTA NONA

O theatro de S. Carlos 108

CARTA DECIMA

A loteria 135

CARTA DECIMA PRIMEIRA

As casas de jogo—A roleta, o *trente et quarante*, os dados—A Bolsa—Os agiotas—Os banqueiros—A febre monetaria—A usura—Os monopolios—Casas de emprestimos sobre penhores 149

CARTA DECIMA SEGUNDA

Os jornaes 168

CARTA DECIMA TERCEIRA

Atravez dos campos—O alogo de Portugal—Os tremores de terra—A agricultura—A vinicultura—As oliveiras—As vinhas—Os pomares—Os animaes—A cosinha 182

INDICE DO VOLUME SEGUNDO

CARTA DECIMA QUARTA

Lisboa—O Tejo—O porto—As ruas—O systema de calcetamento—As praças publicas—As egrejas—Os palacios

reaes—A torre de Belem—O mosteiro dos Jeronymos—Os passeios publicos 3

CARTA DECIMA QUINTA

Lisboa por dentro—As casas—Os quartos—As pias—Os parasitas—A alimentação—A cosinha—A questão da agua—Systema de esgoto—Primeiro os vivos, depois os mortos—Os enterros 16

CARTA DECIMA SEXTA

Ainda Lisboa!—Lojas e lojistas—Armazens de modas, pharmacias, mercearias, tabacarias, ourivesarias—Hospedarias—A tribu dos Burnays—Os gallegos—As ovarinas—Modistas e cabelleireiros—Os mendigos..... 29

CARTA DECIMA SEPTIMA

Os arrabaldes de Lisboa—Cascaes—Queluz—Cintra—Penha Verde—D. Fernando—O novo chalet da condessa d'Edla—Pena—A casa do Inglez—O jerico do principe de Galles—Mafra—Batalha..... 44

CARTA DECIMA OITAVA

A grammatica portugueza—A grande epocha litteraria de Portugal—Grandeza e decadencia—A arte dramatica e as artes—O idioma—A moderna litteratura portugueza—Bulhão Pato, o imperador do Brazil, A. Herculano e uma accusada..... 58

CARTA DECIMA NONA

O exercito portuguez—Pequeno uniforme—A marinha—O Arsenal—O couraçado «Vasco da Gama,» vulgo «Pimpão»—O rei almirante—A justiça—Os advogados—Os litigantes—Os delictos e os crimes—A policia—As prisões—A pena de morte—Uma bella acção do rei D. Luiz ... 77

CARTA VIGESIMA

A instrucção em Portugal—A Universidade de Coimbra—A eschola polytechnica de Lisboa—O conde de Rio Maior—Um extracto das «Farpas» de Ramalho Ortigão.. 89

CARTA VIGESIMA PRIMEIRA

Coimbra—Visita á Universidade—Impressões—Os estudantes, (os estudos, estatistica)—O gabinete de physica—A sala dos exames secretos—O theatro dos estudantes—O jardim botanico—O Mondego—Passeios no rio—A Lapa dos poetas—«A la belle étoile»—Um almoço de contos de fadas—A corôa de hortensias—A quinta das Lagri-

mas — O convento de Santa Clara — Festa da rainha Santa Isabel — A celebre procissão de 3 de julho — Os pescadores — Os reinos — O hotel Mondego — José Macaco — O morante da Quinta 103

CARTA VIGESIMA SEGUNDA

A industria e o commercio em Portugal — As importações — As colonias — A concessão de Paiva de Andrada em Moçambique — A miseria nos paizes no progresso — As alfandegas — Exposição universal de 1878 — As notas do Banco de Portugal — O orçamento — Caminhos de ferro — Telegraphos — Correios 121

CARTA VIGESIMA TERCEIRA

Provincia — Porto — Caracteres dos habitantes — Aspectos — Os ceiteiros — As egrejas — A Boavista — As hospedarias — A Senhora Hardy — O porto — Fazendas — O porto — O encontro de carros — A noite entre os Mondinhas — A cidade de Carlos Alberto — Eugenio Pinto Basos — O hospital dos alienados — O hospital — O quartel — Palacio do Freixo — Os premios — A rua de Santo Antonio — Theatros — O palacio de Cristal — Exposições — Os habitantes dos campos — Oivaes — Ainda os Portuguezes — Os usos e os abusos 139

CARTA VIGESIMA QUARTA

Caldas da Rainha — O caminho — Os banhos — O hospital — As doentes — O casino — O café — O theatro e a orchestra — Sua alteza — S. A. o duque de Coimbra — Ausencia de hospedarias — A gerencia das Caldas durante a estação dos banhos — As [illegible] — A [illegible] — A [illegible] — A [illegible] — Os [illegible] — A bibliotheca — A [illegible] — A [illegible] — O [illegible] — Quatro palavras [illegible] — Batalha — Aljubarrota — As corridas de cavallos — O [illegible] — Os [illegible] cocheiros portuguezes — Os estabelecimentos de mendicidade — Associações e clubs 165

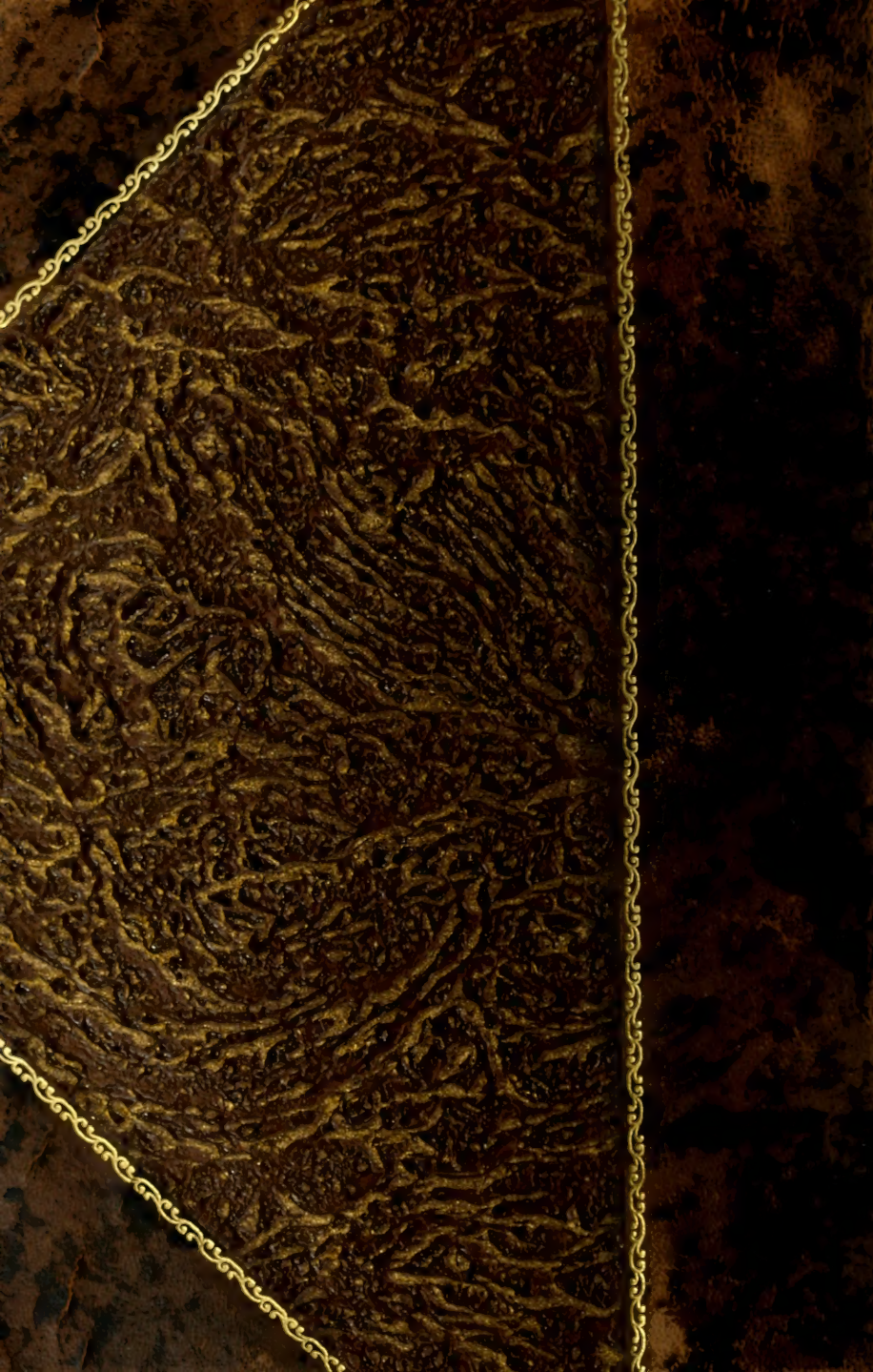
CARTA VIGESIMA QUINTA

A Carta — A camara dos pares — A [illegible] do edificio — A carta constitucional de 1826 — As [illegible] — A [illegible] eleitoral — A opposição para obter a [illegible] — O voto nas egrejas — A verificação dos poderes — A politica do *Bellonismo* — O [illegible] — O partido progressista — Braamcamp — Antonio Pereira de Mello — Outros pontos 183

FIM

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
532
.7
R3395

Rattazzi, Marie Letizia
Portugal de relance